

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
MESTRADO EM HISTÓRIA DAS SOCIEDADES AGRÁRIAS

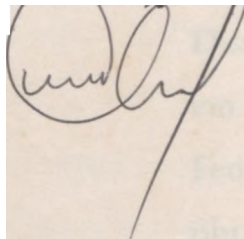
200904 11765

T930(817.3) RIB/mem



1553153

MEMÓRIA, FAMÍLIA E PODER: HISTÓRIA DE UMA
PERMANÊNCIA POLÍTICA -
OS CAIADO EM GOIÁS



MIRIAM BIANCA AMARAL RIBEIRO

ORIENTAÇÃO: NASR FAYAD CHAUL



Goiânia 1996

'X

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o(a) autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

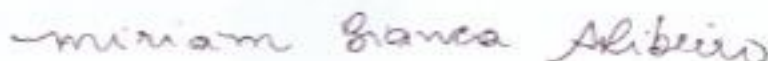
Nome completo do(a) autor(a): Miriam Bianca Amaral Ribeiro

Título do trabalho: História, memória e permanência política: Os caiado em Goiás

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Independente da concordância com a disponibilização eletrônica, é imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.



Assinatura do(a) autor(a)²

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² As assinaturas devem ser originais sendo assinadas no próprio documento. Imagens coladas não serão aceitas.

MIRIAM BLANCA AMARAL BIBEIRO



MEMÓRIA FAMÍLIA E PODER: HISTÓRIA DE UMA PERMANÊNCIA POLÍTICA - OS CAIADO EM GOIÁS

Dissertação apresentada à Coordenação do Mestrado em História das Sociedades Agrárias da universidade Federal de Goiás como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em História, sob orientação do Professor Doutor *Nars Nagib Favad Chaul*.

Goiânia

1996

AGRADECIMENTOS

Somente após viver uma experiência como a de produzir uma dissertação de mestrado é que se pode atribuir a real importância deste texto, que para os que ainda não a viveram, pode parecer uma formalidade.

São três horas da madrugada e nesse momento parece ainda mais solitário o trabalho acadêmico. Mas não é bem assim, ou melhor, não é somente isso. Sem temer o lugar comum, preciso agradecer a solidariedade, a paciência e gentileza de várias pessoas.

Agradeço aos professores Janaína Amado e Nars Favad Chaul que abriram muitas portas para minha formação acadêmica através da orientação a essa dissertação.

Agradeço a todos os colegas da área de ciências Humanas que discutiram comigo os caminhos deste trabalho, ao longo de sua execução, especialmente a Vilma, pela paciência com minha letra e meus cronogramas, sempre atropelados. Agradeço ao pessoal do Arquivo Histórico Estadual, do Instituto Histórico Geográfico de Goiás, do Gabinete Literário da Cidade de Goiás e do Jornal Opção por facilitar o acesso às fontes.

Agradeço muito especialmente a imensa paciência, atenção e afeto de todo mundo lá de casa diante da inevitável tensão e do cansaço que esparramei pelo cotidiano das pessoas que mais quero bem nessa vida.

Não poderia deixar de agradecer a todos os entrevistados, especialmente e muito respeitosamente, aos membros da família Caiado, que se dispuseram a contribuir para a realização deste trabalho.

Para minha Mãe, D. Maria
e meu filho Pedro

" Muitas vezes a gente é obrigado a assumir uma posição por uma questão de brio, de posição política. A gente *t* ungido a circunstâncias que obrigam a gente a tomar atitude."

leão Caiado filho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:

Capítulo I - ORIGEM, GENEALOGIA E INTERVENÇÃO POLÍTICA

I. Intervenção política dos Caiado em Goiás

1.1.0 Império - Compendo com os Bulhões

1.2. O início da República - Acumulando forças

1.3. 1909 - 1930 - A hegemonia Caiado

1.4. 1930 - 1945 - O ostracismo político

1.5. 1946 - 1964 - A UDN e a retomada da ação política.

1.6. 1964 - 1982 - Os Caiado e o Regime Militar

1.7. 1982 - 1996 - A atual geração

Capítulo II - POLÍTICA E HISTÓRIA INCORPORADA

1. Partido e vocação política

2. Partido Político e Família

3. História e memória

4. Práticas políticas de uma permanência política.

Capítulo III - TERRA, FAMÍLIA E PODER

1. A propriedade da terra e a permanência política

2. Terra e relações de produção

3. As características dos Caiado como fazendeiros

Capítulo IV - FAMÍLIA, PODER E CASAMENTO

1. As estratégias matrimoniais
 - 1.1. Casamentos na colônia
 - 1.2. Casamentos no Império
 - 1.3. Casamentos na República Velha
 - 1.4. Casamentos entre 1930 e 1964
 - 1.5. Casamentos recentes - 1964 até a atualidade
2. As mulheres solteiras
3. As mulheres fortes

4. Amor, Casamento

CONCLUSÕES

ANEXOS

BIBLIOGRAFIA

INTRODUÇÃO

Observando a história de Goiás desde os primeiros tempos da ocupação mineradora, constatamos a presença de grupos familiares na direção política e na vida administrativa, especialmente durante o Império e os primeiros tempos da República. Na Cronologia dos Governantes de Goiás, isso é facilmente constatado pela seqüência dos sobrenomes: Fleury, Jardim, Moraes, Alencastro, Gouveia, Jubé, Rocha Lima, Albemaz, Alencastro. No final do século XIX e neste século destacam-se, pela repetição, ou seja, pela permanência política, três grupos familiares - os Bulhões, os Caiado e os Ludovico de Almeida.

Observando melhor a presença destas famílias, porém, constatamos que duas, os Bulhões e os Ludovico de Almeida, tiveram sua intervenção circunscrita a um determinado período. Os Bulhões, que detiveram o controle político de Goiás durante parte do Império e início da República, hoje já não detêm cargos eletivos ou dirigem partidos políticos. Os Ludovico de Almeida, alçados ao poder pela Revolução de 1930, construíram 3 gerações de políticos e não se expressam vigorosamente na atualidade.

Os Caiado, no entanto, permaneceram na cena política desde o final do Império até os dias *at* hoje. O primeiro cargo de destaque assumido pela família foi a Iª Vice-Presidência da Província, em 1 883, com Antônio José Caiado. A família teve e tem expressão política em quadros políticos diferenciados como o processo da instalação dos partidos políticos no final do Império, a transição para a República, a República Velha e a política dos governadores, a Revolução de 1930, a ditadura do Estado Novo, a "redemocratização" de 1946, o populismo, o regime militar, a "abertura" democrática, a Nova República e, na atualidade, no governo neoliberal de Fernando Henrique Cardoso.

Decorridos 113 anos, convivemos hoje com Ronaldo Caiado enquanto Presidente Regional do PFL e articulador da aliança PSDB/PFL para prefeitura de Goiânia em 1996. Temos também dois deputados estaduais (Ibsem Fíerinque de Castro e Luís Antonio Caiado), dois deputados federais (Pedro Canedo e Pedro Abraão), e o prefeito da Cidade de Goiás (Abner Curado), membros da família Caiado, por nascimento ou casamento. A atual influência da chamada "bancada ruralista" no Congresso Nacional, cuja direção é integrada por membros da família (Pedro Abraão-PTB), atesta que essa presença política não se limita a interesses regionais, sendo capaz de articular-se nacionalmente e se inserir no jogo político brasileiro. Esta bancada tem sido responsável por movimentações constantes do governo FHC no que diz respeito ao financiamento das dívidas dos latifundiários e nas tentativas de desarticulação do movimentos dos trabalhadores sem terra. Esses fatos do momento presente da história regional e nacional são facilmente constataáveis na grande imprensa.

Essa foi, exatamente, a questão que nos chamou a atenção e nos levou a elaborar este trabalho: como uma família conseguiu permanecer na cena política durante tanto tempo? Quais mecanismos tomaram possível a sobrevivência política desta família? Ao longo do período, não foram poucas as alterações significativas na vida econômica, social e política estadual e nacional. Como uma família se organiza, objetiva e subjetivamente, de maneira a passar por todos esses momentos e continuar disputando o poder político? A questão básica proposta no trabalho, portanto, é essa: Quais são os elementos que tomaram possível a permanência política da família Caiado em Goiás? Trata-se então de um trabalho de história temática que aborda a questão da permanência política de grupos familiares, tendo como objeto de análise a família Caiado, em Goiás. Não se trata de um capítulo da história política do Estado, embora seja, evidentemente, impossível deixar de discutí-la. Mas é preciso que fique clara a especificidade do trabalho proposto para que não se procure nele o que não nos propussemos realizar. O que explica a presença dos Caiado na política em Goiás, em tão diversas situações, em conjunturas tão diferentes?

A primeira resposta possível que nos ocorreu foi a presença da família na estrutura agrária do Estado e sua destacada atividade na agropecuária. Considerei que, sendo uma família proprietária de grandes extensões de terra e de numeroso rebanho bovino, a sua expressão política estaria automaticamente assegurada. Em que pese ser esse um fator realmente decisivo, ele não é, entretanto, capaz de explicar, sozinho, a permanência da intervenção política da família. Ocorre que a atividade pecuária e posteriormente agrícola, acompanhou a história de Goiás desde o fim do predomínio da mineração e se espalhou pelas diversas regiões do Estado, não podendo, portanto, ser qualificadora de uma única família, muito menos única diferenciadora dela perante o conjunto dos setores dominantes. Em Goiás, houve e há outras famílias com considerável intervenção nas atividades ligadas à agropecuária, mas que não assumiram papel dirigente na vida política estadual ou nacional. Todas tiveram ou têm, evidentemente, considerável poder político local, algumas, inclusive, integrando uma verdadeira teia de interesses ruralistas. Mas, não assumiram papel dirigente, não são as vozes autorizadas na vida política do país, especialmente, considerando uma longa duração como a que verificaremos no caso estudado.

Os Caiado viabilizaram-se tanto do ponto de vista da expressão econômica quanto da intervenção política, reproduzindo as condições objetivas e subjetivas de sua permanência política. Ademais, a política em Goiás não foi nem é dirigida apenas por famílias que possuem o que chamaríamos de "tradição ruralista", embora se articulem enquanto componente das classes dominantes, a esses interesses. A expansão capitalista em Goiás levou o Estado a ampliar suas atividades para a agroindústria, para a produção de bens de consumo e para a instalação de pólos industriais. Mesmo incipientes, articulados a interesses ruralistas e dependentes dos grandes centros, esses novos setores da economia ampliaram o universo de atores do cenário político. Ainda assim, os Caiado permanecem na disputa do poder em Goiás.

Torna-se evidente, portanto, que não seria possível explicar a permanência

política da família Caiado devido apenas à questão da propriedade da terra, embora essa base material fosse imprescindível, como veremos ao longo do trabalho. Em Goiás, nem todas as famílias latifundiárias ocupam postos políticos, eletivos ou não, no Estado. A maioria dos grandes fazendeiros se fez representar por outros, a quem creditaram a direção política de seus interesses. Manter a autorização para representação desses interesses e articulação com os demais setores da economia e da política exigia outras credenciais, que não apenas a de ser latifundiário. Quais elementos habilitaram e habilitam a família Caiado a permanecer credenciada a essa representação? Como a família realimentou-se de lideranças e elementos capazes de assumir tais tarefas até serem reconhecidos como dirigentes nessa "tradição ruralista"?

Na historiografia goiana não há registro de trabalhos que tenham tratado da relação entre memória, família e poder, na ótica aqui proposta.

A grande referência sobre o estudo de grupos familiares e ação política em Goiás é o texto, já um clássico, de Maria Augusta Sant'Anna de Moraes, *História de uma Oligarquia: os Bulhões* (1974) que faz o percurso histórico dos Bulhões na vida política do Império e do início da República, em Goiás. Leitura obrigatória para qualquer um que pretenda entender a história política do Estado, o trabalho traz os limites do seu tempo e mesmo considerando a riqueza de dados e o pioneirismo da pesquisa, é preciso que se ressalte a opção da autora pela descrição dos fatos e pela centralidade construída em torno de Leopoldo de Bulhões.

Também temos o trabalho de Maria Cristina Teixeira Machado discutindo Pedro Ludovico no livro *Pedro Ludovico: um tempo, um carisma, uma História* (1990), que centra-se na figura do Interventor Federal, sob a ótica weberiana, mas não analisou as relações entre família e poder. Maria Luíza Araújo Rosa estuda Xavier de Almeida no livro *"Dos Bulhões aos Caiado"* (1984), também centrado na pessoa e nas ações político-administrativas da personagem do presidente do estado que sucede a hegemonia dos Bulhões

Como poderá ser observado, não utilizamos o conceito de oligarquia ou coronelismo para nos referir aos Caiado. Edgar Carone afirma que: "Ao sentido primitivo da palavra oligarquia - governo em que a autoridade está em mãos de poucas pessoas - juntou-se no Brasil, um conceito mais específico: o de governo baseado na estrutura familiar patriarcal." (1975: 269) O autor situa a ação política oligárquica como originária no Império mas efetivamente estabilizada sob o regime federalista, além de diferenciá-lo do coronelismo pela escala política de sua intervenção, "a ação de um {oligarca} é geral, estadual, a do outro {coronel} particular." 91975: 269

Carone também localiza a oligarquia na dinâmica da formação dos partidos, sobretudo o Republicano, onde "a ausência do Estado e o atraso sócio-econômico no contexto de u processo centralizador são elementos explicativos do sistema político oligárquico-coronelístico." (Mello, 1988 : 90)

em que pese reconhecemos outra explicação e análises para conceitos como oligarquia e coronelismo, entre as quais poderíamos citar a de Raimundo Faoro, Vitor Nunes Leal, Maria Isaura de Pereira Queiroz, José de Souza Martins, , Mônica Janotti, Eul-Soo Pang, entre outros, optamos por nos referenciar em Carone por considerar que ele aproxima os dois conceitos numa mesma perspectiva política.

Porém, não consideramos que o conceito ou sistema político oligárquico-coronelístico seja adequado e suficiente para nos referirmos aos Caiado, mesmo levando em conta o contexto histórico de sua afirmação, a República Velha. Isso porque o familiar é que age de forma sistêmica, e não um coronel, organizado um conjunto de elementos que envolve e compromete o grupo familiar com a prática política conservadora. Isso também se explica ao fato de que sua ação política não se circunscreve à República Velha e está permanentemente rearticulando-se, atualizando-se e habilitando-se a alianças e projetos que não alterem sua opção conservadora como se vê na atualidade.

A discussão sobre o coronelismo em Goiás tem contribuições significativas como "Coronelismo em Goiás", de Itami Campos, discutindo as características da política em

Goiás na Primeira República, ou "Coronelismo no Extremo Norte de Goiás de Luís Palacin, para citar apenas dois que são referenciais para estudos desta questão ao longo da historiografia produzida em Goiás.

Não estamos, porém, tratando de um chefe político ou da questão do coronelismo, embora esses sejam temas pertinentes à discussão da permanência política de grupos familiares. O que nos chamou atenção, neste momento foi a necessidade de construirmos uma nova abordagem sobre a ação política dos grupos familiares que povoam as elites dominantes ao longo de toda sua história, especialmente a partir do Império, que não se limitasse a um período ou a um indivíduo, mas que a tratasse de forma a compreender a permanência dos referências familiares na vida política do estado. Neste sentido, novas abordagens da História de Goiás, como a que propôs Nasr Favad Chaul, em "Caminhos de Goiás: da construção da 'decadência' aos limites da modernidade", contribuem nesta tarefa. Isso porque repensar a idéia de atraso, é também repensar o senso comum que acompanha a família Caiado, que não casualmente reedita sua presença política na cena estadual.

Em nível nacional temos ainda poucas contribuições que abordem os mecanismos de qualificação de grupos familiares para a permanência política. A leitura dos trabalhos de Letícia Canedo Bicalho "Estratégias familiares na construção social de uma qualificação político"; "Caminhos da Memória: parentesco e poder" e "Metáforas do Parentesco e a duração em Política" levantaram aspectos que foram decisivos para o desenvolvimento de nosso trabalho, da discussão da abordagem teórica até a elaboração da entrevista, passando pela análise dos dados.

A contribuição destes textos foi a de chamar a atenção para elementos que passariam despercebidos e são, na verdade, centrais na construção da permanência política. Discutindo as estratégias matrimoniais, a educação política, a construção da fidelidade, a memória coletiva de famílias da elite dominante mineira como componentes do capital político acumulado, Letícia Canedo enfoca a permanência política de grupos

familiares de maneira a nos obrigar a romper os limites com que ainda tratamos a história política deste país.

Quando o trabalho já estava praticamente concluído, tomamos conhecimento do trabalho de Maria Auxiliadora Lemenhe "Família, Tradição e Poder" que analisa os Bezzera, do Ceará, levantando aspectos que também tratamos, ao estudar os Caiado em Goiás. Em que pese as diferenças das trajetórias das famílias foi uma feliz surpresa constatar que a abordagem da permanência política de grupos familiares está superando os limites colocados pelo coronelismo e conquistando a investigação da idéia de tradição, da questão de memória, de produção da herança simbólica e da herança política. A autora aborda esses e outros aspectos tendo como referencial o conceitual weberiano de dominação tradicional e patrimonial.

Apesar de não termos, por enquanto, um grande produção científica que trate a permanência política de grupos familiares e suas estratégias de qualificação política, não nos parece que esta é uma questão atinente apenas aos Caiado em Goiás, aos Canedo em Minas, os Bezzera no Ceará, e outros que não citamos aqui, embora cada uma delas tenha suas especificidade. As chamadas "famílias tradicionais" ainda são referências estaduais ou nacionais da vida econômica e política da sociedade brasileira na atualidade. A não ser que ignoremos o peso de um sobrenome "tradicional" nas relações sociais presentes na vida urbana ou rural deste país.

Para responder à questão da permanência política, foi preciso realizar uma abordagem histórica, posto que tal permanência remete à noção de temporalidade, objeto da história. Este é, portanto, um trabalho de história, mesmo que aborde elementos tratados pela sociologia ou antropologia não há a pretensão de aprofundar tais abordagens. Isso seria tarefa para uma ação coletiva e interdisciplinar. As questões relativas ao casamento, à profissão, à educação, ao trabalho, ao partido político, à propriedade da terra e as relações de produção, à memória, examinadas nesta pesquisa, representam elementos do problema central, a permanência política, e estão sempre

contextualizados historicamente.

Alguns problemas e limitações são facilmente constatáveis, ao longo do trabalho. Não os ignoramos, mas reconhecê-los não significa reduzir previamente o peso da avaliação crítica que esperamos merecer. Ao contrário, reconhecer e discutir os limites é, provavelmente, um dos primeiros passos para que sejam superados.

O primeiro destes limites é estabelecido pela diversidade de aspectos trabalhados para responder a questão proposta. Cada um destes aspectos exigiria um tratamento aprofundado, do ponto de vista teórico e metodológico, que não foi possível realizar. Cada um deles é na verdade, uma área de concentração de pesquisa em ciências sociais; realizar um aprofundamento em tão diversos campos exigiria condições de amadurecimento intelectual e condições de trabalho não disponíveis por nós. Por isso, foi fundamental não perder de vista a questão central proposta, mantendo a articulação entre os vários aspectos tratados e esta questão.

O segundo limite residiu no longo período abordado pelo trabalho. Considerando que o primeiro Caiado chegou a Goiás em 1772, e que a família ainda hoje está presente no Estado, conclui-se que são mais de 220 anos de história, são 10 gerações de memória e história. Esse trabalho não pretende ser a história da família Caiado em Goiás, mas apenas um dos possíveis trabalhos e recortes proporcionados por tão rico objeto. Não se pretendeu, portanto, descrever tudo o que foi dito, feito, pensado, vivido e registrado pela família ou sobre a família Caiado. A delimitação da pesquisa impõe riscos, mas proporciona também alguma segurança. O correto mesmo é referir-se a "alguma segurança", pois durante todo o tempo de duração da pesquisa ocorreu a tentação de dar uma amplitude infinita ao trabalho.

Não se tratava, também, de estudar um membro da família, um grande líder, e traçar sua biografia. O que nos pareceu necessário foi buscar os mecanismos que formaram e formam a família, inclusive seus líderes públicos. Com esse fim, construímos uma genealogia que compõe um quadro de informações, espécie de pano de fundo no

qual se moveram nossos atores, necessário para responder a questão proposta. Em Goiás, os estudos das relações entre famílias e poder ainda se encontram em estado bastante incipiente, como se explicou anteriormente. Fora das universidades, houve genealogista e biógrafos que registraram os denominados "ilustres" de Goiás, destacando-se entre eles, Claro de Godov. Esse e outros trabalhos do gênero foram geralmente movidos pelos vínculos familiares e pela curiosidade pessoal do genealogista. São registros fundamentais para que se possa iniciar um trabalho de pesquisa sistemático analisando e questionando as relações entre família, memória e poder em Goiás.

Esse é mais um dos limites que podem ser apontados neste trabalho. Não havia um precedente local que tratasse a questão de genealogia, de família e da permanência política, um modelo em que se basear. Decidimos enfrentar o desafio, na certeza de que é necessário ampliar a compreensão da história política deste Estado e do país. Alguns podem achar estranho considerar como componentes de um estudo de história, por exemplo, a investigação dos portes físicos ou dos nomes dados aos filhos de um chefe político. Não se trata de minúcias ou detalhes, mas de elementos articulados da análise sobre a qual se desenvolveu este trabalho. Tomados isoladamente ou de forma pitoresca, qualquer destes elementos toma-se inútil para a história, não merecendo constituir-se em objeto de um trabalho acadêmico. Articulados, porém, entre si e com outros, podem abrir algumas janelas que iluminem uma melhor compreensão de nós mesmo, no passado e no presente. Empreitada de riscos e limites.

II - Sobre os pressupostos teóricos

A polêmica corrente sobre a superação ou não do instrumental teórico fomecido pelo marxismo como capaz de responder aos desafios do nosso tempo, bem como de abordar os novos objetos colocados pela historiografia, especialmente a francesa, tem polemizado a produção das ciências humanas. Novos objetos, novos temas, novos

desafios ressuscitam antigos confrontos inclusive de caráter filosófico, sob nova roupagem, e hoje apresentados no embate entre marxismo e pós-modernidade.

Abordar a permanência política dos Caiado significou também propor, consideradas as limitações inerentes a esse trabalho, uma discussão teórica que foi desafiadora à minha formação e opção marxista. A questão proposta levaria necessariamente a uma abordagem de micro-história (Levi, 1992)? Trata-se de uma família específica, sua vida política, sua genealogia, sua educação, sua sustentação financeira, sua memória. Abordar questões tão particulares e subjetivas quanto os nomes dados aos filhos e filhas de uma família ou a postura corporal de seus membros, seria romper os referenciais do marxismo caindo num emaranhado de detalhes, dispersos numa discussão assistemática e subjetivista? É possível um tratamento sistemático de objetos e temas que parecem tão específicas, particulares? Enfim, novos objetos, novas abordagens são incompatíveis com uma interpretação materialista e dialética da história? Estaríamos, ao optar por estudar os Caiado em Goiás, nos aspectos aqui expostos, entrando no circuito da moda historiográfica e qualificando o marxismo de superado, obsoleto?

O desafio era exatamente demonstrar que não. Tratar novos objetos, propor novas abordagens não nos parece propriedade de não-marxistas. É sim um desafio do nosso tempo, ao qual temos de ser capazes de dar resposta que tratem as relações entre o particular e o geral, o individual e o coletivo, o objetivo e o subjetivo, o privado e o público que não os isolem e sim os qualifiquem de forma interativa e dialética. Os novos objetos e novas fontes estão colocados e são conquistas das ciências humanas. Cabe aos marxistas habilitarem-se para tratá-los sob sua fundamentação e polemizar. Evidentemente, não há aqui nenhuma pretensão que não seja a de localizar os elementos que conduziram à opção que se segue.

Pierre Bourdieu oferece um conjunto de conceitos bastante consequente para

tratar a questão da permanência política, capaz de estabelecer a interação necessária. Nos referimos aos conceitos de "história objetivada" e "história incorporada" (Bourdieu, 1989).

Bourdieu considera a existência de dois estados da história ou do social: "a história em seu estado objetivado, quer dizer, a história que se acumulou ao longo do tempo nas coisas, máquinas, edifícios, monumentos, livros, teorias, costumes, direito... e etc. ... e a história no seu estado incorporado, que se tomou hábitus. (...) produto de uma aquisição histórica que permite a apropriação do adquirido histórico." (1989;82)

"Os *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas - o que o operário come, sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e a maneira de praticá-lo, (...) mas também são sistemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão" (Bourdieu, 1996: 22)

Ao considerar o conceito de *habitus*, Bourdieu considera que "por sua própria etimologia - *habitus* é o que foi adquirido, devia significar muito concretamente o princípio das ações ou das representações e das operações de construção da realidade social, pressupostos por elas, não é um sujeito transcendental, envolvendo categorias universais. (1996: 158) Ou seja, a realidade concreta produz o *habitus* historicamente construído. Não há espaço para uma interpretação idealista do ponto de vista filosófico, da existência do *habitus*. Assim,

"É o *habitus*, como estrutura estruturada e estruturante que engaja, nas práticas e nas idéias, esquemas práticos de construção oriundos da incorporação de estruturas sociais oriundas, elas próprias, do trabalho histórico de gerações sucessivas". (1996: 158)

O *habitus*, ou a história incorporada,

"alem de possibilitar o rompimento com a representação metafísica do tempo e da história como realidades em si, exteriores e anteriores a prática (...) essa teoria da prática possibilita fundamentar antropologicamente a lógica real da reprodução social longe de ser um produto de um processo mecânico, a reprodução da estrutura so se realiza com a colaboração de agentes aue incorporam a necessidade sob a forma de habitus e que ainaa são produtores, mesmo que sejam consciente ou incoscientemente, reprodutores ."
(1996:101)

Bourdieu busca a relação entre o *habitus* (a atitude) e o *habitat* (a posição), como sendo uma relação de mão-dupla, absolutamente interativa que assim, constroi novos sujeitos aptos a assumir sua posição na história objetivada.

Aplicamos esses conceitos para compreender como a família Caiado permaneceu durante tanto tempo da cena política em Goiás, às vezes hegemonicamente, às vezes como oposição. Não nos bastou compilar e analisar o feito e o fato. Não nos bastou observar quantas vezes foram eleitos, quantos votos receberam, quais partidos políticos fundaram ou dirigiram, como desenvolveram suas gestões, nem mesmo quanta terra possuíram. Todos esses elementos são significativos, apontando condições para a análise, pois são a história objetivada. Mas, é preciso também compreender como essa ação dirigente é produzida ao longo de gerações e, como escreveu Bourdieu, "constitui a história feita coisa a qual é levada a ser realizada pela história feito corpo e que não só atua como traz de volta aquilo que leva". (1989:83)

A história incorporada é, portanto um patrimônio político ao qual cada membro da família deve habilitar-se para, então, usufruir, reproduzir e permanecer. "A história incorporada, enquanto atitude, é uma construção histórica, ou seja, a história sujeito descobre-se ela mesma na história objeto." (1989:83) O habitus, é "princípio gerador de estratégias inconscientes ou parcialmente controladas, tendentes a assegurar o

ajustamento às estruturas de que é produto tal princípio." (1987:160) Ou seja, é a história incorporada, a atitude. Foi o que procuramos investigar neste trabalho, tendo como objeto a família Caiado. Não descartamos a história objetivada, mas buscamos sua relação com o conjunto de atitudes que herdaram e herdaram os membros da família Caiado. Para manter a história objetivada, para atuar e permanecer na cena política, é preciso incorporar e deixar-se incorporar pelo conceito construído pela família sobre o que significa, em termos de privilégios e responsabilidades, ser um Caiado. Possuir grandes propriedades da terra, por exemplo era fundamental: sem Caiados aptos a assumi-las, entretanto, a condição de proprietários de terras perderia o caráter político que tem na história e na memória da família. Ao mesmo tempo, repete a memória e a história o prova, Caiado sem terra, não é plenamente Caiado. Assim ocorre a interação entre história incorporada e história objetivada, "o habitus e o habitat", que, no dizer de Bourdieu, compõem a mesma história.

Quanto à preocupação de tomar um caso específico um exemplo isolado em si mesmo, perdendo assim a possibilidade de contribuir para a compreensão das relações, sociais, Bourdieu lembra que,

"todo meu empreendimento científico se inspira na convicção de que não podemos capturar a lógica a mais profunda do mundo social a não ser submergindo na particularidade de uma realidade empírica, historicamente situada e datada, para construí-la porém, como 'caso particular do possível', isto é, como uma figura possível em um universo de configurações possíveis." (1996: 15)

O autor não deixa de ser irônico quando se refere às tentativas de desqualificação deste tipo de abordagem como sendo exotismo, pois considera sua a proposta

"mais fecunda do que o interesse que tem o curioso pelo exotismo,

pelos particularidades aparentes, já que ele atribui prioridade as diferenças pitorescas. O pesquisador, do mesmo tempo mais modesto e mais ambicioso do que o curioso pelos exotismos, objetivo aprender as estruturas e mecanismos que, ainda que escapam, por razões diferentes, do olhar do nativo e do estrangeiro." (1996:15)

Ao optar por esse objeto não ocorreu nenhuma atração pelo exótico. Isso porque mesmo não sendo muito comum esse tratamento, nele não há nada de exótico. O que se procurou foi realizar um estudo sistemático sobre a questão, o que obrigou, isso sim, a reconsiderar alguns dos limites como viamos a história.

Além disso, Renato Ortiz, ao comentar esse conceito de Bordieu esclarece que

"o *habitus* se apresenta como social e individual refere-se a um grupo ou uma classe, mas também ao elemento individual, o processo de interiorização implica sempre na intencionalização da objetividade, o que ocorre certamente de forma subjetiva, mas que não pertence exclusivamente ao domínio da individualidade. A relativa homogeneidade dos *habitus* subjetivos (de classe ou grupo) encontra-se assegurada na medida em que os indivíduos intencionalizam as representações objetivas segundo as posições sociais de que efetivamente desfrutam". (1994: 17,18)

O uso sistemático desses conceitos nos levou a repensar nossos referenciais prévios de análise, ampliando-os: por muito que se negasse, estes prendiam-se à unilateralidade da história objetivada. Ao longo do trabalho a relação entre objeto de estudo e pressupostos teóricos ficará mais explícito.

III -As Fontes

Trabalhamos fundamentalmente com fontes orais, em formas de entrevistas realizadas com membros da família, com fontes escritas em parte fornecidas pela própria família (cartas, álbuns, anotações, diplomas, agendas) e em parte, constantes dos Arquivos Histórico Estadual (Goiânia) e Gabinete Literário (Cidade de Goiás), como os jornais "Voz do Povo" (1927 - 1933) , "Democrata" (1916 - 1930), e o jornal "O Lar" (1926-1931).

Trabalhamos ainda com o arquivo do jornal "Opção" (Goiânia 1976 - 1982) especialmente com notícias, entrevistas e relatos de personagens que atuaram em vários momentos da história da intervenção política da família.

Conseguimos, ao longo das entrevistas, folhear vários álbuns fotográficos da família, mas não foi possível copiar as fotos, para que fizessem parte deste trabalho. Isso porque, mesmo que tentássemos, os membros da família não nos franquearam a cópia de seus acervos. Tenho plena convicção de que são fontes peculiares e ricas, principalmente se as enfocarmos a partir do conceito de "história incorporada". Muitos trabalhos de história ainda tratam a fotografia como ilustração, não como documento, o que gera o desprezo por elementos extremamente significativos, como os que constatamos (a postura do homem e da mulher e sua disposição na fotografia, a direção do olhar, por exemplo) nas rápidas oportunidades que tivemos de observar as fotos da família Caiado. Esse é um trabalho que está para ser feito.

As fontes decisivas foram as entrevistas com os membros da família e pessoas próximas. Para compor a história incorporada foi preciso trabalhar, obviamente, com os sujeitos.

Walter Benjamin, em o Narrador, (1996) contribuiu decisivamente para que a narrativa fosse recuperada enquanto fonte. Para a realização deste trabalho, consideramos, como diz Benjamin, que "o narrador retira da experiência o que ele conta:

sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência de seres ouvintes" (1996:201). Para a família Caiado, a narração é também patrimônio político que deve ser repassado tanto interna como externamente à família. Por isso, a fonte oral assume o centro das atenções neste trabalho. Internamente, sua tarefa é garantir a formação de novos agentes da permanência política, em última instância. Externamente, sua tarefa é garantir espaço para sua versão da história.

é o que explicita Benjamim quando afirma que:

"ela {a narrativa} tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária, essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou norma de vida - de qualquer maneira, um narrador é um homem que sabe dar conselho " (1996: 200)

Impressiona a quantidade de conselhos e conceitos emitidos pelos entrevistados. Os mais velhos citam como ensinamento que se está concedendo, os mais moços os citam como ensinamento acolhidos das narrativas dos mais velhos, nesse sentido é que Benjamim observa que "Não se percebeu devidamente até agora que a relação ingênua entre o narrador e o ouvinte é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado." (1996 : 210) Ressalte-se que, aqui, para o ouvinte importa registrar, mas para o narrador importa que se registre, se considere a memória construída pela família como componente do patrimônio político por ela acumulado. Outra vez, Benjamim: "A reminiscência funda a cadeia da tradição que transmite os acontecimentos de geração para geração, ela corresponde a musa épica no sentido mais amplo, ela inclui todas as variedades da forma épica." (1996:211)

Como se observará ao longo deste trabalho, a narrativa da família é emblemática no que se refere ao épico e à fundação da tradição através da reminiscência.

Os caminhos da história oral no Brasil são revestidos por polêmicas que não são particularidades nacionais. A representatividade dos testemunhos, o alcance histórico das impressões e a relatividade dos casos narrados são questões que sempre retomam quando se discute o trabalho com fontes orais (Maihv, 1996:27) e especialmente quando a praticamos. No Brasil, já acumulamos uma produção considerável que se organiza, inclusive, através de associação que aglutina os pesquisadores que com ela trabalham, o que sem dúvida, ajuda a aprofundar a discussão sobre as questões metodológicas que a envolvem. Marieta de Moraes Ferreira diferencia duas linhas de trabalho com a história oral:

"A primeira utiliza a denominação história oral e trabalha prioritariamente com os depoimentos orais como instrumentos para preencher lacunas deixadas pelas fontes escritas. Esta abordagem tem se voltado tanto para os estudos das elites, das políticas públicas implementadas pelo estado, como para a recuperação da trajetória dos excluídos, cujas fontes são especialmente precárias (...) Uma segunda abordagem é aquela que privilegia o estudo das representações e atribui papel central às relações entre memória e história " (1994:9,10)

Essa segunda linha de trabalho presidiu a pesquisa, onde a preparação da entrevista não se fundamentou na checagem das informações ou levantamentos de provas ou contra-provas. Isso não altera o caráter deste trabalho enquanto estudo de história. Ao contrário, o reafirma, ampliando esse conceito e o objeto. Aliás, citando Paul Thompson "Os boatos não só vivem, a não ser que façam sentido para as pessoas." (1992:184) Aqui também não se ignora os desafios tanto acadêmicos quanto pessoais na realização do trabalho com fontes orais. Sob essa linha, na produção historiográfica em Goiás, a não ser as contribuições da proP Janaína Amado, especialmente os textos "Eu quero ser uma

Pessoa: Revolta Camponesa e Política no Brasil (1993) e O Grande Mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral (1995), ainda temos pouco acúmulo.

Não foi nossa preocupação verificar a relação entre versão e fato, ou confrontar a versão dos Caiado com a de qualquer de seus adversários políticos. Trabalhamos sob a consideração de que a narrativa difere da informação. Para Benjamim,

"A informação só tem valor no momento em que é nova Ela só vive nesse momento, precisa se integrar inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele Muito diferente e a narrativa ela não se entrega ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de desenvolver-se " (1996:204)

Interessava-nos fundamentalmente perceber como a família vê a si mesma, como a história incorporada é transformada em patrimônio político, em capital político acumulado. Importava-nos a seleção dos fatos realizada nas entrevistas e as formas como se fazia: os elementos subjetivos que compõem a atitude, a história incorporada, a permanência política. Os dados registrados pela história e historiografia forneceram-nos os elementos fundamentais para que não tomássemos a memória da família como história. Qualquer confusão neste sentido, ou seja a identificação da história política de Goiás com a memória política narrada pela própria família, retiraria a possibilidade da análise desta história incorporada. A intervenção segura da professora Janaína Amado nos orientou neste sentido, além das observações formuladas pelos professores Nars Chaul, Holien Gonçalves e Gilka Vasconcellos.

Sobre o processo das entrevistas há elementos que consideramos importantes registrar, pois, de certa forma, compõem a análise, como se evidenciará na leitura dos capítulos.

Em um grupo familiar para o qual a narrativa é um patrimônio político, no

conteúdo e na fonia, observar detalhes que parecem irrelevantes pode ser bastante elucidativo. Ficou confirmado mais uma vez, o caráter de narrativa que percebemos nas entrevistas. "Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica." (Benjamim, 1996 : 205) Como se observará ao longo do trabalho, essa característica do narrador está presente nas fontes orais levantadas. Essa é a forma tanto de inserir-se enquanto narrador, na história narrada, quanto de dar consistência e durabilidade à narrativa, conceituando o que pode ser chamado reminiscência. Talvez, também por isso, foram as longas entrevistas, quase todas com mais de duas horas de duração. (Benjamim, 1996:206)

A princípio ocorreram algumas resistências à concessão de entrevistas, mas isso foi aos poucos sendo superado. Não houve nenhuma negativa ostensiva à concessão de entrevistas. Algumas acabaram não se realizando em função de desencontros, devidos às constantes viagens dos entrevistados. Algumas, a pedido dos entrevistados, não foram gravadas.

As primeiras entrevistas forneceram informações e referenciais que nos orientaram nas seguintes, quando já dispunha de um conjunto de questões que julgávamos fundamentais levantar ou aprofundar. Nem sempre isso significava obtê-las: iniciada a entrevista e estabelecido o clima propício de confiança, os membros da família é que, em grande parte, conduziam o rumo da conversa. Ou seja, eles dirigiam o assunto. Trabalhamos, praticamente todo o tempo com o que convencionamos chamar de entrevista livre (Montenegro, 1992: 25). De vez em quando era possível inserir uma ou outra questão a ser respondida, mas isso sem prejuízo do que o próprio entrevistado julgava importante registrar. Sem dúvida, os Caiado possuíam e possuem uma narrativa fortemente cristalizada, sobre a história da família, os elementos que devem compô-la e a estrutura a guiá-la. Não será possível aprofundar aqui a discussão sobre a questão da narrativa, limitando-nos agora a uma breve referência. Um estudo específico sobre a

questão envolvendo as polêmicas teóricas e metodológicas pode ser então, tarefa para outro momento. As pessoas que assumiram a representação política da família ou que colaboraram mais diretamente nas atividades públicas foram muito mais expansivas do que aquelas que, na família, receberam a tarefa de registrar e perpetuar sua história. Foram distintas, desta forma, a postura de Emival Caiado, que falou alto, riu muito, alterou a voz, e a de Dona Leonina Caiado, comedida, pausada, pensativa. De modo geral, quando se referiam a situações em que a família esteve em vantagem sobre os adversários políticos, os depoentes falaram alto e riram muito, quando se referiram às qualidades morais ou fizeram referências a membros da família, foram pausados e sérios.

A emotividade foi uma constante nas entrevistas, expressa, por exemplo, na alegria que acompanhou a narração dos feitos de bravura e os episódios pitorescos, ou na comoção que acompanhou as referências aos pais ou ao que julgam ter sido um movimento orquestrado para a destruição da memória da família, por parte de Pedro Ludovico. É como nos diz Hercília Coelho, ao trabalhar o Estado Novo, Festa e Memória.

" (...) ao recorrermos aos depoimentos de idosos, o passado revelado assume como que uma dimensão histórica viva, não apenas conhecida, mas sentida pessoalmente. Invasão das vidas de nossos depoentes, adquirimos uma compreensão melhor dos valores dos quais não compartilhamos." (1995:98)

Ao longo das intervenções, foram repetidas expressões como "o que eles diziam", "o que se dizia", "como se diz", "diz que", etc, às quais procuram na memória popular, a confirmação do que está sendo afirmado pelo entrevistado. É como se tal recurso respaldasse o que está sendo dito sem no entanto identificar a fonte que confirmaria o enunciado. Recurso semelhante foi a solicitação de confirmação junto à entrevistadora do que estava sendo dito pelo entrevistado. Ao longo da conversa, estiveram presentes

muitos "cê num acha?", por parte de vários entrevistados.

Outro componente constante das entrevistas foram as perguntas do entrevistado à entrevistadora, sobre a família desta. Só os mais jovens não se referiam a isso. Todos os outros, invariavelmente, perguntaram meu nome, sobrenome, e estado civil, e quiseram saber de onde veio a minha família, qual a profissão de meus pais, etc. Não foi uma questão de segurança para o entrevistado, pois esta havia sido resolvida quando explicitamos previamente o vínculo profissional e os objetivos da entrevista e da pesquisa, e a pessoa havia concordado em depor. Pareceu-nos, antes, a expressão mesma daquele hábito freqüentemente reabilitado, de precisar qual é sua origem. Isso, posto numa família dotada dos elementos aqui trabalhados, nos pareceu uma evidente demarcação de espaço e autoridade.

Ao longo do trabalho, outra questão que nos inquietava: a utilização do conceito de "história incorporada" não estaria conduzindo o trabalho à construção de uma involuntariedade absoluta, na análise das atitudes da família Caiado? Ocorre que, por mais que se argumente teoricamente sobre a interação sujeito e objeto de estudo no processo histórico, romper o mecanicismo sob o qual muitos, como nós, fomos formados, não é mesmo fácil. Quando se tem como objeto uma família como os Caiado, consolidados como componentes e como líderes dos setores conservadores da sociedade, vinculados a polêmicas organizações, como a UDR, a tendência é fazer julgamentos morais movidos pela própria posição política, no nosso caso, explicitamente oposta à da família estudada. Por isso mesmo, vivendo dúvidas angustiantes, percebemos que passávamos por um processo de amadurecimento necessário e frutífero. Outra vez, Bourdieu esclarece:

"(...) a leitura substancialista e ingenuamente realista considera cada prática ou consumo em si mesmos e por si mesmos, independente das práticas intercambiáveis e concebe a correspondência entre as

posições sociais (ou de classes vistas como conjuntos substanciais) e os gestos ou práticas como um relação mecânica e direta " (1996:16).

Não participamos de idéias de neutralidade científica. Quando optamos por discutir um assunto que sabíamos ser melindroso, muitas vezes delicado e insistentemente presente no cotidiano do Estado, estávamos fazendo ao mesmo tempo uma opção acadêmica e política. Mas, isso não nos autorizava a fazer julgamentos morais, entre o certo e o errado, o bom e o mau, o justo e o injusto, sobre essa ou qualquer outra família. A contribuição a que nos propusemos na pesquisa, foi entender a permanência política da família Caiado. Não se tratava de fazer a avaliação qualitativa, segundo nossas convicções políticas, da história da família. Nossas posições políticas, são claras e elas não mudaram, em sua essência. Tenho certo que hoje, inclusive, posso compreender um pouco menos mecanicamente as relações sociais.

IV - Os Capítulos

Para dar consessequência ao estudo temático proposto, foi necessário como já se disse, abordar uma significada diversidade de aspectos, para que no conjunto se construísse uma resposta possível.

O primeiro capítulo trata da intervenção política dos Caiado em Goiás, procurando qualificar cada período, localizando a permanência do caráter conservador desta intervenção, considerando o conteúdo e o leque de alianças que compuseram tal intervenção.

O segundo capítulo trata das relações entre poder, memória e família, analisando o papel do partido, da prática política, tendo como referência a idéia de vocação e a questão da memória.

Discutindo as bases materiais da permanência política, o terceiro capítulo trata

das relações entre família e propriedade da terra, bem como sua relação com a construção da história incorporada nas relações de propriedade e trabalho.

O quarto capítulo trata das estratégias matrimoniais enquanto mecanismos da produção de uma qualificação política, destacando a questão de gênero. Neste item

Em anexo estão as árvores genealógicas dos principais troncos familiares dos Caiado, desde a sua chegada à Goiás

CAPÍTULO I

ORIGEM, GENEALOGIA E INTERVENÇÃO POLÍTICA

O trabalho proposto tem a genealogia como suporte para a discussão da permanência de um grupo familiar na vida política local e nacional. A genealogia enquanto descrição da origem e das ramificações dos grupos familiares não é aqui um exercício de curiosidade sobre as chamadas "famílias ilustres do Estado". Trataremos, a partir de agora, da origem e da genealogia da família Caiado, não como um objetivo em si mesmo, mas como componente do quadro de elementos para análise de sua trajetória política.

Segundo as fontes escritas localizadas e, principalmente, ao longo das entrevistas realizadas, é unânime a referência à origem portuguesa da família Caiado. O livro *Fragmentos do passado* (Godov, 1975), com base nos estudos do Desembargador João Francisco de Oliveira Godov, informa que "... o tronco principal da família Caiado fora Manoel Caiado de Souza, natural de Cária, Bispado de Lamego, Portugal, filho de Manoel Dias e Maria Caiado, cujo nome com a devida identificação aparece em um assentamento paroquial de Vila Boa, datado de 20 de agosto de 1772 e existente no livro 5º de batizados dos anos de 1770 a 1776, fls. 191 ."(Godov, 1975:37).

O significado dessa procedência não está, no presente estudo, prioritariamente ligado ao povoamento e ocupação de Goiás pelos portugueses, no período minerador, e sim, na importância atribuída pela própria família à sua origem européia. Como veremos, quase todos os entrevistados, de todas as faixas etárias, se referem ao brasão português que atesta a origem nobre dos Caiado ou guardam como relíquia. Neste caso, esse será também um dos objetos da análise das entrevistas, desenvolvida nos próximos capítulos.

Por enquanto exporemos os dados relativos à genealogia da família Caiado, como suporte para a discussão que se seguirá. As informações estão sintetizadas em um organograma, em anexo. Neste, a partir da 5ª geração, foi priorizado o tronco cujos membros tiveram expressão política, mais acentuada no cenário estadual, posto que não cabe aqui fugir do problema central colocado sobre a permanência política de grupos familiares. Um trabalho que tenha a abrangência de tratar um conjunto de genealogias e suas implicações políticas, sociais econômicas e culturais ainda está por ser desenvolvido em Goiás.

Manoel Caiado de Souza, vindo de Portugal, casou-se em 20 de agosto de 1772 com Brígida Ribeiro Soares Almeida, filha de Manoel Coelho Almeida, que havia requerido ao governo imperial a sesmaria das terras da Paciência, em 27 de novembro de 1737. Manoel Coelho faleceu em 1739, deixando as cartas de sesmaria Buraco, Europa, Candes, Cahoeira, Boa Vista e São Roque (Revista do Instituto Histórico e Geográfico - SP, nº 26).

O casal Manoel Caiado de Souza e Brígida Ribeiro Soares Almeida instalou-se nas matas da Paciência e, a partir de 1774, construiu no local a fazenda Europa, inaugurando sua sede em 12 de julho de 1776. Esta sede hoje é propriedade de Dona Leonina Ramos Caiado.

Desta união nasceram os primeiros membros goianos da família Caiado: José Caiado de Souza e Antônio Coelho Caiado. O primeiro casou-se com Maria Gertrudes de Souza, filha de José Joaquim de Souza e Maria Assunção de Oliveira (Godov, 1975, p.37), dando origem ao tronco familiar que desenvolveu a intervenção política central dos Caiado em Goiás e será objeto de nossas observações. O segundo casou-se com Rita de Almeida e Silva, deixando dois filhos: Firmiano Antônio Coelho Caiado, que se instalou na região de Mossâmedes, e Rita Coelho Caiado. Manoel Caiado de Souza morreu em 1778.

José Caiado de Souza e Maria Gertrudes Souza tiveram os filhos: João Caiado, batizado em 1817; Joaquina Emília Caiado, batizado em 1820; José Caiado de Souza,

batizado em 1824; Antonio José Caiado, nascido em 1826; Rita Caiado; Salvador Caiado, póstumo.

Dos 6 filhos, interessa-nos aprofundar os dados de Joaquina Emília Caiado e Antonio José Caiado, posto que João Caiado e Rita não deixaram descendentes. José Caiado de Souza, casado em segundas núpcias com Maria Gertrudes Ferreira Reno, transferiu-se para o Espírito Santo, onde desenvolveu suas atividades e deixou descendência. Também Salvador Caiado, casado com Maria Vivência Azevedo, teve um único filho, Manoel Sebastião Caiado (conhecido e citado nas entrevistas como Professor Caiado), não deixou descendentes.

Retomando as duas descendências centrais de José Caiado de Souza e Maria Gertrudes de Souza, temos Joaquina Emília Caiado, que se casou com João Batista Alencastro, dando origem ao ramo Alencastro Caiado. Esse ramo promoveu, após duas gerações, a grande dissidência política na família Caiado. Isso se daria através de Mário Alencastro Caiado, durante a Revolução de 1930. Essa ramificação fica então registrada como fundamental para compreender a intervenção política dos Caiado em Goiás.

O quarto filho do casal José Caiado - Maria Gertrudes é Antonio José Caiado, primeiro político de destaque da família. Antonio José Caiado casou-se com Maria Tereza Conceição Cachapuz e Chaves, com quem teve 5 filhos. Antonio Ramos Caiado, conhecido como Totó Caiado, grande chefe da família, era neto de Antonio José Caiado. Estão apresentados, portanto, os dois troncos centrais da família, cuja intervenção política, a cada geração ou período histórico, examinaremos a seguir.

Vale registrar que Antonio José Caiado casou-se três vezes, mas apenas deixou descendência com Maria Tereza Conceição Cachapuz e Chaves, filha de Guilherme José de Barros Cachapuz e Chaves, português cujo irmão, Agostinho de Souza Pinto de Barros recebeu Carta de Nobreza e Brasão D'Arma da família em 1812. (Godov, 1975, p.38). Longe de ser um preciosismo, esse detalhe está registrado por também compor as citações da origem nobre e portuguesa da família, nas entrevistas, e ser explicitamente caro a seus membros.

1. A INTERVENÇÃO POLÍTICA DOS CAIADO EM GOIÁS

Assim como a genealogia contribuiu neste trabalho como um componente que dá suporte à análise da permanência política de um grupo familiar, a história política de Goiás, entre 1878 e a atualidade, entrará nesta dissertação como auxiliadora desta intervenção, ao mesmo tempo em que atuará como demonstração ou justificativa da questão proposta. Por se tratar de um longo período (116 anos) em que discutiremos uma questão localizada, é importante esclarecer que não se pretende aqui elaborar uma história geral de Goiás no período estudado, mas apenas reunir os dados essenciais à nossa análise. Contextualizaremos as ações políticas estabelecidas pelas sucessivas gerações da família para traçarmos o perfil destas ações e, principalmente, documentarmos sua permanência. Localizaremos então os membros da família que assumiram posições na vida política goiana, e quando o fizeram, graças a quais políticas de alianças e as características gerais de cada mandato, «õ /

Ao longo de toda sua história, os Caiado representaram os interesses políticos, econômicos e sociais das elites agrárias. O caráter conservador de sua prática política fundamenta-se na defesa de suas posições enquanto grandes proprietários de terra, vinculados, especialmente, a pecuária. Estamos, portanto, trabalhando com um setor das elites dominantes deste país que ao longo do tempo, articulou-se politicamente para se fazer representada nas sucessivas conjunturas, consideradas as bases materiais e classistas desta sua intervenção. Em nenhum momento desta longa intervenção, esse princípio geral foi sequer colocado em questão. Ao contrário, em todos eles, a reafirmação de seus referenciais de classe foi ostensivamente explicitado.

Não é apenas uma ação política permanente, é sim, um perfil político que permanece nas sucessivas situações construídas na cena política, sendo capaz de produzir novos agentes e de adaptar-se as situações colocadas pela conjuntura política e econômica.

A permanência política de elites agrárias conservadoras vinculada à sobrevivência de uma estrutura agrária que as permite continuar como grandes proprietários de terra, compondo a expansão capitalista no Brasil. Porém, a permanência política de um grupo familiar como os Caiado em Goiás (que não é a única no país), requer essa qualificação política que é o objeto deste trabalho.

Marcos Caiado¹, jovem membro da família, afirmou que a família está a 104 anos, desde sua primeira atividade política no Estado, ocupando algum mandato estadual ou federal. É o que verificaremos.

1• 1. O IMPÉRIO - Compondo com o grupo Bulhões

Goiás viveu o Império realizando um processo de longa duração marcado pelo fim da mineração e pela lenta e progressiva afirmação da pecuária e posteriormente, da agricultura (Chaul, 1995: 67,68). Nesse contexto, os grupos dominantes locais que estavam se constituindo tinham como base material a propriedade de rebanhos bovinos e de terras, que vão sendo ocupadas para essa atividade econômica, prioritária especialmente a partir da segunda metade do séc XIX.

A família Caiado, instalada em Goiás desde a segunda metade do século anterior, já tem posições consolidadas na economia local, durante o Império, guardadas as proporções da pecuária praticada regionalmente no período.

Neste período, a expressão política da família centrou-se na intervenção de Antonio José Caiado. Membro da terceira geração, nascido em 1826, proprietário de terras e gado, integrante das elites locais, foi tenente-coronel pela Guarda Nacional. Sua atuação política intensificou-se a partir da década de 1880. Ao lado dos Bulhões,

¹ Entrevista em 21.11.95, Goiânia

detinham a direção política da Província no período (Moraes, 1974:32).

No contexto da formação dos partidos políticos em Goiás, Antonio José Caiado aliou-se aos Bulhões pela constituição de alternativas locais ao oficialismo político representado pela nomeação dos presidentes da Província pelo poder central. A Província de Goiás, durante a segunda metade do século XIX, não alcançava expressão a nível nacional, o que repercutia nas "imposições ministeriais, fazendo figurar sempre, na cúpula administrativa das províncias, inexpressivos elementos desvinculados dos interesses regionais." (Morais, 1974:32)

A intenção de constituir alternativas ao oficialismo político para os goianos membros de uma elite política em formação, não pretendia ser uma proposta política alternativa, mas sim habilitá-los como representantes da política central, os adereços da legitimidade local. As famílias que se destacam neste sentido são citadas por Maria Augusta Sant'Anna de Moraes; foram: Rodrigues Jardim, Fleury, Bulhões, Rodrigues Novaes, Abreu, Sócrates, Bastos, Alves de Castro e Caiado. (Moraes, 1974, p.37)

Quase toda a década de 1870 ainda encontrou a Província de Goiás sem partidos políticos. Entretanto, já se esboçava a aglutinação dos liberais em torno do Clube Liberal, compreendendo os Bulhões, Siqueira, Conêgo Joaquim Vicente, os Caiado e outros, que atuavam como oposição ao governo do conservador Antonio Cícero de Assis (1871 - 1878). Esta oposição fundava-se como nos diz Moraes, em função da

"conjuntura política do Império, consagrando arbitrariedades, os descasos e os desmandos presidenciais, as imposições internas do centro, marginalizando os grupos locais, ansiosos por enfeixar nas

² (>S partidos políticos em Goiás surgem DO contexto da oposição dos Bulhões à Antero cícero de Assis. Serou o estado entr* 1871 e 1878 dirigido pelos Bulhões, a constituição do (luK. Liberal signifeou enfrentamento local ** conservadores com o apoio noonal dos liberais, que assumem o poder em 1878 Sobre LSSO ver Moraes. 1974 45 Há ^ « considerar também que a consolidação de grupos dominantes locais a partir do desenvolvimento da epcuana é que Cr.ºi) no Império bases matennas para a construção de elites locais.

Ao longo das disputas pela hegemonia política, o grupo dos Bulhões, ao qual pertenciam, do ponto de vista político, os Caiado, notadamente Antonio José Caiado, pretendem a consolidação dos partidos Liberal e Conservador, acreditando ser esse o grande instrumento da derrocada do oficialismo político. O que se assistiu, porém, foi o enfrentamento centralizado entre os liberais históricos e os liberais clubistas, ao lado dos quais se colocou Antonio José Caiado, sob a hegemonia dos Bulhões. A cisão entre os liberais, dando origem à facções lideradas por Bulhões (liberais clubistas) e Fleury (liberais históricos) se deu em função do não acatamento dos primeiros às determinações de André Augusto Pádua Fleury, que inclusive, aliou-se aos conservadores. Isso fortalece a idéia de que a constituição dos partidos políticos formados no Império representaram articulações de grupos de interesses, e não disputas no campo das idéias políticas. Esta relação entre grupo político familiar e partidos políticos, sob a hegemonia dos primeiros, sobreviveu à República alcançando tempos bem próximos da atualidade, e foi um dos elementos que sustentaram a permanência política dos Caiado.

O tenente coronel Antonio José Caiado compôs a Diretoria do Clube Liberal, em 1881. Segundo Maria Augusta Sant'Anna de Moraes, o que diferenciava liberais e conservadores era, fundamentalmente, a posição abolicionista dos liberais clubistas (Moraes, 1974, p. 57), o que, em parte, influenciou sobre as vitórias eleitorais conquistadas a partir de 1879, com a posse de Aristides Spíndola.

Cabe-nos ressaltar a participação de Antonio José Caiado na questão abolicionista:

" em 1885, juntamente com João Fleury Campos Curado, fundaram o Centro Libertador de Goiás, alforriando 150 escravos em sua instalação (...) em 1887, o mesmo Antonio José Caiado

alforriou, sem condições todos os escravos de seu latifúndio agropecuário.” (Moraes, 1974 80,72)

Antonio José Caiado tomara-se abolicionista por volta de 1880. A disposição de solucionar pessoalmente a questão da escravidão, articulando outros latifundiários para que assim procedessem, previa mais nos benefícios materiais e políticos do que fins humanitários. Isso porque a total falta de alternativas de trabalho e sobrevivência de negros forros impunha-lhes a permanência na fazenda de origem, talvez em condições ainda piores do que as anteriores, e com a desobrigação do senhor frente à sua manutenção. O espaço político conquistado com a pretensa agitação abolicionista era, sim, cara aos políticos em ascensão. A província agro-pastoril isolada não requisitava as mesmas quantidades de escravos que as Províncias fundadas na agro-indústria do açúcar: quando a abolição da escravidão, chegou a Goiás, libertaram-se menos de 4.000 escravos, nenhum da capital. (Palacin, 1990)

Interessa-nos observar a contextualização dessa prática de Antonio José Caiado e de outros fazendeiros no sentido da percepção das mudanças em curso. A memória da família, objeto específico de nossas atenções, quando se refere às alforrias, as considera um patrimônio merecedor do orgulho das sucessivas gerações. Em entrevistas, Leonina Caiado Antonio Ramos Caiado Filho (Caiadinho) e Maria Fleuiv referiram-se às condições do trabalho escravo nas fazendas do Senador Antonio José Caiado, como diferenciadas (para melhor), relativamente às outras fazendas de escravos. Isso discutiremos no terceiro capítulo, quando se tratará da relação família-terra-memória, na permanência política dos Caiado em Goiás.

Antônio José Caiado foi eleito 1º vice-presidente da Província, na chapa de Antônio Gomes Pereira Junior, assumindo a presidência entre outubro de 1883 e fevereiro de 1884, como membro dos Liberais Clubistas, sob direção dos Bulhões. Retomou à Presidência por 2 meses, a partir de outubro de 1884, quando o presidente

Camilo Augusto Maria de Brito deixou a Província. Antonio José Caiado foi exonerado em novembro deste mesmo ano, quando os conservadores assumiram a direção da política nacional e, conseqüentemente, da provincial.

Permanecendo como presidente do Clube Liberal, o tenente coronel Antonio José Caiado viveu a aproximação dos liberais com os republicanos moderados, especialmente a partir da liderança assumida por Guimarães Natal, fundador do Clube Republicano em 1883, a quem se ligava também por laços de parentesco. J

"Em 1887, é fundado por Guimarães Natal, o Partido Republicano que, apesar da falta de expressão, entra em ascensão com a proclamação da República Já em 1890, os Bulhões e seus coligados formam o Centro Republicano que elegeu cinco de seus membros para a constituinte da época " (1995:101)

Os liberais clubistas, nesta aproximação, mantiveram sua diferenciação em relação aos republicanos moderados, apesar do fato de que o jornal O Bocaiuva, órgão dos republicanos, dirigido por Guimarães Natal em sua segunda fase, ter sido impresso na tipografia do jornal liberal A Tribuna Liberal, dos Bulhões. Há evidências da absorção dos republicanos moderados pela hegemonia dos liberais clubistas, inclusive pelo fato de Guimarães Natal ter ingressado na família Bulhões, pelo casamento com Ângela Bulhões Jardim.

Essa absorção, neste período, explica-se politicamente pela força dos liberais clubistas, capitaneados pelos Bulhões, que, mesmo alijados do poder, então sob controle dos conservadores, tinham muito maior influência que os republicanos.

Entre 1886 e 1888, o movimento republicano retomou forças, inclusive em

³ Guimarães Natal era seu sobrinho, filho de Leonor Gertrudes Filho e Luís Pedro Xavier Guimarães Leão. Leonor era irmã de António José Caiado, filha mais nova do segundo casamento de sua mãe. Mana (krtnides

Goiás, quando Guimarães Natal reassumiu a direção do Clube Republicano. Nesse período, segundo Maria Augusta Sant'Ana de Moraes, foi mais intenso o movimento republicano em Goiás (Moraes, 1974, p. 99). A participação de Antonio José Caiado na política no período foi registrada em selo de taxa judiciária com sua estampa, até hoje citado e guardado pela família, na pessoa de Ederval Caiado, seu tri-neto.⁴

Neste período, estavam na cena da política goiana três gerações da família Caiado, do tronco central, no qual estamos interessados: o tenente coronel Antonio José Caiado, seu filho Torquato Ramos Caiado e os filhos deste, liderados por Antonio Ramos Caiado, conhecido como Totó Caiado.

Torquato Ramos Caiado, nascido em 1848, foi o primeiro da família a estudar Direito em São Paulo. Assumiu postos na burocracia do Império e foi intendente da capitânia da Província, mas não se lançou na atividade política de forma sistemática, como o fizera seu pai Antonio José Caiado, nem como faria, posteriormente, seu filho mais velho. A morte prematura contribuiu para tanto. Segundo Emival Caiado, neto de Torquato:

"O Torquato não teve assim tanta influência como o pai Quase que já passou direto para o filho mais velho." ¹

Antonio Ramos Caiado, filho mais velho de Torquato, conviveu diretamente com o avô na prática política, absorvendo a experiência deste e aplicando-a, desde muito jovem, na sua própria intervenção. A biografia política de Totó Caiado foi assim resumida:

"Goiás - Antonio Ramos Caiado Dr Tenente, Deputado Federal desde 1909. Fazendeiro e advogado pela Faculdade de Direito, São

⁴ Ederval Caiado. Entrevista em 30.11.95. Anápolis.

Emival Caiado Entrevista em 19.10.95. Goiânia.

Paulo Alistou-se em 1893 no Batalhão Floriano Peixoto, travou combate na fortaleza de São João, contra os revoltosos, sendo promovido por ato de bravura aos postos de alferes e tenente. Terminada a revolta, foi tenente honorífico do Exército. Bacharel em ciências jurídicas e ciências sociais a 8 de dezembro de 1895. Redator e fundador do jornal A República, em Goiás, entre 1896 e 1899. Deputado estadual em 1896, redator de A Imprensa, Goiás, entre 1904 e 1905. Secretário de Interior, Justiça e Segurança Pública entre 1904 e 1908, redator de A República entre 1905 e 1907, chefe da Revolução de 1909. Deputado Federal mais votado em 1909, com eleição reconhecida em maio do mesmo ano." °

Observa-se a intervenção política de Antônio Ramos Caiado desde os tempos de estudante em São Paulo, o que lhe garantiu espaços para crescer politicamente no Estado, após seu retomo. O fato de ter a família assumido a defesa do grupo que se sagrou vitorioso nos embates da consolidação da República, o de Floriano Peixoto, aumentou o prestígio dos Caiado. Segundo Bernardo Elis,¹ a atuação do jovem Antonio Ramos Caiado impressionou seus conterrâneos pela iniciativa e coragem. Em várias entrevistas com membros da família, especialmente a de Antonio Ramos Caiado Filho (Caiadinho), as referências à trajetória de Totó foram entusiasticamente descritas. Elas servirão de base à análise desenvolvida no capítulo IV, sobre o papel do porte físico dos Caiados na memória e na educação política da família, ao longo das sucessivas gerações.

1.2. O INÍCIO DA REPÚBLICA - Acumulando forças

¹O Calendário Comercial de 1911, editado no Rio de Janeiro em exemplar de propriedade de dona Enery Ramos Caiado.

Bernardo Elis. Entrevista em 5.12.95, Goiânia

A República encontra Goiás com uma produção agropecuária em franca expansão e uma elite econômica constituída de grupos ansiosos por fazer-se representar no cenário político local, promovendo disputas que, mesmo revestidas das referências nacionais (como liberais e conservadores), não tinham a dimensão destas distinções. Neste sentido, a proclamação da República mesmo abrindo as perspectivas do sistema federativo, não significou rupturas estruturais na vida econômica e política

Durante a República Velha, a chegada dos trilhos da estrada de ferro ao território goiano ampliam as possibilidades da produção da agropecuária exportadora.⁸

A instalação da República em Goiás deu-se através de um Governo Provisório composto por Guimarães Natal, José Joaquim de Souza e Eugênio Augusto de Melo, sendo que o primeiro, republicano histórico, organizou o partido Republicano de Goiás, ou "Centro Republicano", em 1890, na intenção de aglutinar todas as correntes políticas do Estado. (Campos, 1987: 70)

Antonio José Caiado compôs a diretoria do Centro Republicano, como o terceiro mais votado, mantendo-se articulado a Leopoldo de Bulhões nas disputas pela direção política travada entre Guimarães Natal e o chefe dos ex-liberais clubistas. Permaneceu neste campo mesmo quando os ex-liberais clubistas e republicanos discordaram da indicação de Rodolfo Gustavo da Paixão para Presidente do Estado (que fazia retomar o combatido oficialismo político, reeditado por Deodoro da Fonseca). Antonio José Caiado foi eleito deputado estadual para a Constituinte Goiana em 1891.

Braz Abrantes, ligado aos Bulhões, após assumir o governo estadual em 1892, em consequência da renúncia de Deodoro da Fonseca e da ascensão de Floriano Peixoto, organizou a primeira eleição para Presidente do Estado. Indicou-se como o candidato do "Centro Republicano", José Leopoldo de Bulhões Jardim. Como Bulhões não tomou Posse, o cargo foi repassado ao primeiro vice, Antonio José Caiado, que assumiu o

⁸

Sobre o autor: Borges. Barsanulfo (Iomides O despertar dos Dormentes (1990) e Goiás: "Modernização" (1920 - 1960). Chaul. Nasr. op cit

Executivo entre julho de 1892 e julho de 1893. (Campos, 1987: 70) O tenente-coronel Caiado retomou o primeiro posto executivo por dois dias, em junho de 1895, como primeiro vice de José Inácio Xavier de Brito.

A pretensão de Guimarães Natal, ao que parece, era que Antonio José Caiado fosse eleito o primeiro presidente da Província. Este, entretanto, renunciou à indicação quando José Leopoldo de Bulhões retomou ao Estado reivindicando o cargo, em atitude que demonstra a aparente aceitação da supremacia dos Bulhões. Antonio José Caiado assumiu a primeira vice Presidência, pois José Leopoldo de Bulhões retomou as atividades no Rio de Janeiro. Esse pode ter sido o primeiro elemento concreto a preparar o rompimento entre Bulhões e Caiado, posto que o absentismo do primeiro e o crescimento da influência local do segundo indicavam que as intenções dos Caiado já não mais se conformariam com os limites impostos pela subserviência aos Bulhões. Considerem-se, evidentemente, os desgastes sofridos com a fracassada tentativa de implantar uma colônia de imigrantes italianos, que, apesar dos gastos despendidos pelo tesouro estadual, nunca se efetivou, além de outros problemas enfrentados pelo tenente coronel. (Moraes, 1974:144-47) ⁹ Os Bulhões, prosseguiram dominando a política estadual na passagem do século, mas já demonstravam sinais de debilidade, que se explicitariam no início do século XX.

A família Caiado permaneceu em cena, ampliando sua intervenção com o retomo de Antonio Ramos Caiado (Totó Caiado) a Goiás, em 1896, após concluir curso superior de Direito e Ciências Sociais em São Paulo. A montagem da chapa ao Senado, em 1896, trouxe a disputa entre Antonio José Caiado e Urbano de Gouveia. Este atacou os Caiado e foi atacado, principalmente por Torquato Ramos Caiado, o que deixa transparecer a já

⁹ "A Presidência de Antonio José Caiado é vista historicamente como lastimável. Numa época de transição política, com o estado repleto de problemas financeiros e sócio-políticos, juntamente com a falta de preparo político e administrativo do governo, levam ao fracasso sua administração" (C. H. op. cit., p 102) Sobre isso ver também Brito Maria Helena Oliveira. A Colônia Alemã do Uva - uma tentativa de colonização em Goiás (1924-1934) Goiânia. 1981, p. 110

significativa influência da direção política do recém chegado Totó Caiado. O rompimento se efetivou quando Ovídio Abrantes casado com Diva Caiado, foi substituído por Urbano Gouveia, como delegado do Partido.

Segundo Maria Luiza Araújo Rosa, já seriam as intenções oligárquicas dos Caiado que promoveram a cisão entre Bulhões e Caiado na direção do Centro Republicano, em 1897. Isso levou os Caiado à derrota para os Bulhões. Como oposição, os Caiado não conseguiram homologar sua candidatura, em 1898. (Rosa, 1980: 52) No período que se seguiu, os Caiado sofreram as conseqüências de haverem se colocado como dissidência de um grupo que, embora enfraquecido, ainda era hegemônico. Em 1899, nas eleições para o Congresso Nacional, apenas conseguiram eleger Ovídio Abrantes, cunhado de Totó Caiado e genro de Torquato Ramos Caiado. Em 1900, nas eleições para deputados e senadores estaduais, o grupo dissidente não lançou candidatos. Na mesma oportunidade, foi eleito deputado federal Xavier de Almeida, sob os auspícios dos Bulhões. Ele seria Presidente do Estado no período 1901-1905, numa manobra que visava fortalecer a antiga oligarquia, mas que acabou por promover seu afastamento. Isso porque Xavier de Almeida não se ligou, pelo casamento, à família Bulhões e sim à de Hermenegildo Lopes de Moraes, além de aproximar-se do grupo Caiado.

Em 1904, consolidando essa tendência, Antonio Ramos Caiado assumiu a pasta de Interior, Justiça e Segurança Pública do governo Xavier Almeida. Ao mesmo tempo, Xavier Almeida substituiu um dos últimos Bulhões do seu governo, Godofredo de Bulhões, por João Alves de Castro, na Secretaria de Instrução, Indústria e Obras Públicas. (Rosa, 1980:32) Para dar corpo orgânico à articulação política que desenvolveu, Xavier de Almeida fundou o Partido Republicano Federal, garantindo a eleição da grande maioria dos deputados estaduais, ainda em 1904. O jornal *A Imprensa*, no qual Antônio de Ramos Caiado atuava como redator, era o porta voz do Partido Republicano Federal, que se tornou o instrumento central da derrocada dos Bulhões. A perda de influência de Bulhões no Estado se efetivou com a negativa do Congresso Nacional em promover a

intervenção federal em Goiás, a pedido do então Ministro da Fazenda, Leopoldo de Bulhões. Nas eleições federais de 1906, os candidatos do "Centro Republicano" e o próprio Bulhões perderam as vagas para o Partido Republicano Federal de Goiás. (Campos, 1987: 72)

O período Xavier Almeida, entretanto, foi tumultuado. Nele,

"(...) ação governamental reorganizando e fiscalizando rigidamente os postos de arrecadação, proibindo as 'condescendências fiscais' (...) vai resultar numa insatisfação geral entre os coroneis-fazendeiros" (Campos, 1987, p. 72)

Essas ações político-administrativas acabaram abrindo campo para formação de oposições dentro do próprio partido do Senador, posto que os grandes coronéis-fazendeiros pertenciam a seus quadros e ocupavam cargos administrativos ou eletivos nos municípios de Xavier Almeida e Rocha Lima. O grupo começou a sofrer perdas, que levariam à sua destruição e encerrariam o breve período da hegemonia de Xavier de Almeida na política goiana.

Quando do processo sucessório de Rocha Lima, em 1908, os grupos Caiado, Alves de Castro e Abrantes pretenderam a indicação de João Alves de Castro, cunhado de Totó Caiado, mas Xavier Almeida pretendia a eleição de Heniteneildo Moraes, seu cunhado, para a Presidência do Estado. Também ocorreu a negativa de Xavier Almeida à indicação de Gonzaga Jayme ao Senado Federal, visto que ele mesmo pleiteava a indicação. (Moraes, 1974: 193) A crise se agravou quando Toto Caiado deixou a secretaria de Interior, Justiça e Obras Públicas, em julho de 1908.

Estava formado um quadro político que, observado à distância pelos Bulhões, facilitava a reaproximação Caiado-Bulhões. Não havia entretanto, a menor possibilidade desta aliança retomar sob a hegemonia dos Bulhões, como pretendia Leopoldo.

A reaproximação se consolidou na formação da Coligação Republicana , base do futuro Partido Democrata, instalado em janeiro de 1909, que seria a sede política dos Caiado e seu grupo, nas eleições para o Congresso Nacional. Antonio Ramos Caiado figurou na chapa para deputado em nome da Coligação Republicana, sendo o único reconhecido pela junta apuradora. Leopoldo de Bulhões, pela Coligação Republicana, disputou o Senado Federal, com Xavier de Almeida. A não aceitação da apuração final que dava vitória ao Partido Republicano Federal por parte da Coligação Republicana instalou o fato que desencadearia a chamada "Revolução de 1909". Era desfecho de certa maneira esperado, pelo acúmulo de disputas e conflitos desde a instalação do grupo de Xavier Almeida no poder estadual. Com a duplicação do cargo eletivo, correram boatos de que a oposição organizava um movimento armado. (Moraes, 1980. 199)

Esse seria o momento em que Totó Caiado assumiria pela primeira vez papel central na vida política do Estado. O quadro lhe era favorável. Os Bulhões, sem condições de reabilitar-se e renovar a intervenção política no Estado, representavam ainda uma força influente, mas não uma opção para dirigir o novo período. De posse de todo o capital político acumulado durante a hegemonia dos Bulhões, e do período Xavier Almeida, Totó Caiado via-se na iminência de tomar realidade o projeto desenvolvido desde o século anterior. Alie-se a isso o fato de que grandes alianças estavam consolidadas, com os casamentos Caiado - Alves de Castro e Caiado- Jardim.

O processo que passou para a história de Goiás como "Revolução de 1909" conheceu seu desfecho em 1º de maio daquele ano, mas, nos meses anteriores, transformou a cidade de Goiás em um ambiente permeado de expectativas de confrontos armados. A preparação para o ataque armado e a tomada do poder foram garantidos com a compra de armas no Rio de Janeiro, por Leopoldo de Bulhões, e com a articulação dos grupos na Fazenda Quinta, de Eugênio Jardim.

¹⁰ Sobre isso ver: Chaul. Nasr F. op. cit. p. 106-7, Chaul. N. F et alli. História Polida de Catalão, p 128 e Campos. Itami. op cit.

Registre-se um episódio que, no futuro, contribuiria para a cisão interna na família Caiado. A chegada das armas a Goiás, passando pela atual Piracanjuba, fazia-se sem maiores dificuldades. Porém, Mário Alencastro Caiado, primo de Totó Caiado (e mais tarde membro da Junta Governativa que assumiria o Estado, em 1930, depondo o grupo chefiado por Totó Caiado) era Juiz da cidade e, segundo Maria Augusta Sant Ana de Moraes, "com objetivos pacifistas, comunicou ao governo da capital o transporte clandestino de armas." (Moraes, 1980: 202) Independentemente de ser pacifista ou não a intenção de Mário Caiado, a informação fez com que os revoltosos tivessem de reorganizar o itinerário das armas, dificultando a realização dos objetivos do primo Totó Caiado. Não é difícil perceber aí elementos que alimentariam a cisão posterior a novos componentes que surgiram nas décadas de domínio Caiadista.

Nessa oportunidade, que pela primeira vez atuaram as milícias que mais tarde se transformaram nos "camisas vermelhas", que acompanharam todo o período da hegemonia do grupo Caiado. Conta-se que mais de 1.000 homens compunham o Batalhão de Camisas Vermelhas, em 1909, para contrapor-se à Força Pública Estadual de 276 homens. (Campos, 1987: 73). A essa milícia foram creditadas ações violentas, como as narradas por Moisés Santana em *Vultos e Factos de Goiás*.

A vitória largamente comemorada por Antonio Ramos Caiado evidenciava sua liderança no movimento, anunciando sua função de dirigente político estadual, a partir de 1909. Bulhões, que permanecia no Rio de Janeiro, ainda teria influência no governo que se instalaria, porém não mais em condições de sobrepor-se aos Caiado. A anunciada intervenção federal não aconteceu, sendo que a morte de Afonso Penna e a posse de Nilo Peçanha confirmaram os democratas no poder.

Antônio Ramos Caiado assumiu então uma vaga como deputado federal, posto ao qual retornaria por mais três mandatos e do qual somente sairia para cumprir sucessivos mandatos como senador federal, até sua cassação, em 1930.

Ressalte-se que a política de alianças dos grupos Caiado já agregava os Alves de

Castro, Jardim e Abrantes, por laços familiares. Porém, as dificuldades enfrentadas por João Alves de Castro e sua esposa, Teresina Caiado de Castro, irmã de Totó Caiado, em virtude do vínculo mantido por eles, até 1909, com Xavier de Almeida, trariam conseqüências: apesar de João Almeida de Castro ter sido Presidente do Estado pelo Partido Democrata em período posterior, as marcas dessa diferença apareceriam no apoio de seu filho Jarbas Caiado de Castro ao grupo que destituiu Totó Caiado do poder, em 1930.

1.3. 1909 - 1930 - Hegemonia Caiado

Entre 1909 e 1912, os Bulhões deram os últimos suspiros como grupo político dirigente em Goiás, ao mesmo tempo em que os Caiado tomaram fôlego para assumir a hegemonia política do Estado. O governo estadual estava com Urbano de Gouveia, bulhonista. Neste intervalo, os Caiado intensificaram a aproximação com o centro na mesma proporção em que os Bulhões se afastam da cena política.

Segundo Itami Campos, "desentendimentos com os políticos estaduais, somados ao seu desprestígio junto ao governo federal, fazem Urbano Gouveia deixar o executivo estadual em março de 1912." (1987,78) A nível nacional, Hermes da Fonseca e Venceslau Braz derrotaram o civil Rui Barbosa e, em Goiás, contaram com o apoio do grupo vitorioso em 1909. Era notória a tendência de Bulhões em apoiar a candidatura Rui Barbosa, o que acelerava seu isolamento. Alie-se a isso a cisão entre Urbano de Gouveia e Caiado-Jardim, já mais fortes que o Presidente do Estado. Isso foi atestado pelo reconhecimento dos Caiado-Jardim por Hermes da Fonseca, determinando que Eugênio Jardim assumisse o cargo no lugar de Urbano de Gouveia. Após alguns incidentes, o governo federal referendou a indicação caiadista de Olegário Herculano da Silveira Pinto para Presidente do Estado, que assumiu em 31 de junho de 1913, afastando

definitivamente a influência dos Bulhões da direção política de Goiás.

A partir de então, os sucessivos governos estaduais, o legislativo estadual e a representação federal de Goiás foram compostas sob a tutela dos Caiado, por meio da direção de Totó Caiado que, entre 1912 e 1930, comandou o Partido Democrata fundado em 1909 como grande dirigente de sua comissão executiva.

Neste período estavam em cena os quatro irmãos - Antonio Ramos Caiado, Arnulfo Ramos Caiado, Leão di Ramos Caiado e Brasil di Ramos Caiado filhos de Torquato Ramos Caiado e netos do tenente-coronel e senador da República Antonio José Caiado. A esse tronco familiar estavam, unidos, pelo casamento, quatro irmãos da família Alves de Castro - João Alves de Castro, Abílio Alves de Castro, Joviano Alves de Castro e Agenor Alves de Castro - que ocuparam cargos ao longo de todo o período, além de Eugênio Jardim, também casado na família Caiado e já protagonista da cena política.

O quadro seguinte tenta oferecer uma visão de conjunto da atuação política dos membros da família Caiado entre 1913 e 1930. As fontes que os acervos públicos dispõem sobre esse período não foram ainda trabalhadas sistematicamente, e, como já foi dito, não é esse o objeto deste trabalho. Cabe-nos aqui, levantar um conjunto mínimo de informações, contando com a contribuição dos poucos trabalhos que se referem à época na historiografia goiana e com a análise de algumas fontes, por nós diretamente pesquisada, a fim de demonstrar a completa hegemonia da família, no período:

Os componentes das sucessivas legislaturas estaduais e federais, quando não ligados por laços de parentesco aos Caiados, eram submetidos às alianças que os tomavam componentes do grupo hegemônico, no âmbito do Partido Democrata.

Ígênio Jardim	Senador	Cunhado
João Alves de Castro	Deputado federal	Cunhado
Joviano Alves do Castro	Deputado federal	Cunhado
Lincoln Caiado de Castro	Deputado e professor	Sobrinho
Antônio Americano do Brasil	Deputado ledeTal	Sobrinho por casamento
Amulpho Ramos Caiado	Professor	Irmão
Leão Ramos Caiado	Senador, dir. da Escola de Artífices	Irmão
Ilbirajara Caiado	Deputado	Filho
Luís Xavier	Juiz Federa!	Tio
EuJcr Coelho	Inspetor agrícola	Tio
Abílio de Castro	Dep. Fed e Tesoureiro fiscal	Cunhado
Agenor de Castro	DirF.sc.de Direito e Farmácia e prof	Cunhado
Bernardo Albemaz	Médico da policia	Primo
Rocha Lima	Senador	Concunhado
Francisco Perillo	Senador, professor	Concunhado
Olegário Caiado	Senador	Primo
Geraldino Caiado		Primo
Raul Caiado	Coletor	Primo
Carlos Caiado	Coletor	Primo
Vasco Caiado	Fiscal de obras	Primo
Joaquim Albernay	Chefe de Secção	Primo
Argemiro Amorim	Escrivão	Primo
Luís Caiado	Fiscal	Primo
Sebastião Caiado	Escrivão	Primo
Avrosa Caiado	Deputado. Tesoureiro	Primo
Ilbeodoro Caiado	Deputado Tesoureiro	Primo
Raulino Caiado	Intendente - Anicuns	Primo
Antenor Amorim	Senador	Primo
AlteT Nascimento	Engenheiro Municipal	Primo
Oswaldo Nascimento	Funcionário público	Primo

Nicanor Albema/	Fiel Tesoureiro	Primo f!
New Ion Aiberna/	Promotor	Pnmo
Francisco Caiado	Tesoureiro. Deputado	Primo i
Honório Caiado	Coletor Municipal	Primo p
VK1 Ò Lima	Fiscal	Primo _____ 1

Fonte: Jornal "Correio da Manhã" de 25/03/1928 ¹⁷

Enquanto sobreviveu, o Partido Republicano de Goiás esteve ligado ao poder, rminoritariamente, através do acordo realizado em 1917, em que os Bulhões se comprometeram a apoiar João Alves de Castro para Presidente do Estado, ficando ainda o primeiro Vice para o Partido Democrata e o segundo e terceiro vices para a oposição. Esse acordo aplicou-se também as vagas na Assembléia Legislativa, em que o Partido Democrata ficou com 18 cadeiras, e o Partido Republicano, com as cinco restantes. Leopoldo de Bulhões perdeu a eleição para Senador Federal em 1918, e, com sua morte em 1920 a oposição e o Partido Republicano logo desapareceram (Campos, 1987: 78). O que ainda restava de oposição - a figura de Gonzaga Javme - aderiu ao caiadismo, garantindo seu filho, Tullo Hostílio, como Deputado Federal. O único partido existente em Goiás, no período, foi o Partido Democrata.

Segundo Ana Lúcia Silva,

"a conciliação a nível estadual refletiu-se a nível municipal, pois acordos semelhantes foram celebrados naqueles municípios que estavam dilacerados por divergências internas" (Silva, 1982: 68)

A reorganização dos círculos eleitorais em 1916, com a sua redução para metade do número fez com que a centralização da indicação e eleição dos cargos pelo partido governista fosse garantidas em função do sistema eleitoral vigente (Campos, 1987:81).

¹² IA.ni Sfcoudis a.,ida -5 «torius professo^-. ■*> «»nmadav Sepado o JonuL . feu 0 moompfet,

A sustentação do caiadismo se deu por meio da articulação das forças acumuladas pelos chefes políticos de Goiãs, Mortinhos e Porto Nacional, estratégicas para a economia do Estado, sob controle de Totó Caiado e outros da Comissão Executiva do Partido Democrata. Na administração, nas palavras de Joaquim Rosa "Vê-se Caiado fazendo Presidentes do Estado e os presidentes fazendo o que o mestre mandava." ' Essa hegemonia também se garantiu pela retomada da distribuição dos postos - chave das coletorias de renda entre os políticos, interrompendo a política de Xavier de Almeida de acabar com a "prática de condescendência." ¹

Algumas questões que se estabeleceram neste período devem ser resgatadas. A Coluna Caiado, ou "Camisa Vermelha", é unta delas. Organizada, como já se pôde ver escreveu, no processo de preparação da Revolução de 1909, era constituída por homens cedidos pelos chefes políticos das cidades do interior, e uniformizados pelo uso da camisa vermelha ou por um lenço vermelho. Ederval Caiado contou-nos, em entrevista, que seu pai Totó Caiado encomendou pessoalmente as 500 camisas que uniformizaram a coluna.¹⁵ A outra intervenção desta coluna foi durante a passagem da coluna Prestes por Goiãs, quando, novamente, ementaram-se homens. " Houve, na ocasião da Revolução de 1930, uma tentativa

¹³ Joaquim Rosa " Caiadismo e Lndoviqnismo" jornal *Opção*. 18/01/76.

¹⁴ CAMPOS. Francisco Itami *O Coronelismo em Goiás*. Ed CEGRAF. 1987. Goiânia.

¹⁵ Ederval Caiado Entrevista em 30.11.95. Anápolis.

¹⁶ "A cohma penetrou em Goiás (...) J niiveiral a policia estadual só os perseguirá no rastro, para se

annnais cansado» qu. abandona\ maranhão e Piauí, penetra novamente em Cioiás. agora pela região
nort.TT, * /,0nia> 40 gO*12,1,0 C ^ A . ao norte, passa pelo planalto central até chegar à planície goiana, saindo
> a 21 de agosto de 1926 Atr\ essa ci a Mato Qrosso rumo ao exílio, a 15 de outubro deste mesmo ano
r *>.**** <maTT * . . » Mineiro -, „ 3» - coro .
mi a íSS^a trajelóna do flanco principal, o „„-mal- também agiram em vários pontos do Estado, incorporando
"***>dedesviar as f o r , a s b e n u x d e s c a s d o e S m p l o . e n t r o u na cidade de Jata, a iTjaneiro
de IQT ^defendendo idéia.» anti-gcAeroamentai» jjns ^e fevereiro, depois de uma atividade intensa na região,
n!'' ' ,endo Passado P*TM Mato-Grosso somen e maCHADO, Mana Cristina Teixeira Pedro Ludovico
Penney, de vános combates com as forças que o perseguiram.

de reorganizá-la para resistir no poder, mas já não havia condições políticas de executar tal projeto, em função das dimensões nacionais do movimento. Anos depois, em 1977, os "Camisas Vermelhas" foram tema de um debate em Goiás, no jornal *Opção*. Joaquim Rosa afirmou que o Batalhão patriótico dos Camisas Vermelhas era composto de jagunços e bate-paus, a "fina flor dos desordeiros goianos".¹ Francisco de Brito discordou dessa qualificação. Embora reconhecesse que havia entre os Camisas Vermelhas, muitos mercenários, alegou que o Batalhão Patriótico era formado, na sua maioria, "por um corpo de oficiais inferiores do Exército Nacional, amigos e correligionário do Senador Caiado".¹⁸ Sabe-se porém que a força pública estava sob controle absoluto dos Caiado, posto que as promoções por merecimento foram ampliadas para 1/3 do total. (Silva, 1982).

Segundo Maria Beatriz Ribeiro Costa, a passagem da coluna Prestes e a ação dos Camisa Vermelha deram início a expressões de descontentamento quanto a hegemonia do grupo caiadista, especialmente contra Totó Caiado. (Costa, 1994).

Durante o governo de Brasil de Ramos Caiado registrou-se também o ataque das forças estaduais à comunidade Calamita dos Anjos, Santa Dica, em 1925. (Costa, 1994 e Vasconcelos, 1984)

Outra questão central do período foi a que se convencionou chamar de "questão do Judiciário", onde confrontaram-se dois Caiados: Mário Alencastro Caiado e Totó Caiado. Ao longo da construção da hegemonia caiadista, o tronco familiar de Antonio José Caiado (Torquato Ramos Caiado/Antonio Ramos Caiado) sobrepôs-se ao tronco Joaquina Emília Caiado (Maria de Alcântara Alencastro/Mário de Alencastro Caiado). Apesar de Maria de Alcântara ter casado com seu primo-primeiro, Luís Antonio Caiado, filho de Antonio José Caiado, esse tronco vinculou-se aos Alencastro, que não era

Um tempo, um carisma, uma história Goiânia.CEGRAF. 1994. pp 48-49.

¹ Rosa Joaquim. Caiadismo e Ludoviquismo *Jornal Opção* 18/01/76.

¹⁸ Francisco de Brito, *Jornal Opção*. 4/10/1977, Goiânia

considerados plenamente Caiado. O poder político acumulado no Império e na transição para a República por Antonio José Caiado, avô de Mário e Totó, foi transferido e ampliado por Totó Caiado. O início dos problemas é anterior à questão do Judiciário (ocorrida em 1927). Já nos referimos ao fato de que Mário Caiado havia informado o governo estadual da passagem de armas por Piracanjuba, em 1909, destinadas aos homens sob comando de Totó Caiado e Eugênio Jardim, no processo de destituição do grupo Xavier Almeida. Outro episódio acumulou desavenças entre os dois primos. Em 1926, o falecimento da Sr^a Ana Joaquina Gomes Filho impôs a abertura de seu testamento, que indicava três executores, em ordem de prioridade: Antonio Ramos Caiado, Mário D'Alencastro Caiado e Júlio Alencastro. O testamento foi levado a juízo na ausência do testamenteiro n^o 1, que se encontrava no Rio de Janeiro, como Senador da República. O juiz encarregado era Mário Caiado, segundo testamenteiro, que se julgou impedido de atuar, por estar envolvido no caso. Repassou o processo a Jarbas Caiado de Castro, juiz da 2^a Vara Civil, que intimou Mário Caiado a ser o testamenteiro, na ausência do 1^o da lista. Instalou-se o conflito, que redundou na divisão do Tribunal: ficaram quatro juizes contra a posição de Totó Caiado, e apenas um a seu favor. Como escreveu Joaquim Rosa "(...) desse momento em diante o que menos interessava era o testamento." ¹⁹

O confronto ampliou-se, ocupando várias edições do jornal *O Menorcraci*, na defesa de Totó Caiado, enquanto os juizes apresentavam nacionalmente a questão, nos jornais do Rio de Janeiro. O Senador chegou a usar a tribuna do Senado Federal para combater os juizes rebeldes. No começo de 1927, o Tribunal decidiu requerer a intervenção federal em Goiás, sob alegação de falta de condições para o livre funcionamento do Judiciário, desrespeito do Executivo às decisões do Judiciário e dilapidação das terras devolutas do Estado. Esse último argumento se referia-se à

¹⁹ Jornal *Opção* 24/12/1976 e 01 A) 1/1977 pp. 24-25.

aquisição, por preços simbólicos, das fazendas Tesouras e Aricá, por Totó Caiado, com base em lei aprovada durante o governo de Brasil Ramos Caiado. A lei que permitiu tal compra foi revogada assim que se legalizaram as escrituras de Totó Caiado.¹¹

Porém a influência de Totó Caiado a nível nacional, como Senador por Goiás, sustentou as articulações no sentido de impedir a intervenção. Derrotada a intervenção, Totó Caiado ampliou de 5 para 9 o número de desembargadores, garantindo a maioria (5 x 4) a seu favor. A partir de então, Mário Caiado rompeu com o primo Totó, trazendo Jarbas Caiado consigo. Mário Caiado fundou, então, em junho de 1927, o jornal *Voz do Povo*, que sustentou o combate ao grupo caiadista e aglutinou a oposição. Esta contou também com Americano do Brasil e Colemar Natal e Silva, membros da família Caiado por laços de casamento, e com o primo Claro Godoy do mesmo tronco familiar que Mário Caiado.

O governo Alfredo Lopes de Moraes, último antes de 1930, expressou o problema do grupo caiadista em manter a hegemonia, ao mesmo tempo em que demonstram a capacidade de articulação e manobra exercida por Totó Caiado. Por sua pouca expressão, o governo de Alfredo Lopes de Moraes chega a ser quase desconsiderado enquanto uma gestão, ficando essa denominação de último presidente antes de 1930 atribuída à Brasil Caiado. A oposição atacava ferrenhamente a sucessão de membros da família no Executivo. A intenção da situação era lançar Lincoln Caiado de Castro, sobrinho de Totó Caiado, para Presidente do Estado. A oposição ganhou força com a repercussão negativa das violências de Erconwald de Barros, delegado em Rio Verde. -¹ Totó Caiado,

f, a -ji o"? 4). quando era então secretario de terras. Brasil Ramos
"Na gestão de Miguel de Almeida de 1924, fundamentados na lei 725 de 11 de agosto
t*ado. por despachos de 21 de novembro de 1923 e de 1 ^ aprovim#damcn*c | .071 476 hectares de terras à
*923. conceder títulos. que deram a 10.0 81 _ . Vasouras e Aricá Esses títulos de propriedade somente se
margens do rio Araguaia, compreendendo os limites .. SUDrirank k> _se o seu artigo terceiro que estabelecia
x«» posslra* devido. modific^te q« * T««»T
premissas em defesa do património estadual." (Machado IMO.pp« 5.)

²¹ Erconwald de Barros veio para Goiás por intermédio do Ministro da Justiça, que solicitou a Totó Caiado que recebesse, a pedido de um governador nordestino. Era governador Brasil Ramos Caiado, e por ordem de Totó Caiado, Erconwald de Barros assume a delegacia de Ipameri. Depois de cometer muitas "bravuras", para usar os termos de Emival Caiado a se referir ao delegado, Brasil e Totó o transferem para Rio Verde, onde emergia a oposição de Pedro Ludovico e

percebendo o quadro, retirou a indicação de Lincoln Caiado, apresentando a de Alfredo Lopes de Moraes, que mantinha alguma ligação com a oposição, fazendo-a recuar no processo eleitoral. Porém, Em pouco tempo, ficou claro fica explícito que Alfredo Lopes de Moraes não daria nenhum passo que o afastasse do chefe da situação. Egerineu Teixeira o qualificou por isso, como "Alfredo Mole Demais".⁴⁴

O fato é que Alfredo Lopes de Moraes foi indicado por tratar-se de elemento isento de "genes caiadista", nos dizeres de Joaquim Rosa e não integrante da política localizada na cidade de Goiás. Isso levou a oposição a dar um crédito de confiança ao candidato único. Nos discursos feitos durante sua indicação pelo Partido Democrata, após agradecer "a indicação de minha obscura pessoa", Alfredo Lopes de Moraes afirmou: Governarei com nosso Partido, procurando, entretanto, fazer justiça a todos: correligionário, adversários ou indiferentes."²³ Alfredo Moraes não terminou o mandato, empossado-se o vice Humberto Martins Ribeiro, também ligado aos Caiado, que presidiu o Estado até outubro de 1930. Itami Campos, atribui a saída de Lopes de Moraes do executivo estadual em agosto de 1930, a vitória de Júlio Prestes para a presidência do país e a consequente derrota da Aliança Liberal no início de 1930. (1987: 82)

No entanto, estava em curso o processo da Revolução de 1930, que retirou a hegemonia dos Caiado em Goiás. Com a vitória da Aliança Liberal, a Junta Governativa Pedro Ludovico/Emílio Pereira de Almeida derrotou Totó Caiado, que se retirou da capital. Não cabe aqui detalhar esse processo, posto que é bastante conhecido, pois há trabalhos importantes a respeito.¹⁴

sete o Totonho Borges, e onde o novo delegado permanece atuando como já fazia em Ipameri. Nos disse Emival Caiado em entrevista. "Esse Erconwald era um homem baixinho, branco, tenunho 120. quando andava na rua andava ligeiro soldado atrás dele, 'homem atrevidinho' Então lá vai Erconwald para Rio Verde".

²²Rosa. Joaquim "A oligarquia dos Caiado que, houve" in *Jornal Opção* 16 e 22/05/76.

Rosa. Joaquim O Último Presidente da Oligarquia: Alfredo de Moraes. *Jornal Opção* 6 a 12 02 77

^{*4} Ver SIEVA. Ana Lúcia, *A Revolução de 1930 em Goiás* Mimeos. 1982. SP.

1.4. 1930 - 1945 - O ostracismo Político

Com a Revolução de 1930 e a perda da hegemonia política, os Caiado passam a acompanhar a vida política do Estado e do país como derrotados, mas não como extintos.

Neste período, que engloba o primeiro governo de Vargas e o Estado novo, assistimos, a nível nacional a expressão de vários movimentos políticos como a Ação Integralista Brasileira (1932), a Revolução Constitucionalista (1932) e a Ação Libertadora Nacional (1934) e posteriormente a instituição da ditadura varguista.

A expansão capitalista incorpora novas áreas e distribui novas funções. Ao Centro-Oeste estão colocadas tarefas como "a produção de alimentos para os centros dinâmicos do capitalismo, além de possibilitar que os ejaços congestionados no centro-sul fossem aliviados." (Neponuceno, 1994:105). Goiás vive a marcha para o oeste, a construção de Goiânia e a transferência da capital são formas de materialização deste processo de expansão capitalista. "Uma nova capital seria, sobretudo, a imagem do progresso. (Chaul, 1988:80)

"Alta noite do dia 24 de outubro de 1930 o tropel de cavalos riscando em trote largo com suas ferraduras novas apressadamente colocadas, tirando lajedos de Vila-Boa, não chamou a atenção de quase ninguém Reinava a confusão na vetusta cidade, diante das notícias da queda do governo, no Rio de Janeiro Os cavaleiros, o estado-maior do caiadismo, tomavam o rumo da Fazenda Tesouras, de propriedade do suserano deposto"²¹

“ Rosa. Joaquim. *Onça Morta*, in *Jornal Opção* 19 a 25/junho/1977

Assim Joaquim Rosa descreveu a retirada dos Caiados da antiga Vila Boa, após a vitória de Getúlio Vargas. A Junta Governativa assumiu o governo do Estado das mãos de Pinheiro Chagas, mineiro que veio garantir a vitória da Aliança Liberal em Goiás. A hegemonia do grupo caiadista consolidada nos moldes do mandonismo local (Queiroz, 1976), manteve-se enraizado em Goiás, apesar de destituído do poder. Até a metade da década de 20, Antonio Martins Borges, pai de Gercina Borges Teixeira e sogro de Pedro Ludovico a partir de 1918, era um dos principais aliados de Totó Caiado em Rio Verde. Nos anos 20 Antonio Martins Borges aliou-se ao genro e combateu os Caiado. A Revolução de 1930 garantiu a mudança da direção política do Estado. A oposição, através do jornal *Voz do Povo*, ainda não tinha acumulado força para derrotar os Caiado, nem a nível da influência na rede de interesses municipais, nem, muito menos, na capital do Estado. Consta que a indicação de Pedro Ludovico para assumir a Intenentoria do

Estado seguiu-se ao veto do coronel do 6º Batalhão de Caçadores, Antonio Pirinneus de Souza, ao sobrenome Caiado, de Mário." ⁶

Após sua posse, Pedro Ludovico revogou os atos do governo anterior na questão do judiciário, reempossando os desembargadores destituídos e garantindo a governabilidade. Mário Caiado compôs com o governo, sendo eleito deputado federal constituinte em 1934 e, posteriormente, senador, até o início do Estado Novo, quando

o Congresso Nacional foi fechado.

A família Caiado, instalada na Fazenda Tesouras, passou, neste período, pela

«periência de estar do outro lado, na oposição. As mulheres ficaram, inicialmente, no convento das irmãs dominicanas e os homens, na fazenda. A retirada de Totó Caiado, de Ubirajara, seu filho mais velho e dos irmãos teve o objetivo, segundo a família de evitar O "sacrifício de amigos" que poderiam sofrer violências das forças vitoriosas, se vistos em

"Rosa. *Opinão de Mércio*. « < * » " J »TM1 <*>•16 * 22' J "1977

o- ilmival Caiado em entrevista, em 19. U 1 n qs Fndeval Caiado, em entrevista em 30 11.95. Enery Caiado. cm 14.11.95.1-cão Caiado Fúho. cm entrevista em

companhia dos derrotados. A prisão de Totó Caiado e o seu traslado para o Rio de Janeiro, onde ficou preso em regime de prisão domiciliar por dois anos, foram realizados pelo Exército, segundo solicitação de Agnaldo Caiado, militar sediado na capital federal. Havia receio de que, por ocasião da prisão, se criassem fatos para justificar o assassinato do líder derrotado."*

Uma comissão de sindicância, dirigida por Emílio Póvoa, fez detalhada investigação de todos os bens, confiscados, da família. Foram também abertos processos a partir de denúncias cometidas ao longo das décadas de 10 e 20, pelos membros da família. Em todos os processos os membros da família foram absolvidos, sendo-lhes restituídas as propriedades, com parecer da Comissão de Sindicância afirmando a improcedência legal das acusações. Ou seja, segundo o parecer da Comissão, todas as aquisições tinham base legal irrefutável, visto que os títulos de propriedade das fazendas Aricá e Tesouras.

Logo após o retomo de Totó Caiado a Goiás, estourou a Revolução Constitucionalista de 1932, em São Paulo. A reação oligárquica ao governo Getúlio Vargas contou, evidentemente, com o apoio de Totó Caiado em Goiás. Assim pensando, Pedro Ludovico mandou prender, na cidade de Goiás, todos os homens centrais da família, exceto Brasil Ramos Caiado, que estava em Pirou escondido. Nas entrevistas, os familiares afirmaram que Totó, Amulpho, Lincoln, Leão e Ubiraiara foram chamados a prestar depoimento na delegacia e ficaram detidos. Citam, inclusive, a prisão de Emival Caiado, ainda criança, para que confessasse as circunstâncias do pai com os paulistas. Esses acontecimentos são centrais na memória da família e serão tratadas no próximo capítulo.

28
Agnaldo Caiado, primeiro de Totó Caiado, coronel de Infantaria na época da Revolução de 1930. no rio do Sulista foi ajudante de ordens de Goes Monteiro. Filho de Brasil Ramos Caiado e de Maria de Castro e filho de Totó Caiado de 1900. Comandante do Regimento Sampaio, que atuou na guerra de 1932. Foi general, assumiu a chefia da Casa Militar durante a Segunda Guerra Mundial. Foi eleito deputado federal, sendo eleito com o nome de Agnaldo Caiado.

Do ponto de vista da intervenção da família no cenário político, durante o período, é importante ressaltar a articulação das oposições ao governo no chamado "Congresso de Ipameri", realizado em 1934. Compuseram o congresso as forças caiadistas e o grupo político de Domingos Velasco, dando origem à Coligação Libertadora de Goiás. Domingos Velasco era componente do alto comando da Revolução de 1930 em Goiás e compunha, até então, o governo de Pedro Ludovico. Porém, suas pretensões de concorrer à Presidência do Estado não foram aceitas por Pedro Ludovico, levando ao rompimento de Velasco com o governo do Estado. Inimigos políticos transformaram-se, então, em aliados, até as eleições que confirmaram Pedro Ludovico no executivo, em 1934. Após a derrota da Coligação Libertadora, Domingos Velasco retomou a Coligação Libertadora, abandonando a aliança com os Caiado. Posteriormente Velasco aderiu ao Partido Socialista.

Não poderíamos deixar de nos referir ao processo de construção de Goiânia e de transferência da capital, e suas repercussões na vida e na intervenção política da família. A cidade de Goiás permanecia, apesar do novo governo, território caiadista. Para conquistar totalmente o poder, Pedro Ludovico precisava destruir essas bases materiais da influência da família Caiado. A construção da nova capital teve, é claro, implicações não restritas apenas aos interesses e conflitos locais, mas neste trabalho, cabe-nos ressaltar que a mudança da capital cumpriu, entre outros, o papel de consolidar a vitória de Ludovico sobre os Caiado.²⁹ A retirada das escolas, o abandono das estradas, a transferência do centro político de Goiás para Goiânia conseguiram esvaziar a antiga capital, obrigando a família Caiado a buscar alternativas para a intervenção política.

Há que se considerar que Mário Caiado ficou aparentemente neutro na questão da transferência da capital. O jornal *Voz do Povo*, que circulou até 1935, dirigido por Mário, não atacava a idéia de mudança em função de sua articulação política, mas não

²⁹ Ver ChauL Nasr N. Favad *A construção de Goiânia e a transferência da capital*. Cegraf. Goiânia. 1984

desconsiderava seus vínculos locais. Mário pretendeu que a própria antiga capital se transformasse em uma nova cidade, e para isso argumentava desde edições de março de 1931, que se modernizasse a sede do governo "de acordo com nossas possibilidades". Porém, diante da impossibilidade política de resistir ao processo em curso, Mário Caiado admitiria, mais tarde, que apenas considerava a idéia inoportuna e adiável.

Em 1937, com o Estado Novo, Pedro Ludovico estava de tal forma consolidado no poder, apresentava-se como única alternativa de Vargas para a interventoria (Campos, 1985).

1.5 - 1946 - 1964 - A UDN e a retomada da ação política

O fim do Estado Novo e chamada "redemocratização" do país, associou-se a internacionalização da economia em substituição ao nacional-desenvolvimentismo.

"Não obstante a crise da agricultura e o processo de pecuarização da lavoura nas décadas de 40 e 50, a reestruturação da lavoura nas décadas de 40 e 50, a reestruturação do espaço agrícola proporcionou um certo crescimento extensivo da produção em determinadas áreas, como o Mato Grosso e no Sudoeste do Estado. (...) com as transformações econômicas e o crescimento da urbanização em Goiás, a tendência foi incrementar o consumo interno de bens primários, reorientando a produção agrícola." (Borges, 1994:273)

A reabertura da intervenção dos partidos políticos compôs a cena nacional e, em "m deles, estava inscrita a retomada da ação política da família Caiado. Tratava-se da UDN, fundada em 1946 reunindo forças anti-getulistas e criada, a nível estadual, em

Anápolis, em novembro de 1945. Não foi casual seu surgimento em Anápolis. Em função do caráter oposicionista, para lá se transferira a intervenção política da família Caiado, segundo Ederval Caiado:

"Depois de 45, ele voltou, [Totó Caiado] mas, não como candidato Em Goiânia estava impossível, porque a ditadura ainda estava muito recente, tinha muita perseguição Eu e Emival estávamos advogando aqui em Anápolis Fomos fundar a UDN aqui em Anápolis. Ai, veio meu pai, veio César Bastos, Jaies Machado, Zaqueu Crispim, chefes políticos antigos que estavam firmes ainda Foi fundado aqui porque em Goiânia não tinha clima ?

Parte da família havia se instalado em Anápolis, especialmente os filhos do segundo casamento de Totó, que, retomando dos cursos superiores realizados no eixo Rio- São Paulo, iniciaram carreiras de advogados. Montando bancas em Anápolis, norte, e meio-norte do Estado, retomaram a intervenção política na primeira oportunidade que a nova ordem permitiu. Arregimentando aliados, a UDN foi fundada no final de 45, contando com Domingos Velasco como Presidente; Antonio Ramos Caiado figurou como um de seus membros. (Campos, 1985).

Neste período, estiveram na cena política estadual, principalmente Emival Caiado, (deputado estadual e deputado federal), Edeneva] Caiado, Elcvval Caiado, Ubirajara Caiado e Brasil Ramos Caiado, morto em 1958, como prefeito da cidade de Goiás. Domingos Velasco deixou a UDN para compor o PSD, mas manteve a aliança com a UDN nas eleições de dezembro de 1945. Com sua saída, Jaies Machado assumiu a presidência da UDN em Goiás.

O resultado das eleições para governador em 1946 garantiu a vitória do

³⁰ Ederval Caiado Entrevista em 30 11.95. Anápolis

candidato da UDN, Coimbra Bueno, mas a mesma UDN não conseguiu obter a maioria das cadeiras na Assembléia Legislativa. Coimbra Bueno, governou, sob oposição do legislativo. O quadro nacional das eleições presidenciais se definiu com a vitória do PSD, de Eurico Gaspar Dutra, e a derrota do udenista Eduardo Gomes. A indicação de Coimbra Bueno para o pleito se deu em função de alianças estabelecidas com dissidentes do PSD, e do afastamento da candidatura Alfredo Nasser, que passou a concorrer à vaga de senador. Foi uma campanha curta e acirrada e com resultado apertado. Coimbra Bueno (UDN) obteve 50,4%, e José Ludovico de Almeida (PSD), 48,2% dos votos.

A UDN fortaleceu sua estrutura orgânica neste governo, mas o caráter das alianças realizadas contribuiu para descaracterizar a polarização que a fez surgir, em âmbito nacional. Em junho de 1950, Coimbra Bueno desincompatibilizou-se, para candidatar-se a senador e Hosannah Guimarães completou o mandato. (Campos, 1985)

Para as eleições de 1950, candidataram-se Pedro Ludovico, pela aliança PSD/PTB, e Altamiro Moura Pacheco (UDN/PSP/PR/PTN/PRP), com a vitória do primeiro, com 60%, contra 40%, dos votos. (Campos, 1985). A violência marcou essa gestão, especialmente quando do assassinato do jornalista Haroldo Gurgel, opositorista, em agosto de 1953.

A essa altura, a intervenção central da família se dava através de Emival Caiado, deputado estadual e posteriormente deputado federal mais votado (27.263 votos).

Nas eleições para o executivo, em 1954, Juca Ludovico (José Lucodvico de Almeida) PSD/PTB sagrou-se vitorioso, com 50,3% dos votos, contra 49,7%, obtidos por Galeno Paranhos (UDN/PSP).

Sobre o processo eleitoral, Emival Caiado afirmou que Galeno Paranhos foi vitorioso, mas que a anulação de mais de 12 mil votos do interior e a realização de eleições suplementares garantiram a vitória da UDN. Segundo ele, na entrevista já citada: "Então, se quando a gente perde, tá perdido e quando ganha não leva, então isso não é democracia. Então eu vou conspirar na área militar . Era a aproximação que garantiria

papel de destaque para a família, após 1964.

Nas eleições de 1958, confrontam-se novamente PSD/PTB e UDN/PSD, com a vitória da situação, com José Feliciano (52,0%) e a derrota de Cunha Bastos (39,5%), pela oposição. Por fim, em 1960, Mauro Borges (PSD/PTB) ganhou as eleições. Nas eleições legislativas, UDN/PSP elegeram 4 deputados federais, entre os quais, Emival Caiado, e 9 deputados estaduais, entre os quais Elcyval Caiado.

Durante todo o período em que estiveram na oposição, os Caiado, especialmente, pela atuação de Emival Caiado, travaram fogo cerrado contra Pedro Ludovico. Os Anais da Assembléia Legislativa registram este enfrentamento. Também Ederval Caiado, nos deu sua versão do problema:

"Emival, quando foi deputado estadual a primeira vez, brigava todo dia na Assembléia, porque aqueles jagunços do Pedro Ludovico acompanhava ele todo dia, de noite, de carro, atrás dele Mata, não mata. Tinha que sair para ir lá dar garantia para o Emival falar, eu e outro irmão Ubirajara ajudou muito nesta parte de segurança Eles respeitavam muito o Ubirajara Queriam mesmo é matar o Emival Atiraram no Wilmar Guimarães " ³¹

Segundo o próprio Emival Caiado, Ubirajara, seu irmão mais velho e grande empresário rural na região de Santa Bárbara, dispunha um contingente de mais de 400 homens prontos para entrar na cidade, caso alguma coisa ocorresse a Emival ou a outro membro da família.³¹

Emival Caiado também atuou na construção de Brasília e na transferência da

³¹Ederval Caiado. Entrevista em 30.11.95. em Anápolis.

³² Emival Ramos Caiado, Entrevista em 19.10.95. em Anápolis

capital federal para o centro-oeste, aliando-se a Juscelino Kubistcheck, presidente da República pelo PSD e ganhando setores do partido em que atuava para sua proposta, mesmo considerando que a grande figura nacional da UDN era então Carlos Lacerda, carioca que não pretendia permitir a mudança da capital.

Elaborou projeto de emenda ao regimento interno, criando a Comissão Especial da Mudança da Capital, extinta no regimento anterior. Diante da disputa entre Goiás e Minas para indicar o Presidente da Comissão, (ambos os Estados pleiteavam sediar a nova capital), Emival Caiado articulou Pereira da Silva, do Amazonas, para presidente da Comissão.

Assumindo a elaboração do projeto de criação do que veio a ser a Novacap, confrontou-se com a direção da UDN, o que se acirrou com a elaboração posterior do Projeto marcando a data da mudança da capital. Formou o Bloco Parlamentar Mudancista. Aliou-se a JK para garantir a vitória dos projetos, ao mesmo tempo em que se articulou com Carlos Lacerda, alertando-o para a possibilidade de candidatar-se ao governo do que seria o Estado da Guanabara, com a mudança da capital. Segundo Francisco de Brito, o fato de os membros da família serem proprietários de terra na região foi determinante para o envolvimento de Emival na questão de Brasília.

Sem dúvida, essa deve ter influenciado, mas, não se pode ignorar a dimensão dos espaços políticos que a proximidade com o poder central traria à Goiás e à família. Cargos políticos, contatos nacionais ampliados, recursos e infra-estrutura mais acessíveis fortaleceriam os interesses na construção de Brasília.

Em síntese, a UDN, partido conservador de base rural, foi o endereço certo da intervenção da família Caiado, entre 1945 e 1964. Foi o espaço em que se arregimentaram as antigas áreas de influência das gerações anteriores e se consolidou a Participação da nova geração, que se ampliará significativamente após o golpe militar de

*5 *Jornal Opção*. 30.10 a 5.11.1994

1964. Ao se referirem ao período anterior (1930/1945), os Caiado utilizam a qualificação de "ditadura". Porém não mantêm a expressão para o período 1964/1982, qualificado de "Revolução", demonstrando sua total afinidade política com o regime militar.

1-6. 1964/1982 - os Caiado e o Regime Militar

A solução militar aplicada à crise de hegemonia que se instalou no Brasil desde o final dos anos 50, consolidou-se em Goiás com a deposição do governador Mauro Borges, em 26 de novembro de 1964. O Marechal Ribas Jr. foi indicado para governar após a rápida passagem do General Meira Matos pelo governo do Estado. (Souza, 1990)

A reformulação partidária expressou, na Arena e no MDB, a aglutinação em tomo do apoio ou não ao governo militar. "De certa forma" observa Pedro Célio Borges, "esses blocos prosseguem as aglutinações experimentadas na Frente Parlamentar Nacionalista (FPN) e Ação Democrática parlamentar (ADP), no início dos anos 60. A FPN tinha tendência progressista reformista (...) e a ADP alinhava a representação conservadora no Congresso, em oposição à FPN e ao Presidente." (Borges, 1988)

Favoráveis ao governo militar, estavam Emival Caiado, fales Machado (UDN), Alfredo Nasser e Juca Ludovico (PSP), Gerson Castro Costa, Benedito Vaz e Anísio Rocha (PSD). Mas, dentro desse bloco, residiam divergências quanto à condução política do processo e as tarefas do governo militar, que expressava as divergências nacionais: de um lado, a Escola Superior de Guerra (conhecida como "Sorbone"), associada à priorização de internacionalização da economia, e, de outro, a tendência que se convencionou chamar "linha-dura", que priorizava o combate aos movimentos sociais. Sem nos alongarmos neste ponto, há que mencionar a aproximação de Emival Caiado com a "linha dura", inclusive pelas relações travadas com o Cel. Danilo Cunha, representante deste setor, ao longo do regime militar. Dalva Souza observa que a

intervenção em Goiás, para deposição de Mauro Borges, foi decisiva para firmar a "linha-dura", porque derrotou o legalismo de Castello Branco, antecipando a disputa da sucessão e endurecendo o regime, ao mesmo tempo que atacava a Escola Superior de Guerra. Outra vez, a intervenção política da família Caiado: Em 64, o Emival é que arranhou a intervenção em Goiás. Ele tinha o Diário do Oeste, fez campanha mostrando que Mauro Borges era comunista" ⁴

René Armand Drèifuss, ao levantar os documentos do IPES, localizou a lista feita pelo Cel. Hemani DÁguiar dos civis que participaram da conspiração de 1964; nela estão citados os nomes de Alfredo Nasser e Emival Caiado. (Drèifuss, 1981. p.402)

Além do papel destacado de Emival Caiado no período, com mandatos de deputado federal e senador em 1970, também estiveram presentes na vida política estadual, e as vezes nacional, os seguintes membros da família, conforme o quadro a seguir.

QUADRO III

A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DA FAMÍLIA CAIADO DURANTE A DITADURA: 1964 -1982

NOME	CARGO i
Elcyval Caiado	3 vezes Dep. Estadual 1 vez Dep Federal !
Leão di Ramos Caiado Filbo	Dirigente da UDN estadual !
Ibsem Henrique de Castro	Dep. Estadual e Sec. da Fazenda (Gov. Leonino Caiado)
Brasílio Ramos Caiado	Dep. Estadual. Dep. Federal. Sec. De Estado (Gov. Leonino Caiado)
Leonino Ramos Caiado	Presidente do IPLAN. Prefeito de Goiânia e Governador do Estado
Cel Itamar Viana	Secretário de Estado (Governo Leonino Caiado) Presidente do BFG.
Sérgio Caiado	3 vezes IXrp Estadual

³⁴ Ederval Caiado, entrevista em 30.11.95. Anápolis

Edenval Caiado não assumiu cargos eletivos ou administrativos, mas atuou como organizador da ação do grupo familiar.

As eleições de 1965, ainda diretas, colocaram Otávio Lage e Emival Caiado na disputa pela indicação da UDN. O interventor Ribas Jr. teria afirmado que a revolução não iria afastar a oligarquia dos Ludovico, para colocarem em seu lugar a dos Caiado.³¹

José Peixoto da Silveira disputou o executivo estadual pelo PSD, mas perdeu a eleição para o udenista Otávio Lage, prefeito de Goianésia e fazendeiro.

Na sucessão a Otávio Lage, em 1970, Emival trabalhou o nome de seu primo Leonino de Ramos Caiado, articulando-se com o militar goiano Manso Neto, cujos antepassados tinham atuado na política ao lado de Totó Caiado. A indicação de Leonino foi referendada pelos militares e Goiás assistiu à chegada de mais um Caiado ao executivo estadual. Isso reforçou o grupo caiadista, que ampliou influência, articulando-se com os militares através de seu cunhado Cel. Itamar Viana.

A sucessão de Leonino Caiado evidenciou as disputas entre o grupo de Otávio Lage e o dos Caiado. A indicação de Irapuan Costa Jr. para governador não reduziu as tensões, e as disputas internas ficaram explícitas.

Entre as três possibilidades: Manoel dos Reis, Irapuan Costa Jr. e Rubem Guerra, Irapuan era quem tinha maior ligação com os militares. Emival Caiado decidiu apoiá-lo, posto que não se viabilizaria a indicação sucessiva de outro membro da família. Depois da posse, Irapuan passou a atacar diretamente os Caiado.

Não é demais lembrar que Irapuan era prefeito de Anápolis quando foi indicado para governador. Anápolis, como se sabe, tomou-se a principal sede da intervenção política da família Caiado em Goiás, após 1930. Ou seja, Anápolis um espaço onde se travaram alianças e que posteriormente transformou-se em base e objeto de disputa de hegemonia política, posto que Irapuan e a família Caiado atuavam na mesma linha política.

³⁵ *O Popular* - 23/mak>/65, citado por Souza. Dalva Maria Op cit

Houve problemas também nas relações políticas entre Leonino e Emival, que não conseguiu que o primo governador garantisse sua indicação para a reeleição ao Senado. Houve muitas implicações neste processo (Borges, 1988) cabendo-nos aqui, apenas, localizar os marcos da ação da família.

Ao governo de Irapuam, sucedeu-se o de Aiy Valadão. Era o momento da retomada dos movimentos sociais na cidade e no campo. A distensão "lenta, segura e gradual iniciada por Geisel seria então transformada em "transição para a democracia", para utilizar os termos elaborados pelo próprio regime para designar a urgente necessidade de conter os avanços da sociedade civil. Uma destas táticas era não indicar militares para a próxima gestão dos governos estaduais. Emival Caiado, como filiado à linha dura do regime militar, iniciou articulações em tomo de Danilo Cunha, Coronel, caso fosse possível um militar, ou Arv Valadão, no caso de um civil, preferencialmente. Nesta conjuntura, Geisel não aprovou a indicação de Danilo; a possibilidade de um Caiado também não seria aceita. A indicação mais provável era a de José de Assis, mas o grupo de Emival/ Otávio Lagd Leonino conseguiu articular com o Gal. Serpa Lobo a indicação de Arv Valadão.

1.7 - 1982 - 1996: A atual Geração

A partir das eleições de 1982, quando Iris Rezende assume o governo do Estado, pelo PMDB, os Caiado têm sua ação política arrefecida no plano eleitoral.

A retomada da ação política mais ostensiva da família após 1982, se deu com a formação da UDR - União Democrática Ruralista - a partir de um grupo de fazendeiros que se reuniram para dar resposta aos processo de ocupação de terra que se generalizaram pelo país. A UDR ficou nacionalmente conhecida por sua ação organizadora na defesa dos latifundiários brasileiros, assumindo a representação de seus interesses no Congresso Nacional, mas, principalmente atuando como grupo pára-militar nos conflitos pela posse

da terra no Brasil".³⁰

Os Caiado estiveram presentes na origem da UDR, com as iniciativas tomadas por Ederval Caiado e seu filho Ronaldo Caiado, que

" () ha tempos articulava a necessidade da criação de um partido politico para a defesa dos proprietários rurais e o combate do avanço dos sem terra e (...) reúne em si a função de porta-voz oficial e principal articulador da entidade." (Simon, 1994: 2)³⁷

A UDR, constituída em 1985 tem sua grande expressão pública durante o Processo da eleição para o Congresso Constituinte, quando Ronaldo Caiado elege-se deputado Federal por Goiás.

A mobilização nacional dirigida por Ronaldo Caiado projetou-o como a grande referência dos

"() setores pecuaristas, que por estarem baseados na produção extensiva, têm grandes áreas de terra como fundamento Mas em tomo da UDR também aglutinaram-se amplos setores dos medios proprietários de terra, integrados ao complexo agro-industrial e aos pecuristas que praticam um agricultura moderna " (Bruno, 1987: 15-6)

A intervenção política da família articulada através da UDR no Congresso

30 I 'tna questão podena ser mai- cíclicall analisada. seria as relações entre os Camisa Vemielba e a UDR
Jr.Tn " *-s devidas prwp<irções no que tange > dilerei^a a cumulação capitalista nos dois momento, temos homens
J^Pinenu^ entre fc/endera em organismos < * ^ oreasmos são dirigidos por Caiado, em momentos
®n.c distantes. eronok>gicamente

37 C nstiano Simon discute a l UDR na 'se ^ njc^trado mtitulada "O campo da UDR". analisando a expansão
2^Jsta no , ^,ntura política do surgimento da l UK. - ua p prática organizativa e o discurso do ideáno que a

constituente e decisiva para a aprovação da criação do Estado do Tocantins que passa a ser dirigido por um antigo aliado, Siqueira Campos. (Simon, 1994: 7)

A projeção de Ronaldo Caiado a nível nacional enquanto representante dos interesses acima citados, é tamanha que ele chega a candidatar-se a Presidente da República pelo PDC, em 1989. Ronaldo Caiado candidatou-se também ao governo de Goiás, em 1994, pelo PFL.

Hoje, a UDR não tem a mesma expressão legal mas, é público o reconhecimento das articulações de proprietários de terra com os mesmos interesses e ações daquela organização. No Congresso Nacional, essa representação se dá através da chamada "Bancada Ruralista" chefiada pelo dep. Federal Pedro Abraão (PTB) membro da família Caiado.

As campanhas eleitorais mundiais de 1996 contam com a presença de membros da família Caiado, como demonstra o quadro sintético. Especialmente, é preciso referir-se ao fato de que Ronaldo Caiado, é o presidente regional do PFL, partido de sustentação do governo federal, ao lado do PSDB. A coligação entre esses partidos em Goiânia, representada pela chapa Nion Albemaz/Maria Valadão e a candidatura de Pedro Canedo em Anápolis, são expressões evidentes e presentes da permanência política da família

família Caiado na cena regional e nacional.

Neste período atuam politicamente, especialmente de forma mais destacada, os seguintes membros da família, conforme o quadro abaixo.

Membros da família, conforme o quadro abaixo.

QUADRO IV
PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DA FAMÍLIA CAIADO: 1982 - 1996

NOME	Função
Ronaldo Caiado	1º - deputado federal e candidato a Presidente da República. e 2º - candidato a governador do Estado e atual Presidente do PFL.

Pedro Canêdo, (genro de V.levval Caiado)	Deputado federal j'
Ibsen I lennque dc Castro	Deputado estadual
Luis Antonio Caiado	F.x-vereador - deputado estadual
Pedro Abrão (casado com Margarida Caiado)	F\ deputado estadual - deputado federal j
Abner C urado	Atual prefeito da cidade de Goiás - PMDB
Fernando Curado	F\ prefeito de Faina, e virtual candidato ao mesmo posto - PMDB p

CAPÍTULO II
POLÍTICA E HISTÓRIA INCORPORADA

RAIZ

**Os pais pnios-imiãos
avos dando-se as mãos
os mesmos bisvós
os mesmos trisavôs
os mesmos tetravôs
a emsma voz
oni mesmo instinto, o mesmo
fero exigente amor
crucificante
crucificado
a mesma insolução
o mesmo não
explodindo eru trovão
ou morrendo calado**

(Carlos Drummond de Andrade)

Considerada a trajetória política da família, iremos trabalhar aqui as relações entre permanência política e história incorporada, que se apresentam na questão da vocação, da tradição da memória e das práticas política.

1 POLÍTICA e VOCAÇÃO POLÍTICA

Ao longo das entrevistas realizadas, perguntamos, logo no início da conversa, se o ««revistado gostava de política e a que atribuía a longa intervenção política da família no Estado e no Brasil. **Observemos** algumas respostas.

"É uma questão de vocação mesmo Porque a gente sempre teve interesse social, de amigos, sempre interesse dos outros Dos Caiado que eu conheço, nenhum entrou para fazer política para si Entra e sai, entra e sai, para continuar essa tradição que temos."¹

"Em primeiro lugar eu quero dizer que há um traço, por assim dizer, genético, que a família Caiado tem, uma tendência para política É ... uma vocação... de servir ... e também, talvez, de vontade de se projetar, como um dom inato de qualquer pessoa humana Então, em várias gerações com essa vocação política, sempre aparece um membro da família que se destaca nesse sentido () Aíora essa continuidade também deve ser em função do bom exemplo que os políticos da família tem deixado."

Temos também uma explicação quase genética para a afinidade da família com

^a prática política, como sintetizam as citações que se seguem.

"Isso tá no sangue

"Parece que é de pai para filho, um problema atávico."⁴

„ Q_{avô} dele foi político. Acredito que isso que meu pai dizia

Edenval Caiado Entrevista citada

Emival Caiado Entrevista citada

Iraccnia Caiado, entrevista em 13.10.95 Cioiânia

Elcyval Caiado Entrevista citado

vinha do outro, vem no sangue "

"... É desde pequeno, corre no sangue da gente, a política ^{H0}

Essas e outras explicações tem como eixo central a idéia de que a política está no sangue e é uma vocação inata nos membros da família. Aqui, podemos recorrer ao conceito de vocação (luterana), discutido por Max Weber em "*A ética Protestante e o espírito do capitalismo*". A vocação, considerada com plano de vida e expressa na valorização do trabalho cotidiano secular, é a maneira aceitável de viver para Deus. O cumprimento das tarefas seculares por sua posição no mundo é sua vocação. Não cumpri-la é, então, uma atitude egoísta. (1981:57)

Essa é também uma idéia subjacente facilmente colhida nas entrevistas citadas.

Ao se referir ao caráter genético da vocação política o que a família faz e reafirmar Permanência e a transmissão de um determinado conhecimento de geração a geração que Pertence só ao grupo, que foi acumulado por este.

Apesar de a família insistir numa certa naturalização do conhecimento e da Prática política, a história política da família é unta construção, -produção de uma aquisição histórica que permite a apropriação do adquirido histórico.' (Bourdieu, 1989. P 83) Não há uma vocação que não possa ser conceituada como domínio de regras que Permitem a reprodução da prática política ao longo das g ç

Pierre Bourdieu, diferenciando dois estados da história, presentes em toda ação

'histórica, conceitua história incorporada enquanto atitude assumida e ativada pelo

Sujeito.

A intervenção política da família Caiado está inscrita, objetivamente, em nomes

Eky Caiado Entrevista citada

⁶ Brasibcc Caiado EatrcvisU citada

de ruas, hospital, documentos, trabalhos acadêmicos, etc. Mas, não é isso, ou apenas isso, que compõe a história da família. Ademais, não é o registro histórico que sozinho, impulsiona a ação política e nessa relação é que se tramam as redes entre história e memória. Há uma relação dialética entre história objetivada e história incorporada. Aqui, chamamos atenção para o papel da história incorporada nos membros da própria família, que articulada à história objetiva, contribuiu para o que tomamos possível a continuidade, permanência política.

A história objetivada isoladamente, não garante ação histórica. Exemplo disso são famílias que tiveram papel significativo na política estadual, em tempos passados, e não sobreviveram politicamente, até nossos dias. Mesmo sem detalhar os motivos que promoveram essa sobrevivência (pois não é objeto deste trabalho), podemos exemplificar com o caso da família Bulhões, cuja intervenção política registrada, objetivada em documentos, livros e mesmo no nome de uma cidade do interior do Estado, entretanto, não há Bulhões intervindo hoje na política estadual, e há tempos mudou a direção política do Estado em 1930, desbancando os próprios membros da família Caiado transferiu a capital do Estado (inclusive para romper com essa hegemonia), tem museu no centro de Goiânia (organizado de forma que o visitante reproduza a concepção do herói Rui Barbosa); nada disso, entretanto, garantiu a sobrevivência até o presente da intervenção política da família Ludovico após a morte de seu dirigente maior, nem mesmo a eleição do filho Mauro Borges como Governador e Senador, e de mais alguns membros em postos eletivos locais e estaduais.

Tanto os Bulhões quanto os Ludovico produziram, certamente, posições ou que poderiam tomar história incorporada, caso constituíssem também novos agentes e que esses se qualificassem para assumir a atitude, a permanência política. Não cabe aqui alongar a discussão sobre os processos de formação da história incorporada de outros

grupos familiares pois não passaria de suposições ou de explicações unilaterais que não seriam consequentes, um estudo comparativo entre grupos familiares nas elites dominantes goianas ou mesmo nacionais seria uma significativa contribuição para explicar muitas questões ainda sem respostas da história política.

A história incorporada não se constituiu apenas para tratar uma longa duração e não se limita a explicação da permanência política. "Por implicar numa referência prática ao porvir implicado no passado do qual é o produto, o *habitus* temporaliza-se no próprio ato pelo qual se realiza." (Bourdieu, 1996: 161) A partir do conceito de *habitus*, Bourdieu discute a linguagem, a altura, a rejeição o consumo, a opinião política etc. Ou seja, a noção de temporalidade como a requerida na discussão da permanência política não é condicionante de história incorporada mas, em se tratando de tal tema, o emprego de tais conceitos nos parecem decisivo. O *habitus*, enquanto esquema classificatório. Princípios de classe e princípios de «são (Bourdieu, 1996.22) contribui para a explicação da permanência de um e não permanência de outros grupos familiares.

No entanto, a família Caiado permanece em cena, como se viu no capítulo anterior, reeditando sua **intervenção** do Império aos nossos dias. Ocorre que a história incorporada é a garantia da ação histórica, é o que permite à história objetivada transformar-se em história social. É preciso, portanto, tanto o **habitus** como patrimônio político incorporado, quanto o corçx,. para que ele reative sua ação, para que se concretize atualização da história. A família Caiado construiu um conjunto de elementos que deram supõe a essa **incorporação** e que são constitutivos de sua história. Ao mesmo

tempo, isso se materializa em nova ação histórica, pois produz novos agentes (novas ações de políticos) que, atribuídos aos investimentos anteriores, são dados a interessar-se pelo seu funcionamento e dotados das aptidões necessárias para a por a funcionar - (Bourdieu. 1989, p. 13) A história incorporada cria, então, elementos para

Par.: Sentir essa sobrevivência de história objetivada como história ativa. A idéia de vocação desses elementos.

Assim é que, ao se referir à sua "vocalção" política como sendo uma questão genética ("Está no sangue") a família se toma sujeito e objeto da história. Para que assim se estabeleça, é preciso que práticas objetivas se transformem em história incorporada em membros das sucessivas gerações, para que, novamente, e permanentemente, essas Práticas se ativem em ação histórica.

O "bom exemplo" citado como um dos componentes dessa história incorporada, como um patrimônio que avaliza as gerações seguintes, e, ao mesmo tempo, como capital Político acumulado, é tarefa que se deve cumprir. É um modelo a se perpetuar, colocado de geração para geração.

Os casos citados de Bulhões e Ludovico não foram constituídos por pessoas, por Políticos com menos disposição, menos inteligência, menos interesse em acumular poder e mesmo, com menos recursos materiais. Não se trata do esforço de um grupo familiar contrapondo-se à ausência de esforço de outro grupo. Ocorre que a relação entre história objetivada e história incorporada na ação política da família Caiado constituiu-se de um Ajunto de elementos, referentes à formação (educação, profissão, propriedade da terra, Porte físico, etc.), das técnicas de intervenção política (Executivo, Legislativo, Judiciário, Por exemplo), e da reconstrução da memória, que, juntos e interrelacionados, compõem o *habitus*. Esse *habitus* incorpora-se, sucessivamente, a novos agentes que estão aptos à atividade política. Citando Bourdieu:

"lontze de ser o produto de um processo mecânico, a reprodução da estrutura só se realiza com a colaboração de agentes que incorporam a necessidade sob forma de *habitus* e que são ainda produtores ainda que sejam consciente ou inconscientemente reprodutores " (1996: 161)

É importante ressaltar *que* essa história incorporada não se realiza apenas no

âmbito da família. Também são incorporados os aliados políticos, os eleitores que lhe dão sustentação e os inimigos políticos. Os aliados políticos, na medida em que reconhecem os membros da família como líderes natos, compõem esse quadro necessário à Permanência política. Totó Caiado é citado no Jornal *"O Democrata"* insistentemente como "nosso grande líder", "líder máximo" e "chefe maior". Esse linguajar fazia parte do período, e também assim é que eram tratados os líderes da oposição no *Voz do Povo*. Mas o fato é que isso se reedita até nossos dias. A exemplo, disso a fala de Elcyval Caiado é ilustrativa:

"E nós nunca fizemos politica de querer passar na frente dos outros. Ao contrário, sempre fazia com que tivesse liberdade total e acontecia que a gente ficava sempre para última hora sair candidato. A gente ia lançando os outros, até que eles se reuniam e exigiam que a gente saísse candidato."

O fato é que acabavam (e acabam sempre lançando-se candidatos ou lançando alguém que corresponda a seus interesses. Isso revela na estratégia política e não em acaso, como poderia se pensar a partir do discurso.

Os eleitores também ativam a ação política através desta história incorporada, aliada à história objetivada das relações políticas. A família possui, segundo suas próprias estimativas, 30% dos votos cativos no Estado, independente de qual é o Caiado candidato. Isso cotresponde a dados reais, por exemplo, com a porcentagem de votos de Ronaldo Caiado nas eleições para governador em 1994. Ou seja, esse patrimônio político acumulado é incorporado pela família e transferido, ou melhor, reativado, sempre que a

⁷ Elcyval Caiado. Entrevista citatada.

necessidade o impõe.⁸ E vale lembrar que essa reativação do capital político acumulado se dá não de forma mecânica e sim contextualizada. Isso corresponde a dizer que as Pessoas que se dispuseram a trabalhar em 1994 para eleger Ronaldo Caiado governador, o fizeram argumentando no confronto com o então candidato do PMDB, considerando os elementos daquela conjuntura.

A história objetivada da família lhe dá sustentação, é claro. Mas para saber lidar com uma conjuntura específica não basta citar os "feitos antigos" ou o "passado glorioso" familiar.⁹ Essa é uma memória reconstruída permanentemente, com base nos recursos da história incorporada, nas atitudes conceituais que envolvem a família. Assim é que se expressa Luis Antônio Caiado, deputado estadual, evidenciando o que se expôs:

"O nome da família Caiado influencia muito A família tem o voto do pessoal que sempre votou nos outros parentes nossos que foram candidatos (...) Então esse Pessoal é um pessoal fiel à família Caiado (.) Tem aqueles eleitores antigos, durante a campanha, que chegava em mim mostrando santinhos de outros parentes meus de 1960 A eente encontra gente no interior com nome de parente nosso em homenagem H 10

Ou seja, a história incorporada está sintetizada no nome da família, que interpreta a permanência política como uma atribuição do nome. Isso é uma via de mão dupla, porque na medida em que a família assim se reconhece na aceitação de eleitores,

e políticos de grande expressão mckjmi
 - — .urnos evidenciam também essas dificuldades, podemos
 ® — ~~provida aca processos editorais.~~ Família Tradição e Poder Ed EUFG. 1996 Fortaleza A autora
 9 Sobre isso ver Icmembe. Mana Auxib***. ^ (radiação especialmente pp 87 - 93.
 *na>>'a a produção e a reprodução do poder local a partir
 .0 tare- Antônio Cmaio. enlreviA* 10 9' * GoUn'a

fica ainda mais comprometida com a manutenção deste *habitus*. como veremos ao longo do trabalho, o nome da família sintetiza um conjunto de atitudes nem sempre racionalizadas por seus membros, permanentemente reafirmadas.

Outro dado que exemplifica essa incorporação e reativação da ação política como sustentação da permanência política é a avaliação de Brasília Caiado sobre a vida política de seu pai (Brasil di Ramos Caiado) e de seu irmão (Brasílio Ramos Caiado):

^H Todo mundo em Goiás ainda cultua meu pai Eu digo o seguinte, quando ele entrou na política lá em Goiás, o povo quis homenagear meu pai (...) Brasília ganhou prestígio de meu pai na primeira, depois Brasília se fez

Da mesma forma que o exemplo anterior, ao se referir à imagem de seu pai como sendo cultuada pela população, espera-se confirmar a ideia do referencial político acumulado pelo pai e transferido para o filho. Um capital político acumulado por seu filho, que ao mesmo tempo qualifica-se para assumir uma herança política e mais tarde, repassá-la adiante. Foi preciso que Brasília se fizesse, mesmo que tivesse acesso ao capital acumulado por outras gerações. Mas, para a família a explicação ainda assenta-se na ideia de vocação.

Ao se referir a um eleitor de quem não esperava o voto. Emival Caiado demonstrou-se surpreso, ouvindo a seguinte explicação do mesmo eleitor:

^C t' que eu acredito justamente nessa tradição, nesse aperfeiçoamento de geração para geração.¹² -

¹¹ Brasília Caiado Entrevista citada

¹² Emival Caiado Entrevista citada

Demonstrar-se supreso compõe também a afirmação da tradição política da família que teria para o entrevistado uma dimensão ainda maior do que a contabilizada P°r ele mesmo. A vocação é tão naturalizada pela família que ela nem se apercebe de sua influência sobre os eleitores. Além disso, a explicação atribuída ao eleitos (a idéia de apereioamento) autoriza, na visão da família, a permanência política de uma vocação, segundo sua ótica, bem aproveitada.

A seleção do eleitor a ser referido compõe, é claro, a necessidade de reafirmar a idéia de vocação. Mesmo quando se referem a quem não aceita a vocação atribuída pela família a si mesma, a referência serve não para desaboná-la mas para confirmá-la como inibatível.

Edenval Caiado, de forma extremamente significativa, demonstrou que esta Estória incorporada se apresenta tanto no apoio à família como na sua oposição, o que comprova sua existência;

M Toda vida votaram conosco, (...) então formou aquela tradição caiadista que eles não querem admitir, mas que há Tem gente que não vota. mas tem muito que é nosso Se tiver um Caiado na chapa, seja o que for, vota Tradição não acaba fácil e continua aí."13

Os membros da família também não localizam de forma completa as causas deste apoio. por um lado, ou do combate considerado apriorístico, por outro. Atribuem Ceticamente à tradição e ao bom exemplo deixado pelas gerações antecessoras:

•A gente tem inimigo que a geme não sabe porque é inimigo, e tem também amigo dedicadíssimos que a geme também não sabe porque (/ \) Tpm inimigos gratuitos e também correligionários

Ldcnval Caiado botrevista citada.

gratuitos¹⁴

Não consideramos possível a existência de inimigos ou correligionários gratuitos na vida política proque estaríamos trabalhando com referenciais apriorísticos que absolutizariam o subjetivismo na constituição das relações de poder. As relações políticas constróem afinidades ou divergências que são historicamente explicitadas. As relações entre história objetivada e história incorporada não têm apenas a capacidade de afirmar uma permanência política, mas também podem ser apropriadas por outras intenções e práticas políticas. Ou seja, inimigos políticos não terão a mesma idéia de permanência

política de um determinado grupo com o qual disputam o poder. Os Caiado tem uma relação afirmativa com a sua atitude e sua posição, ao contrário do que fazem seus inimigos, que negam sem poder ignorar sua permanência, atribuída ou não à vocação.

O inimigo político também lida com a relação incorporada e a história objetivada, na medida em que na ação política tem que enfrentar a permanência dos familiares; mesmo quando os Caiado não estão no poder. Por exemplo: Pedro Ludovico, sem bases políticas consolidadas no interior e na antiga capital do Estado, valendo-se do casamento com Dona Gercina, filha do chefe político de Rio Verde, e da emergência da oposição capitaneada por Mário Caiado, assumiu a interventoria do Estado em 1930 e passou a

residir na Cidade de Goiás, sede do governo. A cidade de Goiás, em mais de 50 anos de atividade política dos Caiado, foi a principal sede de sua rede de influências. Ou seja, a Cidade de Goiás é um conjunto de atitudes, objetos e memória que exemplificam a história objetivada na ação política reativada ao longo de gerações. Aliás, como já se disse, o atual prefeito da cidade de Goiás é Abner

¹⁴ Emival Catado tiure\isia ouda

Curado de Castro, sobrinho-neto de Totó Caiado.

Desde o início do século já havia discursos defendendo a mudança da capital do Estado, mas para a região de Aruanã. Essa hipótese foi citada pela família que qualificou a região do Rio Uru, nas proximidades de Itaberaí, como ideal para uma nova capital. Os Próprios Caiado, entretanto reconhecem que na Cidade de Goiás não havia ambiente Para Pedro Ludovico. É óbvio que não queremos reduzir a questão nacional da expansão capitalista à disputa local, mas inclusive sobre isso a família Caiado, em sua versão sobre a construção de Goiânia e a transferência da capital, ironizou a necessidade de Pedro Ludovico esvaziar a cidade de Goiás e o poder político da família.

"O Um continuava muito próximo E naquele tempo, o negócio era Marcha Para o Oeste, e o trem dele foi pro Sul Tudo em contra-senso."¹⁶

>

A noção espada do entrevistado tem a Cidade de Goiás como central, testando Goiânia ao sul. Sua identidade, espacial é centrada na antiga Vila Boa e não tem como referendai o Centro-Sul ou o Sudeste do país. Em relação ao Sudeste Goiás está a Oeste, para onde a expansão capitalista projetou sua "marcha". Goiás já exportava produtos Primários para o sudeste e outras regiões do país, não sendo possível pensar nesta interpretação do entrevistado como «são isoladonista ou atrasada de sua própria atividade econômica, (Chaul, 1995). Os Caiado são pecuaristas desde o século XVIII. O que se disputava era a hegemonia política, que se materializava na representação espacial.

Essa história incorporada, apesar de explidtar-se nos aliados, nos eleitores e nos inimigos políticos, constituiu-se, fundamentalmente, no âmbito da própria família. Foi

¹⁵ Enquanto produzimos este trabalho, novos temas vão surgindo e ficam como tarefas posteriores. Ocorreu-nos a?ora estudar como Pedro Ludovico esta construído na memória da população da cidade de Goiás. Sobre a relação entre tústóna de cidade e históna de família, ver Lemenhe. Mana Auxiliadora op. cit. p. 89

¹⁶ Antonio Ramos Caiado Filho, entrevista em 21 11.95. Goiânia.

"esse campo que ela se organizou para enraizar-se no conjunto da ação política. Foi portanto, nas sucessivas ações políticas construídas pelas gerações da família Caiado, que a história incorporada se consolidou.

O que temos então é uma apropriação explícita e assumida deste capital político acumulado. Porém, como os membros da família não sabem (ou não querem?) explicar as causas da constituição deste capital, atribuem-no à questão genética, naturalizando-se a vocação. Essa contradição é fundamental para compreender a permanência política. Já sabemos que a história objetivada e o *habitus* só se transformam em ação histórica se forem assumidos por agentes cuja história a isso os predispõe. (Bourdieu, 1989: 83) Os Políticos e a ação política do conjunto da família instalaram, então,

"uma relação de pertença e de posse na qual o corpo apropriado pela história se apropria, de maneira absoluta e imediata, das coisas habitadas por essa história. A relação originária como mundo social a que estamos acostumados, quer dizer, para o qual e pelo qual somos feitos, é uma relação de posse, que implica a posse do possuidor por aquilo que possui. Quando a herança se apropriar do herdeiro, como diz Marx, o herdeiro pode apropriar-se da herança " (Bourdieu, 1989:84)

O membro da família somente se habilita para dar continuidade ao trabalho político da família se assume e se deixa assumir pela herança. Não se trata de ação mecânica, não se trata de representação teatralizadas, não se trata de uma imposição formalizada. Apesar de não saber porque, o herdeiro apropriado pela herança fará o que se espera e o que dele ele mesmo espera. Não é intuição, nem está no sangue, não é natural, É história incorporada. "É o morto que apodera-se do vivo." (Bourdieu, 1989: 75)

Como nos diz Leão Caiado "nós não criamos políticos, surge naturalmente da família" ¹⁷

Vejamos como isso foi verbalizado por diferentes membros da família:

"Eu estava assim sem mais nem menos, antes eu nunca pensava em ser político. Ajudei a fundar a UDR jovem em Goiás É uma coisa que vem natural, em você mesmo, uma coisa espontânea O pessoal vai incentivando você, o pessoal precisa mesmo é de liderança (...) mas, explicar assim porque, eu não sei Não tem um porquê (...) Eu tava lá parado, aí tem um estalo, eu pensei: vou ser candidato. Resolvi se e graças a Deus, já tenho duas eleições aí O trem é impressionante ¹⁸

"() Ninguém obriga ninguém a fazer nada Se a gente faz é porque a uente é ciente. A gente faz o que concordou em fazer. Mas, eu acho que na política é como meu pai criou a gente na vida, tem que ser ¹⁹duro.

Esse último entrevistado é o mesmo que nos explicou ter feito a campanha para deputado estadual com base nas indicações pelos tios Emival e Elcyval, e apoiado pelo Ptimo Ronaldo Caiado, então candidato a governador do Estado. Não há que se distinguir entre sua vontade e a imposição da família, pois sua disposição para a ação

Política é ao mesmo tempo produto e produtora desta mesma ação política. Não há

Alternativa para os membros da família senão fazer parte da permanência política.

Ptopondo-se a aumentar o poder político dessa permanência. E preciso ressaltar que, se ^{irvx}Putarmos a essa ação política' uma ação ^{orãr>}mecânica, um mero cumprimento de tarefa,

¹⁷ Leão Caiado Filho Entrevista citada.

^{*2} Luis António Caiado Entrevista citada

¹⁹ Luciano Castro. Entrevista em 4/12/95.

estaremos negando a ação dos novos agentes e sua identidade com a história política da família. Se assim ocorresse, isso comprometeria a sobrevivência e a reativação deste capital Político acumulado. Um exemplo disso: Ercival Caiado, advogado instalado em Anápolis, iniciou sua intervenção política como candidato a deputado estadual e permanecendo, por três legislaturas na Assembléia, posteriormente atuando como deputado federal, passando, segundo ele, por quase todos os postos possíveis no aparelho de Estado. Foram quase duas décadas de vida pública, iniciada como ele afirmou, porque "exigiram que eu também entrasse para a política e saísse candidato." Ou, ainda: "até hoje sou obrigado, na época de Política, a deixar meus afazeres e fazer campanha em Goiás, porque eles me convocam e eu não posso ficar alheio a uma convocação.

Sua expressão ao mencionar isso é a mesma dos candidatos que depois de longas negociações para confirmar sua vaga fazem o discurso de que "atendendo ao pedido dos amigos, vou mais uma vez abrir mão de meus afazeres particulares e me dedicar aos interesses públicos" É também uma expressão de comemoração pelo reconhecimento pelos outros, de sua importância na eleição.

A idéia de que a política é uma tarefa a ser mecanicamente reproduzida aparece por completo quando se observa que quase todos os entrevistados que já saíram da vida pública (se é que saíram), ou pelo menos, que não ocupam cargos ou Mandatos na atualidade, demonstraram total disponibilidade de voltar a atuar na política. Evidentemente, a base agrária da intervenção política no estado ainda é central no jogo de forças, na composição da hegemonia política, mas há novos agentes - a indústrias em expansão como componente da expansão capitalista - com os quais há que se lidar. Isso impõe novas formas de intervenção política, nas quais terão que se condicionar o Capital político acumulado (e expectativa de sua conservação) e necessidade de sua ampliação.

1. Partido Político e Família

Letícia Bicalho Canêdo, discutindo a relação entre parentesco e poder, alerta para o fato de que, de forma equivocada, esta relação tem sido confinada à micro-sociologia, a especificidades locais como demonstração da impossibilidade de que isso se produza numa sociedade moderna (1994: 96). Realmente, dessa forma não é possível explicar como Ronaldo Caiado preside hoje, em Goiás, um dos partidos que dão sustentação ao Projeto neo-liberal (PFL), fundamentado na globalização da economia, apnsionando-o apenas a interesses locais e a uma análise no campo da micro sociologia.

Nasr Chaul traz elementos para a discussão sobre atraso e modernidade em Goiás e podem ser exemplificados pela família Caiado. A manutenção da tradição na modernidade é possível, como atesta a permanência política

Para explicar a relação família/partido político, devemos, como propõe Canedo, tratar o partido como objeto de análise e não instrumento de análise, especialmente quando se trata da permanência política. O dilema arcaico-moderno disfarça a insuficiência de reflexões sobre a instituição dos partidos no Brasil. (Canêdo, 1994, 95)

Com esse referencial é que discutiremos a relação partido político e família, na história da intervenção política dos Caiado em Goiás. Essa intervenção iniciou-se no

Império, num tempo em que nem havia partidos organizados, como já foi exposto. A

instituição dos partidos, no final do Império, não se fundou, prioritariamente, em um

cenário que os conceituassem como liberal ou conservador. A correlação de força

o fundação e a filiação ao partido. Essa

uma lógica presidiu a República Velha, especialmente num Estado agro-pecuário como

Goiás. Como afirmou Emival Caiado.

■rvadora raivada por Barsanufu Gomkks Borges em *Goiás:*

Ver também a discussão sobre

Zação e crise -1920- 1960.

"A máquina estadual era insignificante Quem fazia política era o Partido e não o governo Governo administrava O quê Não tinha dinheiro Não administrava nada "J

E como se sabe, o cerne do Partido Democrata era sua comissão executiva, dirigido por Totó Caiado. Após 1930, a Coligação Libertadora expressou a oposição a Pedro Ludovico, até desaparecer, no Estado Novo. O que os Caiado carregaram consigo, para os panidos aos quais se filiaram ou para os que fundaram, foi o conjunto de aliados que, desde antes, formaram sua área de influência. Foram os mesmos que fundaram em 1945, em Anápolis, a UDN. Posteriormente, Elcvval trabalhou o PDC, toma se seu líder na Assembléia Legislativa. Após 1964, com a instalação do bipartidarismo compulsório, A família se organiza na Arena. Com a chamada "abertura democrática" e o Pluripartidarismo, e, depois, com a Nova República e tempo da UDR, e chegando até nossos dias, temos a família intervindo no PFL (Ronaldo Caiado), PL (Pedro Canedo),

PTB (Pedrinho Abrão) PMDB (Ibsen Henrique de Castro, Abner Curado), para citar

„^ítira na atualidade. Ou seja, houve um
aPenas os políticos da família com express p

Percurso em que o núcleo central da ação política permaneceu se reeditando, alterando-se

A fiação partidária de acordo com a conjuntura e os interesses do grupo político-familiar.

Perguntamos, ao longo das entrevistas, vto c n n ue as pessoas achavam determinante
o que p

a ação política: a família ou o partido po
nnlítico. Observaremos algumas respostas para

P°sterior análise:

"As famílias impunham o Partido".²³

"Aqui em Goiás nós temos dois tipos de eleitores: os que

" Emival Caiado. Entrevista citada

Leohdio Caiado Entrevista citada.

votam em Caiado sem olhar partido, porque gosta da família, e temos os que votam por questão partidária. Mas, o que decide mesmo é esse eleitorado flutuante, que dá pra eleger deputado, mesmo sem Partido. Eu fundei o PDC em Goiás, e saí candidato no outro dia, fui eleito. O povo perguntava Qual é o partido? - É o PDC - Que é PDC? - É Partido Democrata Cristão - Então tá certo."⁴

O que sustentou a ação política não foi o partido, e sim, a família, ela reconhece e verbaliza isso. Para ela, o eleitorado é flutuante em relação ao partido, não em relação à família. Não se teve o partido como projeto a ser construído ao longo do tempo. A família, por outro lado, precisava ser constituída de elementos que lhe garantissem a permanência política. Como nos diz Bordieu, não é possível entender um partido sem observar a história interna dos membros permanentes (Bourdieu, 1989: 95). Parece que estamos caindo em contradição. Dissemos que a família adequou-se à estrutura partidária, e agora apegamos-nos a nenhum partido conceitualmente, enquanto no item anterior afirmamos que a família tem uma certa indignação com a chamada "dança dos partidos", em relação aos arranjos e compra de parlamentares. Mas apenas parece contraditório, pois há uma linha geral de conduta política que orienta a filiação ou mesmo a atitude de um membro da família na estrutura partidária. Ao mesmo tempo, observa-se que, nesse mesmo período, não ocorreram mudanças significativas dentro da família.

Por exemplo, enquanto foi oportuno atuar com os Bulhões os Caiado foram liberais e enquanto foram hegemônicos dirigiram o Partido Democrata.

As alterações se deram muito mais em função de necessidades colocadas pela estrutura do que por compra ou negociação de posição política. Não se abandonava o Partido de oposição para assumir um cargo oferecido pelo partido situacionista e sim

⁴ Elcyval Caiado Entrevista citada

porque o partido foi extinto ou devido a qualquer outra circunstância, independente da vontade do político.

Quando Emival Caiado foi eleito deputado Federal por Goiás e Agnaldo foi eleito senador pelo Rio de Janeiro, Emival comemora duplamente a vitória, mesmo que não consiga explicar para si mesmo as "coisas da política".

"Passei um telegrama para ele Deputado mais votado de Goiás tem o prazer de cumprimentar Senador mais votado do Rio de Janeiro o que é vocação política Até em posições opostas (...) Mas, política tem muita coisa engraçada

Retomando Boudie, temos outra vez a relação entre história objetivada e a história incorporada. A atitude sustenta a posição, ao mesmo tempo em que é por ela Ementada. A atitude política da família é um conceito que dela se faz e que se atribui a cada membro, é a herança que herda o herdeiro, como já se disse. Essa herança conforma-se em um ou outro partido. No dizer de Bourdieu, "a análise descobre uma «Pécie de ajustamento inconsciente entre as posições e atitudes." (1989; 96) Por isso, Prender-se à formalidade do partido, e ignorando que no partido se reativa esse capital Mítico acumulado, não explica a questão. Para Canêdo, tratar assim a relação partido

Mítico/família # trabalhar com uma referência européia de partido. (1994: 96)

Vejamos como as intervenções da família Caiado materializam essa constatação.

„Então, essa gente, podemos estar em qualquer partido, Taiado mesmo É bobagem Esse eleitorado ninguém que vota e no:> v. / 1 Ou ando é o tempo quente de política você recebe toma nao t/ Lrrr, eu tô em tal partido, mas me dá o nome do telefonema toda noid

seu candidato " ²⁶

"Quando ele [Ronaldo] foi candidato a Presidente da República, a gente sabe que ele se lançou não num tempo hábil, mas nós trabalhamos e a cidade de Goiás foi, proporcionalmente, a que deu maior votação para ele. Nós criamos aqui o PSD. Nós criamos em questão de 10 dias o tal do PSD.

O termo "o tal do PSD" expressa notadamente a relação partido e família, neste «*». Além disso, a fala reafirma o campo de influências que se tem como cativo, que é a Cidade de Goiás. O que temos então é a relação entre história incorporada (atitude, família) e história objetivada (posição partido).

Outra evidência desta relação atitude/posição, história incorporada e história objetivada expressa na relação Partido/família é a relação entre Getúlio Vargas e a família. Como se sabe que o que chamamos Revolução de 1930 foi uma reordenação do pacto oligárquico, de maneira a contemplar os novos interesses e agentes políticos e econômicos

<)* despontavam. Não sendo um confronto classista, não se tratou de destruir a base política latifundiária dos Caiado em Goiás, e sim, como h, contemplá-la e considerá-la como um Oponente da nova cena política. Assim, a "hírcra" era entre Pedro Ludovico e os Caiado, P entre Getúlio Vargas e a família destituída do poder político acumulado pela família, por parte de conhecimento implícito do capital p 01M. Getúlio Vargas, com o qual era preciso saber articular-se, ao mesmo tempo em que também reconhecia Pedro Ludovico como alguém que nos projetava desmantelar esse mesmo Capital.

⁶ Elyval Caiado Entrevista citada

²⁷ Brasília Caiado Entrevista em 12.09. nno

"A Revolução de 1930 não triunfou em 4 Estados Goiás foi um deles E todo mundo tem o seu momento e bobagem na vida. e o Getúlio Vargas era amigo de pocker do meu pai Quando veio a Revolução, pai ficou com Washington Luís E mesmo assim ele passou um telegrama pro meu pai aceitar continuar chefiando o político dele aqui Ele não quis" *

Não há registro de documentos como o que foi citado pelo entrevistado e analisando a conjuntura política, essa seria uma situação completamente improvável. Mas é emblemática a referência a um acordo possível por parte da família, com o novo chefe Político nacional, a partir da narração de um convite. Apesar de negado, o suposto convite «* ri é que caracterizou uma projeção política que contemplaria recebê-lo. A negativa é “ma afirmação de fidelidade como princípio político sustentado nas entrevistas.

Por outro lado, o ataque a Pedro Ludovico não permitia meio termo. O projeto

* destruir os Caiado, desenvolvido por Pedro Ludovico a partir de 1930, correspondeu
30 Projeto familiar em vingar-se de Pedro, posteriormente. Foi também nesta ótica que
a família, expressando-se através de Emival Caiado, assim se referiu ao Golpe de 1964, liderando-se, é claro, a afinidade política que se estabeleceu entre sua intervenção e
o S°verno militar.

„A Revolução em Goiás foi muito benéfica e democrática
erira um Estado que não existia democracia, era Goiás,
porque se CAIM« «
() e foi a partir daí, com a queda de Ludovico que surgiu ambiente
de sair íris governador, Santillo o governador. E não a revolução
para goiás teve u
dia porrete na revolução, só bate na revolução, nivela o
Brasil inteiro MS« Á assim Só uma Revolução tiraria o domínio, a
Não e a».

força política de Pedro Ludovico “u

Assim, ocorreu inclusive em gerações diferentes, até nossos dias. Quando da indicação de Leonino Caiado para governador, Emival Caiado deixou isso claro:

"Ja pensou, eu derrubo os Ludovico e ponho um Caiado no governo de Goiás. É uma felicidade muito grande

Isso reforça o cacife do capital político da família, além de materializar a ^ngança.

Toda a família atribuiu, de certa forma, uma vingança sobre Pedro Ludovico à Emival, que fazia a voz parlamentar da família durante os tempos de oposição.

Outro dado neste sentido é que Agnaldo Caiado de Castro, militar que atuou no Governo Getúlio Vargas, em diversas situações articulou junto ao Executivo federal em f^or dos interesses da família, como no episódio do envio do exército para prender Totó Caiado em 1930, por solicitação da família (que temia por sua segurança) e também no episódio da reabertura do Lvceu em Goiás.

Mesmo quando a disputa da hegemonia se deu localmente, envolvendo gmpos ternos da família, como o conflito Totó/Mário Caiado, na Revolução de 1930, o desfecho não deixou dúvidas sobre o papel da atitude sobre a posição. Mário, como componente da família, disputava o capital político acumulado por Antonio José Caiado <seu avó, com o primo Totó Caiado. Ocone que, apesar de vínculos políticos e familiares cnrv, Corn outros grupos, a aliança pelo casamento, emi o pntn embora contabilizasse ganhos era "colocada inferior aos laços consanguíneos.. Assim, o no seu devido lugar", isto é, era considerada miei " político dos Ramos Caiado. Mário era fai*o Alencastro Caiado não tinha o peso político

²⁹ Emival Caiado Entrevista citada

Emival Caiado Entrevista citada

Alencastro Caiado. Totó era Ramos Caiado. Na disputa do capital político, Totó tinha a supremacia. Mário articulou-se como oposição, aliando-se a Ludovico e, já na indicação para interventor, foi preterido, em relação ao recém-chegado Pedro. A história continua ' Chega o momento da transferência da capital. Nas ações-limite, o campo se torna rígido, reduzindo-se a uma instituição totalitária.(Bourdieu. 1989:95) Neste momento o peso da atitude supera o da posição. E a posição para ser coerente, retoma à base real que é a atitude: os Caiado são, para a família, sinónimo de Goiás. O resultado é conhecido: os Ramos Caiado continuaram na cena política, apesar do ostracismo vivido no período

30/45, mas dos Alencastro Caiado não se pode dizer a mesma coisa.

Nesta mesma lógica, temos que Abner Curado, também Caiado, atual prefeito da Cidade de Goiás pelo PMDB, teria tido uma divergência com Ronaldo, a que o levou

^ r.» Nas entrevistas com os membros do tronco ao PMDB (a família não explicita a questão). Nas enucs D. _ , . . Aknor só foram feitas quando induzidas, nunca Ramos Caiado, as referencias a Abner «C r „ o otitnde política ou, como se diz, "o gosto pela espontaneamente. De qualquer forma, a at P ^ „ , p.m seu irmão Fernando, ex*prefeito e atual Política" também está presente em Abner ou em seu mna * „ . _ Abner são Castro Caiado. Como elucidado candidato a prefeito de Faina. Fernando e Abner sau

Bourdieu,

"(...) a luta que sendo *produzida* pelas estruturas constitutivas do *campo*, *reproduz as estruturas e hierarquias* deste (...) *para manterem ou melhorarem* a sua posição no campo contribuindo assim para fazer pesar sobre *todos os outros os constrangimentos, frequentemente vividos como insuportáveis* que *nascem da concorrência* (. ..) A unica liberdade absoluta que o jogo concede é a liberdade de sair do jogo." (1989; 85)

ç Assim é que Dolcy, tia em primeiro grau de Abner e Fernando, nos concedeu ' mas solicitou que esta não fosse gravada, para não aumentar a rivalidade que

existe na família. Ao mesmo tempo, reafirmou a mesma lógica que dá sustentação ao outro tronco familiar, ao dizer que, pra saber como Abner é visto pela cidade, é só Perguntar ao povo o que acham dele, e seria possível constatar sua popularidade e sua vocação para política. ¹

As gerações subseqüentes também assumiram e cumpriram a tarefa moral e política colocada pela família de derrotar o inimigo, que os destituiu do poder. É uma ação consciente, proposital, que é comemorada quando se consolida. Assim, Luís Antonio Caiado, deputado estadual que iniciou a vida política no ambiente da universidade, não se esqueceu da história da família:

"Eu formei em 90, em Direito, lá tinha um sobrinho do Mauro Borges, o Pedrinho, (...) começou um movimento universitário lá. (...) ia ser candidato, ia até concorrer comigo (...). ele não quis ir pra frente não Tem também o Ariovaldo Ludovico, foi candidato a vereador, mas não conseguiu (...) E a família Ludovico. na eleição passada, nem candidato a vereador, deputado, nem nada "³²

Alie-se a isso, a observação de Canêdo que nos mostra que a rivalidade local preserva o poder político. Acirrar a disputa entre dois grandes grupos políticos garante a polarização e a centralização da ação política para os dois grupos em disputa. Evita-se

⁰¹ > a entrada de estranhos que podem disputar a mesma área de influência. P
Canêdo, 1994:6) Manter a disputa no campo do conflito Caiado/Ludovico preservaria F

³¹ *Mcy Caiado de Castro. Entrevista em 13.09.95. Cidade de Goiás.

³² Luís Anímo Caiado Entrevista citada

a ambos.³³

Por último, cumpre analisar a forma como a família se refere aos políticos sem história política familiar, independente de serem aliados, correligionário ou oposição. Essa desqualificação aparece já contra Pedro Ludovico, recém chegado à Rio Verde e com Pretensões ambiciosas para quem "não tinha origem", na ótica da família situacionista:

"O Pedro queria ser deputado federal logo de cara O panido falou que não (...). Primeiro tinha que ter o calo da canga do pescoço, (...) ser soldado raso" ³¹

Entende-se o panido (Democrata) como a hegemonia dos Caiado. Quando foi preciso afimw o partido para dar uma dimensão formal à desqualificação dos projetos políticos

¥« não interessavam, não havia nenhum constrangimento em fazê-lo. Isso para que se

^Pnsse a hierarquia tal como elaborada pelos Caiado, auto intitulados qualificados na

origem.

^ niesmo em relação a Mauro Borges:

-Nossa família tem centenas de anos O Mauro nunca foi muito inteligente, muito vivo, não. Ojnas agora a famrliia dele acabou Parece castigo, é inexplicável

i. . **Sobre isso ver Pinto, Luía Aguiar cosia- u** *... utas de Família no Brasil. VA. INL/MWC, 1980. SP. O autor*
2"« os conflito. entre tamilia. ^{1* 1 "Ç* P} não tem ^ Goiás as mesmas proporções.
^temente. mas nos ajuda a compreender essas r>- a

M
tzierv Caiado LnttevisLa ctLadJ

Idem

Mauro Borges, o representante mais legítimo da sucessão familiar de Pedro Ludovico na política, era, no confronto ao capital político acumulado pelos Caiado (e segundo essa lógica), apenas a 2ª geração frente à centenas de anos de família Caiado. O desaparecimento da família na cena política é atribuído ao juízo moral feito pela família que permanece. Para ela, os vitoriosos de 1930 foram tão ruins que pagam seus atos com a extinção a que equivalente dizer que quem merce, permanece.

A mesma atitude foi observada com a desqualificação de Maguito Vilela, apesar de este haver derrotado Ronaldo nas eleições para governador, em 1994. Perder ou sanhar não destrói automaticamente a força política da família que já havia sofrido outras derrotas eleitorais. A diferença entre eles é a tradição, ou melhor, o patrimônio político acumulado, quando se compara a postura de ambos nos debates pela TV. Sobre Ronaldo: "Você vê que a pessoa tem família, tem origem".³⁶ Ao mesmo tempo, para se referir a postura de Maguito Vilela bastam gestos que o qualificam como inexpressivo.

Como se não bastasse, essa desqualificação também se exemplifica com Correligionários. Todos os cinco governadores de cuja indicação Emival Caiado participou influenciados são qualificados como sendo feitos por ele. E a expressão: "Eu fiz cinco Remadores em Goiás", que quase isola a indicação do jogo do governador de forças em disputa no campo. Não se faz isso por ignorar o jogo. Ao contrário, é a forma de garantir-se nele de forma diferenciada e reeditada.

A indicação para um cargo desta natureza não se dá por vontade individual de ninguém, nem mesmo num processo ditatorial que também se constitui de uma rede de interesses e forças políticas. Isso não diminui a impotência da intenção política de nenhum agente, mas localiza historicamente suas dimensões, ao mesmo tempo que possibilita vislumbrar a concepção de história subjacente. Vejamos como, na narrativa de Emival, se deu o processo de aniculação política para a indicação destes cinco

governadores.

"Quando derrubam o Vargas (...) eu estava em Anápolis Quem estava mandando era o Goes Monteiro e o meu primo Aunaldo de Castro era seu ajudante de ordens (...) O Dario Cardoso era o Presidente do Tribunal de Justiça, estava licenciado, e o meu tio Eládio Amorim estava no exercício da Presidência do Tribunal! Aí eu peguei um avião cargueiro lá em Anápolis e bati para o Rio de Janeiro Cheguei e fechei questão com Aginaldo Pedi ao Aunaldo que, em vez de nomear Dario Cardoso, nomeasse o Eladio Amorim ele achou difícil, mas conseguiu O Fario correu e reassumiu o Tribunal O Presidente do Tribunal era nomeado Aunaldo conseguiu com o Goes Monteiro que o Eladio fosse nomeado Então, o Eladio Amorim era o interventor. Esse o primeiro que eu fiz

Ao se referir a indicação de Dario Lage, o tom de centralização política se

reafirma:

„O Otávio. o Castelo me chamou lá pra não deixar ele ser candidato O Castelo queria aquela dissidência do PSD, do Benedito Vaz de Ipameri e Castro Costa, estava entre esses dois Então eu vetei E deu trabalho danado para eleger, ganhamos por pouco, mas ganhamos"

A indicação de Leonino foi moti

He urna longa narrativa do entrevistado que

ac[ú] apenas sintetizamos:

"Política é a arte do possível. Mas o Leonino prefeito aqui;

diziam que era incompatível () os relatórios do SNI de um lado e de outro, aquela cachorrada toda, um destruindo o outro. O Leonino ficou, ninguém atacando ele, ele não era candidato Um falava que não tinha idade, outro que era incompatível e eu trabalhando o nome de Leonino (...) eu trabalhando por baixo. Cordeiro de Faria, meu amigo, me ajudando (...) fui pegar os colegas do manso Neto: Cel Itamar Viana, meu cunhado, Cel Hélio Perilo Fleury, aquele outro de Formosa (...) Demorou 40 dias para isso frutificar, pra ser nomeado o homem "

Irapuam apareceu como alguém que foi construído politicamente pelos Caiado, "WS depois não honrou a indicação e decidiu trabalhar em raia própria. Observe-se a forma pessoal! com que o entrevistado se refere ao grupo caiadista.

«Terminou o governo Irapuam batendo contra nós Eu falei * Olha Irapuam, você pode bater em todo mundo, menos em nrôn () e ele brigou Bateu nos Caiado para acabar com os Caiado na política, pra fazer a liderança dele Resultado; fiquei na política nessa época só com dois deputados federais: Elcyval, meu irmão e Siqueira Campos, que é cria minha também. E estaduais, Sérgio, meu filho o Ibsem. Mário Cavalcante e o Marinho, filho do Darcy Marinho

À forma com que ele se refere a ^{CPRP} à indicação de Arv Valadão (sua "cria") é ^{emki} ^{ble} ^{mática}. Quando já estava acertada sua ^{ria} ^{na} ^{indicação} com Gal. Figueiredo e Golberv, ^{Emival} "convocou" Arv Valadão para informar-lhe da deosao.

"Eu chamei o Ary Valadão, diz que o bobo tava lá em Anicuns (), ^v [«] [□] - Arv mandei te chamar aqui para te fazer ^e ^{laier}

governador de Goiás

- Não Emival. Já passou da hora, porque você não quis trabalhar pra mim, blá, bla, blá

- Chamei você para ser governador de Goiás, se não quer eu vou fazer outro. (...) Você ta muito bobo ^{Mi}

É o mesmo entrevistado quem finalizou esse assunto.

"A tendência no Brasil é acompanhar pessoa e não partido
Partido não tem grande expressão, não canaliza votação suficiente
para eleger É mais liderança de pessoa ^{«38}

Evidentemente, não se trata de qualquer pessoa, mas do herdeiro herdado do Patrimônio político transformado em atitude em história incorporada

Um outro dado que merece ser analisado é a desqualificação atribuída pela família às atuais formas de se fazer política, u

* referiram à luta pelo poder na atualidade, consideram-na menor, menos interessante

** a disputa, as eleições, a conquista dos postos em tempos anteriores. Segundo a

Wlia, hoje a conupção seria o meio fácil de garantir um campo de influência, sendo a

Mudança de lado garantida pela barganha de beness

Não se trata, aqui, de fazer um levantamento de dados para averiguar se houve ou não atos de corrupção e ou barganha de benesses heneses ao longo da história da família

r. Caiado. O caso da aquisição das fazendas J. Ar; á e Tesouras, através de um dispositivo

^ aprovado durante o govento de Brasil Ramos Caiado, no fina, da República Velha,

* foi aqui registrado. Neste trabalho, a análise desse processo será discutido no capítulo

que trata da relação terra^família^olítica. Obviamente, o fato da família ter dirigido ou composto o grupo dirigente da política estadual ao longo de tanto tempo, promoveu o acesso a mecanismos diversos que permitiram apropriar-se de privilégios, cargos, etc.

Nossa atenção, entretanto, se volta para a avaliação, feita pela família, de que a corrupção como método e que a mudança de posição política em função de negociatas, são formas menores de conquistar espaço na cena política. Resumir essa avaliação a um jogo de palavras colocadas demagogicamente no discurso não explicaria, a nosso ver, a gestão. Vejamos como Elcy Caiado se referiu ao tempo e ao modo de fazer política de seu pai, Totó Caiado.

"Ele não saia falando: 'eu sou transparente' Não A figura dele impunha .Antigamente os políticos queriam era o bem (...) Hoje os políticos são todos ricos.

A resposta está também articulada à idéia de história incorporada, na relação entre o capital político acumulado e a história objetivada, ou seja, na forma em que se realiza a ação histórica, política. Conquistar aliados e dirigir o grupo político e uma ação Política com base no reconhecimento deste capital; é o conceito de liderança "alimentado, de geração para geração. A liderança do exercido do capital político parecia Aportar mais que qualquer outra coisa. É a política do tempo em que "um fio de bigode 'alia mais do que qualquer assinatura"reconsmãda na ação política qualificada enquanto "adicional, portanto merecedora de respeito Essa é a forma de fazer política que, como ^sse Brasília Caiado:

"inflama a gente, roda dentro da gente"*

Elcy Caiado KnüWLSla citada

⁴⁰ Brasília; Caiado Lntrevista cilada

É como se a política "pura, de verdade" fosse, conceitualmente, a que se produz e reproduz no âmbito do capital político acumulado pela família.

É ilustrativa a alegação de que hoje não estão na cena política todos os que gostariam de estar porque, hoje, se precisa de muito dinheiro para ganhar uma eleição, como nos disse Breno Caiado.⁴¹ Seguindo essa mesma linha explicativa, o fato de Ronaldo Caiado ter perdido a eleição para governador em 1994 foi assim analisado por Ernival Caiado:

"O Ronaldo, nas primeiras pesquisas (...) pela vontade livre do povo. ele estava em primeiro lugar E foi em primeiro lugar muito tempo () Se a democracia fosse só aquilo mesmo, a liberdade plena, o Ronaldo hoje era governador do Estado (...) Democracia é uma coisa muito boa. mas (...) pressupõe potencial financeiro hoje em dia "42

Foi recorrente a afirmação de que os Caiado só ficaram ricos quando deixaram a frente da cena política estadual. Aliás, sempre que possível, a família diz que não esqueceu por causa da política, w exemplo do Brasil Caiado, que foi Presidente do Estado, é várias vezes citado:

"Você vê o Brasil Caiado, morreu pobre, vivia da medicina prá comer E foi Presidente do Estado."

A cena política goiana, «o herx como o nacional, ganhou ou qualificou novos bem cu

Breno Caiado Entrevista em 22.11.95, Goiânia

Ernival Caiado Entrevista em 22.11.95, Goiânia

Antonio Ramos Caiado Entrevista em 22.11.95, Goiânia

agentes financiadores com a internacionalização da economia, com o avanço monopolizador do capitalismo, alterando a correlação de forças políticas e financeiras representadas no processo eleitoral. Isso impõe a família que seja capaz de articular-se no novo cenário e isso está sendo realizado com estratégias matrimoniais, como veremos adiante e com adequação do leque de alianças.

Não ignoramos que se houvesse outra base de apoio econômico para sua intervenção política, a família buscaria utilizá-la. Como diz Emival.

"Se houvesse um grupo econômico que me financiasse, eu voltava prá política»⁴⁴

o fato é que isso estaria, também, sendo computado como ampliação do campo e do patrimônio político. O que impede a intervenção mais ostensiva destes ou de novos membros, segundo a família, é o fato de não haver recursos financeiros que banquem as candidaturas. Há muitos candidatos potenciais reconhecidos pela família que poderiam «lar atuando na vida pública e, mesmo, já demonstram que gostanam muno de faze-lo.

Os Bulhões, ao não constituírem novos agentes em condições de assumir e deixar

* assumir pela herança política, inviabilizaram-se, excluíram-se. Os Caiado, para sobreviver na cena política, "não tem outra escolha a não ser lutar para manterem ou melhorarem sua posição no campo". (Burdieu; 1989, 85) As novas exigências da vida Política, como os custos da campanha e a necessidade de ampliar leques de aliança, obrigam agentes desta história incorporada a superarem a mera reprodução, e a tomarem «entes efetivos. Nesse sentido, a responsabilidade que lhes é atribuída é proporcionada

ao investimento oferecido, consolidando a relação entre herdeiro e herança, como

Cf. cada por Marx. Assim se expressou L...is Antonio Caiado, jovem deputado estadual,

⁴⁴ Kniival Caiado Entrevista citada

sobre suas tarefas como ocupante de cargo eletivo:

"Nós que estamos no poder hoje, temos uma responsabilidade muito grande nas costas. Ser honesto, ser digno, ser representante. Nós temos vários anos na política. Então temos que honrar o nome, (...) Agora, no momento, estou tentando desenvolver isso, honrar o nome da família."⁴

O que está incorporado é, além do capital político acumulado, um conceito de política, uma conduta política, pela qual respondem os políticos de cada geração. Ocorre que as formas de se fazer política, sendo historicamente construídas, estão submetidas às conjunturas políticas, aos interesses econômicos hegemônicos em cada processo.

A cada conjuntura política são requisitados todos esses componentes da história incorporada, mas sua utilização exigirá que o agente seja capaz de intervir na cena política específica na qual está inserido. Para tanto, contará, decisivamente com a Memória da família, enquanto componente desta atitude.

*2. História e Memória

O conjunto de referências que os membros da família

membros da família

mentos históricos é componente decisivo da história incorporada. Ao longo de mais

de um século político, a família conviveu com diferentes conjunturas, grupos de

influências e situações, registradas na história e na historiografia regionais.

A própria família interpreta sua exclusão da história, construindo a memória de

Própria história. O que constatamos é que a família considera-se excluída da história

"os estudos e registros realizados até o momento, todos os seus membros são unânimes

⁴⁵ Luis Anlonio Caiado Entrevista

em afirmar que nada existe sobre o período 1909/1930. Justamente quando os Caiado eram hegemônicos Também afirmam que não há registro das perseguições vividas pela família durante o governo de Pedro Ludovico. O que existe, então, seria apenas a unilateralidade da versão de Pedro Ludovico transformada em história oficial. Mais do que constatar a exclusão, os Caiado a interpretam e reivindicam uma revisão

historiográfica. Isso seria necessário para que se considerasse sua versão dos fatos, ou na sua ótica, a inclusão de dados que a história omitiu. O que temos então, é a família construindo a memória de sua própria história. Para que se considere sua versão dos fatos, ou na sua ótica, a inclusão de dados que a história omitiu. Esse "patrimônio histórico" da família foi reproduzido por todas as gerações, atuando como constituinte e, ao mesmo tempo, constituído. Armin chamamos "história incorporada". A defesa da "versão Caiado" da história é feita por todos os seus membros. A sua reafirmação permanente mantém os vínculos entre as gerações, apresentando a necessidade de "reescrever" a história do Estado, ao mesmo tempo que habilita a família a permanecer na cena política.

O que temos então é a memória coletiva da família atuando como herança política, sustentando a ação política presente, quanto história incorporada. Para que fique bem claro, não estamos igualando história e memória coletiva. Se assim se fizesse, esse não seria um trabalho de análise e versão da família, ou melhor, seu "livro de memória" assim como há o registro de outros como a de Pedro Ludovico, em seu livro Memórias". Trabalhamos com os conceitos de memória coletiva e memória trabalho, propostos por M. Hahnbachs. Para ele,

• a memória coletiva é uma corrente de pensamento contínuo de uma continuidade que nada tem de artificial já que retém do passado não aquilo que já está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que mantém " (1990: 81,82)

Isso distingue a memória coletiva da história. A memória coletiva está aprisionada ao grupo que a gera e mantém. Não é artificial, por ser patrimônio adquirido na experiência 'ávida, sendo condicionada pelo que compõe a identidade do grupo.

Os Caiado guardam como memória tudo aquilo que os qualifica, tomando, assim, consciência de sua identidade através dos tempos. (Halbwachs, 1990:87) Isso é fundamental para a construção da atitude, para a constituição da história incorporada. A posição (história objetivada) assumida ao longo da história, transposta para o universo da memória coletiva, transforma-se em atitude em história incorporada. Interessa-nos, neste trabalho, situar quais os momentos históricos e suas versões, na formação do patrimônio político, que estão registrados como capital político acumulado da família.

Considere-se também como referencial a idéia de que "o instrumento decisivamente soriahzador da mernona e a g s líneuagem." (Bosi, 1983:18) Os membros da família fizeram questão absoluta de narra em detalhes nas entrevistas, os fatos que a envolveram em momentos decisivos da vida política d

Halbwachs, ao estabelecer um vínculo decisivo entre a memória da pessoa e a Memória do grupo, não ignora a existência do indivíduo, mas busca a sua relação constitutiva com o social. Marly Motta, dis Prurindo o depoimento de Otávio Gouveia de bulhões alerta para o fato de que as entrevistas de históri

-desatadas das malhas do reducionismo e da simplificação perm.tem
' erceber as margens de liberdade e de constrangimento no
interior dos quais os indivíduos se movem, mas também refletir
sobre os «es da racionalidade do ator histórico." 1994: 69)

Para que se constitua num objeto da história, a memona coleriva precisa entao,

*r analisada nas relações sociais, política, culturais em q itiirais em que se construiu, apreendendo

o indivíduo e o coletivo. Isso porque memória e história conjugando-se também para conferir identidade a quem recorda" (Amado, 1995: 132), ou como escreveu Halbwachs "ê o sujeito que lembra" (1990). Na família Caiado, a história da ação política da família, ^ constitutiva do indivíduo, na medida em que, como já se disse, o morto apodera-se do 'ivo", como condição da permanência política.

Outro conceito de Halbwchs que nos interessa é o de memória-trabalho . A Memória é reconstituída permanentemente pelo conjunto de referências que nos atingem na atualidade, no tempo presente. A seletividade da memória é regida por este tempo. Mão é tal como a vimos em outros tempos. Como escreveu Edéia Bosi, lembrar não é reviver, mas refazer, repensar, com imagens e idéias de hoje as experiências do passado." (1983: 1 7), ou como afirma Hobsbawn, a memória não é um mecanismo de gravação, ^as de seleção que constantemente sofre alterações. (1988. 23)

Nessa medida, lembrar é reconstruir o passado e a própria lembrança. Isso tudo povoa ^ entrevistas que analisaremos a seguir: são exemplos de memória-trabalho e de memória Eletiva como componentes de uma estratégia de permanência política. Segundo M. Pollak,

"a memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, integra-se em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade " (1989. 9)

Os Caiado permanecem na cena política enquanto componentes das elites
também o caráter de estratégia de classe.
ingentes e para tanto, o trato da memória
ões estudando a memória da colonização nas
Dulce Guimarães

comemorações do IV centenário da cidade de São Paulo, observa que apossar-se da memória e do esquecimento é uma das preocupações estratégicas das classes, dos grupos e dos indivíduos que dominaram ou dominam a sociedade. (1994: 133)

Nenhum dos entrevistados negou a idéia de que a família Caiado é uma família tradicional no Estado. Fazem, porém questão de afirmar tradicional não é sinônimo de "conservador", e sim de portador de tradição.

"Acho que nossa família é tradicional, desde que meu pai, meus tios, meu avô vem mexendo com política "4/1

" Não só pela política, mas também pela tradição familiar, aquela educação rígida. muito peculiar da família"4

"Eu acho que a gente pode considerar tradicional porque é uma das mais antigas de Goiás "4S

"Quando nos saímos para fazer política, era uma receptividade muito grande, todo mundo conhecia a tradição da família "4

M^P tradicional pessoas que vem de muitos anos na política em Goiás Desde meu bisavô, Antonio Jose Caiado Tradicionalmente política e familiar também

A expressão "tradição", valorizada anteriormente, está vinculada à memória

46 Bruno Caiado Entrevista em 22.11.95. Goiânia*-

47 Iracema Caiado entrevista em 13.10.95. Goiânia

48 Antonio R Caiado Filho Entrevista citada

49 Iracema Caiado Entrevista citada

50 GCMA Caiado Entrevista em 10.11.95. Goiânia»

coletiva do grupo, em suas relações com o conjunto da sociedade. Ela se sustenta nessa memória coletiva. Para tanto, os elementos mais remotos da intervenção política da família são conhecidos por todos, mesmo que algumas vezes os dados ou datas se confundam. Exemplo disso é que todos os entrevistados citaram os cargos que Antonio José Caiado ocupou ao longo da vida política. O velho senador, como é comumente chamado, viveu no Império e começo da República. Esse foi o primeiro patrimônio político a compor a memória coletiva da família. O selo da taxa judiciária que contém a estampa de Antonio José Caiado foi mencionado frequentemente, estando alguns exemplares dele guardados com Ederval Caiado, um dos mais idosos membros da família. Em todos os casos, houve demonstrativos da importância dessa memória coletiva para a identidade da família e para sua permanência: são fotos dos pais, documentos emoldurados, recortes de jornais, objetos etc. que se vê em qualquer casa da família.

A tradição é um qualificador positivo associado à formação diferenciada, que foi, historicamente, um privilégio da presença da família e também um qualificador diretamente associado à permanência política.

Há dois tipos de situações preferencialmente integrantes da memória coletiva da família. Os feitos vinculados à bravura e a honestidade, e os momentos de perseguição vividos pela família. Em ambas situações, lidamos com a qualificação positiva da família, e a desqualificação do inimigo político.

Assim é que as referências ao processo da Revolução de 1909 são de uma corajosa tomada de poder; é ressaltada a formação do Batalhão das Camisas Vermelhas, que "enfrentou a Coluna Prestes". Já a Revolução de 1930 foi lembrada mais pela existência de família às perseguições, do que por qualquer predicado positivo de Pedro Ludovico. Toda a família defendeu plenamente que a Revolução de 1930 se concretizou em Goiás porque era um movimento nacional, e porque Pinheiro Chagas, de Minas Gerais, veio à Goiás garantir a deposição dos Caiado e a posse da Junta governativa:

coletiva do grupo, em suas relações com o conjunto da sociedade. Ela se sustenta nessa memória coletiva. Para tanto, os elementos mais remotos da intervenção política da família são conhecidos por todos, mesmo que algumas vezes os dados ou datas se confundam. Exemplo disso é que todos os entrevistados citaram os cargos que Antonio José Caiado ocupou ao longo da vida política. O velho senador, como é comumente chamado, viveu no Império e começo da República. Esse foi o primeiro patrimônio político a compor a memória coletiva da família. O selo da taxa judiciária que contém a estampa de Antonio José Caiado foi mencionado frequentemente, estando alguns exemplares dele guardados com Ederval Caiado, um dos mais idosos membros da família. Em todos os casos, houve demonstrativos da importância dessa memória coletiva para a identidade da família e para sua permanência: são fotos dos pais, documentos emoldurados, recortes de jornais, objetos etc. que se vê em qualquer casa da família.

A tradição é um qualificador positivo associado à formação diferenciada, que foi, historicamente, um privilégio da presença da família e também um qualificador diretamente associado à permanência política.

Há dois tipos de situações preferencialmente integrantes da memória coletiva da família. Os feitos vinculados à bravura e a honestidade, e os momentos de perseguição sofridos pela família. Em ambas situações, lidamos com a qualificação positiva da família, e a desqualificação do inimigo político.

Assim é que as referências ao processo da Revolução de 1909 são de uma natureza tomada de poder; é ressaltada a formação do Batalhão das Camisas Vermelhas, "enfrentou a Coluna Prestes". Já a Revolução de 1930 foi lembrada mais pela estenda de família às perseguições, do que por qualquer predicado positivo de Pedro Ludovico. Toda a família defendeu plenamente que a Revolução de 1930 só se concretizou em Goiás porque era um movimento nacional, e porque Pinheiro Chagas, de Minas Gerais, veio à Goiás garantir a deposição de Henosicão dos Caiado e a posse da Junta

temativa:

"A Revolução de 30 em Goiás, não houve Revolução Meu pai, para não sacrificar os amigos, resolveu entregar o governo, mandou os amigos dispersar para entregar o governo à Revolução que tinha ganhado no Brasil todo E Goiás foi o último a entregar o governo"⁵¹

A forma encontrada pela família para desqualificar o opositor foi ignorar o processo de mudança em curso, que incluiu Goiás, inclusive com um projeto de grande envergadura que consubstanciou-se posteriormente na chamada "Marcha para o Oeste".

Até no momento da deposição, quem teria decidido o que fazer foi Totó Caiado, e não a força da oposição que impôs a retirada A entrega do poder a Pinheiro Chagas, político mineiro foi atribuída à total inconsistência da oposição centralizada na Pessoa de Pedro Ludovico:

"O Getúlio mandou alguém receber o governo, porque não tinha a quem entregar o governo, porque não tinha gente de expressão política para receber o governo "

Precisou de uma coluna mineira para vir fazer Revolução em Goiás ^{** 53}

O isolamento dos conflitos locais do processo político nacional foi um recurso

eficaz e que exemplifica a dimensão da necessidade de afirmar a família como

centralizada localmente, e não nacionalmente, esse recurso, ao mesmo tempo em que a

qualifica pra intervenções políticas posteriores, colocando sua deposição como

⁵¹ Anunio Ramue. Caiado filho C*JKU

⁵² I nm al Caiado Entrevista citada

⁵³ L«k» Caiado Fábio líDtrcvista cilada

absolutamente circunstancial. E o que ficou expresso no registro da memória de Ederval Caiado, referindo-se ao período do Estado Novo:

"O Getulio Vargas mandou o Arnaldo entregar o governo de Goiás pro meu pai. Tempos depois da Revolução, o Pedro andou fazendo umas façanhas em Goiás e o Arnaldo servia com o Getulio Vargas. Ele falou vai lá e fala pro seu pai - meu pai não, meu tio Não, é seu pai mesmo. O Getulio bricou com ele lá. Você vai lá e fala para ele que eu quero entregar o governo de Goiás para ele, para ser interventor no lugar do Pedro. Ai ele veio a Goiás: - Olha, o Getulio Vargas quer assim e tal. Meu pai ficou quieto.

A referência que se fez a Pedro Ludovico foi, em primeiro lugar, a de um homem que bebia muito, sendo que seu pai era dono de cabaré em Uberlândia/⁵ Sobre Ludovico, houve algumas narrativas recorrentes na memória coletiva da família. A primeira é que após a tentativa de tomar Rio Verde, em 1930, no processo da Revolução, além de ser registrada como totalmente frustrante é assim descrita.

"Ele [Pedro Ludovico] atacou Rio Verde e no ataque a polícia rechaçou o ataque dele. No outro dia, os meninos saíram para catar cartuxo para brincar então, encontraram um homem. Diziam que tava morto. Então a polícia foi lá, encontrou ele naquele estado deplorável, todo borrado, debaixo de uma lobeira e tava completamente embriagado. Trouxeram para Rio Verde e o povo queria linchar ele porque ele atacou Rio Verde." ⁵⁵

^M Ederval Caiado Entrevista citada

Ederval Caiado entrevista citada

Todos os membros da família contaram essa versão. Ao se referir ao estado em que teriam encontrado Pedro Ludovico, as mulheres mostraram uma expressão de dó e repulsa. Os homens, ao contrário, deram gargalhadas.

Não é preciso alongar-nos muito neste item pois a ostensividade da desqualificação construída pela família do eminente Interventor Federal é óbvia.

Outro episódio envolvendo diretamente Pedro Ludovico, referiu-se à sua prisão em Rio Verde e seu traslado para Goiás. Zaqueu Crispim teria telegrafado para Totó Caiado em Goiás, afirmando que estava difícil controlar o povo que queria linchar Pedro Ludovico. Totó Caiado em mensagem telegráfica, teria proibido qualquer ameaça à vida de Pedro, exigindo que fosse transportado em segurança. Ao chegar a Goiás, a situação já havia se invertido, com a vitória da Revolução. Segundo a família, Pedro Ludovico tinha consciência de que devia a vida a Totó Caiado, por este haver impedido o linchamento do então acuado e amedrontado Pedro.

O mesmo não se diz da prisão de Totó Caiado na fazenda Tesouras, pouco tempo depois, por forças federais. Diante do exército, Totó teria travado o seguinte diálogo com o comandante:

Vocês se rendem, porque senão

- Então pode atirar
- Eu não atiro no senhor porque sei que o senhor é um homem honesto, porque ninguém tem essa coragem que o sr está tendo

Esse diálogo não está registrado em nenhum outro lugar que não na memória da família.

A comparação entre os períodos 1909/1930 e 1930/1945 reflete também esse

v' L. Dery Caiado HntreMsta citada

confronto de memórias coletivas; que passam distantes do acirramento das disputas políticas tanto antes quanto depois de 1930, em Goiás.

"Totó sofreu com o Jornal *Voz do Povo* Jamais houve um jornal com tanto ataque E foi tranquilo sua vida Vamos distinguir jamais houve uma violência contra jornalistas no governo caiadista Não foi empastelado um exemplar em Goiás O unico Estado onde não ocorreu isso.

() Em 1930, todos os criminosos tinham sido processados e condenados. Não houve processo depois de 1930, porque todos já tinham sido presos»⁵⁷

O mesmo não foi dito da conduta de Pedro Ludovico, após 1930. A violência contra jornalistas foi comprovada pelos entrevistados através, das referências ao assassinato de Haroldo Gurgel, durante o governo de Pedro Ludovico e utilizadas como contraponto da liberdade de expressão do período Caiadista. Essa é uma evidência de como a memória construída pela família seleciona não só os fatos mas também a versão dos fatos que a autoriza a permanência política. Por essa versão, os caiados são legalistas e democráticos, estando portanto aptos a continuarem sua trajetória política.

Aí existe outra situação privilegiada pela memória coletiva da família. Todos foram enfáticos em relatar as perseguições pessoais que os familiares viveram sob o governo de Pedro Ludovico. A começar pela total falta de liberdade de expressão:

"Fala-se da época do caiadismo em Goiás como época tenebrosa, mas não era permitido no Estado e no Brasil, qualquer menção honrosa aos Caiados Só podia ser mal falado Muitas pessoas conseguiram cargos no Estado porque atacaram os Caiados no

⁵⁷ IJCíó Caiado Filio EBMvüa citada

jornalismo A primeira vez que pudemos responder a imprensa foi em 29 de outubro de 1945 Antes era proibido.”TM

As marcas da perseguição sofrida pela família são a grande e permanente referência de sua memória coletiva, superando até mesmo as lembranças dos períodos em que estivemos no governo. Todos se referiram a situações de dificuldade material e de perseguição política como uma verdadeira prova de família. A sobrevivência a tudo isso provou, para a família, suas qualidades. Da mesma forma, de\ e comprovar para todos, essas mesmas qualidades. Nesse sentido a memória coletiva atuou como suporte para as adversidades que os familiares vivenciaram, ao longo das lutas políticas.

A começar pela questão da comissão de sindicância, presidida por Emílio Póvoa, desembargador que compôs a Junta Governativa em 1930, ao lado de Mário Caiado e Pedro Ludovico. A comissão foi instalada para verificar todos os atos de Totó Caiado na vida pública e na vida particular, durante o período anterior. As terras de Totó haviam sido confiscadas, assim como todos os bens. Um patrimônio extremamente caro à família, é o fato de a comissão de sindicância nada ter conseguido provar contra Totó Caiado, inclusive quanto ao caso da aquisição das fazendas Aricá e Tesouras, durante o governo de Brasil Caiado. O parecer de Emílio Póvoa, afirmando que:

"() mais alta do que eu, a Comissão de Sindicância, por mais que procurasse, nada encontramos contra a vida pública e particular

o Parecer da Comissão de Sindicância foi recuperado por todos os entrevistados que referiram a esse momento. Referência a um dos chefes políticos da Revolução de 1930 como alguém que abonou a legalidade das ações de um membro da família Caiado é um

«A
Edcnval Caiado entrevista citada

troféu para a história incorporada.

A memória coletiva da família registrou que na década de 30, os Caiado viveram a imposição de sanções não legais, e sim políticas. Toda a narrativa está envolta numa expressão de vitimação. Contam, por que estavam confinados à fazenda, sem poder contratar empregados:

"Não fomos proibidos por decreto de morar em cidade, mas fomos proibidos tacitamente, por coações e ameaças. Tínhamos que morar na fazenda durante quatro anos. Todas as dívidas de camaradas com os Caiado tinham que ser perdoadas. Não podia ter empregados, meeiros, ninguém na fazenda. Alguns apanhavam. Os comerciantes que comprassem materiais de fazenda de Caiado eram imediatamente fiscalizados.

É previsível a repercussão de narrativas deste tipo envolvendo pais, tios ou avós, na formação de uma disposição latente para se lançar à ação política. Em relação ao Caiado, que viveu como criança nesse período, qualificado pela família como de perseguição e sofrimento, recebeu dos parentes e dele mesmo a tarefa, de certa forma, de xingar o sofrimento familiar:

"E muitas vezes a gente é obrigado a assumir uma posição por uma questão de brio. de posição política. A gente é unido a circunstâncias que obrigam a gente a tomar atitude (...) e em vão põe na cabeça dele, que ele da geração nova, teria o apoio. Então, praticamente deixou tudo para cuidar de política." ⁰¹

⁶⁰ Leio Caiado filho Entrevista citada

A expressão "ungido" dá bem a dimensão incorporada da ação política. Emival viveu sua vida política no período exatamente posterior à 1945. Temos nesta expressão de seu primo Leão Caiado Filho, a declaração emblemática de sua "missão" na permanência política da família.

Totó Caiado esteve preso no Rio de Janeiro durante dois anos, após a Revolução de 1930. Neste período a família atuou com a comercialização de gado na região da cidade de Goiás. Há uma narrativa recorrente da perseguição de Pedro Ludovico a essas atividades. Mas reafirmando os laços da família com a população da cidade, contam que amigos realizavam, clandestinamente, as transações. Isso está registrado na memória coletiva da família como demonstração de que a cidade, mesmo sob intervenção de Pedro Ludovico, nunca deixou de ser caiadista; autorizando, inclusive, seu retorno assim que possível:

"O meu pai. o povo de Goiás nunca esqueceu Quinze anos de ostracismo No dia em que convocaram para voltar à política [1945] ele disse que indicava os amigos, e como na família tínhamos elementos de capacidade, os próprios companheiros procuraram nos lançar candidatos.

Totó esteve preso sob palavra, o que significava prisão domiciliar, na casa de sua mãe Terezinha, no Rio de Janeiro. Isso é outro motivo de orgulho, como demonstrativo do respeito do governo Tretúlio Vares à honradez de Totó, que reconhecidamente não fugiria.

* Ao retornarem a Goiás, todos os homens adultos da família foram presos novamente, devido à Revolução Constitucionalista de 1932, à qual os Caiado se juntariam. Novo período de terror registrado na memória dos membros da família,

Ficaram presos e incomunicáveis: Totó, Leão, Amulpho e Ubirajara. Brasil escondeu-se nas casas da cidade, recebendo cobertura de moradores. A narrativa de episódios da prisão dá a dimensão do significado da ideia de perseguição para a família. Estratégias engenhosas utilizadas para burlar a segurança e passar informações aos presos, a repulsa à violação de cartas de família, a doença de Amulpho que quase morreu de uma úlcera na prisão... É dispensável detalhar todos os acontecimentos citados pela família. Aqui, importa-nos ressaltar o fato de que situações como essas, presentes nas narrativas de diversos membros da família, foram repassadas às gerações, como patrimônio acumulado. Os Caiado, nessa memória, resistiram e retomaram à política; por isso, devem e merecem continuar.

Neste sentido, tudo o que se refere aos feitos gloriosos da família e à perseguição descrita, bem como às atitudes e predicados negativos de Pedro Ludovico devem ser, para os Caiado, reescritos, ou melhor, revelados e registrados na história do Estado. Quando se referem à Revolução de 1909, à liberdade de imprensa dada à oposição, através da *Voz do Povo*, ao resultado da comissão de sindicância, à perseguição sofrida nos anos 30 e 40 e à violência de Pedro Ludovico, são unânimes em afirmar: “sobre isso ninguém fala.” Aqui se dá uma inversão na lógica que preside a historiografia, como observa Chaul (1995), a ideia de atraso atribuída à República Velha, na historiografia goiana, comrapõem-se a ideia de progresso e modernidade, associada à Revolução de 1930, e a instrução de Goiânia. Os Caiado fazem o caminho inverso desta interpretação criticada por Chaul quando qualificam o período de sua hegemonia como sendo democrática. Progressista, enquanto Pedro Ludovico se apresentaria como antidemocrático. Emival Cóiado descreve os benefícios dos telégrafos e da estrada de ferro como obras caiadistas.

A força da memória coletiva da família é proporcional ao ressentimento que carregam por verem outra versão registrada como história.

•Se você for ver a literatura, a geografia e a história de Goiás, você

vai ver que tudo aconteceu depois de 1930 prá cá O Estado de Goiás não existia antes de 1930 Nos vemos hoje que tudo isso é um ato proposital Queriam por tudo que nosso nome desaparecesse, que ficássemos pobres, queriam por todos os esforços que ficássemos no ostracismo, que ficássemos com nome marcado de bandidos. Não conseguiram provar nada (. . .). Isso é um galardão da família"⁶³

Combater o senso comum criado em tomo da família é uma exigência para que os Caiado permaneçam na vida política. Eles reconhecem a existência deste senso comum e a cada momento levantam os elementos que consideram capazes de demolir. Essa é uma tarefa de todas as gerações e assim é assumida, a começar pela divulgação do reconhecimento legal de sua inocência.

Quando se referiram às injustas perseguições sofridas pela família, os entrevistados comumente expressaram emoções fortes, não raras chegando às lágrimas. Longe de significar uma elaboração prévia, isso confirma a noção de história incorporada. A família sabe muito bem que a memória é decisiva para sua manutenção, e lamenta o desaparecimento, considerado proposital, das provas que referenciarão sua versão da história. Existem mesmo tentativas de recuperação de documentos. Eneery Caiado referiu-se, por exemplo, ao fato, considerado absurdo, de que cartas assinadas por seu pai (Totó Caiado), estão no museu Pedro Ludovico e não em propriedade da família. "Todos os documentos entre 1909 e 1930 sumiram. Só lembranças."⁶⁴

Para a memória coletiva da família, a história escrita sobre Goiás é parcial e comprometida com Pedro Ludovico:

⁶³ Leão Caiado Filho Entrevista citada

⁶⁴ Idem

"O que não vamos perdoar nunca é a queima, a destruição da história de Goiás (...) Quando nós caímos em 30, nossas casas foram varejadas, nossos escritórios, oficinas jornalísticas empastelados Todos os arquivos de família desapareceram As correspondências de Totó Caiado com Pinheiro Machado, Arthur Bemades, Altino Arantes, Seabra Aciooli (...). A vida política de município por município (...) os diários de Amulpho, Totó Diva, sumiram Há um hiato na história de Goiás

Fica explícito que não reivindicam a revisão da história de Goiás, apenas como uma defesa da memória da família. Ao contrário, reconhecendo o papel da família na história de Goiás, afirmam que a própria história estaria comprometida. A intenção implícita foi a de identificar a história com a memória da família. Halbwachs explica essa relação, pois, "não é na história aprendida, é na história vivida que se apoia nossa memória." (Halbwachs, 1990:60). O mesmo se deu quanto à noção espacial da história da família, associada à cidade de Goiás, contraposta à construção de Goiânia. Assim, reconheceram que Pedro Ludovico podia "fazer o governo dele, mas não precisava destruir Goiás." Ou seja, a cidade, identificada com a família, sofreu a destruição promovida pelo novo dono do poder estabelecido.

Já ocorreram tentativas de escrever a história da família, o que significaria para seus membros, reescrever a história de Goiás. Alfredo Nasser teria sido encarregado pela família a fazer a biografia de Totó Caiado, mas essa obra não chegou a ser escrita. Maria Fleurv, Emival e Elcv se referiram à idéia de produzir livros de memórias ou de história. Emival, por exemplo, declarou pretender escrever sobre a construção de Brasília. Além disso, a família referiu se à contratação de uma historiadora profissional, para que fosse registrada toda a sua história.

A defesa da memória da família tem sido sistemática, funcionando como orientação explícita à novas gerações. Perguntamos, durante as entrevistas, a que se devia a fama de violência atribuída à família. Foram unânimes em afirmar que isso se deveu à propaganda enganadora realizada por Pedro Ludovico, e à proibição de resposta da família por parte deste:

"Caiado é um tranquilo que por causa da política pegou fama de valente Foi a arma que os adversários encontraram porque falar em desonestidade, corrupção não podiam falar, porque nunca tivemos rabo pro sujeito pegar

Para dar resposta a isso, insistiram em qualificar-se como vítimas. Como prosseguiu Elcvval, e confirmou FJcv:

"Nós fazíamos política com muita cautela Na ditadura [37/45] não saíamos à noite, advogávamos durante o dia "⁶⁷

"Eu senti na carne Gado eles matavam Cavalos a polícia pegava Isso foi anos O que o Pedro Ludovico fazia, ninguém ficava sabendo Minha mãe sofreu horrores "^{o8}

Para permanecer na cena política foi preciso reconstruir a memória da família como perseguida, e como propositadamente desqualificada por Pedro Ludovico. Não mais se admitiu que uma ofensa ou calúnia não tivesse resposta. É o que Halbvachs

** Elch al Caiado Entrevista cilada

⁶⁷ Llcma Caiado Entrevista cilada

^M Flc\ Caiado Entrevista cilada

chamou de "memória-trabalho". Ou seja, a forma com que tratamos a memória, a forma com que nos lembramos de situações passadas está condicionada pela situação presente. No presente, temos a permanência política no caso da família Caiado, romper com a versão oficial da violência é pressuposto para permanecer na cena política. Ederval Caiado, filho de Totó Caiado, assim se refere a essa tarefa da família, numa fala emocionada:

"Meu pai foi exemplo Foi muito honesto, trabalhador honrado Agora aquilo dele fazer violência (...) era mentira Como era mentira, ele não ligava Ele falava - Vocês não deixem de rebater tudo o que escrever contra Caiado, porque (...) a mentira dita tantas vezes, passa a ser verdade E hoje. tem essa fama de Caiado porque não foi rebatido "

A expressão "uma mentira dita mil vezes passa a ser verdade" foi repetida por quase todos os entrevistados.

Exemplo disso, a família processou uma jornalista que publicou, em fevereiro de 1994, em "*O Popular*", uma entrevista com o Sr. Conceição, que atribuía vários crimes contra Totó Caiado. Foram vitoriosos no processo de injúria, calúnia e difamação e sendo a jornalista obrigada a retratar-se publicamente. Se tudo isso for armamento de vima guerra de reconquista, a campanha de Ronaldo Caiado a governador do Estado esteve bem munida. Seu pai, Ederval, preparou um dossiê com todos os dados, desde a comissão de sindicância (1930) até a reportagem de 1994, para que Ronaldo não ficasse desprovido de argumentos e provas no debate político. Ou seja, a memória-trabalho^aPresenta-se como argumento da permanência política.

A defesa de sua memória coletiva é tão fundante de seu patrimônio político que

⁶⁹ Ederval Caiado Entrevista citada

até o fato de serem atacados é incorporado a ele. Atacar a família Caiado é visto como uma forma de pessoas sem tradição se projetarem, como nos mostra Elcv Caiado e também Caiadinho:

"Façam o que quiserem, mas não vai injuriar uma família para se engrandecer com aquilo "70

"Toda vez é assim Quando muda governo, quem se elege sempre da uma perseguida pra fazer um bonitinho pro governo Mas ja estamos calejados, não assusta não " 1

1-3. Práticas Políticas De Uma Permanência Política.

Ao longo da atividade política, algumas práticas ou técnicas da ação política foram privilegiados, na transmissão de conhecimentos, de geração para geração. Essas Práticas, que atuaram como componentes da história objetivada, mas também constituem atitudes que se espera um Caiado na política. Essas práticas serão discutidas a seguir.

A primeira delas foi a relação entre o Executivo e o Legislativo, na experiência Política da família. Ao longo de mais de 100 anos de participação na cena política, apenas quatro vezes a família esteve no Executivo do Estado: duas vezes Antonio José Caiado assumiu o posto (no Império e na República, mesmo assim, interinamente), e uma vez Brasil di Ramos Caiado, na República Velha, conta-se que a indicação de Brasil não era intenção de Totó Caiado, mas, durante sua ausência para exercer o Senado no

⁷⁰ Elcv Caiado Entrevista citada

⁷¹ Caiadinho. entrevista citada

Rio de Janeiro, os amigos mais próximos de Brasil teriam garantido a indicação dele para o posto, pelo Partido Democrata e Leonino, o segundo governador indicado pelo regime militar. No entanto, ser deputado estadual, deputado federal ou senador foi uma praxe na família.

Considerando principalmente o período de hegemonia Caiado, na República Velha, à primeira vista podia se esperar que a família privilegiasse o Executivo. Mas, desde o Império, não foi essa a prática dos grandes chefes políticos. Ser deputado federal ou senador abria os espaços na política nacional e desobrigava o chefe político dos desgastes do cotidiano. Além disso, quem fazia política, como já se disse, era o partido, não o governo. O fato é que havia uma orientação de Totó a respeito:

"Ele dizia que a pessoa se expõe muito, que nunca você pode acender uma vela a Deus e outra ao diabo²

Diz que ele seguia o conselho de Pinheiro Machado, porque todo Executivo é ladrão Então, fique sempre no legislativo Ele indicava os governadores todos, mas nunca foi para o executivo.¹

Essa orientação se aplicava à conjuntura de Estado sem recursos, com parca arrecadação e uma relação de dependência, praticamente de subsistência, com o centro político do país. Mais recentemente, ocorreram tentativas diretas da família de se fazer Presente no Executivo Nacional (Ronaldo Caiado- 1989) e estadual (Ronaldo Caiado- 1994). A própria família atribuiu a derrota à precipitação de se tentar um cargo no Executivo sem poder acumulado no Legislativo. Mesmo assim, é preciso que se considere aí as diferentes atribuições do executivo na atualidade.

²Elc\ Caiado Entrevista citada

^{7<} Edcuva) Caiado Entrevista citada

Ao lado deste mecanismo, figuravam outros, que deviam garantir o controle sobre a pessoa indicada para o Executivo. Quem explicou como se fazia isso foi Elcvval Caiado; contando como seu pai, Totó Caiado, agia:

"O governador, no começo, ficava à vezes muito imponente, que subia na cabeça dele Ele [meu pai] ia para a fazenda com a família, ficava 3 meses sem vir aqui. Quando ele [o governador] já tava complicado, cheio de dificuldade, que não tinha jeito ele chegava, botava pano quente, resolvia tudo, o governador ficava satisfeito, via que de fato precisava da presença dele. Aí continuava tudo em harmonia " ⁴

Esse mesmo expediente é o que Emival utiliza nas indicações.

"Então, vai ser governador Mas, primeiro o seguinte: você tem que saber que quem tá fazendo você governador sou eu Segundo, não quero nada do seu governo E esse negócio eu faço vocês governadores, depois que vocês estão lá, acham que é bonito, que é inteligente... É nada disso (...) O cara fica Não há quem aeunte A vaidade sobe na cabeça dele Ah, bão, ai, sai Ary governador E o pior é que ele saiu falando que foi o Golbery que fez ele governador.

Aqui é preciso relembrar o que dizemos anteriormente sobre o caráter pessoal atribuído à atividade política. Neste momento, o que discutimos é como essa lógica contribui para que os Caiado se qualifiquem como dirigentes políticos.

⁴ Elcvval Caiado Entrevista citada.

⁷⁵ Enm al Caiado Entrev ista citada

Uma outra forma de garantir a permanência política, não expor a perseguições explícitos, os inimigos derrotados. Isso equivale a dizer que não se devia considerar o momento da vitória como permanente, nem o derrotado como expulso para sempre da vida política. As lutas com os opositores se deram abertamente, mas a técnica consistiu em não qualificar o derrotado de hoje como inimigo permanente. As políticas de alianças, estabelecidas ao longo desta vasta experiência política, bem exemplificam tal preocupação. A aproximação entre Totó Caiado e Domingos Velasco, em 1934, e, depois, na fundação da UDN, é apenas um exemplo do jogo de alianças que obedeciam a interesses de conjuntura:

"Nunca se deve pisotear naquele que está embaixo, caído. Enquanto for luta política continuado, tá certo Mas caluniar, pisotear, nunca se deve fazer Fomos criados com essa educação "

Outra lição aprendida pelos membros da família foi a de que unanimidade não existe. E portanto, é preciso saber conviver com a diferença, para garantir a hegemonia. Isso foi o que possibilitou 21 anos de direção caiadista no Estado, conforme afirmou Enival Caiado:

"Quando eles mandavam na política antes de 30, meu pai disse que nunca conseguiu manter a unanimidade municipal Era impossível, e realmente é A primeira coisa que ele me ensinou na política foi isso " "

Sem nenhuma dúvida, o principal atributo de um grupo que pretende a

” I demal Caiado Entrev ista citada

Edcnv ai Caiado Entrev ista citada

permanência política é a coesão e a fidelidade. Essas são qualidades a serem construídas e mantidas. Funcionando quase como um jogo em que se oferece e se cobra a fidelidade que proporciona a coesão, a permanência política se efetiva. A preocupação com a não unanimidade existe para que se relacione com as frações ou possibilidades de fração. Entre amigos leais existe a obrigação da coesão. Esse conjunto de pessoas e obrigações formam o núcleo central de sustentação do grupo familiar. Sabemos que o princípio gerador dessa lealdade construída é a lógica clientelista. Porém os tempos não são os mesmos do chamado coronelismo da República Velha. Fazer uma associação mecânica deste processo com fidelidade que ainda sobrevive para com os Caiado, é homogeneizar conjunturas políticas e econômicas que não podem ser assim colocadas. ^s

Todos que entrevistamos, dentro e fora da família, atestaram a lealdade dos Caiado a seus amigos:

"Um Caiado não deixa o amigo na chapada Toto Caiado era assim mesmo sacrificava pessoalmente, mas não deixava o amigo em dificuldade Era assim para os inimigos a lei Para os amigos a lei e os favores Ele [Totó Caiado] usava isso com muita perseverança, mesmo depois de 1930, era honroso ter a amizade dos Caiado" ⁷⁹

A oração "Caiado não deixa amigo na chapada foi reproduzida por todos os membros da família. Independente de sexo, idade, profissão, experiência política, etc, todos têm isso como patrimônio e tarefa. Os materiais de campanha traziam e trazem essa frase. Os discursos de palanque são povoados desta expressão. Mas não se trata apenas de um jogo de palavras, de um argumento demagógico. Empobreceria muito a compreensão da relação política que sustenta o grupo familiar limitarmos-nos a uma

^{7*} Sobre isso ver Lemcnhe. *Mana Auxiliadora* op cit. p 94-101.

⁷⁹ Bernardo EI» EntrevMa em 05.12.95. Goiânia

explicação formal da lealdade. Ao contrário, para que a família sobreviva, a lealdade e a conseqüente coesão são fundamentais, pois isso sustentam a permanência política: "Formou-se a consciência de, em Goiás, é amigo do amigo, que Caiado protege o amigo" segundo Ederval Caiado.

Sabe-se que a relação lealdade-projeção é uma troca, já analisadas conceitualmente nas relações políticas da República Velha. O que queremos ressaltar é sua permanência como estratégia política em tempos diversos, garantindo um eleitorado fiel. Muitos anos após a República Velha haver terminado.

A incorporação desta conduta, a lealdade, é sustentada através da narração de atitudes como a recusa de Totó em aceitar a solicitação de Getúlio Vargas, para que os Caiado passassem a apoiá-lo. Como nos disse Emival Caiado, narrando a posição de Totó Caiado junto à Agnaldo Caiado

" - Você diz para ele (Getúlio Vargas) que eu cai com Washington Luiz e ele tá preso, deportado, e eu não traio amigo Isso, depois que meu pai ficou 2 ou 3 anos preso no Rio, preso sobre palavra "

Já nos referimos aos limites históricos desse fato. O que nos interessa aqui é observar como tal atitude é incorporada por Emival (ou qualquer outro membro da família) que atribui a isso, um ato de despreendimento de interesses pessoais. Politicamente, o mais rentável seria assumir a defesa do vitorioso como uma estratégia de acumulação de forças, mesmo que depois se rompesse a aliança. Porém, isso é visto como um lucro fácil e portanto transitório na vida política. Não se pretende deixar a Permanência política escorTer pelas mãos em troca de um lucro razoável, mas transitório, ^ercebe-se que não é um julgamento moral, que atribuiria a prática exposta à uma correção de atitude, de honradez ou que o valha. Trata-se de uma técnica de permanência Política, que aliás tem demonstrado eficiência. Defende-se o aliado, inclusive quando

parece indefensável. Foi o que garantiu a permanência de um conjunto de aliados que fundaram a UDN, posteriormente. A influência dessa diretiva política era tão grande que superava as necessidades formais, como as siglas partidárias. Mas, para que a vida política funcione, é necessária, a reciprocidade. O amigo protegido só tinha uma alternativa: ser leal, também.

Isso também se reproduziu na vida política e no cotidiano das relações que a família estabelece, talvez reafirmando o máximo de que tudo é política:

" Todos os Caiado são assim Eles dão muito de si e não pedem nada de volta, (...) dão muito de si para terceiros São amigos de verdade e se ele é procurado por um amigo, para qualquer coisa, (...) eles caem no fundo do poço por um amigo (...). Isso é característica de Caiado "^{Ku}

Não que ele se sinta obrigado, não porque pretenda privilégios materiais para manter lealdade. Como nos diz Bourdieu "não haveria jogo sem a crença no jogo, sem as vontades, intenções e aspirações que dão vida aos agentes. (1989:85)

Na medida em que o jogo político tem sofrido alterações, os Caiado tem dificuldades em superar a concorrência dos novos tempos:

"Hoje a lealdade parece que é menos admirada, menos usada Você dava sua palavra, estava dado A característica principal de papai era a lealdade"

Porém, mesmo no campo da manutenção da representação política dos grandes

⁸⁰ Brasileice Caiado Entrevista cilada

^{*1} Encry Caiado Entrevista citada

produtores na atualidade, esse tem sido a tônica da ação da família. Foi assim durante a emergência da UDR, Assim é hoje na ação da bancada ruralista e seu discurso corporativista, agora sob a direção parlamentar de Pedro Abrão, membro da família.

A garantia da lealdade pressupunha uma forma de se relacionar com o amigo, que demonstra a noção racional da relação. Elcwal Caiado reproduzindo a frase cunhada por seu pai Totó Caiado, demonstra isso:

"Amizade e saúde, a gente não pode esperar muito Se você for procurar defeito em amigo, vai encontrar. Se você for procurar

defeito na sua constituição física vai encontrar Então, vamos olhar o lado bom do amigo "

Essa frase foi dita sobre Alfredo Nasser, que teria recolhido toda a documentação acumulada por Totó para escrever sua biografia, não chegando a fazê-lo. Foi, porém ao longo de toda a via, um dos amigos leais de Totó, ensinando, inclusive, para seus filhos, um pouco dos caminhos da política, quando estes estudavam no Rio de Janeiro.

Todos esses elementos da prática política são parte da história objetivada, cuja »menção não se pode pensar como sendo "estratégia consciente e calculada, somente Avelada no seu termo." (Bourdieu, 1989:80) Se assim o fizemos, apenas atribuiremos aos agentes ação "deliberadamente orientada pela procura daquilo que acabará por daí advir." (Bourdieu, 1989:80) Estaríamos, assim, muito próximos de uma interpretação maniqueísta da história, e muito distantes da compreensão da questão proposta neste trabalho.

CAPÍTULO III

TERRA, FAMÍLIA E PODER

" - Eu sou Caiado

- Então, onde é sua fazenda? Se não tem, não é "

O diálogo acima, narrado por Ederval Caiado, expôs outro componente do que significa ser Caiado. A terra é tão constitutiva da família quanto o é a política. Este é o tema do presente capítulo, com destaque para as relações entre a propriedade da terra e a permanência política. Também relacionado a esse aspecto, estaremos discutindo a formação do fazendeiro, profissional, o porte e a postura física, a beleza e suas implicações na permanência política.

1• PROPRIEDADE DA TERRA E PERMANÊNCIA POLÍTICA.

No início deste trabalho, referimo-nos à origem portuguesa da família Caiado, que se instalou em Goiás na segunda metade do século XVIII, na pessoa de Manoel de Souza Caiado. Consta dos registros genealógicos que Manoel veio do bispado de Uria, Província de Lamego, em Portugal. Essa referência tem funcionado como um distintivo qualificador da origem nobre da família, aliada ao brasão guardado pelos membros mais velhos. Todos os elementos que reforçam esta distinção demonstrando que a origem nobre tem sido um dos patrimônios caros à memória coletiva familiar. Assim, o «sarnento de Antonio) José Caiado com Tereza Maria da Conceição Barros Cachapuz e

Chaves foi considerado também uma confirmação da linhagem nobre, posto que a família da noiva também possuía Carta de Nobreza e Brasão d'armas. Leonina Caiado, uma das grandes guardiãs da memória da família, nos revelou lamentar não poder ver todos os nomes dos antepassados nobres mantidos na descendência.

Outro diferenciador da família perante o conjunto da população da Capitania e, posteriormente, da Província de Goiás, foi o fato de, já ao chegarem, os primeiros Caiado terem se dedicado ao trabalho na terra, à produção agro-pecuária. Isso, numa época (1770) em que a produção aurífera, embora já arrefecida, ainda era significativa, e que atraía aventureiros de várias partes do país e do mundo. No entanto, está registrada na memória da família a preferência de Manoel de Souza Caiado por instalar-se nas Matas da Paciência, utilizando-se da concessão das cartas de sesmarias obtidas por seu sogro, em 1737. O ouro significava instabilidade, a estada passageira de quem não pretendia fixar-se na terra, gente que não tinha fincado raízes. Significava a disputa pela riqueza fácil em detrimento do trabalho permanente e do esforço para construir algo duradouro. Assim a família, orgulhosamente, diferenciou-se dos homens do ouro.¹

Por mais que isso pareça distante, a memória da origem nobre seria decisiva para a formação da conduta, da postura e do porte dos membros da família. Ela comporá a justificativa da diferenciação dos Caiado, em relação aos que não têm postura de líderes e, portanto, não são, ou não foram, capazes de permanecer na cena política. Como explicou Elcv Caiado, comparando Ronaldo Caiado com Maguito \ ilela, ou se referindo a Pedro Ludovico:

"Fico pensando se não é por causa da origem, que é de gente boa, nós temos brasão, é a origem da gente que tem dignidade, princípio Porque o Pedro Ludovico era um beerrão, o pai de Dona Gercina

¹ Nars (haul discutindo a tckia <k decadência construída na historiografia goiana levanta dados que demonstram

* Precedência e a permanência da pecuana na capitania nneradora op cit. p. 67-70.

não queria que ela casasse com Pedro "

Desde sua instalação em Goiás, a família estabeleceu um vínculo com a terra reproduzindo em todas as gerações, até nossos dias:

"Manoel Caiado veio trabalhar nessas Matas da Paciência, por que não confiava no ouro, mas sim, na lavoura e na pecuária E passou a produzir farinha de mandioca e de milho, engordou criação, lavoura de cereais de subsistência [começou] a fazer cachaça, açúcar e rapadura nos engenhos que ele instalou nessa ocasião "2

A Fazenda Europa, cuja sede hoje é de propriedade de Leonina Caiado, foi a Primeira a ser instalada nas chamadas Matas da Paciência. Antonio José Caiado fundou ali o engenho de Santa Tereza, que não se encontra mais na família. A sede da Fazenda Europa ainda existe, e está sendo preservada; mas o Engenho de Santa Tereza, que saiu das mãos da família, foi demolido. Todos os membros da família que se referiram ao Engenho, lamentaram sua demolição, como uma perda da memória familiar.

"Antonio José Caiado construiu o engenho de Santa Tereza. onde reunia a família toda, sede da família, mas, foi saindo da família A casa do engenho de Santa Tereza tinha 22 cômodos. '0

A sustentação da origem nobre e vinculada ao trabalho produtivo é lembrada sempre que necessário. Em fevereiro de 1992. foi publicada em "O Popular" uma canção de Luarez Mendes, afirmando que os 'Caiado não tem origem. O nome Caiado se deve ao

I-cão Caiado Livro Entrevista em 20.10.95, Goiânia

Mana Fleun Entrevista em 13.09.95. Cidade de Goiás

fato de que os Caiados moravam em casas Caiadas, na Cidade de Goiás." Quem nos contou esse episódio foi Dona Maria Fleury, que, como membro da família, escreveu ao jornal, rebatendo as informações do autor da carta anterior. Ela lamentou fato de que o jornal não publicasse sua resposta nem lhe devolvesse os originais.

Ao longo das gerações, muitas outras fazendas foram sendo adquiridas e incorporadas ao patrimônio da família. Desde a venda do Engenho de Santa Tereza, pareceu estar implícita a intenção de não se desfazer de terras da família, só aumentá-las. Não foi possível levantar dados que comprovem isso, mas a intervenção de Ederval Caiado foi elucidativa:

"As terras da família continuam com a família É aquela
tradição Caiado não vende terra Compra e deixa pra lá"⁴

Isso foi confirmado por Marcos Caiado, que nos informou que um Caiado prefere vender a terra mais barata para outro Caiado, do que vender para quem não é da família.

A manutenção da propriedade da terra e o apego ao trabalho na fazenda foram decisivos, em vários momentos da ação política, para a permanência da família no cenário Político e mesmo para sua permanência em Goiás. Quando Ederval Caiado casou-se com Iracema Carvalho, do Rio de Janeiro, o sogro quis que o casal ficasse no Rio: Meu pai não quis: eu vou para minha terra fazer minha vida. Foi a mesma resposta dada por seu neto Ronaldo Caiado, quando chegou o momento de optar entre a carreira de médico e Professor universitário no Rio de Janeiro e o retorno a Goiás.

"Largou tudo lá para vir para Goiás, por quê"⁹ Para ficar na terra

⁴ Edem al Caiado Entrevista em 30.11 -95. Anápolis

⁵ Marcos Caiado Entrevista em 21.11 -95. Goiânia.

⁶ Eky Caiado. Entrevista em 7.11.95. Goiânia

dele eu vou para minha terra, vou pro meu Estado "

É claro que se trata de um projeto de permanência política. Não limitado à propriedade da terra. Esta pressupõe, necessariamente, a residência no estado, se foi considerada de forma isolada. As terras dos Caiado são prioritariamente em Goiás, demonstrando o vínculo que assim se estabeleceu.

Todos os membros da família possuem terras, herdadas ou adquiridas. No período de hegemonia dos Caiado, entre 1909 e 1930, os membros da geração de Totó Caiado ampliaram consideravelmente suas propriedades. A aquisição das Fazendas Aricá e Tesouras, durante a permanência de Brasil Ramos Caiado na Secretaria de Terras através da alteração na lei que permitia a aquisição de terras do Estado, marcou politicamente a família e lhe garantiu a sustentação econômica. A área, nas margens do Araguaia, ocupava aproximadamente 1.0/1.476 ha, acolhendo a família quando os Caiado perderam o poder, em 1930. Além dessas, Totó comprou também a Fazenda Uges (Itaberaí) e a Santo Antonio (Aruanã), ainda hoje em poder dos descendentes. A propriedade da terra garantiu a sobrevivência material e política após 1930, mesmo sob as adversidades descritas como sendo perseguição impostas por Pedro Ludovico. Na ausência do pai, os filhos mais velhos assumiram o trabalho na fazenda, tornando a manutenção da família dependente das terras e da boiada. Como os peões saíram ou foram coagidos a sair da propriedade, sob ameaças de serem qualificados como jagunços e serem punidos por trabalhar para os Caiado, o trabalho pesado na fazenda era realizado pelos homens da família, o mais velho com 15 anos, e a venda dos produtos era clandestina, como nos contou Ederval, que assumiu a responsabilidade de tocar a propriedade:

⁷ Elcyval Caiado Entrevista em 14 11 95. Goiânia

"Nós tínhamos muita boiada, que trazia do norte e criava na Fazenda Lages Mamãe conseguiu com o Fu, amigo de meu pai. que ele pegava o boi escondido, porque não podia vender, estava proibido Então o Fu matava, misturava com os bois dele e dava o dinheiro para a mamãe Meu pai no Rio sem ganhar nada "

Essa narrativa dimensiona a relação construída na Identidade da família, entre terra e sobrevivência diante das adversidades que constam na sua memória. A grande propriedade de terras em Goiás foi um dos elementos a tomar o vínculo da família com a região indissolúvel, impedindo que ocorresse a transferência da família para outro Estado, como teria sido proposto por Getúlio Vargas:'

"O velho Totó sempre teve boas relações com o Rio Grande do Sul, inclusive havia elementos de Getúlio Vargas que queriam que fossemos para o Rio Grande do Sul, com Oswaldo .Aranha Nós caímos em Goiás e aqui ficamos até o fim

Todos os membros da família orgulharam-se da permanência e resistência. Em Goiás, reconheceram que, de 1930 para cá, o cenário político, no Estado mudou,, mas a permanência na produção agro-pecuária garantiu um espaço de atuação política familiar, ^ue fazem questão de registrar:

"A maior capacidade nossa foi termos saído desse casulo com essas mazelas e passar por cima sem reclamar. Goiás passou de 800 mil para 6 milhões de pessoas, era natural que desaparecêssemos ou

* **Caso a mudança de local e atividade ocorresse, estaríamos diante do que Bourdieu denominou ^conversão. (1980:82)**

⁹ **Leão Caiado Filho Entrevista citada**

emigrássemos

Assim colocada, a história da família é tida como um património que atua como diferenciador de outros, que desapareceram com o crescimento do Estado.

A base material de sustentação da família foi e é também a base material para a ação política, incluindo a política de alianças. Após o fim do regime militar, foi uma nova intervenção política, considerando produtores rurais como aliados, que colocou Ronaldo Caiado como o novo Caiado no cenário político, através da UDR.

Segundo Bernardo Elis, o investimento na aquisição de terras por parte da família começou na década de 20, quando outras famílias não se preocupavam em construir uma base material:

"A urande vantagem de Totó foi ter a visão de ter uma base econômica Os Bulhões, quando foram perdendo a riqueza, foram perdendo o poder (...) Outra família, por exemplo, a minha, Fleury Curado, que toda vida teve elementos no governo, agora não tem Jardim não tem (. ..). Tem Caiado disputando cargo de deputado, presidente "

Não podemos, porém responder à questão da permanência política e seu vínculo com a propriedade da terra apenas tendo em vista a base material que representa. É obvio que sem ela não haveria possibilidade da permanência em Goiás e de retomo à política, Pelo menos com as características que ainda hoje identifica os Caiado em Goiás. Mas a questão é: como foi produzida essa a permanência na terra e na atividade agropecuária? Reconhecer o papel fundamental da base econômica não bastaria para explicar como

¹⁰ Idem

tantas gerações tiveram tamanha afinidade com a fazenda. Houve muitas famílias de fazendeiros com intervenção política, na República Velha: além dos Caiado, os Castro, Alencastro, Amorim, Veiga Jardim, etc. O fato de terem sido fazendeiros não lhes garantiu, porém, a permanência política, da mesma forma que há muitos fazendeiros, na atualidade, que não exerceram ou exercem papel destacado na política. O que se pretende exercitar é a discussão entre terra e política, considerando a própria disposição de perpetuar a atividade rural como componente da história incorporada pelos Caiado que localizaram,, embora não formalmente, esta relação como sustentáculo de sua identidade. Ou seja, até para permanecer na atividade rural, criando base material para ação política, (história objetivada) foi preciso uma educação também política, fundada no *habitus*, na história incorporada, traduzida na idéia do Caiado fazendeiro.

Resumir a permanência dos Caiados nas atividades rurais à intenção de ampliar a apropriação da terra é reduzir a estatísticas uma análise que deve pressupor a relação entre o objetivo e o subjetivo. Da mesma forma, ignorar a importância da propriedade da terra na caracterização da família como componente das classes dominantes é retirar as relações sociais de produção do universo de análise. A propriedade da terra foi condição Para a permanência política, tanto ao nível da ação de direção quanto das opções políticas e das alianças estabelecidas. Par manter a "condição", foi preciso realimentá-la. A terra foi e é patrimônio material, mas também patrimônio político, que, enfim, qualifica a família Caiado. Houve algo mais que os Caiado buscaram na luta política do que Possibilidades de benesses: É o poder propriamente dito e sua manutenção. Isso segundo a memória construída pela família, os diferenciou dos políticos que não tem tradição e que se vendem por um cargo, como já demonstramos. Da mesma forma, possuir terra e estar vinculado ao trabalho da fazenda não foi apenas uma forma de enriquecer (embora isso tenha sido fundante para permanência familiar), mas também possibilitou a criação de um vínculo não formalizado, não obrigatório, que se reeditou sempre, a que chamamos "História incorporada". Como isso se organizou é o que discutiremos a seguir.

2. TERRA E RELAÇÕES DE PRODUÇÃO

Já foi dito que, ao chegar a Goiás, Manoel Caiado de Souza dedicou-se ao trabalho com a terra e não à mineração. Estando em Goiás desde 1772, em pleno período colonial, é óbvio que tenha se utilizado do trabalho do escravo. Como foi explicitado no primeiro capítulo, Antonio José Caiado participou da "Sociedade Emancipadora Goiana", criada em 1789, sendo que ele mesmo "alforriou", sem condições,¹ todos os escravos de seu latifúndio agropecuário, (1887) mantendo-os em seus postos de trabalho sob contrato, cujas bases desconhecemos". (Moraes, 1974:72). A memória da família sobre as relações escravistas e sua abolição antecipada foi registrada por Diva Caiado, neta de Antonio José Caiado, em entrevista colhida por Moraes: Dona Diva Caiado Jardim afirmou nos que se lembra do dia da alforria e que os escravos cantavam e dançavam de alegria e beijavam os pés do benfeitor." (Moraes, 1974: 73)

Essa é também a memória repassada à dona Maria Fleury,

"Muito antes de 1888, meu bisavô (Antonio José Caiado) aboliu a escravidão nas fazendas dele Europa e Santa Tereza. Diversos correligionários ficaram contrariados. Irmando com o filho Torquato, eles conseguiram que diversos amigos fizessem o mesmo: - "De hoje em diante, vocês estão livres". Ninguém quis sair da fazenda. Ninguém saiu. Quer dizer, ele era bom senhor, todos

¹ O termo "sem condições" quer aqui sintetizar a ideia sustentada pela família e pelo próprio discurso dos historiadores goianos, de que a alforria estava sendo concedida em função do sacrifício pessoal dos fazendeiros que assim a fizeram: Sabe-se que isso não correspondeu ao processo histórico em curso. Sobre isso ver: Moraes, Maria Augusta e Palacin. Luis e Moraes. Maria Augusta e Palacin. História de Goiás

pediram para ficar recebendo salários "

O velho Senador é construído pela família como um referencial de bom senhor de escravos e a fazenda como sendo um espaço privilegiado para se trabalhar.

A família, assim, registrou a senzala construída por Antonio José Caiado:

"Ele era um espírito tão humanitário que fez a senzala a 10 ou 15 metros da casa- grande Para os casais, era quarto, cozinha , sala - 3 cômodos Eles podiam ter cozinha, fogão ele dava carne mantimentos, tudo Para os solteiros era 2 cômodos, sem cozinha era tudo separado, não tinha maltrato, ele era muito humano com os escravos."¹³

Existem ainda citações que dão conta da inexistência de troncos de tortura, mesmo considerando o plantel da família, estimado em mais ou menos 100 escravos, sendo que em torno de 40 trabalhavam no engenho de Santa Iereza. Esse engenho, movido a força hidráulica, era de serra e de cana, e dele saíam produtos para serem comercializados no Pará. A referência geral da família ao trabalho escravo foi de que:

"Em Goiás sempre houve uma camaradagem com os empregados Muitos deles ascendiam socialmente Pela economia de Goiás, de pecuária, subsistência

Se fossémos considerar a memória construída pela família como sinónimo das relações sociais na colónia e no Império, teríamos que reescrever toda a história do país, tem como reconceituar escravidão. Porfm, considemdo-a como componente da memória

¹² Maria Fleun Entrevista em 13.09.95. Cidade de (ioiá>

¹³ I^io Caiado l'ilbo Entrevista citada

coletiva dos Caiado (e talvez, não só deles), é possível localizá-la enquanto um requisito que os credenciaria e a permanecer como proprietários de terra e administradores das relações de trabalho. Isso porque tal memória é marcada pela visão progressista e humanitária que assim os autoriza a permanecer, como veremos, no discurso dos fazendeiros atuais.

Da mesma maneira, a convivência com o indígena foi citada como não violenta e até cordial.

"Tinha um mdio, Alfredo Tapuio, trabalhava em 1916 ainda Antes talvez tivesse mais índio Esse Alfredo era domesticado Os índios pediam demais Dava comida pronta (...) Dormiam por la Deixavam as panelas cheias de terra, como agradecimento" ¹⁴

Não é específico dos Caiados guardar referências sobre o trabalho escravo, alforria e trabalho indígena como sendo relações sem grandes conflitos, quando ouvimos descendentes dos ex-senhores de escravos. Outros alforriadores de Goiás têm esse referencial, assim como a própria historiografia brasileira, em época mais recuadas. A nós interessa saber porque esse referencial é mantido, reconstruído na atualidade e incorporado à memória coletiva da família. Fomos encontrar essa ponte, a reconstrução desta memória enquanto memória-trabalho, em Caiadinho:

"Tem peão que nasce e morre com a gente Pode estar sem dinheiro, que adoeceu filho de peão, a gente leva e socorre, arruma dinheiro Isso vem de tradição

A família permanece, é claro, estabelecendo relações de produção com diversas

¹⁴ Mana Fkun Entrevista citada

formas de trabalho rural, para manter seu patrimônio. Cumpre manter a memória do patrão amigo, que ajuda o peão, pois o contrário pode comprometer a permanência política. Neste sentido, os Caiados, como qualquer outro fazendeiro, "só era ruim com gente atoa".¹⁵

Há uma certa divisão de trabalho que designou alguns membros para serem os referenciais políticos (Antonio José Caiado, Totó Caiado, Emival Caiado, Ronaldo Caiado). Não há como isolar um do outro, pois todos foram ou são proprietários, e têm papéis políticos. Mas são heranças prioritárias diferenciadas. Manuel Caiado de Souza, que iniciou o trabalho na agropecuária, teve como herdeiros mais recentes e visíveis Caiadinho e Ubirajara Caiado. Depois de cumprirem a missão política, todos têm a fazenda como prioridade, mas alguns assim a tiveram desde a juventude.

Caiadinho discorreu longamente sobre os problemas do produtor rural no Brasil. Afirmou que é impossível plantar, hoje, e apesar de possuir 20 máquinas agrícolas, está ampliando a área de capim. Denunciou que os devedores do Banco do Brasil são os grandes produtores que quebraram em função do preço do dinheiro e das taxas adicionais, como a TR. Caiadinho é tido como um dos homens mais intempestivos da família. Sempre que narrou um episódio sobre a bravura/brabeza da família, ele riu alto, orgulhosamente. Nascido em 1930, o filho mais novo de Totó Caiado conviveu diretamente com o pai, desde muito novo, posto que não havia mais as longas estadias no Rio de Janeiro, em função de mandatos políticos. Quando Totó passou a priorizar o trabalho na fazenda, Caiadinho o acompanhou, acostumando-se a essa atividade de forma decisiva para seu futuro. O filho não teve uma intervenção política pública, mas era um ponto de apoio permanente dos irmãos. Registramos a seguir seus pontos de vista Particulares e seus componentes da história objetivada e incorporada da família. Contou-nos, por exemplo, como o grupo político no qual a família se articulava se preparou para

¹⁵ Luis Antonio Caiado Entrevista citada

situações de perigo, (por exemplo, uma ação de forças da esquerda) durante o regime militar:

"Nos tínhamos um esquema aí de levar deputado para uma fazenda, aviãozinho pequeno, e depois voava num avião maior para fora. Então fizemos uma pista ali perto de Brasília, no cerrado. Mas ninguém via que era pista, feita com enxadão. Se o trem petecasse mesmo, levava de dois a dois para a fazenda do Emival."

Ele era o piloto da operação. Mas, não funcionava apenas como mão-de-obra disponível, era um avaliador permanente e impassível de todos os momentos da história política da família, opinando sobre atitudes, alianças e indicações. Demonstrou estar informado sobre tudo, emitindo opinião sobre a conjuntura econômica e política do país e do Estado. Em relação à política, também tem uma atitude pragmática:

"A gente que tem um negócio, precisa ter um deputado, porque tem muita amolação. Prende caminhão seu ali (...) Você liga para o deputado, ele liga para o chefe, manda soltar agora. Uma pessoa que você chama na hora que precisa."

Além do caráter político da ação parlamentar da família, estabelecendo áreas de influência e poder de barganha, ele também atua diretamente nos interesses do fazendeiro. Especialmente no tocante às relações de trabalho, Caiadinho assumiu a postura do grande proprietário de terras e produtor agropecuário:

"Esse negócio de sem-terra é um erro muito grande, porque grande parte do que a gente paga pro INCRA vai pra ajudar esse povo."

"Maguito está provocando o éxodo rural porque quem é que não quer cesta básica⁹ Só dão casa própria na cidade, tira o homem da fazenda ."

As posições defendidas sobre boias-frias, trabalho infantil e trabalho escravo, confirmam o caráter classista de sua visão de mundo.

"Agora, para carregar peão tem que ter cobertura, não pode ser um caminhão, senão paga multa "

"Esse negócio de menor não poder trabalhar Eu acho isso errado A escola, eles começam as 11 e vai até as 15 horas O menino levanta cedo, ajuda o pai, tá aprendendo a tirar leite, adquirindo conhecimento Não está sendo judiado Vai para aula, volta de tarde, separa vaca de bezenro, ajuda o pai"

"Vejo esses carvoeiro, que eles falam de trabalho escravo Eu já vi muito carvoeiro em que os filhos ajuda os pais Normal Por que escravo⁰ O pai tá produzindo para ele ou de empreita por metro de madeira Então ele é escravo do pai⁰ Aquele menino não está trabalhando pro dono da fazenda Tá ajudando o pai Mulher ajuda E convivência de família mesmo Trabalho escravo... eu não acredito em trabalho escravo de jeito nenhum "

Essa forma explícita de assumir as posições inerentes dos proprietários dos meios produção de latifundiários não contradiz, como as aparências nos levariam a pensar, a idéia do bom patrão que constatamos anteriormente. Ao contrário, a postura classista ^ de tal incorporada que, é assumido de forma naturalizada. A postura do patrão Amarada está condicionada ao seu próprio conceito de camaradeagem.

Da mesma forma que valentia ou "brabeza" são patrimônios políticos, são história incorporada e assim devem ser reproduzidas, as relações de produção não têm alternativas, senão as expostas. Ao bom trabalhador, fiel e amigo, todas as garantias foram e são dadas, como ao peão Ivo, que, diante da acusação de ter castrado um homem que teria 'desonrado' sua filha, teve, como advogado de defesa o próprio Totó Caiado:

"Meu pai, num caso de um peão que nessa briga de política antiga foi um braço direito dele. Era o Ivo Puseram apelido nele de Ivo capador, mas não era capador nada (...), e meu pai pegou o Ivo, levou ele ajuri e absolveu ele legitima defesa da honra Ele foi la fazer a defesa Uns falavam que ele tava defendendo bandido, capador Tinha nada disso O sujeito foi amigo dele na hora de ser amigo e a gente nunca larga o amigo na chapada "

Por outro lado, caso não se cumpra a relação patrão-empregado como apresentada pela história da família, o vínculo se desfaz. Trata-se, então de um mau empregado, aproveitador e preguiçoso, a quem se deve demonstrar quem tem o direito de estabelecer a ordem das coisas. Isso se traduz numa certa inconformidade com a perda de controle pessoal até pouco tempo imposta e legitimadas nas relações de trabalho. Caiadinho comparou, por exemplo, o tempo de Ubirajara, outra referência da família nas relações de trabalho no campo, às suas atuais dificuldades de manter o trabalhador na fazenda:

"Ubirajara, não aceitava esse negócio de peão fugir, ele buscava para paizar o que devia Em Nova Crixás tem uns que pulam do caminhão Hoje não tem mais isso de falar com policia e eles da um acocho Hoje, ou você toma o prejuízo ou fica com raiva Ir lá pegar o sujeito, amarrar ele e fazer ele trabalhar Quando a gente dá uns couro nuns dois, os outros pensam é, com aquele ali a gente tem

que trabalhar Tem que moralizar"

Ubirajara Caiado é filho de Totó Caiado com Eugênia Leite, nascido antes do primeiro casamento de Totó, assumido e registrado pelo pai. Por ser filho natural, Ubirajara estava desobrigado das atribuições da herança material e política que se consolidava através dos casamentos. Não era objeto da prioridade da família, no campo da herança da ação política pública. Foi deputado estadual antes de 1930, foi preso junto com o pai em 1932 e, depois, afastou-se da vida pública, para dedicar-se ao trabalho na fazenda, o que o tomava o maior empresário rural da família, senão um dos maiores do Estado. Sempre atenta à formação de seus membros, a família coioçou-o nos melhores colégios de São Paulo e Rio de Janeiro, mas nenhum destes foi capaz de convencê-lo da importância dos estudos, que ele abandonou. De qualquer forma, foi uma desobrigação possibilitada pela excepcionalidade da sua condição, que não seria permitida, e não foi, a nenhum de seus irmãos ou primos. Isso não o tomou menos importante na divisão de tarefas no interior da família. Ao contrário, ele assumiu o papel do grande empresário rural que é exemplo para a família, também garantindo como já se escreveu no primeiro capítulo, a segurança dos irmãos e primos, na época do governo de Pedro Ludovico. Todas as referências a ele são como "a garantia" de direito a voz, por exemplo, a Emival, na Assembléia Legislativa. Como nos contou o próprio Emival, se alguma coisa lhe acontecesse, todos sabiam que Ubirajara estava com mais de 300 homens prontos para entrar em Goiânia. Ederval Caiado, irmão de Ubirajara, nos contou que:

«O (Ubirajara) ajudou muito nessa parte de segurança. Eles respeitavam muito o Ubirajara

Ocorre, porém, que em todas as entrevistas de membros da família, Ubirajara só foi citado quando perguntamos diretamente sobre ele. O único filho natural a quem se

referiram foi Ubirajara e mesmo assim, quando solicitados. Na genealogia que nos foi fornecida por Leonina Caiado, sua descendência não está no mesmo encadernamento de Totó Caiado, seu pai. Todos os outros descendentes de cada tronco estão descritos em blocos únicos. Há um bloco para Totó Caiado, outro para cada irmão, Terezinha, Diva, Arnulpho, Tarsila, Leão, Antonieta Brasil, Colombina. Ubirajara, apesar de ser o filho mais velho de Totó, devendo, portanto compor seu bloco, tem um bloco independente. Essa conduta foi assumida por homens e mulheres, jovens, adultos ou pessoas mais velhas. Surgiam, então, referências de três tipos: o bom irmão mais velho, o austero dirigente de empresa rural e o guardião da segurança da família. No primeiro caso, a memória de Elcv Caiado, sua irmã e afilhada, registrou que Ubirajara como um irmão ideal:

"Eu gostava muito dele, pessoa muito boa, fantástico, ótimo irmão
Eu era louca por uma boneca de louça e ele levou um dia uma para
mim Só tenho pra dizer coisas boas, sempre leal. gostava da familia,
de meu pai"

No segundo caso, aliaram-se as referências ao homem empreendedor e ao homem violento. Ninguém negou que Ubirajara era capaz de atitudes violentas para manter o controle da fazenda e tomá-la produtiva. A diferença é que alguns as consideraram necessárias, e mesmo inevitáveis. Outros procuram desvincular essas atitudes do conjunto da família, às vezes atribuindo a ele, especificamente, os referenciais públicos da família conio afeita a esse tipo de conduta. Vejamos algumas dessas intervenções:

"Era fazendeiro, mas gostava de progresso. Fazia casa
para empregados, tudo arrumadinho, na serraria Tinha loja para
comprar as coisas, tinha tudo la (...) mas, não que ele obrigasse
não era a vontade Se achasse uma coisa bonita, comprava Não
tinha que se abalar dali. Apesar de falar que ele batia Nada (...)

Agora, era enérgico com empregado dele Vagabundo, botava pra fora (...) Ninguém era escravo dele "16

"Era genioso com os outros Comigo não ele não gostava de estudar, nesse ponto ele não puxou Caiado (...) Progrediu demais, (...). Grande administrador

"Austero e muito trabalhador, (...) perseguido como toda oposição. Trouxe muita inovação (. .) Na região dele, ganhava na política "18

Sua conduta é vista como de neutralidade frente às questões políticas, mas qualificadas na atividade empresarial.

"Ele tem raiva de política também ficou mais pra cuidar da fazenda (...) Ubirajara tinha era um monte mesmo Tinha era 3 ou 4 fazendas. Ele e que olhava tudo."11

Não há negação explícita da prática desenvolvida por ubirajara na fazenda.

"Não conheci, todo mundo comenta que ele era como vou te dizer não levava desaforo pra casa A fazenda em Santa Barbara é uma das primeiras fazenda-empresa ia buscar mão-de-obra. dava roupa comida tudo A pessoa fugia e ele trazia de volta para trabalhar e pagar o que devia Daí eles exageram fala que ;é

¹⁶Elcy Caiado Entrevista citada

¹⁷Enery Caiado Entrevista citada

¹⁸Leoldio Caiado Entrevista citada

¹⁹Ehulhu Caiado Entrevista citada

Caiado, prendeu, torturou "2<)

"Andaram falando de violência dele Do Totó, era tudo falsa" ²¹

A violência é localizada quase que exclusivamente na pessoa de Ubirajara:

"Eu acho que é difícil de falar A família dele era meio *sui generis*, os filhos revoltados, a mãe também ficou revoltada com ele porque ele era muito mandão (...) Muito mais que o vovô [Torquato] (...) Não defendesse algum ponto que ele não gostasse não, porque aí ele destampava (. . .) ele lançou muito essa violência em toda família. coisa que você não vê nos meus tios Os filhos do vovô mesmo não tem nenhum violento.

Somente Ubirajara não estudou, mas obteve a permissão da família para que cumprisse seu trabalho na permanência política.

"Não quis estudar O pai não podia fazer nada e foi deixando Dos Caiado, temos que dar a mão à palmatória, foi o que mais gostava mais de fazer coisas que a gente não concordava mas que ele ia fazendo como fazendeiro era extraordinário, um dos maiores plantadores de café de Goiás E essa má fama é dele, que a fama não é de Caiado

Ele trazia aqueles nordestinos (...). Ubirajara confiava e eles fugiam (...) Quando ele pegava um desse para voltar, para

²⁰ Brcno Caiado Entrevista citada

²¹ Mana Ektin Entrevista citada

²² Brasília Caiado. Entrevista citada

trabalhar e pagar um pouco, eles faziam muito barulho nos jornais"²

"Queriam denegrir a imagem nossa, dizendo que era matador (...) nunca ninguém provou nada Acho que pode ter um pouco de fundamento nisso O meu avô, Ubirajara, nas fazendas dele. em 1940-50, ele tinha vários paus de arara, caminhões (...) Tinha umas 300 famílias Você imagina a bagunça que não era (...) então, se não tiver uma linhagem dura. ninguém respeita Você via falar que o Totó, o Ubirajara e mau . o Totó não, era uma pessoa certa, só era ruim com gente atoa (.) Tem um senhor há 50 anos na nossa fazenda (...)"⁴

"O Dr Pedro tinha tudo na mão, porque não prendia ele, se era um criminoso tão grande, fazia tanto mal à gente do campo^o é porque aquilo era conversa ele defendia os interesses dele eles montavam um armazém, passavam pra empregados e anotava aquilo Quando ia dar pagamento, descontavam (...) Na primeira oportunidade, fugiam O Ubirajara não perdoava, ia atrás (...) fama de violento, (...) nada mais do que defender o que era dele."²⁵

Foi necessário fazer um painel das considerações sobre Ubirajara para demonstrar como são comuns as referências às suas práticas como grande proprietário de terras, deixando isso devidamente documentado. A família não negou ou contestou o mérito dessas práticas, acabando por considerá-las quase inevitáveis, diante da proporção das responsabilidades da fazenda.

al Caiado Entrevista citada

²⁴Luis Antouio Caiado Entrevista citada

²⁵NRX Monteiro Daher Entreviste citada

A manutenção do chamado "armazém" não é novidade no país, em grandes propriedades de terra. A dependência e a dívida dos trabalhadores, como se sabe, tomavam-se impagáveis, fazendo-os permanecer na fazenda. O que é bastante significativo é o fato de a pessoa necessária para garantir a segurança ser a mesma que assumiu a responsabilidade das referências de violência atribuídas à família, o filho natural a quem se permitiu não fazer curso superior e a quem os familiares não se referem a não ser quando solicitados.

A atividade empresarial de Ubirajara envolveu agricultura, pecuária, extração de madeira, serrarias, etc. porém a grande maioria da família lida, prioritariamente, com o gado. Desde o Império, quando a extração do ouro já não atendia às necessidades da Província, assistimos à lenta afirmação da pecuária e, posteriormente, da agricultura. Essa foi a referência a Totó, como tropeiro, feita por Cora Coralina, citada por Leão Caiado Filho: "A civilização do couro o marcou." Ou seja, os Caiado assentam sua identidade na pecuária, do ponto de vista das atividades produtivas.

Esta, ainda é a atividade preferencial da família, como demonstrou Ederval

Caiado:

"Antigamente, ninguém mexia com lavoura em Goiás, só para comer. Criava gado, criou tradição. Todo mundo gosta de mexer com gado. Lavoura é perigosa, dá muito prejuízo. Até o ditado: fulano tá na lavoura, quer dizer, tá quebrado."

3. AS CARACTERÍSTICAS IX) HOMEM CAIADO

Ao perguntarmos para os membros da família Caiado o porquê da dedicação de sucessivas gerações às atividades como proprietários de terras, obtivemos uma mesma

lógica presente no conjunto das respostas:

"Sempre gostamos da vida ao ar livre, talvez um atavismo assim, do homem primitivo"²⁶

"Da mesma forma que nós somos políticos, nós somos ligados à terra, já pelos nossos ancestrais

"Para nós esse amor à terra é natural E consequência natural"^{2*}

"Os Caiado são muito presos a terra, eu acho que eles são muito apaixonados pelo chão, fazenda, essa coisa toda"²⁹

Nosso suporte teórico será outra vez Bourdieu:

"a subordinação do conjunto das práticas a uma mesma intenção objetiva, espécie de orquestração sem maestro, só se realiza mediante a concordância que se instaura, como por hora e pra além dos agentes, entre o que estes são e o que fazem, entre sua "vocação" subjetiva (aquilo para que se sentem feitos) e sua "missão objetiva" (aquilo que deles se espera), entre o que a história fez deles e o que ela lhes pede para fazer" (Bourdieu, 1989:87)

Desde crianças, os membros da família conviveram com a idéia de que os Caiado

²⁶ Enrnal Caiado Entrevista citada

²⁷ Elcyval Caiado Entrevista cilada

* Leio Caiado Eilbo Entrevista cilada

²⁹ Manlda Carvalho Entrevista cni 08 09.95. Goiânia

gostam de fazenda. A "vocação" foi construída ao longo da educação informal, na construção da atitude, das habilidades, no cotidiano da vida em família. Desde muito cedo, os Caiado eram postos em contato com o cotidiano da fazenda, a exemplo das férias e fins de semana. Aparentemente era natural porque não era imposto, não era desagradável, não era desconectado do indivíduo. O indivíduo sentia-se feito para a vida na fazenda. Da mesma forma como ocorreu com a atividade política, ninguém impôs isso ao sujeito. Houve interação entre aquilo para o qual os Caiado se sentiam talhados - a vocação - com o que deles se esperava - a missão. A missão, assim, não era percebida como ônus, mas como bônus, para se credenciar ao patrimônio objetivo e subjetivo da família:

"Gosto muito de mexer com fazenda, mesmo sendo advogado, vou mexer com fazenda o resto da vida (...) Não é coisa imposta, não, eu aprendi a gostar e espontâneo" ^{w 30}

"A família nossa, grande parte tem propriedade rural. (...) É igual na política, não tem jeito de não tomar gosto" ³¹

Os termos "aprender a gostar" e "não tem jeito de não tomar gosto" exemplificam o caráter produzido da vocação, o que de forma alguma retira o gosto da missão. Não pretende aqui é delimitar o que deliberado é pessoalmente, pois, como coloca Bourdieu, é como "discernir numa sinfonia o que é produzido pelo maestro daquilo que * produzido pelos músicos." (1989:84)

O trabalho é um mérito e um valorativo da família, expresso em frases lapidares como "ou morre um homem na vida feliz, coberto de glória, ou surge um homem com

^w Breno Caiado Entrevista citada

³¹ Luís Antonio Caiado Entrevista citada

vida, mostrando em cada ferida, o símbolo de uma vitória". Esta frase foi reproduzida de forma emocionada por Ederval Caiado como sendo o lema de Totó Caiado.

Aos homens cabia o trabalho braçal nas lides da fazenda, desde a chegada dos Caiado à Goiás. Ao trabalho e ao exemplo do pai, se alinhavam os filhos.

"Da fazenda Aricá (Aruanã) ele resolveu atravessar para Tesouras (Ceres) e era um sertão Marcou o rumo de uns 200 bois Eu vim nesta viagem, eu tinha 7 anos Nós pusemos a boiada no curral só duas vezes nessa viagem toda e o velho na frente."³¹

Essa construção do gosto pela fazenda e pelo trabalho se reproduz nas gerações mais recentes. Há um exemplo a seguir, no mínimo, a igualar ou atualizar. Duas pessoas jovens da família demonstram isso:

"Desde que minha mãe morreu, eu tomo conta de uma fazendinha em Brasília, meu pai foi lá duas ou três vezes Só com 15 anos eu tomava conta dela (...) a gente vai pra fazenda, mexe com gado A gente quer mostrar que não é só de cidade, que a gente não sabe não é só andar de carro, estudar (...) Meu primo Arnaldo [filho de Caiadinho] faz agronomia, assume que gosta e vai querer mexer com fazenda"

"Outro dia tinha umas oito pessoas tentando amarrar uma vaca no tronco e não conseguiram Eu falei Abre a porteira do tronco, que sai uma vaca A outra vê que está aberto e vai (...). Falei e deu

Caiadinho Entrevista citada

" Breno Caiado Entrevistas citada

certo Tudo é experiência que a gente tem "J⁴

Essa atitude perante o trabalho na fazenda foi, incorporado como patrimônio político. Os Caiado foram e são vistos como trabalhadores, no sentido de estarem sempre dispostos a "pegar o pesado". A vocação, construída nas relações cotidianas, no âmbito da família, foi também associadas pelo campo de influências. Os Caiado cumprem a missão que lhes foi atribuída, sem que isso seja um fardo. Todos têm essa afinidade com a fazenda, proveniente da educação que receberam, como uma afinidade constitutiva da identidade da família. Os agentes, nas diferentes gerações, sabem que não se trata de conservar formas de lidar com a terra que serviam a momentos superados da economia. Sentem-se, aptos à atualização. Se para a permanência política é preciso aprender a lidar com a conjuntura (a política de alianças e os inimigos de cada situação, apropriando-se da experiência acumulada no jogo político), o mesmo ocorre com a questão da fazenda:

"Pode ser formado no que for, num deixa de ser fazendeiro No bom sentido, que progride, não e aquele que fica ai sem fazer nada"

Para construir essa educação para o trabalho desenvolve-se um conjunto de práticas repassadas de geração a geração e que se transformam em atitude. Uma delas é levar as crianças para a fazenda nos feriados, fins de semana e férias escolares. Não se ficava na cidade facilmente, se havia tempo livre, desde Antonio José Caiado, no século Passado. É o que ocorre também na atualidade. Torquato também desenvolveu esse hábito, que Totó, Brasil, Leão e Amulpho reafirmaram. Não foi diferente com os descendentes deles, seus netos e bisnetos. Totó Caiado, que passava boa parte do ano no

*¹ Luís Aulomo Caiado Entrevista cilada

³⁵ Elcwal Caiado Entrevista cilada

Rio de Janeiro, ao chegar a Goiás, levava todos para a fazenda, nas férias, passando meses sem ir à cidade. Essa prática está consolidada na família, espalhando-se pelos parentes afins:

"Meus filhos, todos fazendeiros Nunca deixei de levar eles nem sábado, num domingo para a fazenda, as férias todas na fazenda Então, todos tem vocação ruralista E não tem esse negócio de clube, automóvel, fazer pega, fumar maconha, não la comigo pra fazenda Não tinha esse negócio de boate, não E as férias inteiras no norte,

montando cavalo E meus genros que não eram envolvidos, entraram no negócio também

"Nas ferias, janeiro, fevereiro, nos vamos pra fazenda Desde os 5, 6 anos nós vivemos em fazenda Quando eu era mais novo, eu acordava cedo para tirar leite, já dormia de botina E coisa que você vai tomando gosto ' ³⁷

Inclusive as mulheres.

"Meu pai nunca deixou de levar a gente pra fazenda nas férias A gente pega amor pela terra Aquilo incutiu no espírito de cada um Amor pela terra, cavalo boi. todos gostamos Eu por exemplo, vou pra fazenda, adoro Aquilo nasceu com a gente

^v I denvai Caiado Entrevista citada

⁷ Luís Antonio Entrevista citada

^{3*} Elcv Caiado Entrevista citada

Esse gosto construído pelo trabalho na terra era independente de idade, sexo ou profissão. Caiadinho nos contou que Emival, ao ser eleito deputado estadual, em 1946, foi, eufórico, imediatamente relatar o feito ao pai, que se encontrava na fazenda. Antes de mais nada, Totó fez questão de apontar o outro lado da moeda da família de políticos:

"Meu pai estava esperando boiada muito grande e disse Você pega um enxadão e vai consertar cerca. E ele, doido pra contar que era deputado. Passava um na estrada e ele, doido pra contar que era deputado então ele perguntava: - Tem pito aí? - Tem - Então arruma um pro deputado. O caboclo arrumou o pito e disse Ele é doido. Filho dele [Totó] de pequeno até grande, é no serviço." ³⁹

Não bastava fazer o serviço. Era preciso saber fazer todos os trabalhos na fazenda:

"Eu sou vaqueiro, sei fazer de tudo. Se me puser no trator de esteira, trabalho. Trator de pneu, trabalho motocicleta, canoa, qualquer trem. um avião, faço cerca de arame." ⁴⁰

Antônio José Caiado e também Totó Caiado eram tropeiros. Como nos informa Gurmiero (1991), os tropeiros, donos de tropas, eram responsáveis pelo abastecimento, através do movimento comercial e do influxo complementar da economia. Intermediando negócios, realizando transferência, dando notícias, os tropeiros integravam povoados, togando Goiás às outras províncias. Empresários do transporte, o que lhes exigia recursos

³⁹ Caiadinho. Entrevista citada.

⁴⁰ Caiadinho. Entrevista citada.

financeiros para investimentos na compra de animais e para os impostos. Os tropeiros obtinham bons lucros e eram vistos como honestos, trabalhadores e ricos, portadores das notícias e novidades, bem falantes e educados. (Gurmieiro, 1991) Num tempo e lugar onde o transporte e comunicação eram tão difíceis, é possível imaginar a possibilidade do trabalho político de tropeiros como Totó Caiado, por meio dos contatos, amizades, favores, e das articulações entre grupos e interesses diversos. Esse referencial foi construído pela memória coletiva da família, sendo permanentemente reconstruído nas lembranças expressas nas entrevistas. O homem disposto ao trabalho, que estabeleceu a lida como tarefa, como missão para os filhos, netos etc., é um dos componentes do conceito construído de Caiado e que compõe a qualificação para permanência política:

"Para você ter uma idéia de quem foi Toto Caiado, meu pai comprou 400 cavalos no vaie do Paraná, na Bahia, e com tropa de burro de carga, 144 cargueiros, ele entrou a cavalo e foi vender cavalos lá no Chaco boliviano Atravessou, enfrentando maleita entrando nesses rios "41

A resistência física faz parte da vocação/missão de um homem da família Caiado, isso não está desligado da ação política, especialmente se se considerar que fazer política, no Império ou na República Velha, era viajar a cavalo pelo interior do Estado ou a caminho do Rio de Janeiro:

"O governo daquele tempo era um governo a cavalo Ele [Totó], por exemplo, ia daqui a Jundiaí para pegar o trem pro Rio de Janeiro (...) Era um homem vigoroso.'*42

⁴¹ Caiadinho. Entrevista citada

⁴² Caiadinho. Entrevista citada

"Naquele tempo era muito difícil Não tinha estrada, não tinha nada A disposição física valia muito na política também, porque o líder político, pra percorrer o Estado todo, era a cavalo O sujeito tinha que ter resistência física e saúde "43

Cora Coralina, citada por Emival Caiado, dizia que os Caiado eram como cavalos: belos e selvagens. Essa expressão constou do discurso feito por Cora em homenagem ao centenário de Totó Caiado. Era e é uma atribuição política reeditar a figura do homem vigoroso, como constituinte de ser Caiado. Para fazer política no tempo em que os Caiado foram hegemônicos, esse era um atributo que fazia parte da prática política. Como nos disse Emival Caiado, sobre a participação de seu pai no Batalhão Acadêmico de São Paulo:

"Diz que era o único que carregava a tal bala da vovó, que era um canhãozinho muito pesado Ele carregava sozinho '44

Mesmo antes de Totó Caiado, a memória coletiva registrou um homem, do qual não se disse o nome, casado com uma Caiado, que tinha uma força física muito grande:

"As aerações seguintes contam muito caso, que ele jogava melancia pra cima e furava com dedo Que indo para a fazenda Europa, tinha um jatoba caído e que ele erguia a mula. Casos que a gente ate não acredita muito."4

⁴¹ Emival Caiado Entrevista citada

⁴⁴ Emival Caiado. Entrevista citada

*' Emival Caiado Entrevista citada

Brasil Ramos Caiado também foi várias vezes citado como capaz de viajar sobre mula, durante dias, para atender a um doente no interior, numa fazenda. Para tanto, disseram os entrevistados, que viajava 60, 70 horas sem dormir, enfrentando chuva e sol, evidenciando uma fantástica resistência física. Esse era o mesmo homem que, quando fazia política, contactava os chefes do interior pessoalmente.

Desde pequenos, os Caiado eram treinados para a resistência física. A educação para a resistência física se reproduziu nos filhos de Totó, Emival e Elcyval que gostavam de fazer luta livre na praia do Flamengo, no Rio, quando estudantes. Na casa de Totó:

"Os meninos praticavam muito atletismo la em casa eles todos davam salto mortal (...) tinha barra no quintal"⁴⁶

O exercício desenvolvia o porte físico, explicitamente citado como patrimônio político. A relação poder e porte físico foi expressa por diversos membros da família, contextualizada em situações as mais diversas:

"Dizia meu pai que o avô dele, que era mais alto que o pai dele, que era mais alto que ele e que ele era mais alto que os filhos dele (...) Meu filho. Emival Filho, tem quase dois metros de altura, o Ronaldo é alto (...) Meu pai dizia sempre que o porte fisico dele ajudou muito na política, principalmente na política nacional Uma (...) o Pinheiro Machado escolheu ele para descer as escadarias. E desceu de braço com meu pai

Contaram os familiares que Pedro Ludovico teria afirmado que seria impossível

⁴⁶ Lnen Caiado Entrevista citada

⁴⁷ Lnmal C aiado Lntrcvista citada

ganhar um voto feminino quando Totó Caiado aparecia na campanha. Isso acrescenta um outro referencial do vigor e ao porte físico, que é a beleza física, como nos demonstra Brasilice Caiado:

"Uma vez Pedro Ludovico falou que líder tem que ser bonito e que era por isso que vovô tinha uma liderança tão grande."⁴⁸

Membros da família e pessoas que conviveram com as sucessivas gerações dão depoimentos desta beleza.

"O meu avô [Totó] era muito bonito, o Ronaldo é bonito, mas meu avô era muitíssimo"⁴⁹

"Porque a família Caiado é toda bonita, toda ela"⁵⁰

"Era uma figura muito marcante Oflones da Cunha, foi colega do meu pai no Senado, foi governador do Rio Grande do sul, falava que o homem mais bonito que passou no Senado naquela época, era o meu pai: Os Flores da Cunha dizia que quando meu pai era novo, era uma figura cinematográfica

O "porte cinematográfico" valeu também para o próprio Emival Caiado, que chegou a participar do filme "Pureza", rodado no Rio de Janeiro, nos tempos de estudante.

⁴⁸ Brasilice Caiado Entrevista citada

⁴⁹ Iracema Caiado Entrevista em 13.10.95. Goiânia

⁵⁰ Nice Monteiro Daher. Entrevista em 03.10.95. Goiânia

⁵¹ Emival Caiado Entrevista citada

José Asmar contou, em entrevista, que quando Totó Caiado tomou conhecimento da presença do filho no filme da Vera Cruz, chamou-lhe duramente atenção. Ou seja: o porte físico, a beleza não teriam essa finalidade. Além disso, o porte físico e a beleza compõem o traço autocrático e distintivo da origem nobre sobre o qual a família faz questão de firmar-se.

Outro componente interligado aos anteriores, para "ser Caiado", era a atenção a saúde. Segundo as entrevistas, a preocupação com a saúde, com a alimentação era uma constante na vida familiar. Os membros da família, médicos ou não, todos a manifestam. Como nos disse Enery Caiado, a saúde era um atributo do contato com a natureza: "Para meu pai, ele dizia sempre, saúde depende de 3 "a": ar, água e alimentação."

Não são raros casos de pessoas com 85 anos, 90 anos, na história da família. Um dos que morreu mais jovens foi Brasil Caiado, em acidente automobilístico a caminho da Cidade de Goiás. Entrevistamos homens e mulheres com mais de 70 anos, que até hoje exercem atividades físicas regulares, estão fisicamente dispostos e aparentemente saudáveis. Aliás, todos têm orgulho disso. Os hábitos que preservam a saúde são também tarefa de todos os membros, aparecendo que aparece vinculados à conduta moral:

"Você não vê Caiado que bebe, muito difícil ver um Caiado que fuma Sendo Caiado não bebe, não fuma, não joga"⁵²

"Papai cedo mandava tomar banho frio de bica, porque achava que era saudável E tinha que levantar cedo Papai era assim, se tossia uma pessoa de noite, ele levantava para ver quem era e dar remédio Preocupava muito com nossa saúde tínhamos uma casa enorme, quintal (...) com árvore frutífera de toda qualidade, vaca pra tomar

⁵² Elcyval Caiado Entrevista citada

É possível imaginar a responsabilidade de cada membro, de cada geração para se habilitar à permanência política. Pelo exposto até agora, o homem devia ser vigoroso, ter porte atlético, ser bonito, saudável. A mulher, além da boa saúde, terá outras atribuições, como veremos posteriormente. Mas não são apenas essas as atitudes incorporadas pelo fazendeiro político. A ela se acrescentam a disposição para o trabalho braçal na fazenda, a conduta moral ilibada e a valentia (bravura ou "brabeza"), identificada à masculinidade.

Um Caiado devia ser o melhor peão, o que acorda antes de todos os empregados, o melhor tirador de leite, fazedor de cerca, domador de burro bravo. Não houve espaço para a preguiça e o medo. O orgulho de ser o melhor peão, o mais resistente, espelhou-se no exemplo dos pais e avós. Todos os membros da família contaram a façanha de Totó que, já com mais de 80 anos, dominou um boi bravo que atacava um peão, sendo que ninguém se dispunha a enfrentar o animal. Isso também foi registrado em escritos de Ioaquim Rosa, no Jornal *Opção*, e nas memórias citadas por Bernardo Elis e José Asmar. Essa atitude incorporada de melhor peão se reproduziu nas gerações seguintes. O filho de Totó, Endeval, nos exemplificou:

"Fui domador de burro 'rabo' em Goiás velho Todo mundo me conhecia Fui um dos melhores peões da fazenda Meu pai tinha tanta confiança em mim que, numa ocasião, quiseram comprar a fazenda dele Disseram -Mas seu gado tá bravo Ele: - eu pego quando eu quero -Eu [o comprador] vou buscar um peão no RS para pecar esse boi: - Então faça o seguinte - Eu dou a fazenda se você tiver um peão que amarrar boi na frente do meu filho O

comprador não quis Eu era o peão " '4

É evidente a função política desta exigência sobre os filhos. É preciso ser forte e corajoso, literalmente, para fazer política. Além disso, pra dirigir a fazenda, todos os empregados têm de ver o patrão como chefe insuperável, a quem devem o respeito e medo. O filho sentia-se na obrigação de ser o melhor, na mesma proporção em que se orgulhava de ser a referência citada pelo pai. Estava assim se habilitando à herança política da família:

"Ele [Totó] não admitia que um filho dele fosse pior ou mais mole. Tem que ser o melhor. O filho tinha que levantar mais cedo, entrar no curral para tirar leite mais cedo. Muito severo com todos os filhos, que tinham que fazer tudo. Eu, com 2 anos de idade, fui para a fazenda com meu pai, a cavalo. Depois do almoço dava sono, eu dormia com ele ali [no cavalo] e depois voltava pro meu cavalo."¹"

É difícil imaginar uma criança de 2 anos cavalgando sozinha, mas a forma enfática com que referiu a idade também compõe a idéia que discutimos aqui.

Ao longo das entrevistas surgiram indícios de membros da família que não se dispuseram ou dispõem a reproduzir e/ou alimentar essa atitude e essa missão, especialmente nas gerações mais recentes. Mas, pelo que se pode observar com os poucos elementos disponíveis sobre esse aspecto é que qualquer forma de desconsideração ao Projeto estabelecido pela família é capaz de excluir, informalmente, o suposto dissidente do espaço na vida política familiar. Essa dissidência pode se referir a uma opção política

^M Ldcnval Caiado Entrevista citada

⁵⁵ Kmal Caiado Entrevista citada

mais à esquerda, ou a não incorporação do projeto machista, por exemplo.

Essa postura de valentia construiu uma referencia visual, um porte físico ainda fundamental, como nos diz Bernardo Elis:

"O Ronaldo se impôs pela postura física Só disse coisas reacionárias, mas botou o Lula numa situação muito difícil

Resistir ao medo, assumir a atitude de Caiado, é o que se esperava do agente. Brasil Caiado, médico e Presidente do Estado, nunca deixou de exercer a medicina. Essa profissão o expunha, e expunha seus filhos e sobrinhos, à convivência com situações brutais. O homem que suportava operar um honieni baleado sem anestesia, sob a sombra de uma mangueira e que enfrentava a morte sem constrangimento, alcançava um ideal de masculinidade, estando apto a ser um legítimo Caiado. E ensinava isso ao sobrinho Antonio Ramos Caiado Filho:

"Disse pra mim você desmaia quando vê sangue ou é homem"⁷ Operou o cara debaixo da mangueira (...) eu assisti "⁵⁷

No mesmo sentido, Marcos Caiado nos informou que seu pai, Brasília Caiado, ensinava-o a andar em cavalo sem sela, desde os quatro anos de idade, sob a seguinte orientação: "Tem que subir e se cair, o cavalo passa por cima. Tinha que ser valente." Mesmo o enfrentamento de sua própria morte é motivo de orgulho, como exemplificou Caiadinho:

"Eu tive 13 maleitas, inclusive uma terrível maligna O Emival teve

⁵⁶ Bernardo Elis Entrevista citada

⁵⁷ Caiadinho Entrevista citada

febre amarela na fazenda e meu pai curou só com suco de laranja ^{1,58}

Na prática política, o mesmo Emival Caiado era, segundo a família, tido como um dos homens mais valentes e destemidos do Congresso Nacional. Essa atitude foi relacionada à Tenório Cavalcante, também famoso por atos de enfrentamento:

"Tenório ao escolher os 10 mais valentes, me botou como o nº 1 O mais valente de todos."⁵⁹

A discussão política em torno da construção de Brasília exigiu, além da capacidade de articulação, capacidade de enfrentar os inimigos dentro da própria UDN. Afonso Arinos era o líder da bancada udenista à qual Emival pertencia. Quando o Partido cobrava que Arinos enfrentasse Emival, essa era a resposta, segundo o entrevistado:

"Ave Maria, cruz credo, eu não vou mexer com ele de jeito nenhum. Eu não vou brigar com aquele Caiado de jeito nenhum.

A memória veiculou um conceito implícito de Caiado informado pela noção de "gênero", em que Caiado passou a ser sinônimo de valente, destemido e temível, ao mesmo tempo. A valentia ou bravura foi associada a uma atitude pessoal de dar resposta ao desafio. Sempre foi importante para a família lembrar os feitos do Marechal Agnaldo Caiado de Castro como comandante do Regimento Sampaio, na Segunda Guerra Mundial. É a memória reconstruída, com base nas contingências presentes, que exige a permanência do homem corajoso como referencial familiar. É o que Leolídio Caiado

⁵¹ Idem

⁵⁹ Emival Caiado Entrevista citada

^{w1} Idem

demonstra, em artigo recente publicado no *Diário da Manhã*:

"Na tomada e ocupação do Monte Castelo, defendido por preparada unidade alemã, o Regimento Sampaio, famoso 1º RI, foi reconhecido pela estratégia, coragem, eficiência e bravura e o seu comandante, o cel Caiado de Castro, considerado 'Herói de Guerra' ⁶¹

A família enfrentou explicitamente a atribuição de violências associando aos atos de bravura uma atitude pessoal de "brabeza", como eles mesmos gostam de nominar. Segundo sua versão, não são violentos, mas dão resposta imediata quando são desafiados em sua coragem, moral ou virilidade.

A própria família se cobrou, interna e mutuamente a atitude pessoal diante da situação de ameaça. Quando perguntados ao que atribuíam a fama de violentos, responderam com a já referida "versão oficial" construída por Pedro Ludovico, e com a afirmação de que jamais se utilizaram de "jagunçagem". O fato de não ter havido mortes nas lutas políticas antes de 30 também se explicava, segundo eles, pelos laços familiares espalhados pelo Estado, mesmo estando membros da família em lados opostos, como Mário e Totó, em 1930. A violência foi constitutiva do momento histórico a que estamos nos referindo e está registrado tanto na literatura quanto na historiografia. A jagunçagem não é assumida por ninguém que tenha tido papel de direção política neste tempo. Ninguém abre mão da chamada "atitude pessoal":

"Nós detestamos jagunçagem. Nós tomamos atitudes pessoais, isso tomaria mesmo Nós não admitimos a política de eliminação do

⁶¹ Leolidjo Caiado "O Marechal Caiado de Castro"- *Diário da Manhã* 29/11/95.

adversário

O Caiado é, antes de tudo, um bravo, poderíamos dizer parafraseando Euclides da Cunha, se pretendemos sintetizar o conteúdo da história incorporada pela família e assim requisita de seus membros. Esse é um componente do projeto implícito na formação do homem da família que se transformou em história objetivada, expressa sempre que solicitada pelas situações concretas, a exemplo do que ocorreu com Emival Caiado, em um cinema do Rio de Janeiro. Um homem chamou Emival para conversar fora do cinema; ele disse que não saia, e o homem retrucou. Segundo ele:

"Então eu falei: Eu topo você é nesse, mostrei o revólver pro sujeito (...) Juntou polícia, como se fosse prender um bandido perigosíssimo. Fui obrigado a dizer que tinha imunidade parlamentar. Que nada, eles vinham pra me pegar mesmo. Eu falei: Não vou agora apanhar na mão de soldado, ser desmoralizado, que isso é coisa de Pedro Ludovico (...) Falei - Vocês não respeitam imunidade parlamentar, mas respeita goiano macho. Ai entrei na valentia com eles, e eles pararam (...) A mim eles têm que respeitar, ou têm que me matar, e eu mato gente também."⁶³

O mesmo Emival, junto com os irmãos e primos, tiveram que enfrentar as ameaças do período em que eram oposição. Segundo Emival Caiado, Emival escapou de vários atentados e, em certa ocasião, jagunços de Pedro Ludovico teriam invadido a ^sembléia para matá-lo, mas ele estava ausente:

"Emival escapou de morrer, porque não ia agüentar ouvir insulto

⁶: Ixão Caiado Filho. *Intercusta cilada*.

⁶³: Emival Caiado. *Entrevista* citada.

Porque o gênio nosso é assim não mexam, porquê senão reage
Ninguém tem sangue de barata Vergonha nós temos."⁶

Dessa forma incontestável é que repercutia a educação para o trabalho braçal, para a resistência física e para a coragem de domar burro bravo. E interessante observar a terminologia empregada. Quando se referiram à disposição de dominar os animais, salvar alguém ou enfrentar guerra, o termo foi "bravura". Quando se referiram à transposição da coragem para as "atitudes pessoais" o termo foi "brabeza". No quarto capítulo veremos que as mulheres Caiado são consideradas "brabas", ou seja, tomam atitudes pessoais; mas não são cobradas por atos de bravura, pois essa não é sua atribuição. Como disse Brasilice, as Caiado são "brabas" porque são francas: não guardam rancor e, por isso, não morrem de enfarte.

O trabalho não incluía o serviço público como projeto profissional. Apesar de haver mulheres professoras e algumas outras funções públicas, os homens eram explicitamente orientados para não se tomarem funcionários públicos. Vários homens da família exerceram cargos eletivos ou cargos de confiança ao longo da ação política dos Caiado em Goiás e no Brasil. Mas não houve referências significativas a funcionários públicos de carreira. Isso não inclui militares, que, apesar de também não haverem sido numerosos, mereceram outra referência no processo político.

"Papai [Totó] fazia questão de ninguém ser nomeado para
luar **nenhum** Tanto que nós não temos quase aposentadoria "⁶⁵

A família e seus membros tiveram que se garantir pelo trabalho. Não se entregar a um cargo público, no código da família, significava não perder as perspectivas de

⁶⁴ jni\ al C aiado entrevista citada

⁶ Knerv Caiado EnWcviSa citada

crescer, de vencer desafios:

"Meu pai dizia naquele tempo era diferente de hoje se você tiver inimigo, você dá um emprego para ele, um empreguinho. Ele fica seu amigo e nunca vai passar daquilo ^{h66}

O trabalho produtivo, vinculado à terra, formava o homem, enquanto o funcionário público seria o sinônimo da passividade. Esse "apego" construído pela terra teve a sua expressão máxima na pessoa de Leolídio Caiado, conhecido ecologista, filho de Leão Caiado. Em entrevista, nos contou Leolídio que trabalhou com o Marechal Rondon, desbravando os sertões, e hoje se dedica a defender o Araguaia da destruição. Leolídio publicou livros sobre esse e outros temas relativos à questão progresso e preservação da natureza. Não renegou o progresso, acha que ele traz necessariamente mudanças à região, mas pensa que elas devem ser para melhor. Há uma divergência na família quanto a isso. Caiadinho, por exemplo, percebeu a contradição de outra fonia: "Se você deixa o mato, a fazenda é improdutiva. Se você derruba, está acabando com a ecologia".

Hoje Leolídio não lida mais com fazenda, dedicando-se totalmente à questão ecológica. Leão Caiado Filho compreendeu o substrato desse componente como compartilhado por todos os membros da família:

"Amor a terra consubstancia-se no Leolídio. Mas todos nós temos um pouco de Leolídio. Para nós, o amor à terra é natural "

Essa relação com a terra, nos termos teóricos aqui discutidos, apareceu de forma poética no discurso proferido por Cora Coralina, por ocasião do enterro de Toto Caiado na Cidade de Goiás, onde, aliás, foram enterrados quase todos os Caiado:

"Homem da terra, homem da gleba, retoma à terra. Você não está

⁶⁶ Caiadinho Entrevista citada

sendo enterrado, você esta sendo plantado ⁿ⁶⁷

⁶⁷ Citado por Ixào Filbo e Caiadinho. ein entrevista citadas

CAPÍTULO IV

FAMÍLIA, PODER E CASAMENTO

ROMANCE DF PRIMOS F. PRIMAS

A pnma nasce para o primo
C) casamento foi marcado
No ato mesmo da concepção
Entre os primos e eleito o primo
Que melhor convém ao tratado
Sem exclusão dos demais primos
perfilados todos à espera
de chamada se a vida muda

Assim nascem todas as pnmas.
destinadas a matrimônio
do outro lado da mesma rua
Os sobradões se comunicam
em passarelas de interesses
da \ esta empresa de família
que abrangem bois, terras, apólices,
paíóis de milho e tradição

Serão múltiplas as pnmas
a primos árdegos unida
À noite, no maior recato,
apagado o lampião, arquejos
não consumados nas gargantas,
contribuirão para a grandeza
do eterno tronco familiar
bem mais valioso que as pessoas

(Carlos Drummond de Andrade)

As estratégias matrimoniais da família também foram constitutivas de sua Permanência política. Os casamentos, ao longo da história da família tiveram atribuições sociais, políticas e econômicas, contribuíram para a permanência da família na cena Política do Estado e do Brasil. As estratégias matrimoniais variaram segundo as conjunturas, dependendo das exigências colocadas pelas relações políticas de cada situação, objetivamente explicitadas pelo jogo do poder. Mas, estruturalmente, estiveram

assentadas sobre a necessidade de garantir a qualificação e a permanência políticas. Ao longo de sua história, os Caiado se ligaram a famílias que tiveram ou têm importância no cenário político e econômico do Estado. A seleção de cônjuges obedece a pré-requisitos que foram e são as exigências sociais estabelecidas para as elites. Não podemos, portanto generalizar esses pré-requisitos para o conjunto da sociedade, assim como não podemos qualificá-los como únicos por todos os momentos, em Goiás, em mais de 100 anos de expressiva intervenção política.

Como escreveu Maria Beatriz Nizza Silva, referindo-se às estratégias matrimoniais na colônia brasileira,

"o que interessa acentuar são algumas regras relacionadas com a instituição do casamento (...) E evidente que as regras de casamento variavam com os grupos sociais e que seu ajuste era tanto mais complicado quanto mais elevada era a hierarquia dos noivos " (Silva, 1977:96).

Considerando o intrincado jogo de interesses que constituíram a política de alianças estabelecidas pelos grupos dominantes ao longo da história de Goiás, temos também um intrincado, mas também articulado e pensado ajuste nas estratégias matrimoniais dos Caiado. Um critério permanente, em todos os momentos desta história foi a homogamia, ou seja, o casamento entre iguais. A qualquer tempo, em qualquer conjuntura, em qualquer faixa etária, este critério permaneceu como referencial fundante das estratégias matrimônias. O domínio desta lógica em si, representa também um patrimônio político que proporciona a permanência política. Perder o controle deste processo, ou dessas estratégias, diluiria a força política acumulada, abalando o conceito construído ao longo de anos, pela família, e que tem sido capaz de articular propriedade e poder político. Foi e é também, portanto, uma tarefa absolutamente decisiva para a permanência e

rearticulação política da família.

Casamentos entre membros de grupos políticos ou de proprietários já foram citados pela historiografia goiana. Por exemplo, Guimarães Natal, o abolicionista, passou a compor a família Bulhões, e isso repercutiu politicamente nas conjunturas que se seguiram. Da mesma forma, Xavier de Almeida preferiu outro grupo regional para estabelecer relações de parentesco (que não os Bulhões) repercutindo decisivamente, no encaminhamento dos arranjos políticos do Estado no começo do século.¹ No entanto, até hoje as estratégias matrimoniais não foram objeto de trabalhos específicos e sistemáticos na historiografia sobre Goiás. Existem genealogias (algumas), que, apesar do esforço de seus pesquisadores, ficaram circunscritas à curiosidade familiar ou à afirmação de um patrimônio político.¹ Trata-se de obras que foram executadas a partir do vínculo político ou pessoal de seus autores com os grupos familiares estudados e não de trabalhos analíticos das relações entre família e poder. Na maioria dos casos, os trabalhos se limitam a descrição, o que por si só exige um esforço imenso do genealogista, numa sistematização de dados colhidos em fontes dispersas e de difícil acesso. As genealogias elaboradas com essas características carregam duplo significado: são fontes de dados preciosos e também são objetos de estudo quanto à motivação ou intenção do pesquisador e sua forma de elaboração. Por exemplo, o fato de eleger-se uma ou outra família para levantamento genealógico já é um dado a ser considerado na interpretação política e social e mesmo historiográfica do trabalho. Porém, como já se disse aqui, não há uma abordagem da genealogia que supere os limites descritivos e a considere do ponto de vista do capital Político acumulado e suas repercussões nas relações sociais ou relações de poder, ao longo da história de Goiás. Esse seria um trabalho de grandes dimensões e que está ainda por

¹ Sobre isso, ver, entre outros, Maria Augusta Santana de Moraes op. cit.; Maria Luíza Araújo Rosa, op. cit.

Nesse sentido, destacam-se: Claro Godos, "Fragmentos do Passado"; Americano do Brasil, "No convívio com as traças"; Oliveira Godwin "Ampliando Sua Leme"; Coeço Trindade "troncos genealógicos de Goiás"; Gelmeres Reis, "Genealogia Luiziânia. Agnelo Fleury. "Fleury e Curados".

ser realizado.

A nível nacional, poucos trabalhos consideram a genealogia como capital político acumulado. As relações entre família e poder político ainda são traduzidas em estatísticas eleitorais, em função das análises do desempenho dos partidos políticos. Aqui nos apoiamos em Letícia Canedo, que afirma que:

"Así, la familia simplificada en códigos y la política sintetizada en siglas en un país que se modernizaba en siglas y números impidió la visión de los nuevos contornos del diseño de la legitimidad electoral, construido con la orientación de la durabilidad. Al considerar la organización partidista y el interés por el voto que pacifica la competición entre elites, ignorando (mediante la condena) la presencia del parentesco como vector de redes políticas y condición de acceso a los cargos electivos, los analistas no pudieron reflexionar sobre el universo de representaciones que la política acarea consigo" (1994: 97,8)

Aqui trataremos de uma família específica, os Caiados, referindo-se apenas ao conjunto das alianças matrimoniais, sem aprofundar uma investigação sobre as famílias incorporadas.

Um componente desta lógica matrimonial foi a manutenção de um núcleo central dirigente, capaz de tomar hegemônica a ação política da família, mesmo considerando as alianças estabelecidas, ou seja: formaram-se alianças, mas estas tenderam a ser absorvidas pelo núcleo central, originário da família. Esse núcleo central foi o tronco formado por Antônio José Caiado/Torquato/Totó. Os outros troncos da família articularam-se em torno da direção política estabelecida pelo tronco central. Foi fundamental, por exemplo, a aliança política estabelecida por laços matrimoniais entre os Caiado e os Alves de

Castro. Ao longo desta aliança política, porém a hegemonia ficou explicitamente atribuída aos Caiado, desde o começo do século até os dias de hoje, o que também é assegurado pelo grau de coesão interna da família. Isso garantiu a permanência política dos Caiado, e não do imenso conjunto de aliados constituídos em toda a história, que não tiveram o mesmo grau de direção e influência. É o que verbaliza Leão Caiado Filho:

"Temos um núcleo, nunca sairemos do núcleo que o velho senador Caiado. Antonio Jose Caiado deixou, permanecemos nele."

A aliança matrimonial devia garantir a ampliação do poder político e material da família, que só se consolidaria mediante a coesão interna. Na família Caiado, houve dois casos em que o preço da não coesão foi o alijamento do grupo central, e, posteriormente, o ostracismo e o desaparecimento político. O primeiro caso foi o de Mário, que, como Alencastro Caiado que era, rompeu a coesão interna que submetia seu tronco familiar ao de Totó Caiado. Como se viu, após alguma projeção, Mário desapareceu do cenário político, sem deixar descendentes ou herdeiros políticos significativos. O outro caso é o do atual prefeito da Cidade de Goiás, Abner Curado de Castro, que rompeu com o tronco de Ronaldo Caiado, seu contemporâneo. Esse tronco central, hegemônico, não o cita espontaneamente nas entrevistas. Quando solicitados, os entrevistados quase não se referiram a ele como Caiado. Sua capacidade de permanecer na cena política ainda está para ser observada, no futuro próximo. Em ambos casos, preservadas as conjunturas específicas em que se deram, o que ocorreu foi a disputa do patrimônio político acumulado em gerações sucessivas, que fortaleceu o vencedor e fez desaparecer o derrotado na cena política, especialmente no caso da cisão Mário Caiado/Totó Caiado.

Como nos diz Canedo, "no caso de um patrimônio político, o grau de coesão interna de um grupo confere valor de troca ao casamento". (1991: 227) Portanto, se a coesão não foi assegurada, sob a hegemonia do tronco central, é melhor excluir do que dividir o

campo de influência. A luta se travou na arena política pública, com a consequente desarticulação do grupo com menor capital político acumulado.

Alie-se a isso o fato de que, somente o homem pode transmitir o nome à descendência. Por isso, tiveram papéis diferenciados os casamentos dos homens e das mulheres Caiado, apesar de todos estarem sob a hegemonia desta família.

Não houve a prática do dote na família. Como se sabe, garantir um bom casamento para a filha dependia do dote que o pai poderia oferecer. Isso era explícito no Império e implícito na República Velha. Mas entre os Caiado, segundo nos informou Leonina Caiado, não havia essa prática sistematizada. Antonio José Caiado, o velho senador, costumava presentear as netas no aniversário. Uma delas, Diva, ganhou um faqueiro de prata no primeiro casamento. Ilidia Fleurv ganhou de seu avô Francisco Perillo, uma meia de moedas de ouro, quando se casou com Leão de Ramos Caiado. Pode ser que tenham ocorridos dotes mais explícitos, mas, não devem ter sido significativos já que não constam da memória coletiva da família."

Isso demonstra que o grande dote era o sobrenome Caiado e o patrimônio político acumulado que, inclusive, tomava possível o acesso de marido a cargos, recursos e poder. Se era importante ser próximo, ser amigo fiel ou correligionário dos Caiado, imagine-se o que representava ingressar na família.

A genealogia funcionou portanto, como capital político acumulado, possibilitando continuidade e solidez ao poder social, domínio temporal e a sua capacidade de adaptação. (Canêdo, 1994:92) A capacidade de aglutinar os grupos que dirigem politicamente a sociedade na qual se circunscreve uma família, se traduz uma tarefa somente possível a quem acumulou os instrumentais da permanência política.

³ Ver Woortmann. t lkn f Herdeiros. Parentes e compadres. Id Huciteclunb Iº ed 1995. SP?DF. A autora discute as I eonas do Parentes«) entre os quais, a tuna da linguagem afirma que "O parentesco não é uma coisa em si. mas unia linguagem, uma expressão das relações de propriedade, estas ultimas, duráv eis no tempo " p. 79

* A questão dos dote» em Goiás, envoh endo o conjunto da família. ainda não foi estudado, mas não cabena aqui f*/é-k)

Desta observação das estratégias matrimoniais é que retiramos outro componente destas mesmas estratégias. Como nos diz Letícia Bicalho Canêdo,

" a força de recordar na construção da genealogia costuma ser proporcional ao valor que o grupo dá aos matrimônios que podem assegurar a perpetuação deste patrimônio " (1991 225)

Assim, ao longo das entrevistas, os casamentos mais lembrados foram sempre os que garantiram acumulação, aumento do patrimônio político ou econômico. Da mesma forma, dos casamentos mais antigos nunca se deixou de mencionar os referenciais de nobreza, como já se explicitou no capítulo 2. Os casamentos mais citados foram o de Manoel Caiado de Souza, Antonio José Caiado, Torquato, Totó Caiado, as irmãs de Totó (Diva, Terezinha, Tarsila, Antonieta e Colombina). Durante o regime militar, o coronel Itamar Viana, casado com Elcv, foi o mais citado. Alguns matrimônios bastante citados são mais recentes, a exemplo do Eliana, filha de Elcyval e casada com Pedro Canedo. Os mais referidos sempre foram acompanhados de expressões como: "casou-se muito bem", "soube casar-se", num claro reconhecimento da importância da aliança estabelecida.

Outro componente das estratégias matrimoniais foi o fato de funcionarem como reequilibradoras da posição política alcançada. Isso se deu especialmente diante das mudanças conjunturais do jogo político. A capacidade de dar respostas a essas exigências existiu no âmbito das alianças políticas e também nas matrimoniais.

Veremos agora, como se deram as principais estratégias familiares de alianças matrimoniais nos diferentes períodos da ação política dos Caiado, em Goiás e fora do Estado.

1. As estratégias matrimoniais

Dividiremos esse item em períodos, que diferenciam a ação política da família ao longo da história de Goiás, para localizarmos as diferentes estratégias. Veremos como o casamento obedeceu a uma política de investimentos e prioridades.

1.1. Casamentos na Colônia.

Como já afirmamos, o primeiro Caiado que chegou a Goiás, Manoel Caiado de Souza, casou-se com Brígida Ribeiro Soares Almeida, filha de Manoel Coelho de Almeida, o qual tinha a concessão de sesmaria em Goiás. Foi o primeiro vínculo, e já estabeleceu o acesso à terra como resultado imediato do casamento. Tratava-se, então, de garantir a base material para fixar e organizar-se na nova terra. Da segunda geração houve dois filhos do primeiro casal que, aparentemente, ampliaram as terras. Isso é o que fez Firmiano Caiado, da terceira geração, que se instalou na região de Mossamedes, casando-se com Maria Coralina Souza, a filha de grande proprietário de terras.

1.2. Casamento no Império

Os postos do poder executivo, durante o Império eram preenchidos por pessoas indicadas pelo poder central e, como tal eram vistos como "estrangeiros" em Goiás. Somente na última metade do século XIX é que se organizariam as forças políticas locais, a partir da expansão da pecuária. Foi o tempo dos Bulhões, como já vimos

Nesse período, os casamentos dos Caiado se limitaram a ampliar suas bases materiais. Houve um casamento sempre citado, devido às referências à nobreza, justamente o de Antonio José Caiado, o primeiro político de destaque da família, que casou-se com Maria Tereza Conceição Cachapuz e Chaves, e não com uma descendente dos Bulhões. Isso lhe garantiu sobrevivência e independência política após o rompimento com os Bulhões, que desapareceram da cena política no começo do século. Houve

⁵ \Jo obtivemos

mfomuçte »obre essas pessoas

também o casamento de Salvador irmão de Antônio José, com Maria Vivência Azevedo, filha da influente família Azevedo, de São Paulo.

A grande característica deste período, no que se refere aos casamentos, foi a consangüinidade. Dois irmãos (Luís Antonio e Tereza Flaminia filhos de Antonio José) casaram-se com dois primos em primeiro grau (Maria Alcântara e Felipe - filhos de Joaquina). Quando não havia outra alternativa, que acumulesse ganhos, fortalecia-se a própria descendência. Como esclareceu Canêdo, dentro de família de proprietários de terra, percebe-se a permanência de casamentos consanguíneos. (1991:227)

Os filhos mais novos, exceto Tereza Flaminia, casaram-se já no final do Império, com membros de promissoras famílias locais, como Fleurv e Veiga Jardim. Iniciava-se a preocupação com a ampliação das bases políticas locais, que seria o grande sustentáculo do salto político nos investimentos matrimoniais da família, na República Velha. Torquato, sucessor de Antonio José Caiado, aprofundou o vínculo da família com os paulistas, através de Claudina Azevedo Fagundes. Torquato foi o primeiro a sair de Goiás para estudar em São Paulo, e lá passou a freqüentar espaços sociais privilegiados, onde conheceu Claudina. Após o casamento, Claudina mudou-se para Goiás com o marido não mais retomando à São Paulo.

Neste período, portanto, houve estratégias que consolidaram a família, internamente (a consanguinidade), e outros que garantiram o início da ampliação do campo de influência local e nacional. Há elementos da subjetividade inerente ao casamento (amor, por exemplo) que também serão objeto, a seguir.

1.3. Casamentos na República Velha

Sendo o período de maior poder político concentrado, expresso em cargos públicos e na direção partidárias, esse foi também um período decisivo nas estratégias

matrimônias para a permanência política da família Caiado.

A República Federativa, apesar de não abalar estruturalmente o poder estabelecido, impôs uma reordenação do jogo político local, cujos dirigentes precisaram ganhar expressão e poder de negociação no centro político do país. Ao mesmo tempo, houve necessidade de se ampliar as relações políticas locais, alargando-se o campo de influências num Estado que começava a estabelecer novos vínculos econômicos com o centro econômico e político do país. Foi necessário, então ampliar a base geográfica da influência política, garantir a absorção de potenciais concorrentes políticos (que se crescessem economicamente poderiam ameaçar os Caiado), e consolidar o poder econômico que lhe dava sustentação. Como esclareceu Faoro, neste período da história do Brasil, "para atingir o cume da carreira política, o importante era circular na órbita do Estado". (1975: 225,226)

A descentralização política exigiu uma diversidade de tarefas, uma divisão do trabalho político, que requereu a permanência em cargos eletivos e cargos administrativos de maior número de pessoas da família. Vale lembrar que nesse período, também, a família ampliou suas propriedades, com a aquisição das fazendas Tesouras e Aricá, na gestão de Brasil Caiado na Secretaria de Terras do Estado. Estava oportunamente aumentado, portanto, o poder de "negociação" perante as possibilidades de casamento.

Segundo Canedo, estudando famílias mineiras,

"nesse início de século, registra-se a união de homens políticos da família com filhas de coronéis, por intermédio do casamento de seus filhos. Duas estratégias de casamentos tomam-se mais nitidas, (a) alianças múltiplas entre grupos preferenciais, (b) alianças opostas. Em ambos percebe-se a transformação em qualificação política daquilo que na origem foi estratégia familiar praticada junto com proprietários de terra e membros da alta administração do estado" (1991 228)

A estratégia matrimonial devia ser capaz de dar respostas a toda essa gama de exigências colocadas pela nova conjuntura. A família Alves de Castro, já estava presente na cena política do final do século através de Manuel Alves de Castro, e também despontava como grande proprietária de terra em Goiás. Sua influência política sobreviveu a de Xavier Almeida, a quem os Alves de Castro se aliaram por algum tempo, antes da derrota deste Presidente do Estado, em 1909. Ocorreram, então, os chamados casamentos múltiplos: quatro mulheres Caiado casaram-se com quatro homens Alves de Castro. Isso, ao mesmo tempo, ampliou o número de agentes para assumir a diversidade de tarefas (juizes, governador, diretores de órgãos, deputados, senadores, fiscais, etc.), absorveu um aliado de considerável significado econômico e político, fortalecendo o grupo familiar hegemônico, os Caiado. As características da família Alves de Castro cumpriam as exigências apresentadas pelas estratégias matrimoniais do período, além de atenderem a uma exigência recorrente em todos os períodos: - garantir a direção do núcleo central Caiado, como afirmou Brasilice Caiado:

"As minhas tias eram muito sossegadas, quietas. Elas eram quatro irmãs, casadas com quatro irmãos Alves de Castro, e mais, eles eram quietos, pacatos (...) Não envolvia na influência política, deixava que tio Totó resolvesse a política e eles aceitavam o tio Totó como um mandão "

É como se, casando-se vários deles dentro das mesmas famílias, se consolidassem o núcleo dirigente da política estadual e seus representantes nacionais. As mulheres não puderam assumir cargos dirigentes na administração e não se candidatavam. Portanto, como elo de alianças políticas a estratégia é que contribuíssem para a permanência política. Há outras tarefas fundamentais observadas pelas mulheres, como veremos ainda neste

capítulo. Mas, aqui, os casamentos múltiplos Caiado/Alves de Castro (Terezina/João, Tarsila/Joviano, Antonieta/Abílio, Colombina/Agenor) são consolidadores de uma aliança material e política:

"O casamento dos Alves de Castro com os Caiado foi arranjo, conveniência. As famílias influentes em Goiás naquele tempo casavam sempre em consequência de arranjo. Um ou outro mais romântico casava por romantismo. A pobreza era muito grande. Um pouquinho de riqueza que havia era muito escassa e os grupos não queriam abrir mão disso. Então casa entre parentes."⁶

Ocorreram também os chamados casamentos opostos, ou seja, os Caiado casaram-se com membros de famílias diferentes de suas características, para ampliar as possibilidades, tanto locais quanto externas. Neste campo, houve o primeiro casamento de Totó Caiado, com Iracema Carvalho, paulista, cujo pai pretendia que o casal residisse no sudeste, com garantia de cargos promissores. Essa proposta não foi aceita por Totó Caiado; mas, se o sogro podia garantir-lhe empregos, podia também emprestar-lhe apoio e vínculos políticos nos centros econômicos e políticos do país. Iracema também emprestou a ilustração ao homem do interior do país, vinculando-o a condutas e convivências que não faziam parte de sua rotina coletiva. As filhas deste casamento estudaram no tradicional Colégio Sion, recebendo integralmente toda a educação própria das elites do centro político do país. Iracema era filha de Manoel de Carvalho, militar, Ministro da Agricultura, membro da Comissão de Emigração. As relações com o núcleo dirigente do país eram estabelecidas inclusive de forma bastante orgânica. Tanto a aprovação da aproximação que resultou em casamento quanto o deslocamento da paulista

⁶ Bernardi, Elís. *Emre\ista oilaAi*

No Ir\TO "A mulher. a Ilustona e Goiás. Célia Seixo de Brito dedica algumas páginas* a Iracema. No entanto a maior parte do texto faz referência ao pai e ao marido, não a ela mesma

para o interior do país demonstram alguma reciprocidade no interesse pela concessão da filha ao enlace.⁹ Ela estudou vários anos na Europa, trazendo enxoval para o casamento diretamente da Itália. Num percurso difícil, trouxe todo o enxoval no lombo de burros, de São Paulo a Goiás. A maioria das peças do enxoval não chegou a ser usada em Goiás. Sua neta, Iracema Caiado Zilli, nos contou que a avó sofreu muito com a mudança radical que o casamento lhe trouxe:

"Ela era uma pessoa muito educada Agora, escuta o drama ela veio da Itália, (...) o enxoval dela tinha sombrinha, chapeuzinho, bolsa, luva e o binóculo Os lençóis dela estão aqui (mostra uma arca) (...), aquela coisa toda da Ilha da Madeira Ela conheceu meu avô na Escola de Direito. (...) Vovô era muito bonito Ronaldo e bonito, mas vovô era muitíssimo. So que ele não contou do Ubirajara [o filho natural], ela ficou sabendo já em Goiás () Moravam numa casa com lampião Ela ficou tuberculosa e morreu em 6 anos "⁹

No texto de Brito, há referência a essa situação, que levou Iracema a definhar até morrer. Passando os últimos anos de vida no Rio de Janeiro, suas filhas ficaram com a avó materna, e, tiveram, então acesso a uma formação ilustrada.

O segundo casamento de Totó, poucos anos após a morte de Iracema, veio fortalecer os vínculos locais, posto que os nacionais estavam consolidados, ao mesmo tempo em que as exigências locais se acentuavam. Maria Adalgisa Amorim, filha de latifundiários comerciantes de Goiás, de família numerosa, muito ligada às atividades religiosas era o ideal de esposa que se exigia neste contexto. Apesar de cumprir papéis claros, nas estratégias matrimoniais nem sempre essa lógica é apreendida pelas pessoas da

* Sobre as relações de Goiás com o centro político do país, durante a República Velha ver Chau N Cantinhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade, p 93 a 117. ars

⁹ Iracema Caiado Zilli Entrevista em 13.10.95. Goiânia

família ou por quem com ela convive, como Nice Daher:

"A família Amorim é uma família de educação muito fina, muito diferente dos Caiado. A gente até estranhava que o Caiado tivesse (...) impressionado pela Mariquita "

Outros casamentos também se realizam neste campo. Diva Caiado casou-se duas vezes. Primeiro, com Ovídio Abrantes, filho de Braz Abrantes, político de expressão significativa em Goiás, neste período. O segundo casamento foi com Eugênio Jardim, militar goiano com carreira feita no Rio de Janeiro, que trouxe novos contatos e mais capital político acumulado. A atuação de Jardim foi decisiva na Revolução de 1909, como já nos referimos no primeiro capítulo. Brasil Caiado também se casou com uma representante do poder paulista, os Rodrigues, grandes comerciantes e negociistas da capital. Vários de seus filhos tiveram a educação superior fora de Goiás. Esses casamentos eram articulados enquanto os homens estavam estudando no Rio ou em São Paulo. Marcos Caiado localizou estas articulações, atribuindo aos casamentos resultantes, as características de avanço à visão de mundo construída pela família. Mas, fundamentalmente, esses casamentos davam notoriedade à família, em Goiás mesmo. Igualmente, Marcos Caiado considera os casamentos locais, especialmente o segundo casamento de Totó, como a retomada dos fundamentos de uma visão mais mandonista presente na família.¹

Os demais casamentos desta geração ampliaram as relações com famílias de expressão econômica e política regional: Albemaz, Fleurv Perillo. No tronco descendente dos casamentos consanguíneos citados anteriormente houve as alianças com Alencastro, Godov, Seixo de Brito, Rocha Uma, Barros Rodrigues, Alencastro Veiga Jardim, Lobó. Mesmo considerando as divisões posteriores nas conjunturas políticas diversas,

¹⁰ Marcos caiado Entrevista citada

especialmente nas dissidências ocorridas com o processo da Revolução de 1930, esse capital político acumulado expresso na genealogia continuou sob hegemonia Caiado.

1.4. Casamentos entre 1930 e 1964

Enquanto os Caiado estiveram no ostracismo político, entre 1930 e 1945, e no período em que se organizaram como oposição, entre 1945 e 1964, manteve-se o grau de exigência da família para os casamentos, mas, por esta não estar à frente do controle político do Estado, alterou-se a lógica interna das estratégias matrimoniais. As articulações não foram determinantes, especialmente quando não se podia organizar partidos, e não havia processo eleitoral como espaço aberto às articulações. Tratou-se, de então, manter e ampliar as bases locais de influência política, priorizando-se, para os homens, os casamentos locais. Houve uma orientação explícita para se evitar casamentos masculinos externos:

"Meu pai dizia: - Olha, vocês têm que casar com filhos da terra, moças que tem outra educação não aceita o ambiente muito diferente Só a viagem eram um mês e tanto ""

"Emival veio à Goiás nas férias, e falou que queria casar Então meu vô botou ele pra contar como era a moça Ele ouviu e falou - Emival. eu vou falar pra você uma coisa Eu fui casado com mulher nobre de outra substância, mas eu teria separado dela porque ela não ambientou aqui em Goiás Então. Emival não casou, não".²

¹Ek> Caiado Entrevista citada

¹² Iracema Caiado Entrevista citada

Evidentemente, a subjetividade era relevante, mas a objetividade do casamento local foi mantida. Sempre que necessário o casamento externo, ele se consolidava. Todos os homens casaram-se preferencialmente com mulheres de famílias locais, mantendo-se o princípio da homogamia.

A consangüinidade também se manteve, mesmo que não sempre entre primos em primeiros grau. Comarv (filha do primeiro casamento de Totó) casou-se com o primo primeiro Lincon caiado (filho de Terezinha Caiado). Também Elcwal, filho do segundo casamento de Totó, casou-se em consangüinidade, com a prima Terezinha Amorim. Emival casou-se com Maria Joaquina Curado. YValdir (filho de Antonieta) casou-se com a prima Brasilice (filha de Brasil).

As mulheres desta geração casaram-se externamente, abrindo outras alianças, em função de necessidades específicas. Elcv casou-se com Itamar Viana, coronel que teria papel decisivo nas gestões da família junto à direção do regime militar. Mas os casamentos, femininos e masculinos, de forma geral, concentraram-se localmente. Como eram grupos familiares que já se relacionavam, houve muitas ligações consanguíneas; assim, houve reincidências matrimoniais com Curado Fleury, Barros, Rodrigues, Rocha Viana, Curado, Amorim, Veiga, Alencastro e também ampliações com as uniões com Seixo de Brito, Paranhos e Guerra.

Ocorreram alguns casamentos especiais, seja por sua função política, seja por sua excepcionalidade. O casamento de Genesv (filha de Tarsila) com Colemar Natal e Silva, expressivo professor que atuava decisivamente em prol da transferência da capital do Estado; o casamento de Mirthes (filha de Terezinha) com Americano do Brasil, um intelectual que reunia elementos para dirigir a política estadual no processo da Revolução de 1930, mas não pôde fazer frente às articulações de Pedro Ludovico; e o casamento de Leonino (filho de Leão) com Maria de Lourdes Rodrigues, sobrinha de Pedro Ludovico, exemplificam a mudança da correlação de força num quadro de oposição. Moema Olival,

filha de Genesv e Colemar. contou em entrevista que o casamento de seus pais foi um verdadeiro Romeu e Julieta goiano, tamanho o conflito enfrentado dentro dos interesses familiares.

É importante ressaltar que nos casamentos femininos do núcleo central, ou seja, nos casamentos de mulheres Caiado com homens de outras famílias, ainda que com poder ou expressão política e econômica, a condução da vida doméstica, e muitas vezes não só da doméstica, era exercida por essas mulheres. Isso atingia a vida política e os negócios da família. Muitos casos nesse sentido foram relatados nas entrevistas, envolvendo os homens da família Alves de Castro, Natal e outras. Mais recentemente, surgiu uma brincadeira relatada por Dona Brasilice, que exemplifica, mesmo que jocosamente, o que dissemos:

"Ernesto Rui chegou e falou - Eu formei uma associação de maridos oprimidos casados com as Caiado A diretoria e assim. Presidente o da Eneri, o vice, o da Leolice. casado com Paranhos. Acho que eles me botaram como tesoureiro, tinha a Iracema, casada com o Zilli"

Isso compõe o perfil da mulher Caiado, que detalharemos neste capítulo.

Outra evidência desta nova condição foi o fato dos casamentos se realizarem mais tarde do que no período anterior. Durante as três primeiras décadas do século, os casamentos, especialmente os femininos, se davam antes dos 20 anos de idade. Neste período, a grande maioria das mulheres Caiado casaram-se entre os 20 e 30 anos de idade. Ou seja. arrefeceu-se o papel político das estratégias matrimoniais, e as mulheres desenvolveram outras atividades, antes do casamento. Não se tratou de uma mudança radical, pois o controle permaneceu, como nos demonstrou Elcy Caiado:

"Eu só sai de Goiás quando me casei Ou saia com pai e mãe, ou não saia "

1.5. Os casamentos recentes - 1964 até a atualidade

A ampliação das referências e vínculos políticos travados no período anterior manteve o procedimento geral de garantir e reforçar o capital político acumulado. No período que agora discutimos, essa lógica permaneceu, procurando, no entanto, adaptar-se aos novos agentes políticos. Houve então a permanência de consangüinidade, em menor escala, a manutenção das alianças anteriores e, também, a consolidação de novas alianças, com novos agentes da cena política.

No primeiro caso, ocorreram casamentos como os de Albirani e Jane, primos; Ibsen Henrique de Castro e Lucimar Lobo, primos; Ivonete Caiado Albemaz e Zaqueu A. Castro, primos; Marisa e Armando, primos. Quando realizamos as entrevistas, quase todos os entrevistados se referiram a uma quase inexistente consangüinidade na família, o que constatamos não ter ocorrido. Não foi possível investigar, nesta oportunidade, o porquê da pretensão de evitar o reconhecimento da consangüinidade. Não terá sido certamente por desinformação, pois vários outros dados, inclusive da genealogia, foram sempre mencionados. Uma hipótese a ser investigada é a tentativa de qualificar-se como uma família que não se fecha em si mesma estando aberta à sociedade como um todo. A consangüinidade parece permanecer até nossos dias, a exemplo do namoro de Breno (filho mais novo de Emival) e Adriana (do tronco de Leão de Ramos Caiado).

No segundo caso, as alianças anteriores permaneceram e se reeditaram em casamentos com membros das famílias Fleurv, Veiga, Rodrigues, Fleurv Curado, Castro

U para detalhar « consangüinidade, observar a genealogia exposta no I capítulo Alguns nome> que estão
alSo â dilWukWe qu.» és «Ms. " X"" f""

Cunha, Pacheco Santana, Ferreira, Azevedo, Jubé, Quinta, Velasco, Godov e Peixoto.

No terceiro caso, ocorreram novas aliança com famílias de expressão econômica, política ou cultural no Estado, como Beltrão, Chaul, Meirelles, Spencieri, Baiochi, Zilli, Roriz, Alciolli, Godinho, Calaça. Algumas delas foram frequentemente citadas por sua importância no cenário político e econômico do Estado:

- Arnosan casou-se com Helenildes, filho do ex deputado Helenês Cândido;
- Margarida (filha de Genoveva) casou-se com Pedro Abrão, irmão de Lúcia Vânia e atualmente deputado federal, pelo PTB;
- Layla (filha de Ederval) casou-se com Ronaldo, filho de Arv Valadão;
- Eliane (filha de Elcyval) casou-se com Pedro Canêdo, deputado federal, pelo PFL;
- Rosa (filha de Leolice) casou-se com Henrique, da família do deputado federal Roberto Balestra.

O que temos, explicitamente, é a garantia da permanência política nas gerações sucessivas da família, abarcando, os novos agentes colocados pelas mudanças no campo político. Observe-se que foi mantido um critério de identidade econômica (agropecuáristas, grandes comerciantes) e política (hoje PFL e PTB, preferencialmente) Como nos demonstrou Elcwal ao se referir ao genro Pedro Canedo, a sucessão está garantida:

"Deixei a política sem derrota, espontaneamente, porque achei que era hora de passar o bastão Surgiram dois jovens que tinham pretensão política, o Ronaldo e o meu genro, Pedro Canedo. deputado federal hoje Eu passei a trabalhar para esses dois na política São dois elementos inteligentes, cada um com um maneira diferente de fazer política, mas todos capazes e merecem toda nossa confiança e do povo goiano também ^{M¹⁴}

¹⁴ Elcyval Caiado Entrevista citada

Encerrando esse item, há que se considerar que a dissolução do casamento não era uma possibilidade considerada, especialmente até a década de 60 deste século. Isso porque, como nos lembra Maria Helena Brito Trigo,

"a indissolubilidade do matrimônio estabelecida pela Igreja Católica era fone argumento para uma escolha pensada, madura, apoiada pelo princípio da igualdade, que no dizer dos discursos moralistas, aumenta a probabilidade de sucesso de casamentos." (1989 89)

Um segundo casamento só se tomava possível após a da viuvez. Lima separação traria não só a perda do investimento corporificado no casamento, como poderia trazer agravantes de novas divisões políticas. Recentemente, esse quadro mudou, com uma incidência significativa de divórcios e separações. Mesmo assim, não são bem aceitas e quando ocorrem, são em casamentos pouco decisivos na vida e elas na permanência política.

2. AS MULHERES SOLTEIRAS

Quando nos referimos aos não casamentos, não estamos mencionando o concubinato. Não nos foram referidos casos de concubinatos, em nenhuma das gerações, mesmo as mais recentes. Isso não quer dizer que não existissem ou não existam, relações não oficializadas. A não referência ao o fato significa, uma preocupação em demonstrar o que a família pensa desta conduta. Luciano Figueiredo demonstra como o casamento religioso, assume, desde a Colônia, elementos das relações sociais que sobrevivem inclusive, ao Império e parte da República. A inocuidade da ação celestial em território tão vasto, aliada aos custos elevados e a vagarosa burocracia para a realização dos

casamentos, concorria para limitar dramaticamente os enlaces sob legitimação da igreja. Fruto das circunstâncias, o casamento passaria a representar um símbolo de status, na medida em que, inacessível à grande maioria, indicaria uma marca de diferenciação social." 15

Estamos nos referindo às pessoas que não se casaram e não tiveram filhos, principalmente, às mulheres solteiras, que representaram boa parte da descendência em especial, até 1930. Ao longo das sucessivas gerações, foram raros os homens solteiros. Vejamos os dados.

Na mesma geração do primeiro político expressivo da família (terceira geração) Antonio José Caiado, sua irmã Rita Caiado, não se casou e João Caiado, seu irmão, não deixou descendentes. Na geração seguinte, Antônia Emília Alencastro, Manuel Sebastião Caiado e Aureliano Caiado, primos, permaneceram solteiros. Até aqui, houve certo equilíbrio entre casados e solteiros, homens e mulheres. Era prática corrente na colônia e império, que uma das filhas não se casasse, para cuidar dos pais, na velhice. Essa explicação talvez fosse suficiente até aqui, mas não será suficiente para compreendermos o que ocorreu nas gerações seguintes, especialmente na quarta e quinta gerações. Aí houve um índice bastante alto de mulheres solteiras; houve homens solteiros, mas geralmente homens que morreram cedo, como José Ramos Caiado (irmão de Totó) ou Apulco Alencastro (filho dos primos Felipe e Tereza Flamínia).

As mulheres solteiras foram (ou são) longevas na sua maioria. O casal Felipe/Terezinha Flaminia teve cinco filhas solteiras (Natália, Zoraída, Cacilda, Lélia, Inês). Nos troncos centrais da geração de Totó, também houve várias solteiras. A começar pelos filhos de seu casamento com Iracema Canhalho: Entre estes, Jupira, Condov e Corival morreram crianças; dos outros, - Consuelo (mais velha), Corv e Camary - , apenas

■ Figueiredo. *Luciatta O Averso da Memória. Cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais*,
■ 17// Ed José Ohmpial dunb I cd.. 1993. RJ Ver awda Siha. Maria Beatn/ Nizzt da.op cit DIIncao Maria Ano
°P cit pp 113 -14)

a última se casou (aliás, com seu primo em primeiro grau, Lincon). Na casa de Arnulpho ficaram solteiras as filhas Astréia (mais velha), Astulhietta e Arleuse. O irmão Astúrio morreu criança. Na casa de Leão di Ramos Caiado, permaneceu solteira Leonina (mais velha). Seus irmãos Leovídio e Leonardo morreram jovens. Na casa de Brasil Ramos Caiado, Brasilena (filha viva mais velha) e Brasilete ficaram solteiras. Brasília, Brasileno e Brasito morreram jovens.

Entre os troncos de origem feminina, temos Dolcy, filha de Colombina, ficou solteira. Eudi, filha de Tarsila, não se casou por ser freira (aliás, a única descendente de toda a família que se tornou religiosa). O quarto filho de Terezina, Manoel, morreu criança.

Sinteticamente: poucas mulheres, filhas de homens Caiado (Totó, Leão e Arnulpho) desta geração, se casaram, as filhas de algumas mulheres Caiado (Diva e Colombina) não se casaram; todos os homens destas gerações que atingiram a vida adulta se casaram. Infalivelmente, as filhas mais velhas que chegaram à idade adulta ficaram solteiras. Leolídio Caiado expressou a mesma explicação de Ederval Caiado que assim opinou, em entrevista:

"E por coincidência As primeiras filhas não casaram As filhas de mamãe (segundo casamento) casaram todas"

Não se pode atribuir tal regularidade a uma coincidência, como não se pode atribuir os casamentos múltiplos entre mulheres Caiado e homens Alves de Castro a outra coincidência, apesar de ser essa a explicação mais corrente na família.

Em várias famílias goianas, ocorreu essa incidência de mulheres solteiras. Há que se fazer um levantamento mais amplo da questão, para não pretender circunscrevê-la à uma família. No caso dos Caiado nos pareceu que a alta concentração de solteiras, entre

1910 e 1930, foi diferenciadora.

Parece ter havido uma lógica interna nessa estratégia. Algumas mulheres, especialmente as mais velhas não se casaram para assumir as tarefas de educação dos sobrinhos (futuros agentes políticos e públicos da permanência política). Ao mesmo tempo, nesta época de hegemonia política da família, tratava-se de aglutinar força com alianças matrimoniais e não dispersá-las. A rigidez moral era acompanhada do controle do jogo de poder: não era qualquer um que estava à altura de casar-se com uma Caiado, principalmente enquanto eles foram os dirigentes máximos da vida política regional. Qualquer casamento que não cumprisse os requisitos apresentados devia ser evitado. A história recente lembrava que um casamento como o de Xavier de Almeida (fora do grupo dos Bulhões) contribuiu para a derrocada do poder do grupo familiar.

Outro dado evidenciador dessa lógica é que as filhas do segundo casamento de Totó Caiado, que atingiram a juventude após a queda política, em 1930, todas se casaram, inclusive numa faixa etária superior às gerações anteriores, como já se disse. Nas gerações seguintes, quase não houve solteiros ou solteiras jovens ou adultos.

As entrevistas, inclusive as de algumas destas mulheres solteiras, nos ofereceram uma resposta para o quadro. Vejamos as falas. Nice Monteiro Daher, que conviveu bastante com Consuelo (primeira filha de Totó Caiado), assim explica o seu não casamento:

"Tenho a impressão que ela não achou alguém que a impressionasse. Quando eu a conheci ela já era madura. Falavam que como ela era a líder, companheira de Toto, (.) se ela quisesse casar, ela acharia um marido mesmo. Não só pelas qualidades dela, também um pouco pela ascendência dela sobre o Caiado. Então, ela tinha lá os

pretendentes, mas ela nunca deu muita atenção. O temperamento

dela não era de casamento, não ”

Consuelo ficou adulta durante as três primeiras décadas do século, e vivendo a hegemonia da família na época em que as moças costumavam se casar. O mesmo que ocorreu com Lhulhu, Cory, Leonina, Brasili, Brasilete, Arleuse, Astréia e Dolcy. Bernardo Elis observou que:

"Ja eram por natureza competitivas, não eram muito de casa e mantinham uma certa imagem A Consuelo é de mentalidade competitiva Elas são criadas para serem pé-de-boi da casa Elas é que mantêm a casa As dominadoras são ligadas aos Caiado Foram criadas para serem mandonas. não dividem o poder com ninguém Dolcy não casou, começou a estudar O pai não achava um homem e atrasava qualquer namoro Filtrava o namoro, ninguém servia "

Algumas outras intervenções nos ajudaram a pensar sobre a questão:

"Naquele tempo tinha um tal da mulher guardar constância A mulher ser constante com a pessoa amada Então, quando o sujeito não se propunha a casar, então, ela ficava solteira, já tinha passado da época, ja tinha atingido uma idade mais pra velhice Mas, tambem não ficava preocupada com isso, não A Leonina foi uma moça linda e não quis casar ",⁶

Nesta mesma direção, Elcy Caiado observou que:

¹⁶ Lio vai Caiado EflUevisU citada

"Lá em Goiás tem muitos casos Os homens iam para fora estudar em São Paulo e Rio Chegava lá, namorava por lá, então as bobas ficavam esperando Tem caso de uma prima que adorava um rapaz Os rapazes ficavam comprometidos so com as moças, não com os pais, porque o pai não queria que ficasse noiva e fosse estudar fora Eles ficavam por lá, casavam por lá E elas ficavam aqui fazendo papel de boba E, às vezes, por falta de rapaz, tinha poucos e saiam pra fora"

Observamos o terceiro eixo de explicação nas entrevistas: o fato de as irmãs assumirem a responsabilidade de educar sobrinhos e irmãos menores, acompanhar seus estudos, formar o homem Caiado. Isso surgiu em algumas entrevistas, como a de Dolcy, uma das solteiras. Como ela não permitiu gravações, o que temos são anotações de sua fala e não transcrições. Foi possível registrar que ela se considera realizada, porque conseguiu ajudar muita gente. Cuidou das irmãs e de seus sobrinhos, inclusive de Abner, atual prefeito da cidade de Goiás. Afirmou que, apesar das oportunidades, que teve não quis se casar. Dona Maria Fleurv completou esta linha de interpretação da questão:

"Alçumas dedicavam demais aos irmãos A Leonina está com 82 anos e até hoje se preocupa demais com os primos, sobrinhos (.) Leonina foi ate noiva, mas dedicou-se a família Lhulhu também dedicou-se mais aos sobrinhos Tive 3 tias que não se casaram Georgina. Ester e Graziela Dedicaram a vida aos sobrinhos "

A forma com que Dolcy se referiu aos pretendentes foi a mesma de suas primas solteiras: eram "bobinhos" ("Apareciam uns bobinhos que queriam casar comigo, mas eu não quis saber disso."). Leonina também se referiu com certo desmerecimento aos pretendentes, da mesma forma que vários familiares se referiram ao fato de Consuelo não dar atenção

aos pretendentes. Dona Lhulhu, outra mulher solteira deste período, mostrou como essas mulheres concebiam o casamento:

"Sou solteirona, graças a Deus (.) Eu queria ser freira, meu pai deixou, mas minha mãe falou não Tiu as vezes doente pra morrer, e não tinha minha filha peno de mim' (...) Mas eu sempre fui assim, dona do meu nariz, nunca tive vontade de casar Achar até que a gente achava (...) Eu tive 5 pedidos de casamento, mas nunca tive vontade de casar Tem mulher doidinha, que se arrumar metade de um pedido, já casa "

Apesar de afirmar categoricamente que não quis casar-se, Dona Lhulhu (Astulheta Caiado) guardou um acróstico com seu nome, feito por um pretendente há mais de 50 anos, que nos foi mostrado durante a entrevista de quase quatro horas em sua casa, na cidade de Goiás.

Em síntese, alguns argumentos podem ser localizados nas explicações dadas pela família e pessoas próximas, à existência de tantas mulheres solteiras:

a) falta de rapazes disponíveis; b) dedicação aos pais na velhice; c) dedicação aos irmãos e sobrinhos; d) os pretendentes não impressionavam, apesar de serem vários; e) mulher que "guarda constância" ao namorado distante; f) "temperamento não próprio ao casamento.

Essas justificativas nos pareceram procedentes, mas pensamos que é preciso situá-las, com algumas peculiaridades, em relação aos Caiado. Todas as mulheres se referiram a pretendentes como inexpressivos, mas, como ocorreu com Lhulhu, não esqueceram nunca de que eles quiseram casar-se com elas. Ou seja, querer casar, elas queriam, mas o conjunto de exigências a mulheres de sua descendência política sobre os próprios pretendentes é que os tomam desinteressantes. Talvez não houvesse falta de rapazes, de forma absoluta, mas falta de rapazes à altura de casar-se com uma Caiado do núcleo

central da família, especialmente no período de sua ampla força política no Estado, ou seja, até 1930. A rigidez do controle paterno era absoluta com os filhos, e elas mesmas assumiram essa tarefa, como mais uma das missões, como colocada pela história incorporada e transformada em atitudes e vocação.

Enquanto a família estava no poder, todo casamento devia acumular ganhos, e não dispersar capital político. Se isso não era possível, por não se encontrar alguém à altura, era melhor não se casar. Reafirmando as observações de Bemanrdo Elis, estas mulheres não foram feitas para dividir o poder, e sim, ajudar a mantê-lo, tomando possível sua permanência. Isso foi o que as entrevistas localizaram como "temperamento", não algo casual ou natural, mas algo construído segundo necessidades políticas explicitadas. Quando o quadro político mudou, e os Caiado foram levados ao ostracismo ocorreu uma tentativa de alterar essas relações, mas, para a grande maioria, o tempo de casar-se havia passado. Algumas mulheres ainda se casaram, outras passaram a estudar, como Dolcv, e Arlete (médica). Nice Monteiro Daher completou a explicação, que nos pareceu concistente:

"As circunstâncias revolucionárias, enfim, numa época que estava em mudança de mentalidade, de sociedade, de tudo. Uma época revolucionária modifica geralmente desde a base familiar ate a base social Houve modificação completa na vida delas A Fifia (Iracema Filha) casou-se, Arlete formou-se em medicina () As mais velhas, quando se casavam, era com parentes, como Coracy e Lincon Depois de 30, elas se libertaram mais Consuelo continuou com Farmácia, Cory mudou-se para o Rio Flouve uma dispersão familiar"

Mesmo que a liberação não atingisse o ponto de rever as bases morais que sustentavam a família, (isso seria uma ameaça à rearticulação política posterior e à

permanência na disputa pelo poder no Estado), observa-se a superação do quase impedimento de boa parte dos casamentos femininos. Todos os entrevistados que participaram deste processo e permanecem solteiros (Leonina, Lhulhu, Dolcy, Brasilice) trataram do assunto sem o constrangimento da idéia pejorativa corrente da "tia solteirona". Ao contrário, reconheceram a sua missão: o que se espera que elas façam, (Bordieu, 1989:82), como uma tarefa cuja importância era reconhecida. Uma tarefa específica dessas mulheres solteiras, que muito provavelmente influenciou de forma decisiva sua opção e condição de solteira, foi a responsabilidade pela educação dos homens que dariam prosseguimento à ação política da família. As mulheres foram e são ponto de apoio e referência para atitudes importantes nos momentos decisivos. Elas assessoraram diretamente a vida escolar dos sobrinhos e sobrinhos-netos; suas casas são referências para toda a família, seu acervo de relíquias familiares é quase um museu da história da família. É provável que, em outras famílias, existam ou tenham existido mulheres com esse papel, e esse seria um aspecto interessante a ser pesquisado.

3. AS MULHERES FORTES

Há outro aspecto que poderia compor um trabalho específico sobre mulheres goianas: a memória coletiva consolidada ao longo de décadas (ou séculos) de que a mulher goiana é uma mulher que decide, manda e se impõe, tanto na vida privada como indiretamente na vida pública. Assim como no aspecto anterior, essa discussão compõe este trabalho como coadjuvante da permanência política de uma família específica: os Caiado. Qualquer pessoa de origem goiana (talvez, não só goiana) conseguiria localizar em sua descendência mulheres fortes, que dirigem muito mais que a cozinha.¹⁷

* Figueiredo. Luciano Op cit p 113

Considere-se, inclusive, que a própria cozinha, numa cidade típica do interior de Goiás,

já exerce um papel fundamental na vida social, posto que nas casas é que ocorrem as reuniões políticas.

Discutiremos as mulheres Caiado, sem perder de vista o que se disse acima, considerando tanto mulheres casadas quanto solteiras.

Vários entrevistados, inclusive mulheres Caiado, localizaram as características dessas mulheres ao longo das sucessivas gerações. Luciano, filho de Ibsem de Castro e seu assessor na Assembléia Legislativa, também fez referência a essa memória:

- Pergunta Todas as mulheres tem um disposição
- Luciano É uma mulherada "braba".

Ou observem-se as falas de algumas dessas mulheres:

"Eu sou dona do meu nariz, da minha pessoa, muito independente As mulheres são muito mandonas, elas entram também na política, todas elas concorrem demais para a vitória na politica dos Caiados Elas vão. assumem a parte delas Todas elas entrometem na política demais .",^{1*}

"Elas ajudam, cooperam e vão, fazem comitê, partem para a periferia, angariam fundos com os amigos. E não são só os irmãos não, são sobrinhos, entra tudo (...) Eram mulheres fortes, aparentemente elas não aparecem Mesmo pelo contexto historico, as mulheres ficam em segundo plano (...) Nos bastidores, sempre tiveram influência A Comary foi muito atuante Lá de casa ela

^{1*} Brasilicv Caiado Entrevista ctuda

conseguiu".¹⁸

Elcy sobre o marido, Itamar Viana:

"Ele é modesto demais As vezes passa e me irrita a modéstia (...) Eu vim pra cá e fiquei com Itamar porque eu sou mais esperta e maliciosa que ele E ficava por tras, mas sempre dizendo - faz isso, faz aquilo Eu falava - Quem morre de véspera é peru Eu ficava indignada (...) As mulheres dão apoio Até hoje eu carrego uma pistola alemã, 32 Se eu fosse mais nova, fazia um curso de judô caratê Não vou morrer feito galinha."²⁰

Houve ao longo das entrevistas, referências a Maria Gertrudes, Claudina, Diva. Comaiy, Consuelo, Leonice, Leonine, Lhulhu, Brasilice, Brasilete, e, mais recentemente, Eliane (casada com Pedro Canêdo) e Ana Vitória (adolescente, filha de Ronaldo Caiado) como mulheres fortes, cada uma a seu tempo, que intervêm na vida política e social Eliana, filha de Elcyval, assim é por ele considerada:

"Eliana anda mais que o Pedrinho Não tem cidadezinha que ela não vê Ela é muito preocupada com a campanha dele Ja ouvi gente dizer O senhor sabe, o Pedro Canêdo eu não conheço, mas a Dona Eliana e minha hóspede la no interior"

A mesma avaliação fez dela o atual deputado Luís Antonio Caiado:

"Gosta muito de fazer política Tinha dia, quando a gente ia para o

¹⁸Brasilief Caiado EnlrcuAa aUda

²⁰ Elcy Caiado Entrevista citada

interior, era meia-noite, uma da manhã, e ela fazendo política Em palanque, pedindo voto. Minha mãe mesmo, na campanha pra vereador (...), quem me elegeu foi praticamente minha mãe Fez umas cartas assim, com a letra dela, para todos os amigos pedindo voto em nome dela, do meu pai A gente não botou fé nessa carta, mas vimos que ela fez sucesso "

Sobre a jovem Ana Vitória, Breno Caiado, seu primo depôs:

"A filha do Ronaldo, a Ana Vitória, e desembaraçada, andava no meio de todo mundo, abraçava, fazia campanha mesmo Ê uma menina, tem 15 ou 16 anos. Põe qualquer cabo eleitoral no bolso "

O que temos então é uma sucessão de mulheres que não se negam a fazer sua parte em prol da permanência política da família, inclusive assumindo o *habitus*, a que se referiu Bordieu, ou seja, a história incorporada pela família. Não se pode, no entanto, permanecer no limite das evidências de sua atuação política ou de sua independência, se se pretende localizar seu papel na vida social e familiar. É certo que foram ou são atuantes, "mandonas", mas nunca se candidataram a nenhum cargo eletivo, nem no passado, nem na atualidade, quando fazem campanha sistemática para os homens da família. Foram e são independentes, dirigem a casa e negócios, mas se casaram e se casam segundo as estratégias políticas, ou não se casaram para cumprir os papéis já citados. Até se casarem estavam sob a vigilância direta dos pais, a quem submetiam as escolhas dos parceiros. São estudiosas, especialmente as solteiras, para melhor executarem seu papel de educadoras e formadoras dos homens dirigentes. Flavia um comportamento previ si vel e esperado das mulheres, exemplificado nas mulheres que se destinavam ao casamento externo ou os escolhidos nas famílias aliadas para aglutinar força aos Caiado. As que se casaram ou que se preparam para essa tarefa (considerando-se as estratégias matrimoniais

como componente da permanência política), reproduziram o ideal de mulher que Dona Adalgisa, segunda mulher de Totó Caiado, reproduzia para as filhas:

"Mulher tem que ter mimoseira. não podia ficar pegando sal, não deixava trabalhar na cozinha para não estragar as mãos. não deixava brincar com coisa violenta para não deixar marca, era preparação para casar"²¹

Isso se reafirmou até tempos bem recentes, quando a mulher faz cursos superiores, busca alternativas, mas, ainda assim, reproduz a conduta:

"As mulheres foram educadas mais para aprender piano, essas coisas mais delicadas, como a minha irmã, por exemplo (...). Pai e mãe leva pra todo lado. hora para chegar Hoje mudou muito Minha irmã mais velha não fez curso, casou."²²

Os homens sempre tiveram tem uma visão explícita do papel da mulher, como expressa na frase de Totó Caiado, citada por Elcv, sua filha:

"Mulher e galinha não pode sair de casa, porque galinha o bicho come e mulher da o que talar"

Estamos diante de uma contradição. Que mulheres são essas? Fones, independentes, resolutas, determinadoras? Ou submissas, rainhas do lar, casadoiras, femininas? Por que fazem política de forma sistemática, mas não se candidataram?

Se retomarmos a origem da família, temos que os homens, tropeiros,

²¹ F.lcv Caiado Entrevira cnada

²² Braio Caiado Knue\isia ctlada

comerciantes e políticos, ausentavam-se da casa da família durante boa partes do ano. As mulheres tiveram de assumir a direção do cotidiano, para que a família tivesse garantias em todos os campos, inclusive no político. Bernardo Elis, em entrevista, teceu considerações importantes sobre isso:

"A cultura árabe e goiana são muito parecidas Na arabe. o homem bate, faz e acontece, mas quem manda e a mulher Ele não fecha negócio antes de falar com a mulher Se ela quiser, faz-se o negócio Quem manda no mundo árabe é a mulher Quem manda no mundo burguês brasileiro é a mulher Ela pode arranhar, ser maltratada, pode sofrer as piores coisas, ela cozinha o dia inteiro, mas ela e quem manda na casa São todas elas muito inteligentes Podem discernir muito bem as coisas Sobretudo, quando a mulher é rica. ela é que manda A família Caiado é assim O homem é um mandão, gosta de luta. de briga, de política, de negocio, de conquistar mulher Ma quem manda e a mulher Os ditames da moral e da educação é a mulher que mantém. (...). As mulheres Caiado são muito esportivas, competitivas mas ser competitiva e esportiva não é ser democrática "

Estamos, na verdade, diante de uma aparente contradição, pois se observarmos mais detidamente, veremos que a mulheres são atuantes, fazem política, são mandonas, mas tudo isso sempre no limite das necessidades da manutenção da ordem masculina das coisas. A aparente contradição não sobreviveu à constatação da submissão total da mulher à lógica interna da manutenção do homem Caiado como incontestável dirigente da vida política Elas foram o lado necessário para garantir a permanência política da família, até mesmo assumir as iniciativas que lhes eram impingidas. As mulheres Caiado, casadas nas estratégias matrimoniais que estudamos, tinham como tarefa fazer desses maridos homens

altura das suas respectivas missões (os cargos, por exemplo), Isso, sem perder, na própria relação doméstica, a lembrança de que ela era o vínculo com o poder, e não o cargo. O cargo que o mando assumia era decorrente do casamento e não o contrário. Ela era o

vínculo que também compunha a direção central, não o marido, apesar de ser dele a aparência pública do controle.

O patrimônio político acumulado - ser Caiado -, isso é que os autoriza a serem mandonas, e ao mesmo tempo, a qualificarem-se como mulheres aptas a realizar o casamento necessário, para a permanência política. Era preciso, ao mesmo tempo, combinar ser mulher e ser Caiado. Isto é, submeter-se à lógica de permanência política mas também colocar-se ativamente neste campo. A tarefa de ser mulher Caiado estava posta para as casadas, e para as solteiras que nunca se casaram: reforçar o homem, para que ele fosse capaz de exercer a permanência política. Há especificidades entre atribuições de casadas e não casadas, mas ambos fundamentaram-se na mesma lógica, já explicitada

As casadoiras, por exemplo, deviam cumprir o ritual da rigidez morai cobrada pelo pai, mas quem as vigiava cotidianamente era a mulher solteira mais velha. Foi o que nos contou Elcv Caiado:

"Hoje em dia acabou tudo A gente foi criada noutra sistema Até as moças não podiam sair, meu pai não deixava sair de Goiás Puar na mão de rapaz, nunca, que tava demoralizada Aquilo a gente seguia à risca O nome da família em primeiro lugar. Hoje não tem nem família Ir para o jardim, que era uma pracinha, papai nunca falou que não podia Mas. Consuelo Papai não gosta Na concepção dela, aquilo era horrível Consuelo foi logo fuxicar pro meu pai Papai acreditava piamente no que Consuelo falava "

Ou seja: antes de se aliarem como mulheres, eram Caiado. A relação das mulheres

solteiras com os homens Caiado eram de apoio irrestrito, de colaboração. A relação dessas mulheres com as outras mulheres Caiado (as que deviam se casar) era a de prepará-las para o casamento estratégico, o que contava com a colaboração de toda a família. A elas ensinava-se o crochê e bordado, oferecia-se leituras femininas, etc, tudo capaz de distingui-las e prepará-las para serem mulheres de políticos e mães de novos Caiados, que por sua vez, seriam novos políticos. As mulheres se reconheciam como pane do capital político acumulado não como objetos par o mercado, mas como componentes do conjunto de relações e atitudes que atribuía à família o poder político do qual elas também usuffruiam. Não se pode cair aqui numa interpretação mecanicista que desqualifique a mulher e suas responsabilidades na permanência política da fmília, o que seria, inclusive incoerente com o quadro conceituai apontado como supone teórico deste trabalho.

Compõem também esse quadro outros dois elementos: a numerosa descendência e os nomes dados a essa descendência. O grande número de filhos foi apresentado como um trunfo da família, em quase todas as entrevistas. As famílias com pequeno número de filhos não eram, no discurso, tão qualificada para a permanência política quanto as que possuíam a desejada "numerosa descendência". Leonina Caiado, achou mesmo ruim que as novas gerações tenham reduzido significativamente o número de filhos.

O momento em que a família foi hegemônica politicamente, foi também aquele momento em que encontramos o maior número de filhos: Felipe e Tereza Flamina, primos e contemporâneos de Totó Caiado, tiveram 12 filhos; Totó teve, entre filhos naturais e dos dois casamentos, 14 filhos; Terezina e João Alves de Castro, 6 filhos; Diva e Eugênio Jardim, 8 filhos; Amulpho e Giomar Albemaz, 10 filhos; Tarsila e Abilio A. Castro, 10 filhos; Brasil e Noemia Rodrigues, 10 filhos; Colombina e Agenor A. Castro,

6 filhos.

Ter muitos filhos garantia uma amplitude considerável na política de alianças por meio de estratégias matrimoniais, garantindo presença numérica mesmo na vida política,

e afirmando a virilidade. Com tão grande número de filhos para cuidar, a mulher casada tinha mesmo que assumir a vida doméstica como sua missão específica na permanência política, que afinal precisava deste número de filhos. Depois de 1930, o número de filhos foi se reduzindo até chegar a 2 ou 3, na atualidade. Essa mudança não foi uma peculiaridade desta família, pois há um amplo universo de fatos sociais, econômicos e culturais que conduziram a esse novo quadro, na segunda metade deste século. Vale ressaltar a importância dada pela família à "numerosa descendência" e sua repercussão no papel da mulher casada e na permanência política.

O segundo aspecto a que nos referimos, os nomes dados a esses filhos, também foi uma indicação do papel masculino na permanência política e da especificidade dos nomes, em determinado momento político. Alguns nomes são emblemáticos da idéia de grandeza e força dos homens da família Caiado. Os mais significativos são Brasil e Leão. A grande maioria dos nomes dados aos filhos tinha o objetivo explícito de atestar a descendência masculina e, assim, possibilitar mais um componente de permanência. Isso ocorreu com os filhos dos homens Caiado e não com as mulheres Caiado, casadas com homens de outras famílias. Tratava-se de garantir a memória, a permanência e descendência dos Caiado qualificados como autênticos, por eles mesmos. As divisões políticas dentro da família se deram nas descendências femininas, nunca na masculina. Nestas, o núcleo central se garantia com nomes assim constituídos:

- a) Filhos de *Brasil de Ramos Caiado*. Brasil Filhos, Brasita, Brasili, Brasilice, Brasília, Brasilena, Brasita, Brasília, Brasilete, Brasito.
- b) Filhos de *Leão di Ramos Caiado*: Leonino, Leonita, Leoni, Leonice, Leoldson, Leovídio, Leolvce, Leão Filho (morto criança), Leão Filho, Leonino, Leonardo.
- c) Filhos de *Amulpho Ramos Caiado*. Astréia, Astúlio, Ariete, Astúrio, Astulieta, Aurican, Amoldi, Aurisam, Arleuse, Amosan.
- d) Filhos de *Tóto Caiado*. Ubirajara Ramos Caiado (natural).

Prinifiro casamento: Consuelo, Jupira, Cory, Comary, Codorv, Corival.

Segundo Casamento: Enerv, Erenv, Edenval (morto criança), Emy, Edenval, Emival, Elcv, Elcyval, Elgesv.

e) Filhos de *Ubirajara*: Ubiramar, Uiramar, Ubirajara Filho, Icanar Darc

Todos os nomes seguiram uma espécie de "marca registrada". Quando não se tratava de nomes cuja raiz era a mesma do nome do pai, tratava-se de uma inicial que caracteriza todos os filhos registrados. Houve quase sempre o nome do pai literalmente mantido como nome de um dos filhos (Leão Filho, Brasil Filho, Antonio Ramos Filho). Houveram casos, inclusive, em que o filho com o mesmo nome do pai morreu ainda criança e um outro filho, posteriormente, voltou a receber o mesmo nome do pai. Existem, por exemplo, dois Leão Filho no tronco de Leão di Ramos Caiado. Houve também a repetição de nomes de pessoas de outras gerações, homenageados pelas gerações mais recentes. Foi o caso de Luís Antonio, Torquato (há 3 Torquatos recentes) Tereza, Claudina. Houve também Junior, Filho e Neto, esparramados numa descendência de mais de 500 pessoas.

Na descendência das mulheres Caiado com homens de outras famílias, ao contrário, não houve regras para os nomes, a não ser as homenagens citadas acima. Não ocorreram descendência usando a raiz do nome do pai ou da mãe como ocorreram com os filhos de homens Caiado.

Segundo nos contou Maria Fleury, o nome da primeira filha do primeiro casamento de Totó, é Consuelo, porque como o pai queria um filho homem, "Consuelo" foi um "consolo". Evidenciou-se aí uma seqüência preferencial para o nascimento de filho homem antes da filha mulher, dados as responsabilidades dirgentes que eram atribuídas ao primogênito.

Por último, há que se referir ao fato de que todas as pessoas com mais de 45 anos foram tratadas na família, por apelidos, prática comum na Cidade de Goiás, atestando a proximidade e a intimidade que o cotidiano de uma pequena cidade do interior proporciona e a conseqüente relação de compromisso mútuo que isso estabelece, sem que

se ignore, é claro, seu significado nas relações de poder. Mesmo fora da família, os apelidos são a forma preferencial de se referir a essas pessoas.

4. AMOR E CASAMENTO

Neste item tratamos da seguinte questão: as estratégias matrimoniais e essas tarefas atribuídas às mulheres, são impostas a elas ou não? Como as próprias mulheres vêem seus casamentos e sua missão? Há uma imposição textual do marido indicado nas estratégias matrimoniais? Como elas recebem a indicação ou como escolhem os aceitáveis segundo a lógica exposta?

Para responder a essas questões nos fundamentaremos em dois eixos teóricos. O primeiro é o já mencionado trabalho de Pierre Bourdieu, *História Reificada e incorporada*, que discute a relação entre a história objetivada, ou seja, a história constante das coisas, e a história Incorporada, constante nas atitudes. Neste texto, Bourdieu observa que

"ninguém poderia lucrar com o jogo sem se deixar levar por ele, () sem as vontades, as intenções, as aspirações que dão vida aos agentes e que sendo produzidas pelo jogo, dependem de sua posição no jogo, e mais exatamente, do seu poder objetivado sobre os títulos objetivados do capital específico " (1989: 85, 86)

Aplicado ao jogo do casamento, em que o capital específico é a genealogia transformada em força política acumulada, as mulheres Caiado que executaram esse jogo traduziram em sua atitude toda essa história incorporada. Essas "se deixam levar por ele",

e mesmo suas vontades, intenções e aspirações são construídas em conformidade com o jogo e sua posição (a hegemônica, no caso da mulher Caiado que se casa com membros de outras famílias em alianças políticas e/ou econômica). Não se ignorava que tal aliança incorporará força política e nem que a hegemonia está com os Caiado. Sua atitude perante o mando possível, retrata os títulos objetivados do capital genealógico acumulado. Essa também é a atitude esperada e realizada pelo marido possível

Isso se aplica também às mulheres que receberam as tarefas explicitadas na missão de não se casar. A relação é a mesma, casando-se nas estratégias matrimoniais necessárias a permanência e ampliação do capital político acumulado ou não casando-se e renunciando a qualquer amor ou pretendente, que está em geral, totalmente desqualificado. Dito assim, parece ser um drama pessoal, mas, essas missões (casar com a pessoa indicada ou não casar) são admitidas com a atitude colocada pela história incorporada. Ou seja, "a submissão a certos fins interesses transcendentes ou significações, quer dizer, superiores exteriores aos interesses individuais, raramente é feito de uma imposição imperativa e de uma submissão consciente." (Bourdieu, 1989: 86)

Quando perguntamos a homens e mulheres de diferentes gerações da família Caiado sobre a forma de escolher a esposa ou o marido, obtivemos a confirmação do que aqui se expõe. Não há uma indicação explícita ou um veto explícito. Há uma aceitação do princípio geral que estabelece os critérios. O julgamento final da possibilidade de casamento ou não casamento é apenas o desfecho de um jogo do qual todos admitem as regras. Assim é que ouvimos de Ercwal Caiado:

"Meu pai [1 otó Caiado] deixava por nosso conta Agora, senipre que nós íamos casar, por uma questão de respeito, perguntava para ele o que ele estava achando Queria ver um posição dele Porque eu acho que a família tem que ser unida Não adianta botar um corpo estranho dentro da família que não combina com pai, com mãe, com ninguém Então, se tivesse um entrosamento perfeito com

a família, que tivesse com os princípios ele não queria saber quem era"

É explícito que há um corpo único a preservar, um conjunto de princípios a manter. Pai e filho sabem quais são os princípios e agem assim de forma incorporada no cotidiano, inclusive, nas escolhas amorosas. O pai confia no filho, que apenas quer a confirmação do pai. Quando houve uma intenção de quebra neste jogo, evitou-se que se consolidasse. Foi o caso de um namoro de Ubirajara, cujas especificidades já nos referimos, citado por Eney:

"Ele namorou uma moça que se falava que não era das melhores (...). Casou com Terezinha Lobo, filha de fazendeiro "

Mas em regra, não ocorreram intenções que fugissem do adequado; como demonstrou Eney:

"Quando ele [Totó Caiado] achava que não devia fazer um casamento ele falava - Tem isso, tem isso. Ocorre que, se quiser casar. casa. mas eu acho que não convém por tais e tais motivos ele abria o verbo Eney até casou com um rapaz de fora. filho de um desembargador de Minas que era amigo do meu pai. Meu casamento, meu marido era militar, ele não conhecia praticamente meu marido. Mas ele falava Tio Leão conheceu meu marido no Rio de Janeiro. O tio falava que ele era bom rapaz, responsável, o pai dele morou em Goiás um tempo, era fiscal e meu pai falou - Então, eu não tenho nada a dizer. Ela é de maior, faça o que quiser. Não olhava dinheiro, olhava mais se era honesto, família boa "

O pai dava a aprovação ou a reprovação, mas até a filha chegar a expor a

intenção de se casar com alguém, ela mesma submetia o pretendente ao crivo familiar que ela também reproduzia.

Mesmo se for de fora do Estado, devia pertencer ao quadro dos possíveis, e passar sob o crivo da família. Para garantir a lógica interna, todos os tios, tias, ou outros parentes deviam compor avaliação, mesmo porque, os critérios eram para todos os troncos da família. Quando o pai afirmava que não tem nada a dizer, e que ela é maior de idade para decidir, a aprovação já estava dada anteriormente. Não mais havia o perigo de fugir do estabelecido e então, cumpria afirmar que ela é quem decidia. Leolídio Caiado também verbaliza o funcionamento deste mecanismo:

"Os pais discutiam o assunto, olhavam quem era, mas minhas irmãs namoravam e casavam com gente boa Uma, por exemplo, casou com um primo nosso da família Fieury, o outro era conhecido demais, era criado conosco desde criança Outro era conhecido demais de Catalão, Prestes Paranhos "

O segundo casamento citado, com um conhecido criado no convívio com a família é explicado por Letícia Canedo como sendo um investimento a médio prazo realizado pela família. Vivendo sob a observação da família, os amigos e futuros possíveis maridos são avaliados num longo processo de qualificação. Caso demonstre ser capaz de cumprir os requisitos decididos pela família, então o casamento se realiza (1994:101)

De qualquer maneira, havia o controle do pai e o controle que o filho ou filha exerciam sobre si mesmos. Era a maior garantia de cumprimento dos referenciais, da aceitação da avaliação paterna e explícita confirmação da incorporação da atitude desejada, como acentuou Ederval Caiado:

Ele (o pai) dava opinião Nunca proibiu, nunca vetou Apenas explicava Ele ate me tirou duma fria Olha, não entra aí, não Você é que sabe Ele sempre deu uma cena liberdade vigiada Ele não admitia namoro agarrado Aqueles princípios rígidos No casamento, ele apenas chamava antes olha, você tá namorando fulano, não é bom Agora você escolhe "

E como confirma Enerv, sua irmã mais velha:

"A escolha é da vontade da gente Eu não dou opinião, porque eu não sei do futuro Liberdade total Eu tinha vários candidatos, mas escolhi o que eu quis Ele me falava pessoalmente fulano tem tal e tal defeito Se eu aceitasse... o assunto estava morto."

Isso equivale dizer que, se a filha, sabendo de tudo o que o pai lhe explicava pessoalmente, quizesse romper o estabelecido, o futuro seria de sua absoluta responsabilidade. Ou seja, não haveria a cobertura do pai, pois um pacto implícito havia sido rompido. Diante da ameaça da incerteza versus a segurança da família com a trajetória dos Caiado, não havia grandes possibilidades da escolha não ser apropriada. Só então é que se autorizava a "liberdade total", que, enfim, era a liberdade de cumprir o que lhe era a missão e ao mesmo tempo, a vocação.

Ou seja, não há exatamente uma imposição do marido adequado. Se se tratasse de imposição, não seria aplicável o conceito de história incorporada. A própria mulher olhava o homem adequado com os olhos de quem sabia que esse era seu pretendente ideal. Não era uma abnegação ou renúncia de seu amor verdadeiro e impossível. Ele era o amor possível. E não havia espaço para que surgissem amores impossíveis. Impossível era uma Caiado olhar para um homem fora das qualificações necessárias ao jogo político com pretensões matrimoniais. Impossível era que ela admitisse ser olhada por um homem

desqualificado para ser seu marido, com essas pretensões. A história incorporada e objetividade do homem era o referencial que o tomava interessante ou não. Da mesma forma, nenhum homem servia para casar-se com as mulheres Caiado que estavam destinadas a não casar. Isso era o que elas mesmas pensavam e sentiam, como vimos em expressões como "eram todos muito bobinhos" dita por Lhulhu Caiado. Nesse sentido, havia uma fantasia eternizada com um homem ideal, à altura de uma Caiado primogênita do período que antecede a Revolução de 1930. Ocorre que esse homem à altura de uma Caiado deste porte, com funções diretivas na formação de novos agentes, não existe em lugar nenhum. Se existissem, eram homens que estavam ausentes e não pretendiam casar-se. Se se decidissem pelo casamento, é muito provável que elas já não veriam desta forma. O homem ideal, no plano do sonho, era suficiente para não perder a função da feminilidade necessária, inclusive para educar as meninas sobrinhas para o casamento estratégico.

A idéia de amor impossível não estava excluída para as mulheres destinadas ao casamento; mas era um impossível possível. Explicamos. Entre desiguais, é absolutamente impossível o casamento e mesmo a intenção. Mas, entre iguais, mesmo que pertencessem à frações inimigas na luta política, surgia um impossível aparente. Ellem Woortmann demonstra a relação entre casamento e herança, lembrando que:

"As avaliações dos cônjuges potenciais levam sempre em conta o princípio da homogamia (.) A homogamia é considerado condição de estabilidade do casamento, do ponto de vista da sua indissolubilidade e da estabilidade da própria comunidade, da qual fazem parte os grupos familiares

Genesv Caiado e Colemar Natal e Silva, por exemplo, realizaram um casamento

²⁵ Woortmann. *elkn op cit* pp 159-60.

impossível do ponto de vista das frações internas do poder, pois Colemar compunha o grupo oposicionista da Revolução de 1930. Porém, era um casamento possível porque situação e oposição não estavam organizados segundo antagonismos classistas ou ideológicos. Esse casamento foi devidamente combatido porque qualquer perda é significativa no jogo político. Nesse sentido, como nos disse Moema Dival, filha do casal, foi um Romeu e Julieta goiano. Tanto Romeu quanto Julieta eram da nobreza feudal, no texto de Shakespeare.

A convivência possível das moças casadoiras da família Caiado com homens da sociedade goiana era absolutamente restrita ao círculo dos iguais. As formas de se conhecerem estava condicionada por essa possibilidade restrita de circulação e convivência. Quando perguntamos à Maria Fleurv o que atribuía os casamentos múltiplos (Caiado e Alves de Castro) a resposta obtida é ilustrativa do que dissemos:

"Foi união política, aquelas reuniões familiares no palácio, foi entrosando A única que não se casou com Alves de Castro foi a Diva"

É o mesmo raciocínio que fez Elcy Caiado:

"Tenho a impressão que antigamente o pessoal tinha muito esse negócio de família para casamento Não podia casar com qualquer um Aquelas famílias tradicionais faziam, interligavam ali, muita amizade, então acabava casando Não admitiam fulano era inferior Eram poucas famílias naquela época, então aproximava os rapazes (...) Tinha muita festinha O pessoal todos de família, moças de família, ali, cidade pequena

A quem era permitido participar da convivência com as moças casadoiras da

família estava implícito o critério estabelecido. A convivência se dava em casa, quando o filho do alidado político acompanhava o pai nas reuniões políticas ou nas festas restritas aos rapazes e moças de família. O critério de qualificação política, econômico e cultural condicionava as possibilidades de convivência, como nos mostra Emival Caiado:

"Aqueles famílias todas da mesma cidade entrelaçados pelo casamentos ... era a elite que dominava a política E essa elite sempre muito entrosada"

Ou ainda, a convivência restrita levava também a não ter, explicitamente, outra saída, o que é verbalizado através do "comodismo" das famílias, como nos diz Iracema Carvalho:

"Eu acho que foi comodismo ... comodismo, né' Está ali junto, vamos casar"

O comodismo era escolher entre os que se apresentavam no âmbito das relações familiares, desde que cumprissem os requisitos. Era bastante importante, por exemplo, ser doutor, para que o marido se habilitasse assumir as funções que a família hegemônica, - os Caiado - lhe atribuíam posteriormente:

"Os doutores, vamos dizer assim, eram raros no Estado Então, as moças casadoiras queriam casar era com doutor. (.) eu acredito que era mais em função da projeção social do doutor (...) Tinha muito cartaz, despertava muito o interesse das mulheres que procuravam casamento com doutor Os pais, a família toda Mas, esses casamentos, por exemplo, das mulheres Caiado com os Alves de Castro, decorrer mais é da convivência "

Tudo isso era acompanhado do rigor que tomava o casamento uma verdadeira sabatina das qualidades morais do pretendente, como nos contou Enerv Caiado:

"Eu não podia conversar com rapaz nenhum no meio da rua Se tinha um rapaz que queria namorar, ia la em casa a turma toda na sala Noivado também não ficava sozinha Noivo oficial, mas não saia sozinho com n o i v o ⁴

Tudo isso dito assim, parece excluir qualquer possibilidade de amor entre os pretendentes. Mas, não é bem assim. O conceito de casamento não era obrigatoriamente vinculado ao amor, e nem o conceito de amor é o mesmo para contextos históricos diferenciados. Entramos no segundo componente teórico deste item. Vamos considerar aqui as contribuições de Maria Angela D'Álvaro, e Maria Helena Trigo, que em trabalhos acadêmicos, discutem a relação entre amor e casamento no Brasil.

Maria Helena Trigo situa as diferentes concepções de casamento ao longo da história do Brasil. O amor na família absolutamente patriarcal, própria da colônia e do Império, não considerava as aspirações individuais. O casamento era uma "engrenagem essencial da cena política voltada para a manutenção e transmissão do patrimônio", (1989:89) onde não cabiam escolhas ou inclinações amorosas.

O fortalecimento de grupos de parentesco e a preservação da herança não solicitava o amor romântico como requisito. Aliás, não se considerava o amor romântico como componente do casamento. Tudo que se ligava a uma escolha afetiva era absolutamente dispensável. Neste contexto, também não era solicitação feminina que se considerasse o amor romântico, como critério para o casamento.

O casamento localizado no âmbito do pequeno círculo que representava o interior do Brasil, no caso, a Província e a cidade de Goiás não permitia outra forma de casar-se a não ser aceitar o arranjo estabelecido pelos pais. Assim, a contribuição dos arranjos matrimoniais para a formação de um sistema de dominação política e econômica é constatável e indisfarçável nos casamentos, especialmente até o fim do Império. Não há nenhuma preocupação com o amor romântico no Império, e sim, o cumprimento dos arranjos necessários.

Porém, a passagem para a República e especialmente para o século XX; a ampliação do acesso aos centros urbanos do país, a literatura trazida pelo Gabinete Literário, o acesso à escolaridade, trazem novos referenciais para a ordem familiar. Temos a valorização do papel da mulher enquanto mãe e esposa, numa ordem econômica em que o homem terá que "resolver muitos problemas" (políticos e financeiros) em que envolvem a família, ausentando-se do lar. Enquanto na colônia e parte do Império, a vida se restringia ao local onde se vive, não havia uma tal solicitação, pois o homem presente assumia todo o controle da casa e da manutenção da família. Não se cogitava o ideal de amor romântico entre cônjuges.

No fim do séc. XIX e início do séc. XX, porém, como nos diz Trigo "as mudanças sociais começam a influir de forma significativa na ordem familiar, e conseqüentemente, no sistema de alianças. As ideologias individualistas começam a dominar e no momento em que o indivíduo, agente impróprio, é promovido à categoria de sujeito moral e psicológico, isto é passa a pensar e ser pensante como um ser liberto, a escolha de um parceiro amoroso passa a ser a união entre um homem e uma mulher". (1989:89) Esses novos elementos trarão o amor romântico como componente do casamento. Esse amor passa a integrar os discursos, desde o literário até o moralista. Surgem as novas tarefas da mulher mãe e esposa, assumindo a tarefa de preparar-se para os novos arranjos, agora envoltos na expectativa de fusão entre amor e casamento.

Pensariamos, então, que se o casamento, no séc XX, passava a considerar o amor

como componente, teríamos quebrados as regras de controle que o tomam estratégias da ampliação e permanência do patrimônio genealógico acumulado. Mas não é assim que ocorreu. Apesar de mudarem alguns componentes do arranjo, incluindo-se a possibilidade do amor romântico, esse mesmo amor estará circunscrito às necessidades colocadas pela ordem política, econômica e social. Assim é que teremos o amor romântico como pertencente ao casamento. A solução dada ao novo quadro é a fusão entre amor e casamento. Citando Maria Helena Trigo:

"A literatura e os espetáculos embolam os jovens numa atmosfera romântica e eles são ao mesmo tempo educados para o casamento indissolúvel e perene. À primeira vista parece impossível conciliar amor e casamento. Se o amor romântico era algo que se alimentava de obstáculos (...) como conciliá-lo com o casamento, que é hábito, rotina⁰. Como superar a dicotomia entre valores de individualidade onde atração pessoal e a idealização amorosa estão presentes com os resquícios do binômio dominação-subordinação da ordem patriarcal⁰" (Trigo, 1989: 89, 90)

A fusão entre amor e casamento é a alternativa que soluciona a redefinição ao casamento. O casamento passava a valorizar o amor como forma de circunscrevê-lo aos seus limites. O amor foi dessexualizado e direcionado para a procriação, com a valorização do binômio virginidade-pureza. Houve uma acomodação do amor às expectativas da sociedade que tomaram possíveis as fusões entre os matrimônios e os amores. O papel da mulher é agregado de uma série de deveres, "cabendo-lhes desempenhar o papel e cumprir o dever que a sociedade a condição de amar e ser amado exigem praticar e renunciar, a dedicação e submissão. (Trigo, 1989: 90) Tudo isso garante a incorporação do "novo" conceito de casamento (que inclui o amor) nos quadros já existentes da monogamia.

Também contribui para essa fusão entre amor e casamento, a idealização do homem e da mulher. Como nos diz Maria Angela D'Incao, "ama-se o amor, não propriamente as pessoas" (1989:66). A autora localiza que é o tempo do amor em silêncio, sem ação, senão os permitidos pela nobreza desse sentimento novo: suspirar, pensar, escrever e sofrer, ama-se então, "um conjunto de idéias sobre o amor (1989:66). A mulher, candidata ao casamento é extremamente bem cuidada e trancafiada nas casas.

Esse papel da mulher, a noiva, funcionava principalmente como dispositivo para garantir o status da noiva como um objeto de valor econômico e político"(D'Incao, 1989:69) além de compor o quadro do amor romântico.

Vejamos qual é a procedência destas considerações na análise das estratégias matrimoniais da família Caiado, ao longo de gerações. Lhulhu Caiado, residente na cidade de Goiás, nos conta como foi o acerto realizado para o casamento entre Torquato e Claudina, seus avós:

"Vovó Claudina era paulista, vovô Torquato estudou direito em São Paulo Ela tinha 12 anos. de começou a namorar (.) Ele tinha que vir embora, (...) ele foi atras do pai dela e falou assim 'Eu gosto muito de Claudina e quero casar com ela. mas vou para Goias e pra voltar aqui é difícil, de maneira que eu quero casar e levar ela comigo (.) Eu prometo que ela sera uma irmã para mim ate os 18 anos Eu vou ate contratar uma aia, uma dama de companhia' E ela ficou na casa do pai dele O pai dele tratava ela como uma menina Comprava boneca, levava pra passear na fazenda Europa ela só foi pra casa do marido com 18 anos"

O casamento acima é típico do Império. Não há referências a relações entre amor

e matrimônio. O acordo é selado independentemente da consulta à mulher. Essa aliás se fosse consultada, diria, evidentemente sim, posto que sua educação e as exigências sociais nela contidas já construíam previamente a aceitação.

Os casamentos do início do séc XX já teriam que considerar os novos elementos colocados pela ampliação das referências estratégicas ao mesmo tempo que deve estabelecer a fusão amor e casamento.

Surgiram "grandes amores", desde que circunscritos à hegemonia. O segundo casamento de Totó Caiado, com Maria Adalgisa Amorim, exemplifica esse novo requisito, como nos mostra Enerv Caiado, filha mais velha deste casamento:

"Papai ficou viuvo 2 ou 3 anos E ai papai e mamãe começaram a namorar, passeava a cavalo (...). Enquanto ele não fez a Revolução de 1909, ele não ficou noivo (...) ai eles se casaram em 17 de agosto de 1909"

Ou ainda, um caso de amor intenso como o citado por Dona Iracema Caiado:

"Cada amor! Tio Abílio e tia Nenem, então, é uma coisa louca Não estudei para poder não ficar longe de tia Nenem "

A noção de amor e casamento está presente, o homem que se ausenta e retoma, a mulher que espera. Estas eram idéias e possibilidades trazidas pelo amor romântico que seria então fundido ao conceito de casamento e ao mesmo tempo reforçaria as estratégias

matrimoniais.¹

Era o grande amor, desde que circunscrito na homogamia. A possibilidade do amor era real, especialmente se considerarmos que a noiva estava cercada desta preparação para o amor idealizado.

A convivência das moças com a literatura romântica, no começo do século, na cidade de Goiás, no Gabinete Literário era uma das grandes fontes desta idealização

Outra grande fonte do amor idealizado e de afirmação das tarefas femininas foi o jornal "O Lar", que circulou na cidade de Goiás entre agosto de 1926 e junho de 1930. O jornal voltou a circular em agosto de 1931, mas, após dois números, deixou definitivamente de ser publicado. São 93 edições de um jornal produzido por mulheres pertencentes às famílias dirigentes da vida política do Estado. Dirigido por Oscalina Alves Pinto, o jornal teve como colaboradora Leonina Caiado e Genesv Caiado de Castro.

As edições desse jornal merecem um estudo particular, que não cabe aqui ser desenvolvido, mas que está desde já estabelecido como projeto urgente. Colocaremos aqui alguns elementos que nos parecem significativos, nos limites deste trabalho.

Um jornal escrito apenas por mulheres, no começo do século, numa cidade periférica como a cidade de Goiás poderia ser visto como um arroubo de avanço feminista das mulheres goianas. Porém se nos detivermos ao conteúdo de suas edições veremos que toda a iniciativa das mulheres estava à serviço da manutenção dos papéis femininos de esposa e mãe ou de preparação para essas tarefas. Essa não é uma prática restrita à Goiás posto que desde o final do Império circulam jornais dessa natureza no Rio de Janeiro.²⁰

²⁵ Sobre isso ver: Piscitelli, Adriana G.. "História que as histórias de amor contam mulheres rebeldias e casamentos" In Cosia, Alberlma (org.) *Rebelião e submissão*. Ed. Vértice 1ª ed. 1989. SP A autora trata da articulação entre amor e casamento em Minas Gerais, na segunda metade do séc. XIX

²⁶ Sobre isso ver: Bernardes, Mana Tere/a C. *República Brasileira em Jornais femininos da época (1889 - 1890)*, cadernos de pesquisa n° 71. novembro/1989 - Fundação Getúlio Vargas. SP; Cunha, Mana Tere/a. *Biblioteca de moças: contos de fada ou contos da vida?* Cadernos de Pesquisa. n° 85. maio/1993. FGV. SP. Bicalho, Maria Fernanda *O bello sexo; imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do séc.XIX e inicio séc.VA*, in Costa, Albertina
op cit

Demonstração explícita disso é o próprio nome do Jornal, que demarca a área de intervenção da mulher de então. Em uni a coluna quinzenal chamada "Fora do Lar", uma redatora sob pseudônimo de "indiscreto", explicitava e comentava os comportamentos não familiares de algumas pessoas, especialmente mulheres, como no trecho abaixo:

"Modos e Modas

(...)

Os requebros de certas moças, a falta de cuidado de muitas que se abaixam ou curvam um pouco o corpo sem ao menos colocarem as mãos no colo, por via das dúvidas, prova-nos que le monde marche, mas para um terreno escabroso se os pais ou pessoas que têm responsabilidades não tratarem de por termo a esses modos (...)

Já as pernas a mostra, as tais alças tão inconvenientes, estão se familiarizando de tal maneira em nosso meio que tudo parece natural (...) Merecem o nome de progresso esses modos²⁷

Esse jornal participou de algumas discussões da época, como o divórcio. Em várias edições se combateu a idéia do divórcio, argumentando que:

"(...) Os brasileiros herdamos do português ancestral aquele romantismo, aquela verá quase piegas que lhes permitiriam os antepassados do Lácio (...) Temos fé, mas fe ardente em que a opinião pública nacional (...) sabera reagir contra ela (...) Saberá guardar com carinho a herança que lhe veio dos antepassados"²⁸

O mesmo se deu na discussão sobre o voto feminino, durante combatido pelo

²⁷ Jornal "O Lar" n° 22. 1° de julho dc 1927.

²⁸ "A questão do divórcio" - jornal "O Lar". n° 07. dc 15 novembro dc 1926.

jornal:

"Não creio que a mulher deva abandonar o lar para atirar-se a aspereza d'uma luta política A personalidade feminina não foi feita para o continuar incessante de viagens (...) Não vamos nos esquecer que as crianças de hoje serão os senhores do mundo "

Ao mesmo tempo as saudações à mãe de família, aos noivados e casamentos eram a tônica do periódico:

"O Lar - sacrário puríssimo de amor sincero, escrínio das afeições nobres, nucleo de cérebros num só coração - é o centro da atividade da esposa, o firmamento azulado da mãe de família "³⁰

Eram frequentes as exaltações dos grandes feitos e grandes homens do Estado e do país. As viagens dos homens da família Caiado foram seguidamente registrados, tanto na partida quanto na chegada, assim como os aniversários destes e também das mulheres Caiado e de outras famílias da elite dirigente. O jornal atacou Santa Dica em sua edição nº 12 qualificando-a como embusteira e comemorando sua prisão em Pirinópolis. Essas mulheres não eram confundidas com feministas, inclusive pelos homens, como nos mostrou Luis do Couto, no primeiro número do jornal:

"Um grupo de moças inteligentíssimas de nossa alta sociedade (...) vêm me convidar para assistir à fundação de um jornal (...) Não sera um jornal feminino revolucionário, cheio de fogo, se batendo por umas certas reivindicações (...) Sua missão e

²⁹ "O Feminismo" - jornal "O Lar". nº 33. dc 15 de dezembro de 1927.

³⁰ "A mãe de família" - jornal "O Lar". nº 02 de 30 de agosto de 1926

de fazer um lar feliz. (...) é por essa felicidade que se bate a mulher goiana "

³¹ "Duas pala\Tas" - jornal "O Lar". n° 01 dc 15 de agosto de 1926

CONCLUSÃO

O percurso político da família Caiado sempre esteve vinculado aos setores conservadores aos quais pertencem, defendem e sempre que possível, compõem a direção política, em nenhum momento, ao longo das sucessivas gerações de intervenção política, essa posição foi sequer questionada. Se o foi, não consta da memória construída pela família ou por registros históricos. Quando falamos em Caiado, a qualquer tempo, a marca registrada é a defesa dos interesses do latifúndio e seus aliados.

Ao minarmos esse trabalho não havia dúvidas sobre a opção da família deste grupo familiar. O que nos perguntávamos é como os Caiado construíram a permanência política que os toma presentes na disputa pelo poder num período que vai do II Reinado aos nossos dias, quando assistimos à vitória da coligação PFIYPSDB para a prefeitura de Goiânia e à preparação da candidatura de Ronaldo Caiado ao governo do Estado em 1998.

O que se evidencia é a total impossibilidade de atribuir aos Caiado o sinônimo de atraso. Ao contrário, a capacidade de atualizar-se é uma exigência da permanência política. Isso não quer dizer que em algum momento o grupo familiar que estudamos deixou de ser assumida e ostensivamente conservador, o que se constata é a não oposição entre o conservador e o moderno. A sua permanência política está diretamente vinculada a sua articulação e rearticulação nas diversas composições das classes dominantes ao longo da história regional e nacional, passando uma experiência política que se estabelece através do vínculo com os Bulhões, no século passado e chega aos nossos dias atuando ao lado da ação neoliberal de Fernando Henrique Cardoso.

Ao longo de todo esse percurso, os Caiado deram respostas conservadoras aos desafios políticos que cada momento exigia. Foram respostas conservadoras, do ponto de

vista classista, ou seja, fizeram o que era necessário ;para conservar a hegemonia que compunham e ainda compõem. Mas também foram respostas modernas ou modernizantes o suficiente para que o grupo familiar se habilitasse a permanecer na cena política. Estar sintonizado com as novas exigências da expansão capitalista tanto do ponto de vista do processo de acumulação ou riquezas quanto de sua ação política, tomou possível a permanência política de um grupo familiar, mesmo que ele não compusesse os setores de ponta da acumulação capitalista e sim, a ele se articulasse.

Constatamos que a permanência política está assentada sobre um conjunto de atitudes assumidas e reconstruídas nas sucessivas gerações e que compõem o patrimônio político do grupo familiar. Para realizar a permanência política esse patrimônio político precisa apropriar-se de novos agentes e ser apropriado por eles, que para isso se dispõem.

Esse conjunto de atitudes, ou seja, a história incorporada pelo grupo familiar não poderia se reproduzir sem que estivessem dadas as condições materiais para que isso ocorresse. Ou seja, permanecer compondo o latifúndio é condição para permanecer compondo e disputando sua representação política. A propriedade da terra, é então, condição para a permanência política. O grupo familiar que estudamos já assim reconhece desde os primeiros momentos de sua ação política local e/ou nacional. A própria permanência enquanto proprietário de terra é construída como componente do capital político e precisa de agentes aptos a assumí-la como tal. O que encontramos é a relação entre sujeito e objeto construída de forma absolutamente interativa e interdependente. A realidade material condiciona e é condicionada pela intervenção política e pela construção objetiva e subjetiva do sujeito.

Isso se expressa nas relações de produção sob as quais se organiza a fazenda e na forma com que os membros da família as compreendeu. A apropriação da terra e a expropriação do resultado do trabalho escravo ou assalariado, infantil ou adulto, e mesmo o uso da violência são vistos como tarefas quase naturais ou inevitáveis para a permanência material e política do grupo familiar

As características construídas pela família, para o homem Caiado fazendeiro se agregam a essa atitude. A fazenda e o fazendeiro são constitutivos do patrimônio político acumulado pela família, devendo ele assumir no porte, na conduta, na bravura, na "brabeza", na virilidade, na força física e na disposição para o trabalho o que se espera de um homem que dirige a fazenda e o Estado.

Constitutivo e constituinte dessa permanência, a vocação política é assumida pelo grupo familiar como uma atribuição quase genética, mas o que se constata é a construção da atitude política enquanto história incorporada. A própria explicação da ação política enquanto vocação inerente à família assume o caráter de história incorporada, ou seja, de atitude e missão. Isso também se expressa na relação entre partido e família, onde se constata a apropriação de determinada sigla partidária pelo grupo familiar e seus aliados enquanto for essa a melhor alternativa para sua intervenção eleitoral ou para a articulação política como um todo. O que realmente é considerado como fundamental é o patrimônio político acumulado pela família, expressando-se ele através de um outro partido, dependendo das necessidades apresentadas pela conjuntura, resguardadas, é óbvio, a opção de classe e o leque de alianças internas e externas ao partido escolhido.

A constituição e reconstituição permanente da memória da família é outro componente de sua história incorporada. Através de qualquer um de seus membros, independente de faixa etária ou sexo ela se assenhora da memória construída como versão da história regional e/ou nacional, que pretende oficializar.

Há um conjunto de prática políticas também assumidas como atitude da família Caiado que contribuem para a composição da história incorporada dos Caiado e que podem ser exemplificados pela relação com o aliado político e nas relações entre legislativo, judiciário e executivo. São verdadeiras táticas para a prática política que permitem a permanência política do grupo familiar e que são assumidos pelas sucessivas gerações.

A origem nobre é também, para a família um distintivo, um qualificador de suas

diferenças em relação aos que não têm, segundo essa idéia, as atribuições para a direção e a permanência política. O brasão que atesta a origem portuguesa ao mesmo tempo em que reforça o símbolo europeu e europeizante, demonstra esta superioridade, segundo a história incorporada pela família. A genealogia, desde a sua origem, atua como capital político acumulado e se materializa em estratégias matrimoniais que conseguem articular-se politicamente conforme a necessidade que se apresenta a cada situação histórica específica.

Homens e mulheres assumem suas atribuições nessas estratégias que incluem casar e deixar de se casar, ser forte ou ser submisso(a), amar e não amar, como atitudes incorporadas e como missão.

Esse conjunto de atitudes é um exemplo do que Bourdieu chama de história incorporada e compõe uma explicação da permanência política da família Caiado. Por fim, do ponto de vista da experiência acadêmica é preciso dizer que esse trabalho nos ensinou a pertinência e urgência da pesquisa interdisciplinar, posto que a possibilidade da abordagem antropológica, sociológica, psicológica e política, traria uma compreensão muito mais global e profunda do objeto investigado.

BIBLIOGRAFIA

- ALENCAR, Maria Amélia. *Estrutura Fundiária em Goiás* Goiânia, UCG, 1994.
- ALMEIDA, Victor Coelho. *Goias - UFG. costumes.* im mwjws Goiano, 1944.
- AMADO, Janaína. *Q grnde mentiroso: tradição veracidade e imarmnrnn em históriajoral*. In: História, SP, UNESP, n° 14, 1995.
- ASMAR, Jost ~~Xãmara Filho~~ *o Revoltoso que namorou Goiás* Goiano. O Regmias, 1989.
- ANZAI, Leny Caselli/. wda contidiana na Zona Rural ao Municícpio d_p Goiás - 1888 -1930. Goiano, UFG, 1985. Tese de mestrado.
- BASBAUM, Leôncio. *Histórico Sineia da República*. 4º vol. SP, Alfa Omega 1975.
- * BERNARDES, Maria Thereza. *A República Brasibirn em Jnmn? femininos da época*. In: Cadernos de Pesquisa, SP. FGV, n° 71 1989
- * BORGES, Barsanufu Gomides. *O Despertar dos* Goiânia, Cegraf, 1990.
- _____. *Goiás: Modernização e Crise (1920- 1960)* São Paulo, USP, 1994. Tese de Doutorado, Mimeo.
- BORGES, Pedro Célio Alves. *ffiParudarismo e. autoritarismo - Aná/^o Resional 1905 - 1982*. SP, PVC, 1988 - Tese ou Mestrado.
- BRANDÃO, Tany e Maria Pires. *A Elite Colonial Piauiense: Famflin P Poder*. Terezinha, 1995.
- BRITO, Célia Coutinho Seixo de. *A Mulher a História é. Gnin** Goiânia Cultura Goiana, 1974.
- BOURDIEU, Pierre. *O Pider Simbólico*. Lisboa/RS, Difec/ Berthand. 1989
_____. Coleção. Grandes Cientista Sociais. 10/39. sp; Ática, 1994

- ' *Práticas sobre a teoria da ação* SP, Papines, 1996.
- • *A Economia da Trocas Simbólicas*. SP, Perspectiva, 1987.
- ' ' Passeron > Jean Claude. *A População*. RS, Francisco Alves 1975.
- In: Revista Educação e Realidade. vol. 20, n° 2, RS, UFRGS, 1995.
- BOSI, Ecléia. *Lembrança de velhos* SP, T.A. Queiroz, 1983
- BURKE, Peter (org) *Escrita da História* SP, UNESP, 1992
- BURSTYN, Mareei, *Do Poder aos Donos - Planejamento e Clientelismo no Nordeste*. Petrópolis. Vozes, 1994.
- CAMARA, Jaime. *Nos tempos ou três: Germano*. Goiânia, Cultura Goiana, 1974.
- CAMARA, Jaime. *Os tempos da Mudança*. Goiânia O Popular 1979
- CAMARGO, Aspásia. *Os usos da história oral e da história da?* Revista de Ciências Sociais, RS, FGV, 1984.
- CAMPOS, Francisco Ivani. *Questão Agrária: Bases Sociais da Política Goiana (1930-1960)*, - SP, USP, 1985. Tese ou Doutorado Mimeo.
- " • *O Coronelismo em Goiás* Goiânia, Goiás, 1982.
- CAIADO, Leóldio. *Dramas do Nordeste* Goiânia, Uniginas, 1981
- CANEDO, Letícia Bicalho. *Estratégias familiares na produção social de uma qualificação política*. In: Educação e Sociedade, SP, Papirás, n° 39, 1991.
- ' • Caminhos de la memória: Parentesco e poder - In: História e Eventual, 1994.
- • Metáforas do Parentesco e a duração em Política. In: Revista Textos de História, DF, UNP, n° 3, 1995.
- CANESIN, Maria Teresa. Loureiro, Walderes Nunes. *A Escola Nacional em Goiás*. Goiânia, Gges, 1994.

- CHAUL, Nasr Fayad. *A construção de Goiânia e a Transferência da Capital. Goiânia, Gegros, 1989.*
- _____ · *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da Modernidade* SP, USP, 1995, Tese de Doutorado.
- CHAUL, Nasr Fayad. PALACIN, Luis. BARBOSA, Juarez Costa. *História Política de Catalão* Goiânia, CEGRAF, 1994.- COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristine (org) *Rebeldia e Submissão - Estuda sobre a condição feminino*. SP, vértice, 1989.
- CAORONE, Edgar. *A República Velha*, vol. I e II - Evolução política - SP, DEHEL, 1983.
- COSTA, Maria Beatriz Ribeiro. *A Revolução de 1930 e a Revista oeste na consolidação de Goiânia: Ao Bandeirantismo utópico a concentração ao Discurso*. Goiânia, UFG. 1994, Tese de Mestrado.
- CUNHA, Maria Tereza S. *Biblioteca de Mocas: conta de fade ou conta de vida?* In: Cadernos de Pesquisa, n° 85, SP, FGU, 1983.
- DANTAS, Orlando Vieira. *A vida Patriarcal de Servipe* RJ, Paz e Terra, 1980.
- DOSSE, Francois. *A História em Misalhas*. SP, UNICAMP, 1992.
- FAORO, Raimundo. *Os donos ao Poder. Formação do Patronato Político Brasileiro*. Porto Alegre, Globo, 1988 ed. 2 vol.
- > FERREIRA, Joaquim Carvalho. *Presidentes e Governadores de Goiás*. Goiano, Cegraf, 1980.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. *Entre-vista: abordagens e uso da história oral*. RJ. FGV, 1994.
- GODOY, riarn. *Frasamentos do Panado*. Goiânia, O Popular, 1975.
- GODOY, Maria de Paula Fleury. *Do Rio de janeiro à Goiás 1896- A Vinvpm era assim*. Goiânia, 1985. 2ª ed.
- GUIMARÃES, Dulce et alli. *Estado Novo, Membro e Festa*. In: História, SP, UNESP, n° 14, 1995.

- GUIMARÃES, Dulce. *Festa de Fundação: memória da colonização nas comemorações ao IV Centenário de São Paulo*. In: História, SP, UNESP, n° 13, 1994.
- GUMIEIRO, Maristella Porfírio de Paz. *Os Tropeira na História de Goiás*. Séc. XVIII e XIX. Goiânia, UFG, 1991, Tese de Mestrado.
- HALBWACH, Maurice. *A memória coletiva*. SP, vértice, 1990.
- JAYME, José Sisenando. *Origem de família Fleury. Goiânia, 1990*.
- KOSSOY, Bons. *Fotografia e História* - SP, Ática, 1989.
- LEAL, Oscar. *Viagem às Terras Govanos (Brasil Central)* Goiânia, Cegroj, 1980.
- LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo Enxada & voto*. SP, Alfa Omega, 1975.
- LE GOFF, Jaques, *História e Memória*. 10 UNICAMP, 1992.
- LEITE, Míriam Moreira. *A condição Feminino no Rio de Janeiro - séc XIX* SP, EDUSP/Hucitec, 1993.
- LEMENHE, Maria Auxiliadora. *Família. Tradição e Poder* Fortaleza, e UFG, 1995.
- LOBO, Sônia A. *Estado e Vilência no Campo (1950-1960)* Goiânia, UFG, 1994, Tese de Mestrado.
- MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Pedro Ludovico: Um tempo em carisma, uma história*. Goiânia, Cegraf, 1990.
- MARTINS, José de Souza (org). *Introdução crítica - sociologia rural* - SP, Hucitec, 1986, 2ª ed.
- MENDONÇA, Sonia Regina. *Grande propriedade, grandes proprietários - velhas questões. nova abordagem, (1890-1930)* In: história e Perspectivas - Uberlândia, UFU, 1994.
- MEIHY, José Carlos S. Bom. *Manual de História Oral*. SP, Loyola, 1996.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. *História Oral e Memória* SP, Contexto, 1992.

- MORAES, Maria Augusto Sant'anna. *História de uma oligarquia: Os Bulhões*. Goiano: Oriente, 1978.
- MORAES, Marieta, (org) *História Oral* SP, Diadorin FINEP, 1994.
- NEPONUCENO, Maria Araújo. *A ilusão Pedagógica. 1930- 1945: estado sociedade e educação em Goiás*. Goiano, Cegraf, 1994.
- OLIVEIRA, Mana. *População Meridional* ao Brasil e Instituições Política Brasileira. DF, Câmara dos Deputados, 1982.
- DREIFUSS, René Armand. *1964: A conquista do Estado*. Petrópolis, Vozes, 1981.
- PALACIN, Luis. *Pundacão de Goiania e Desenvolvimento ou Goiás*. Goiânia, Oriente, 1976.
 - Século ao Ouro em Goiás. Goiânia, UCG, 1994.
- PATEMAN, Carole. *O contrato sexual* SP, Paz e Terra, 1993 D'INCARO, Maria Ângela (org) *Amor e Família no Brasil*. SP, Contexto, 1989.
- PENAZ DE SA, Maria Auxiliadora. *Dos Velhos aos novos coronéis*. Recife, PIRRES, 1974.
- FIGUEIREDO, Luciano. *Q avesso da memória-cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no sé c. Xill* DF, EDUNH, 1993.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios* SP, Alfa Omega, 1976.
- ROSA, Joaquim. *Por esse Goiás afora*. Goiânia, Oriente, 1978.
- ROSA, Maria Luiza Araújo. *Dos Bulhões aos Caiado*. Goiânia, UCG, 1984.
- SAMARA, Eri Mesquita. *Estratégia mabrinomais no Brasil ao séc. XIX* In: Sociedade e Cultura. SP, ANPUH/Marco Zero, 1988.
- SCHWARTZMAN, Simon. *Bases do autoritarismo Brasileiro*. RJ, Campus, 1988.
- SILVA, Ana Lúcia. *A Revolução de 1930 em Goiás*. SP, USP, 1982, Tese de Doutorado, Mimeo

- SILVA, Jose Tnndade da Fonseca. *Lugares e Pessoas* Salesiana, SP, 1948.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza. *Cultura e Sociedade no Rio de Janeiro. - 1808 - 1821*, SP, Nacional, 1977.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza. *Cultura no Brasil C.olonm* Petropólis, Vozes, 1981.
- SIMON, Cristiano Gustavo. *O campo da UDR* SP, USP, 1994. Tese de Mestrado.
- SKIDMORE, Tomas .*Brasil: De Getúlo à Castelo*. SP, Paz e Terra 10ª ed 1982.
- SOIZA, Dalva Maria Borges Lima. Dia de *1964 em Goiás: O Ovo dn Serpente*, Goiânia, UFG, APO - Tese de Mestrado.
- TEIXEIRA, Amália Hermano. *Reencontro*. Goiânia, 1981
- TEIXEIRA, Pedro Ludovico. *Memória - Goiana* Cultura Goiana, 1973,
- TELES, José Mendonça. *Um Rio dentro de mim* Goiânia, Oriente, 1979
- TELES, José Mendonça . General Curado: Estudo biográfico. Goiânia. Oriente, 1974.
- THOMPSON, Paul. *A voz do Passado*. SP, Paz e Terra, 1992
- VAINFAS, Ronaldo. *Casamentos amor e desejo nn Ocidente Cristnn* SP Ática, 1986.
- VASCONCELOS, Lauro de. *O encantamento do mundo nu coisa ao povn- Um estudo de movimento social relmoso em Goiás - Santre Rim* Goiânia, Ggnof, 1989.
- VERDUM, R. *Refletindo sobre a memória com Maurice Haebwach I_n* Ciência Humana em Revista - n° 2 vol. 5, Goiânia, Cegraj, 1994.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espirita ao Capitalismo*. DF, UNB 1981.
- WILLEMS, Dominique, Leaguange Escrito e Lengauge Oral. In: História oral. Barcelona, 1989.

WOORTMANN, Ellen F. *Herdeiros. Parentes e Compadres*

Hucitec.EDUNB, 1995.

MANOEL CAIADO DE SOUZA
BRIGIDA RIBEIRO SOARES ALMEIDA

JOSÉ CAIADO DE SOUZA
MARIA GERTRUDES ZOUZA

ANTONIO COELHO CAIADO
RITA ALMEIDA E SILVA

Firmano Antonio Coelho Caiado
Maria Cardina de Louza

Rita Coelho Caiado

João Caiado
Joaquina Emilia Caiado / João Batista Alencastro
José Caiado de Souza
Antonio José Ca-ado / Mª Tereza Conceição Chapuz e Chaves
Rita Caiado
Salvador Caiado / Maria Vivência Azevedo

Prof. Manoel Sebastião Caiado

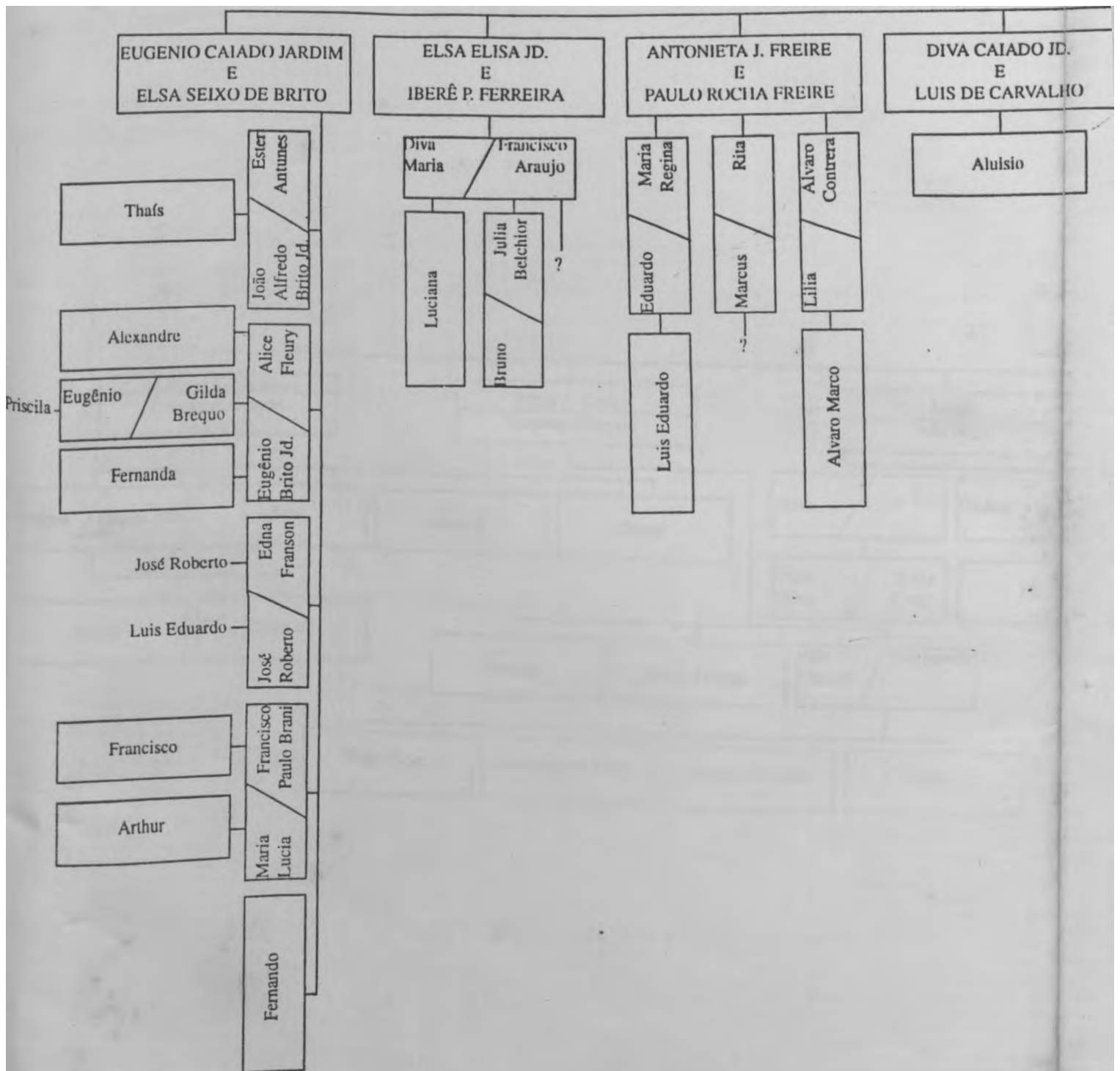
Felipe Batista Alencastro / 1ª Maria Tereza Flaminia Caiado
Antonia Emilia Alencastro (solteira)
Mª Alicantara Alencastro / Primo 1º Luis Antonio Caiado
Inês Alencastro / Joaquim Gustavo Veiga Id.

Tereza Alencastro / João Francisco Oliveira Goda
Mario Alencastro Caiado / Mª Aleina Barro Caiado
José Alencastro Veiga / Ester Alencastro Veiga
Joel Alencastro Veiga / Isdina Pinheiro Lemos

Torquato Ramos Caiado / Claudina Azevedo Fagundes
Aureliano Caiado (solteiro)
Luis Antonio Caiado / Primo 1º Me Alcantara Alencastro
Josefa Caiado / Arlindo Geldie Fleury
Tereza Flaminia Caiado / Primo 1º Felipe Alencastro

André Alencastro / 1ª Angelina Moraes Fleury
Afonso Alencastro (solteiro)
Ivaith de Alencastro / Manoel Santerre Guimarães
Enear Alencastro / Emilia Fleury Pinho
Julio Alencastro / Iracema Rocha Lima
Natália, Zoraida, Cacilda, Léila, Inês (solteira)
Apulco Alencastro (solteiro)
José Caiado de Castro / Amintas Barra Rodrigues

Antonio Ramos Caiado / 1ª Iracema Carvalho / 2ª Mª Adalgisa Amorim
José Ramos Caiado (Solteiro)
Terezina Caiado / João Alves de Castro
Diva Fagundes Caiado / 1ª Ovvides Abraantes / 2ª Eugênio Id.
Arnulpho Ramos / Giomar Albernaz Caiado
Tarsilia Caiado / Joviano Alves de Castro
Leão Di Ramos Caiado / Ildia Fleury Perillo
Antonietta Caiado / Abilio Alves de Castro
Brasil Di Ramos Caiado / Noemia Rodrigues
Colombira Caiado / Agenar Alves de Castro



DIVA FAGUNDES CAIADO JARDIM
E
EUGENIO JARDIM

2º casamento Ouvídeo Abrantes (sem filho)

EUDI
(FREIRA)

MARIA DE LOURDES
E
RUBEM GUERRA

MARIA DO ROSÁRIO
E
HELIO AMOIM

JOSÉ TORQUATO
E
ANA MARIA LORENA

Miriam / Miguel Castro Cunha
Paola

Marco Antonio
Marcio
Marise
Sergio

Paulo Araújo
Vera Maria

Torquato Lorena
Joana

Corina Leitão
Cardina

Viviane / Ricardo Rosa Santana

Fleury Francisco

Simone / Belchior Rosa Calace

Yvonise

Luisa / Cristine
Lais

Gustavo

Marilda

Rachel Machado

Helios

Vitor

Helcio

Rodolfo A. Araújo

Marcelus
Heloisa

Mauro

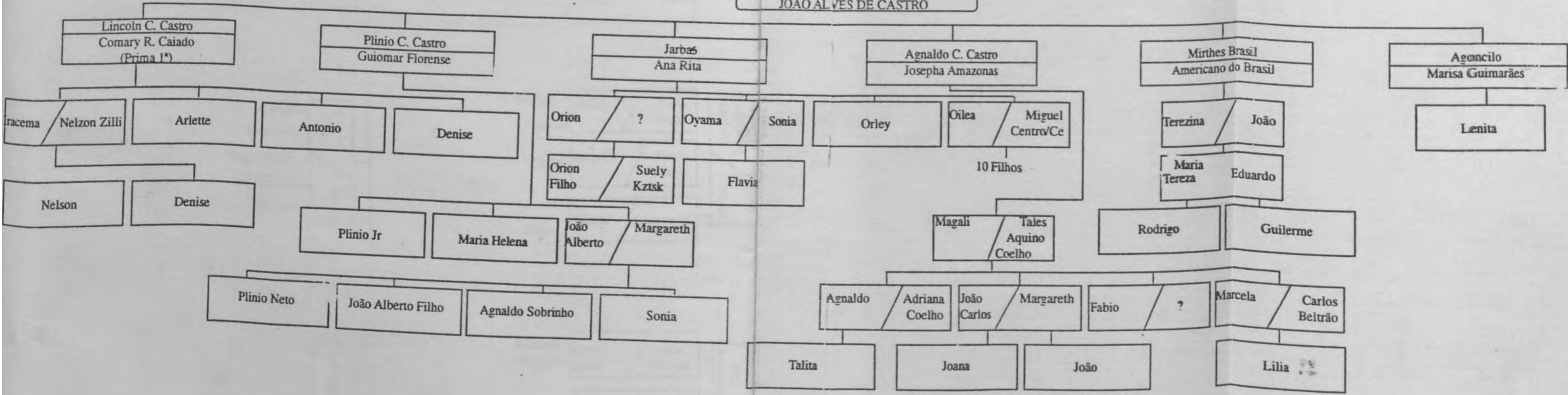
Cristina Godinho

Fernanda

Mauro

Dina Maria

TERESINA CAIADO DE CASTRO
E
JOÃO ALVES DE CASTRO



TARSILARAMOS CAIADO
E
JOVIANO ALVES CASTRO

Valporê
Conceição

Lacy
Antonio

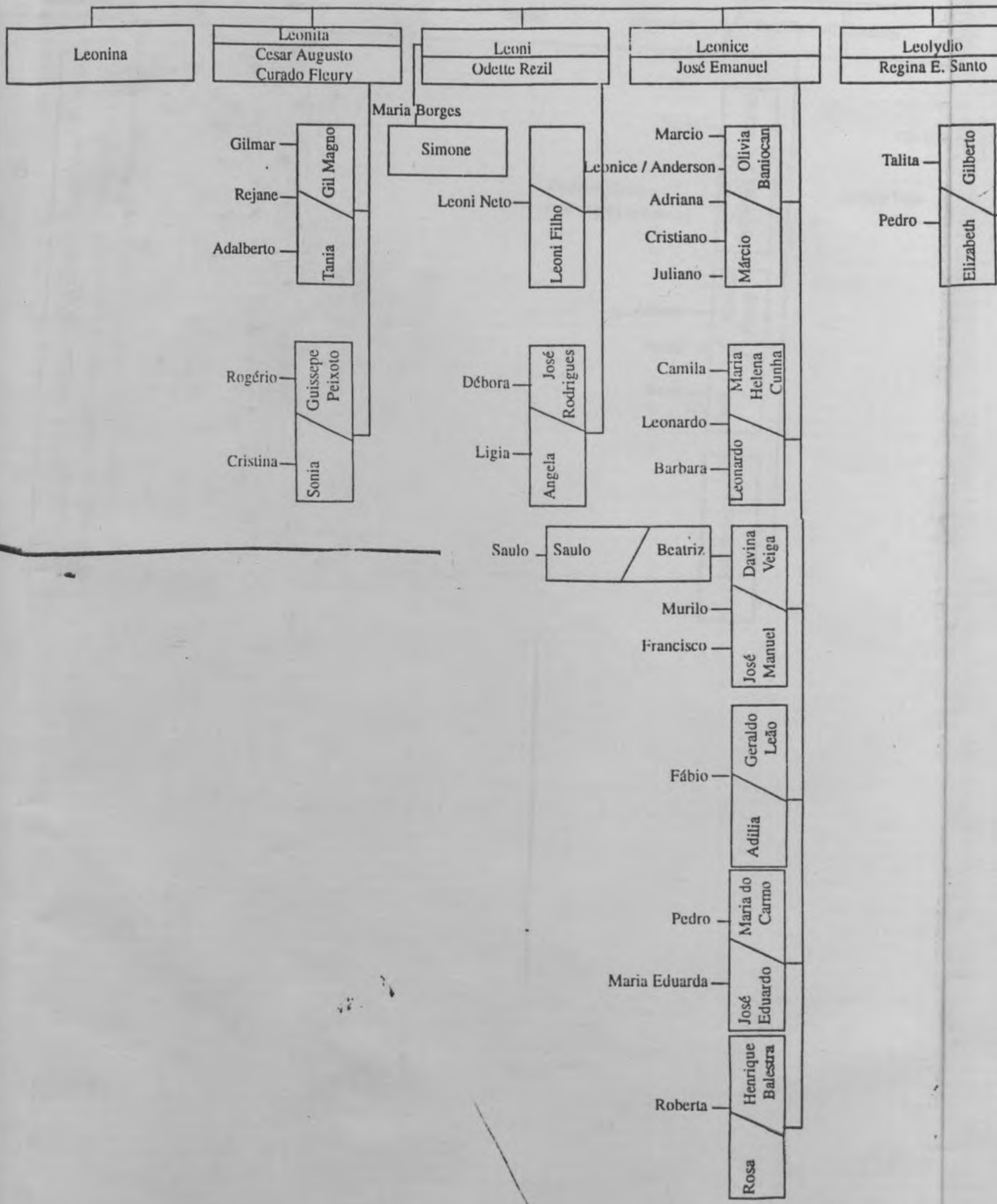
Bruna — Cejana / Marcos — Nancy / Cláudio
Rodrigo — Victor

Daniel — Marchi — Stella
Mauro — Amaury

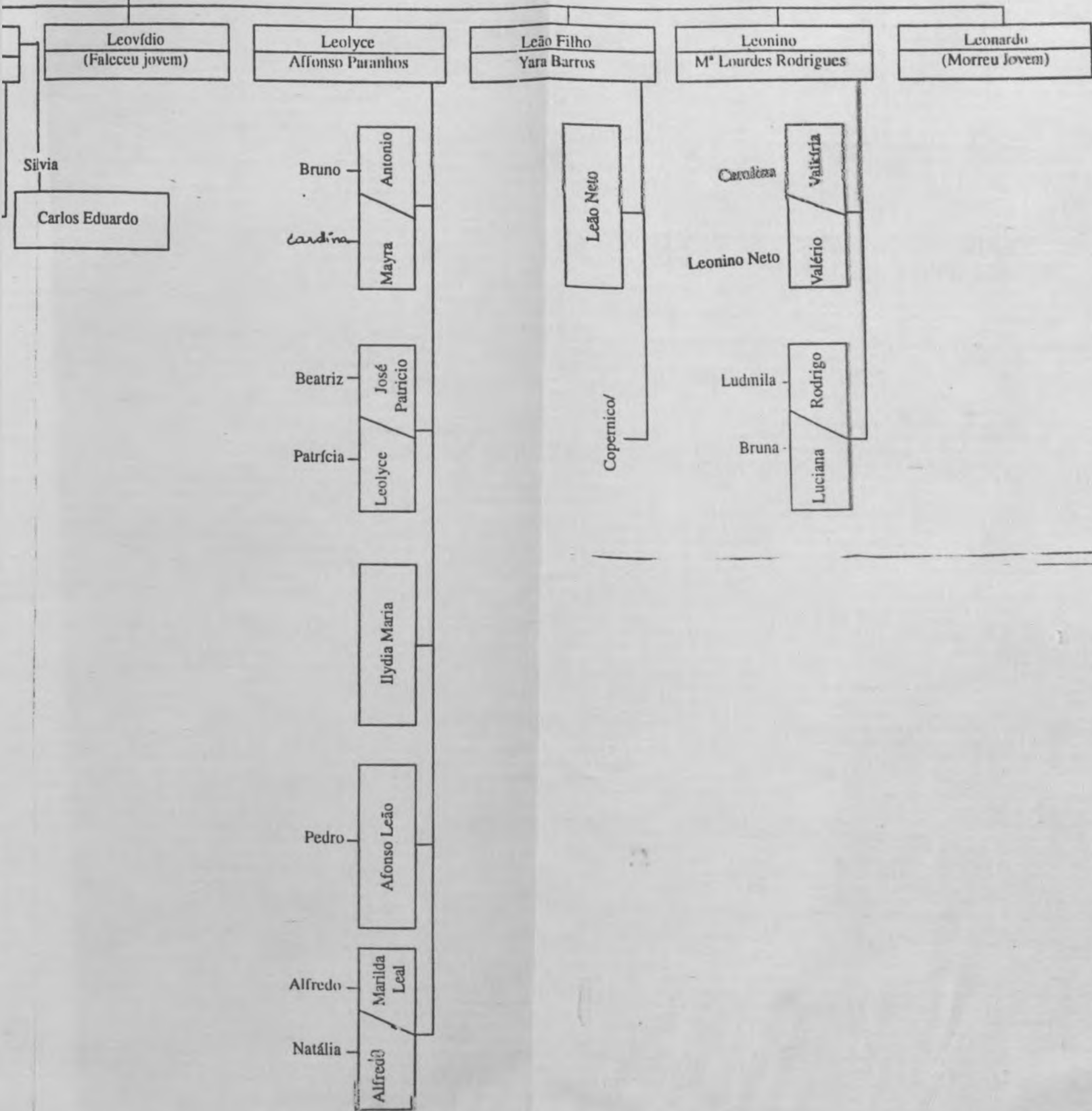
Victor — Clara
Beatriz — Inacio — Adelmir
Carolina — Lucio — Heloisa
Rachel

Bruno — Joaquim
Alessandra — Lilia

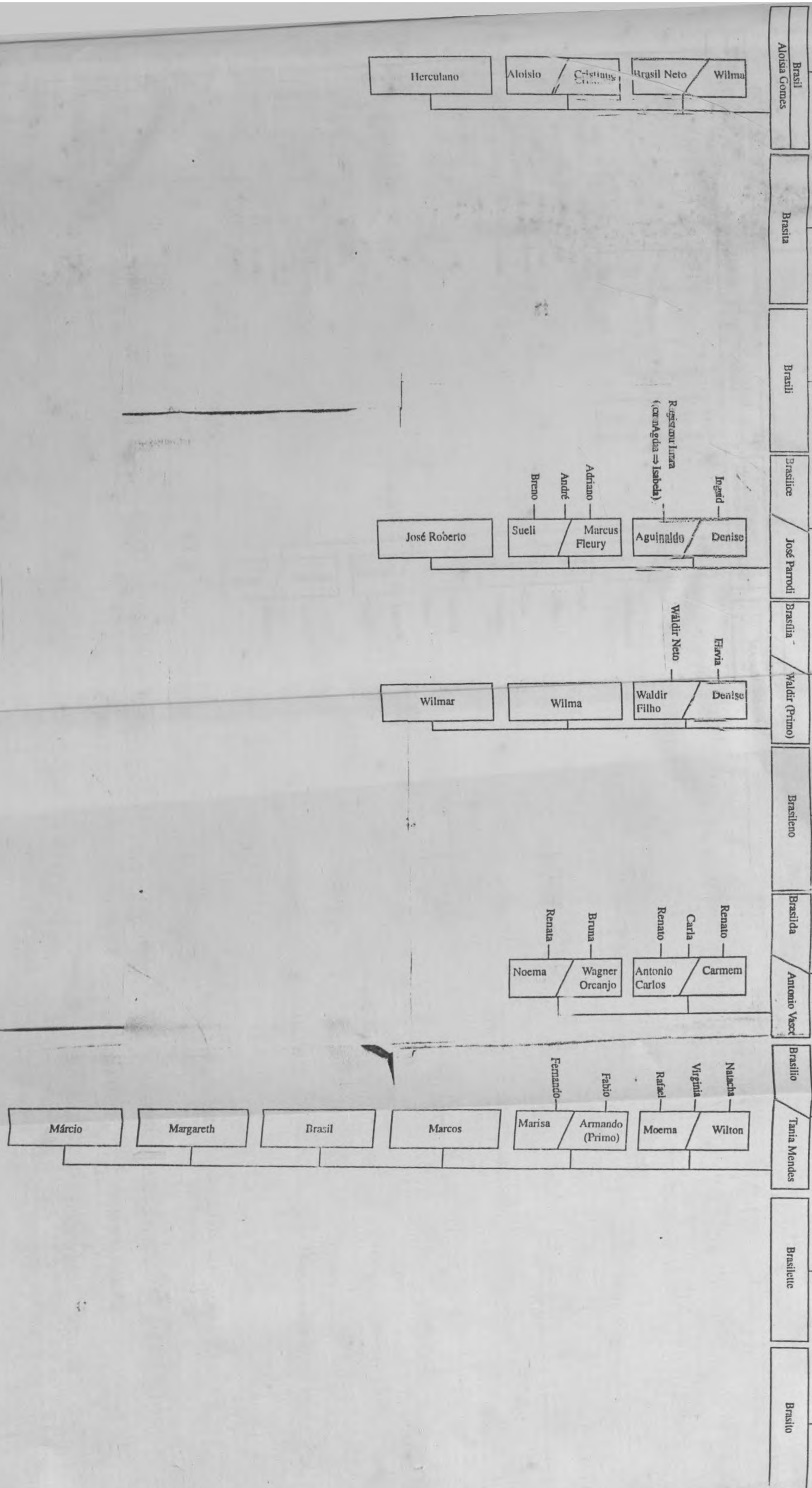
Cauê — Suely
Lara — Joviano

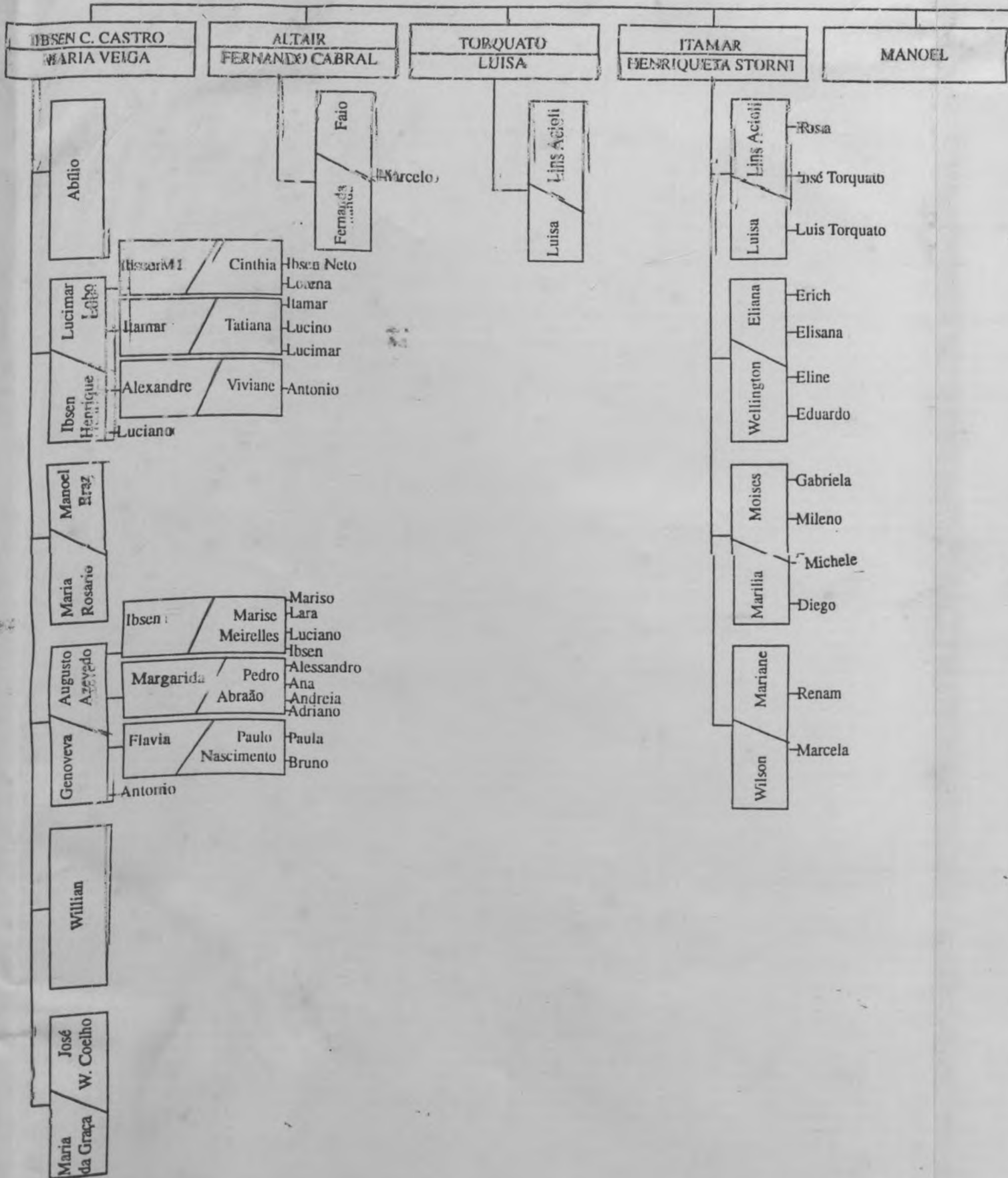


LEAO DI RAMOS CALADO
E
ILYDIA MARIA PERILO CAIADO



BRASIL AMOS CALMO
E
NOEMIA RODRIGUES





ANTONIETA TAMOS CAIADO
E
ABÍLIO ALVES DE CASTRO

ACIREMA
ROBERTO PESSOA

Patricia

Sérgio Roberto

Sérgio

Sérgio André

WALDIR
BRASILIA (PRIMA)

Denise

Flávia

Waldir

Waldir Neto

Wilma

Wilmar

ANTONIETA
GERALDO MORAES

Jussara

Leandro

Luciano

Leonardo

Lucia Vania
Lúvia
Lucas

Marcelo

Lara

Isabela

Lafs

Rosane

Juliana

Alexandre

Rafael

ABILIO
Mª LOURDES SOBRAL

Julcinéia

Cláudio

Claudio

Carla

Mauro

Fábio

Rosane

Mariane

Adriano

CLAUDINO
SILVIA LILIA

Cláudia

2ª Ligia - Antonieta
3ª Cidália - Cidália